



108185
DA ASIA

DE

DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO
DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DUODECIMA

P A R T E U L T I M A .



L I S B O A

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com Licença da Real Mza Censoria, e Privilegio Real.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

• OFERTA
281304

✓
70465



I N D I C E
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM
NESTA PARTE ULTIMA
D A D E C A D A XII.

L I V R O I.

- C**AP. I. De como o Conde Almirante D. Francisco da Gama foi eleito pera Viso-Rey da India: e da Armada com que partio a dez de Abril do anno 1596. e do que lhe aconteceu até chegar a Mombaça. Pag. 1.
- C**AP. II. Do que o Conde fez na Fortaleza de Mombaça: e das cousas que ordenou até se partir pera a India. 9.
- C**AP. III. Das cousas que o Conde Almirante proveo, depois de tomar posse da governança da India. 16.
- C**AP. IV. De como hum Capitão do Grão Mogor, chamado Manacinga Gentio, foi contra os Patanes, e os desbaratou, e ganhou o Reyno de Orixá, e Bengala: e da descripção da jornada que fez. 24.
- C**AP. V. De como o Manacinga se apoderou dos Reynos de Patane, e Orixá: e dos principaes braços, com que o rio Gan-

I N D I C E

*ge se espalhou por todos aquelles Reynos:
e das Gangas que nelle ha.* 33.

CAP. VI. *Do que succedeo na conquista da
Ilha Ceilão este verão: e das grandes vi-
torias que os nossos alcançaram do Tyrano
D. João, que se intitulara Rey de
Candea: e da morte de ElRey da Cota
D. João Perea Pandar: e de como dei-
xou nomeado por herdeiro do seu Reyno
a ElRey de Portugal, que logo foi jura-
do por esse.* 39.

CAP. VII. *Das eleições que o Conde Al-
mirante fez de Capitães: e das Arma-
das que ordenou: e das novas que lhe vie-
ram de Moçambique, de como eram pas-
sadas pera a India duas náos Hollandê-
zas: e do que sobre isso fez: e da Arma-
da que veio do Reyno, de que era Capi-
tão Mor D. Affonso de Noronha: toca-
se a causa das differenças que houve en-
tre o Conde, e Mathias de Albuquerque.*

47.

CAP. VIII. *Como Gonfalo de Tavares, Capi-
tão de Dio, mandou Simão de Abreu com
dous navios á costa de Cache: e do encon-
tro que teve com oito Paraos de Mala-
vares, onde os nossos foram mortos, e des-
baratados: e das mais cousas em que o
Conde Almirante proveo.* 58.

CAP. IX. *Do que succedeo á Armada do
Ma-*

DOS CAPITULOS.

Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Camorim, de que avisou no Conde: e do que sobre isso assentou em Conselho: e de como a não, em que Mathias de Albuquerque havia de ir, se queimou na barra de Cochim. 66.

CAP. X. *Do que succedeo á Armada do Norte: e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou, e desbaratou: e do que mais succedeo á Armada do Malavar até se recolher.* 75.

CAP. XI. *De como o Conde Viso-Rey recebeu hum Embaixador que o Xá lhe mandou, e apparatus com que foi recebido.* 86.

CAP. XII. *Do que aconteceu ás náos Holandesas na derrota até Bengala: e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca.* 89.

CAP. XIII. *Das cousas que neste verão succederam na Ilha de Ceilão: e da grande vitoria que os nossos alcançaram de El-Rey de Uva: e dos Capitães do Tyranno de Candea D. João.* 94.

CAP. XIV. *De outra grande vitoria que os nossos alcançaram em Ceilão.* 101.

CAP. XV. *De como os Vereadores de Goa puzeram na Camara della o retrato do Conde Almirante D. Vasco da Gama, que*

I N D I C E

que descobrio a India: e da Oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo da Cidade. III.

CAP. XVI. *De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, peleiuram com as náos que hiam daquelle Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.*
121.

CAP. XVII. *Do que fez D. Luiz da Gama no Malavar o resto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do Cabo Camorim recolheo as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.*
126.

CAP. XVIII. *Das razões que o Camorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o Camorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa do Malavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.* 132.

CAP. XIX. *De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira, da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano fo-*

foram a Japão : e de como aquelle Emperador faleceo : e do que lhe succedeo por sua morte.

145.

L I V R O II.

CAP. I. *De como este anno de noventa e oito não partiram náos do Reyno : e do Forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa : e do que proveo sobre o governo do Reyno de Ormuz.* 157.

CAP. II. *Das Armadas que o Conde Almirante despachou pera fóra : e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale , e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis , na costa do Norte : e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Gofala , e Moçambique.* 163.

CAP. III. *De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes , da Ordem do Padre Santo Agostinho , partio de Goa para ir visitar os Christãos das serras do Malabar : e do que fez na barra do Cunhale : e do assento que toinou com o Capitão Mór , e mais Capitães sobre o modo de como se commetteria aquella Fortaleza.* 171.

CAP. IV. *Do que o Arcebispo fez em Cochim com aquelle Rey : e do soccorro que aquel-*

- aquella Cidade mandou a D. Luiz da Gama. 179.
- CAP. V. Do conselho que o Capitão Mór tomou sobre o modo de como se commetteria a Fortaleza: e das preparações que pera isso fez: e de como alguns Fidalgos seus amigos lhe fizeram mudar o parecer. 186.
- CAP. VI. De hum maravilhoso sinal que appareceu no Ceo: e de como os nossos commetteram a desembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra. 193.
- CAP. VII. Do que succedeo aos que desembarcaram em Cunhale: e de alguns casos notaveis que alli passaram até se desbaratarem por si mesmos. 204.
- CAP. VIII. Da gente que de ambas as partes morreu nesta desembarcação: e de como o Capitão Mór se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco de Sousa sobre a barra de Cunhale. 218.
- CAP. IX. Do que aconteceu a D. Francisco de Sousa sobre Cunhale: e de como chegaram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante. 227.
- CAP. X. Do contrato das pazes que se fizeram com o Camorim: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale, e D. Luiz da Gama chegou a Goa:

DOS CAPITULOS.

Goa: e dos provimentos que o Conde mandou a Maluco, e Embaixadores do Achent que despachou. 236.

CAP. XI. De huma fragata de Hespanboes de Manilha, que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins, e fazer feitoria em hum de seus portos: e do que D. Paulo de Portugal sobre isso fez. 243.

L I V R O III.

CAP. I. Do que neste verão aconteceu na conquista da Ilha Ceilão: e das vitorias que os nossos alcançaram do Tyranno de Candea: e da fermosa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manicavare. 251.

CAP. II. De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas: e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha: e do que lhe succedeo na viagem. 257.

CAP. III. De outras vitorias que os nossos alcançaram em Ceilão em diferentes partes. 264.

CAP. IV. Das razões que movêram ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Meneses a ir visitar os Christãos de S. Thomé: e de huma breve relação das cousas deste Santo Apostolo. 270.

CAP.

I N D I C E

- CAP. V. *Das cousas que mais aconteceram a estes Christãos: e dos Prelados que tiveram até este tempo: e dos Reynos em que hoje moram.* 261.
- CAP. VI. *Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio á obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.* 298.
- CAP. VII. *De como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gundra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme á ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo, que lhe aceitou em nome do Conde Viso-Rey.* 305.
- CAP. VIII. *Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com dissimulação: e do que passou em humas vistas que teve com o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.* 317.
- CAP. IX. *De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se passou a Cochim, e entregou o governo do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá: e dos contratos que com elle fez.* 324.
- CAP. X. *Das Armadas que partiram do*
Rey-

DOS CAPITULOS.

- Reyno este anno de 1599. : dos Capitães que o Conde despachou pera fóra : e de outras cousas em que proveo.* 330.
- CAP. XI.** *Do que acontenceo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale : e de como o Arcebispo se vio com o Camorim : e das cousas que passáram.* 338.

L I V R O I V.

- CAP. I.** *De como André Furtado de Mendoça chegou á barra de Cunhale, e se vio com o Camorim : e das cousas em que assentáram.* 348.
- CAP. II.** *Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Camorim : e dos refens que lhe entregou : e dos soccorros que lhe chegaram de Goa.* 357.
- CAP. III.** *Do conselho que o Conde tomou sobre ir a Cunnale, em que foi contrariado : e do soccorro que mandou, e mais cousas que passáram.* 363.
- CAP. IV.** *De como o Camorim tratou de ir a huma festa chamada Mamanga : e donde esta festa teve origem.* 373.
- CAP. V.** *Das cousas, em que o Capitão Mór proveo pera dar principio ao sítio aquella Fortaleza.* 379.
- CAP. VI.** *Do que mais succedea nas tranqueiras : e dos fortes que o Capitão Mór*
man-

I N D I C E

- mandou fazer: e de como ganhou as tranqueras, e povoação. 385.
- CAP. VII. De como o Capitão Mir prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Camorim. 396.
- CAP. VIII. De como o Cunbale se entregou ao Camorim: e de outras cousas que succederam. 403.
- CAP. IX. Do que mais passou o Capitão Mir André Furtado de Mendouça com o Camorim, e se partio pera Goa: e do que lhe succedeo com o Conde Almirante Viso-Rey. 412.
- CAP. X. Da procissão que o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso Senbor pela vitoria que alcançou do Cunbale. 421.
- CAP. XI. De como foram sentenceados por justiça o Cunbale Marca, e Chinalc. 423.
- CAP. XII. Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Viso-Rey proveo: e Armadas que foram pera fora: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor. 426.
- CAP. XIII. Dos Capitães, e soccorros que o Conde Almirante mandou pera fora: e do que succedeo a D. Jeronymo Coutinho, e ás naos de sua companhia com al-
- gu-

*gumas náos Hollandezas na Ilha de Santa
Hellena.*

433.

L I V R O V.

CAP. I. *Das cousas que este anno succederam em Ceilão : e das vitorias que os nossos alcançaram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.* 442.

CAP. II. *De huma náo Hollandezza, que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe succedeo: e de buns coffairos Japões, que foram ter ás Philippinas.* 447.

CAP. III. *Do principio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revêzes que a fortuna lhe deo.* 454.

CAP. IV. *Da grande riqueza, e potencia deste Reyno, e deste Rey Brama Talanha Ginoco, que conquistou este Reyno Pegú.* 464.

CAP. V. *Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegú no anno de mil e seiscentos em que andamos.* 473.

CAP. VI. *De quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.* 483.

CAP. VII. *Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam; e da descripção des-*

INDICE DOS CAPITULOS.

- desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidaram: e a que parte jaz.* 492.
- CAP. VIII.** *Da Armada que o Conde Almirante mandou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e das náos do Reyno, que chegarão a Goa da companhia de Ayres de Saldanha, que era partido por Viso-Rey da India: e de como D. Pedro Manoel foi por Capitão Mór ao Malavar, e do que lhe succedeo.* 505.
- CAP. IX.** *Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado: e de como os Embaixadores do Acbem foram pera sua terra: e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes, que andavam em terra, de duas náos que alli estavam: e do que succedeo a estas náos.* 512.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

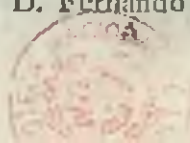
L I V R O I.

C A P I T U L O I.

De como o Conde Almirante D. Francisco da Gama foi eleito pera Viso-Rey da India: e da Armada com que partio a dez de Abril do anno 1596. e do que lhe aconteteo até chegar a Mombaça.



O principio do anno de noventa e cinco tratou El Rey de mandar successor a Mathias de Albuquerque, que havia seis annos governava a India; pera isto nomeou em segredo ao Conde de Linhares D. Fernando de Noro-
 Conto. Tom. ULT. ro-



ronha, fazendo-lhe muitas, e mui avantajadas mercês, que por adoeecer se não declarou a sua eleição, nem o tempo do lugar pera se tratar de outra pessoa, por ser junto á partida das naos, e por S. Magestade atalhar a outro semelhante inconveniente.

Passada a Pascoa, mandou ElRey aos Governadores do Reyno que logo lhe fizessem consulta de pessoas pera este cargo, que por ventura despacharia em Outubro. Em resposta desta consulta nomeou em segredo no principio de Julho o Conde da Vidigueira. (couza até hoje nunca vista neste caso) Mas esteve a eleição em segredo até o fim de Agosto, em que se publicou com a vinda das naos, que por trazerem boas novas do Estadio da India, escusou ElRey mandar em Setembro. Mas mandou aos Governadores que o Conde Almirante assistisse com elles no Governo, quando se tratassem materias da India, assim do estado, como de despachos, até se o Conde embarcar em dez de Abril do anno de noventa e seis, e assim se fez por concorrerem nelle as partes que ElRey queria tivesse quem havia de governar aquelle Estado, que seu Bisavô tinha descoberto, que por tal trabalharia o Conde pelo dilatar, sustentar, e governar com dif-

differentes , e avantajadas obrigações de outros.

E ha-se de considerar aqui huma cousa , que deste appellido dos Gamas , e desta casa de Vidigueira por linha direita foi este o terceiro que governou a India , couza que em nenhum outro appellido do Reyno aconteceu. Porque o primeiro foi seu bisavò que o descobrio ; o segundo seu filho ; segundo D. Estevão da Gama ; e o terceiro este Conde Viso-Rey , que temos entre mãos , herdeiro da casa do appellido , e ainda do titulo. E não fora muito fóra de razão que este Governo não sahira desta geração , pois a ella (e ao grande Afonso de Alboquerque) podemos dizer que se deve esta conquista , pelos muitos , e bons Capitães que sempre nella houve. Mas porque era tambem necessario partir com todos , os que ajudaram a conquistar , se interpolou isto ; porém concedeo-se-lhe logo , ao que descobrio este Estado , e a todos os seus successores , o titulo de Conde , que foi o primeiro , e até agora o derradeiro , que se alcançou pelos serviços da India. Porque se se concedeo a D. Luiz de Ataíde Conde de Atouguia , e a D. Francisco Malcarenhas Conde de Santa Cruz , foi porque aquelle era Senhor da casa da Atouguia , e herdeiro della , e

vinha segunda vez á India a servir ; e o outro com declaração , que não usaria do titulo de Conde , senão depois que ElRey fosse jurado por Rey nella.

Em fim foi eleito o Conde Almirante pera Viso-Rey da India de idade de trinta e hum annos , havendo pouco que vivára de humna filha de D. Duarte de Menezes , Senhor da casa de Tarouca , de quem lhe ficáram hum filho , e humna filha , que deixou entregues á Condessa sua mãe , que estava recolhida no Mosteiro das freiras da Castanheira. Pera esta jornada se lhe apresentaram cinco náos ; e tanto que foi nomeado , logo assistio a todos os Conselhos , porque sabia ElRey que tinha o Conde talento pera dar nelles muito bom parecer. E como teve o tempo largo , foi fazendo seus negocios muito á sua vontade ; e das cousas que apontou , todas , ou quasi todas se lhe concederão. E posto que se deo muita pressa á Armada , não se pode fazer á vela senão quarta feira de Trévas , que foi a dez de Abril deste anno de 1596. com que continuamos. O Conde Almirante se embarcou na náo N. Senhora de Guadalupe , de que veio por Capitão seu irmão D. Luiz da Gama , despachado com a Capitania de Ormuz pelos serviços que já na India tinha feitos. As mais náos eram

a Conceição , em que vinha João Gomes da Silva , Capitão Mór das náos. Da náo N. Senhora do Vencimento era Capitão Pero Tavares , provido com a Capitania de Dio , e da náo S. Francisco era Capitão Vasco d' Afonseca Coutinho.

Com o Conde , e por toda a sua Armada vinham embarcados muitos Fidalgos , assim despachados , como outros que hiam a merecer : e os que nos lembrão são os seguintes : Lourenço de Brito , que hia despachado com a Capitania de Sofala , e Moçambique , que já servio por algum tempo , e foi delapossado , e mandado perra o Reyno por algumas culpas , onde se livrou , e ElRey o despachou com tres annos da mesma Fortaleza por encheio. Diogo Moniz Barreto , filho de Antonio Moniz Barreto , que foi Governador da India , despachado com a Fortaleza de Ormuz , que seu pai tinha. Goterre de Monroi de Beja , e D. Luiz Lobo providos ambos da Fortaleza de Dio. D. Paulo de Portugal , filho de D. Francisco de Portugal , Estribeiro Mór de ElRey D. Sebastião. D. Fernando , e D. Christovão de Noronha , filhos de D. Pedro de Noronha , Senhor de Villaverde , primos com irmãos do Conde Almirante. D. Antonio de Castro , filho de D. Pedro de Castro. D. Bernar

nardo de Noronha, filho de D. Thomás de Noronha. D. Alvaro da Costa, filho de D. João da Costa, Capitão que foi da Fortaleza de Malaca. D. Pedro de Noronha, filho de D. Affonso de Noronha. D. João de Menezes, filho de D. Duarte de Menezes. D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes. D. Lopo, e D. Duarte Henriques, filhos de D. Garcia Henriques. Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Veador da fazenda. Diogo Botelho, filho de Manoel Botelho. Jeronymo Telles Barreto, filho de Manoel Telles Barreto, que foi Governador do Brazil. Mem Rodrigues de Vasconcellos d'Elvas. João da Gama de Vasconcellos d'Elvas. D. Lopo d'Almeida, filho de D. Antonio, Veador que foi da Rainha D. Catharina. O Doutor Pero da Silva, que vinha por Chanceller da Relação de Goa. João d'Abreu por Secretario. Julio Simões por Engenheiro Mór; e outros muitos Cavalleiros honrados.

E seguindo esta Armada sua viagem, foi em conserva até á costa de Guiné, onde acháram não grandes calmarias, que a detiveram muitos dias, e com algumas trovoadas que lhe deram se apartaram. E porque das quatro de sua companhia

demos já razão no fim da onzena Decada, não trataremos dellas, porque alli se verá. Só continuaremos com a do Conde Almirante, que deixámos na costa de Guiné ás voltas com as calmarias, e com as trovoadas. E tanto que lhe entrou o tempo, foi seguindo sua viagem com os geraes, e passou o Cabo de Boa Esperança aos dous dias do mez de Agosto; e teve tão bom tempo, que aos vinte e sete chegou ás Ilhas de Angoxa, e por ellas andou até sete de Setembro, que chegou a Moçambique, onde se deteve só vinte e quatro horas, em quanto se via com o Capitão, que era Nuno da Cunha, com quem assentou proseguir na obra que faltava á Fortaleza. E dalli se fez á vela ao outro dia, e foi seguindo sua viagem até dez grãos e meio da parte do Norte, sendo já vinte e nove de Setembro, levando ainda o vento ponente tão rijo, que pareceo ao Piloto que andára aquelle dia trinta leguas; mas enganou-se, porque as correntes das aguas eram naquella paragem contra a não tantas, que desandou perto de quarenta; porque ao outro dia tomando o Sol, se achou o Piloto em sete grãos. E com estas aguagens andou ora accrescentando, ora diminuindo até vinte de Outubro, que tiveram vista da Ilha Sacotorá, que traba-

lhá-

Uáram por tomar ; mas não pôde ser pelo vento ser Noroeste , que os obrigou a anibarem , e irem pela costa abaixo.

Com aquelle vento governáram quatro dias , e aos cinco se tornou ao Sudueste , que tambem durou pouco , e ficou calma , e logo começou a ventar o Ponente. Mas era tão grande a força das aguas , que tiravam ao Sul , que causava espanto , pelo que surgiram huma noite , e logo se tornáram a levar , e governar huma quarta mais largo do rumo , a que corriam por se affastarem da terra ; e no fim de quatorze dias se acharam á vista della no lugar de Quitindini doze leguas da Cidade Ampaza , onde surgiram. O Conde mandou recado a terra ; e sabendo-se delle , acudiram logo á náó os principaes da Cidade , e das de Pate , e Lamo , que o Conde recebeu com grande demonstração , e aparato por ser naturalmente aparatoso , e alli ratificaram em suas mãos as homenagens , que tinham dado de vassallos de ElRey de Portugal , e o Conde os compoz , e fez amigos com os Mercadores Portuguezes da costa de Melinde com quem tinham havido algumas paixões ; porque este genero de mercadores aonde chega , sempre ou quasi sempre escandaliza. Alli nzeram

aguada, que he bem ruim a agua que alli ha, e tao doce, que parece xarope.

E deixando o Conde provido em muitas cousas, conforme á brevidade do tempo, se fez á véla pera a Fortaleza de Mombaça, aonde chegou a quatro de Dezembro, e foi bem recebido de Antonio Godinho de Andrade Capitão della; e por ter já passada a monção pera a India, desembarcou o Conde em terra, onde alentou de esperar até ser tempo de tornar á sua viagem.

CAPITULO II.

Do que o Conde fez na Fortaleza de Mombaça: e das cousas que ordenou até se partir pera a India.

VENDO o Conde Almirante que estava alli devagar, tratou de algumas cousas necessarias á fortificação daquella Fortaleza. E porque hum poço de agua, de que todos beíam, estava cento e sincoenta passos da Fortaleza, mandou-lhe fazer hum caminho encuberto até elle, porque em algum tempo de aperto lho não pudessem tomar. Aqui veio ElRey de Melinde, que he distancia de doze leguas, ao visitar, a quem o Conde fez muito gran-

grandes gazalhados pelas obrigações em que o Estado da India lhe estava, e elle Conde por sua parte mais, pelos muitos que ElRey seu Avô fez ao Conde da Vidigueira seu Bisavô, quando por alli passou a descubrir a India; de maneira, que ambos se tinham bem de obrigações, e a essa conta lhe fez o Conde muitos mimos, e deo peças, e brincos, de que ElRey ficou bem contente, e satisfeito; e assentou com elle muitas cousas sobre o negocio da Alfandega, pera que aquelle Rey se obrigou a dar todas as ajudas de servidores, que fossem necessarios. Aqui veio ter com o Conde hum Principe da Ilha de Pemba, a quem hum tyranno tinha tomado o Reyno, e Estado, que elle recebeu bem, e o consolou, promettendo-lhe de o restituir a seu Estado, e Senhorio, como fosse á India, que por então não podia ser, offerecendo-se ao levar consigo (como levou) e de lá o tornar a mandar com hum Armada, pera que se restituísse ao seu.

Alli foi o Conde dando expediente a muitas cousas até lhe chegarem da India os dous navios, que dissemos Mathias de Albuquerque despedira a saber por toda aquella costa novas delle, de que eram Capitães Manoel de Almeida, hum fol-

dado velho muito bom cavalleiro, e Gaspar Rodrigues Mestre de Galés, e Piloto daquella costa, pera que se achassem o Conde Almirante, o acompanhassem até Goa.

Estes navios estimou elle muito por muitas razões; e a principal foi, porque lhe deram novas de terem chegado a salvamento as outras náos de sua Armada; e por outra parte se entristeceu pelo recio que no Reyno se havia de ter delle, quando estas náos chegassem a elle sem seu recado, e pelo grande abalo que havia de fazer na Condesa sua mãe, filhos, e parentes. Mas em fim com estes descontos da vida de bens, e males, se foi o Conde fazendo prestes pera partir pera Goa, como fosse tempo, deixando primeiro feito hum Mosteiro n' huma Ermida, que estava sobre a barra, de Religiosos da Ordem do Glorioso Padre Santo Agostinho, que até agora dura; e antes que partisse, despachou pera Ormuz Miguel de Macedo cavalleiro honrado, que já tinha militado naquelle Estado muitos annos, e por elle escreveu aos Capitães de Mascate, e Ormuz, avisando-os de algumas cousas importantes ao serviço de ElRey, e por elle mandou cartas a S. Magestade, em que lhe dava conta do que lhe tinha acontecido na viagem,

gem, que logo o Capitão de Onnuz mandou por terra por hum Armenio, que chegou com ellas á Corte de Castella em principio de Dezembro do mesmo anno: e aos doze de Abril de noventa e sete fez o Conde a sua náó á vela, mandando por Capitão della Manoel de Almeida, que viera com elle do Reyno despachado com a Capitania de Barcellos, com regimento que fosse tomar Bombaim por ser menos risco, que ir demandar Goa. E elle Almirante se embarcou em navios de remo, que alli ajuntou, elle em hum Galeoto, de que hia por Capitão D. Fernando de Noronha. D. Luiz da Gama seu irmão foi em huma Galeota de cuberta, que o Conde mandou fazer em Mombaça. Nos outros navios foram por Capitães Goterre de Monroy de Beja; D. Paulo de Portugal; D. Jeronymo de Noronha; Manoel de Almeida, que foi de Goa; e D. Luiz Lobo em hum fustarrão, que o Capitão de Sofala Nuno da Cunha mandou de Mozambique ao Conde Viso-Rey, que levou consigo Manoel Monteiro Piloto da sua náó, e Gaspar Rodrigues, que tinha ido de Goa por Piloto de huma fusta.

Com esta Armada foi o Conde seguir do sua derrota, levando consigo Gaspar Rodrigues, que hia fazendo o officio de

Piloto mór; e chegando a Sacotorá, tomáram ambos os Bandeis, onde se provêram de todo o necessario, e alli se passou o Conde á fusta de Manoel de Almeida por ser navio mais ligeiro, em que se achou melhor, ainda que menos accomodado. E de Sacotorá desamarrou o Conde a sete de Maio, e tornou á sua viagem, onde, peço que achou contractes, e calnarias ordinarias nesta travessa, não houve cousa de perigo; e quando foram vinte e dous do mesmo mez de Maio chegou á barra de Goa com todos os navios de remo: e Manoel de Almeida, que em Sacotorá se tinha passado ao Galeoto do Conde, e o Viso-Rey á sua fusta, entrou tambem em Goa aos vinte e sete do mez, cinco dias depois do Conde. Só o navio de D. Luiz Lobo não entrou, porque se perdeu com tempo rijo na costa de Por Mangalor, e elle com toda a gente de sua companhia foi por terra até á Fortaleza de Dio, onde invernou, e a não do Conde foi em trinta de Maio tomar Bombaim.

O Conde desembarcou na casa dos Reys Magos, aonde acudiram logo parentes, e amigos, porque as novas chegaram a Goa de noite, em que toda a Cidade se alvoraçou; e foi tanto o regozijo, que toda ella parecia huma viva representação de

de alegria, e contentamento, porque toda se gastou em tomarem embarcações pera o irem visitar; e todos tinham razão de o fazer, porque este Conde Viso-Rey era bisneto do que descobrio este Estado, que a tantos tinha seito ricos, e honrados: e isto acontece geralmente na chegada dos Viso-Reys, porque huns são de suas obrigações, outros parentes, e amigos, e outros por outras razões, porque todos esperam sempre alguma cousa, e a India pera todos tem: e o contrario acontece nos da valia, e obrigação dos Viso-Reys que acabão, porque estes são os brincos do mundo não dar bens a huns, sem os tirar a outros; e algumas vezes succede, os que mais festejão a vinda de hum Viso-Rey, serem os que depois mais praguejão, e murmurão d'elle, e desejem o anno seguinte já outro: ao menos na soldadesca, que por esta razão, ou sem razão da nossa má natureza, que toda a cousa nova apraz, tomáram os soldados cada anno hum Viso-Rey, como costumavam os Romanos com seus Consules.

Mathias de Albuquerque foi logo ao outro dia, que foram vinte e tres do Maio, visitar o Conde Almirante com todos os Officiaes da justiça, e fazenda; e querendo logo nesta visita fazer entrega

da governança da India , a não quiz o Conde accitar, senão aos vinte e cinco do mesmo mez, que foi dia do Espirito Santo, donde a fez na fórma costumada. Os Vereadores foram logo visitar o Conde, e pediram-lhe que se detivesse alli alguns dias até lhe prepararem seu recebimento; o que lhe elle concedeo até o primeiro de Junho, dia da Santissima Trindade, em que fez sua entrada com grande pompa, e aparato, e regozijo de todo o povo, de que as ruas por onde havia de passar estavam toldadas, e com muitas invenções. Foi recebido com falla de parabens de sua vinda, e levado de baixo do Pallio até á Sé, passando por baixo de muitos, e mui fermosos arcos ornados com muitas riquezas, e galantarias, indo á suailharga o Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes; e depois de fazer sua oração, se recolheo aos Passos, em cujo terreiro lhe cortaram muitas carreiras, e fizeram muitas festas, e regozijos, em que o dia se gastou. E ha-se aqui de notar, que no mez de Junho, em que o Conde Almirante tomou posse da India, se cumpriram cem annos que seu bisavô a descobrio.

CAPITULO. III.

*Das cousas que o Conde Almirante proveo
depois de tomar posse da governança
da India.*

TAnto que o Conde Almirante tomou posse do Estado da India, logo avisou a todas as Fortalezas de sua chegada, e aos Capitães, e Officiaes da fazenda mandou que na entrada de Setembro o provessem de presta com o mais dinheiro que pudessem, porque determinava de fazer Armadas, e prover Ceilão, Malaca, e as Fortalezas de Maluco, e Amboino. E como passaram alguns dias, foi visitar os Tribunaes da Relação, e Contos, e nellas tomou informação do estado das cousas, de que elle não vinha bisonho, senão muyto prático, e resolute em todos os negocios, de que começou a dar aos Officiaes grande satisfação de sua sufficiencia. E assim visitou os armazens das munições, casa da polvora, e as ribeiras das Armadas, e Galés, e em todas tomou informação do modo de como estavam, e deu ordem a se prepararem todos os navios grandes, e pequenos, porque determinava de mandar Armadas pera todas as partes, a que fossem necessarias, e com isso foi dando ex-

pediente ás partes, entrando neste negocio com grande severidade, e authoridade quanta requeria o lugar de Viso-Rey, que de Vassallo he o maior que ha na Christandade, pelo achar hum pouco devasso, cousa que dá muitas vezes oufadia a se atreverem os homens, e desmandarem; e por lhe não dar esse atrevimento, nunca ouvio partes senão só, e apartado; porque como estava informado da soltura dos soldados da India, queria que se algum se destemperasse, fosse só com elle, por lhe não ficar lugar de os castigar: pelo que tomou este termo pera os ouvir, e soffrer, o que se lhe notou a prudencia; porque tambem os soldados andam tão desfavorecidos; e soffrem tantas necessidades, que se lhes não pode pôr culpa a alguma hora se destemperarem.

Alguns quizeram estranhar ao Conde Almirante aquella sua severidade, e authoridade, e usar nas Igrejas de cortina como Principe, dizendo que não era traje de Capitão geral da milicia; porque o seu proprio lugar era mostrar-se sempre em público, e muito facil, e familiar aos homens, o que lhe a elle não faltava, porque o não vimos nunca descompôr em palavras com os soldados, como outros fizeram. Em fim deixemos estas cousas, e passemos a outras.

O Conde Almirante, como hiamos dizendo, foi dando pressa ás Armadas, e grande expediente aos negocios, e provendo cargos que vagáráo, que eram muitos, e mudos, que são datas dos Viso-Reys que succedem, zinda que ha alguns destes officios, que posto que a data delles seja sua, por justiça, e razão não se podem dar senão a homens de serviços, e merecimentos, que ha muitos na India, com quem ElRey quer que se repartam estes cargos, que de ordinario dam a seus criados, ou por sua intercessão a outras pessoas a quem os vendem.

E porque aqui aconteceu isto, não deixarei de o contar por mostrar a pureza com que este Viso-Rey entrou: e o caso succedeo desta maneira. Indo eu humna vez visitar o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, achéi-o com hum, ou dous Officiaes dos Contos, e cinco, ou seus homens da terra, a que elle tomava algumas Provisões destes cargos que o Conde tinha provido, e lhe tornava certa quantia de dinheiro de huns caixões que alli estavam. Então me contou o Arcebispo que aquelles cargos dera o Viso-Rey aquelles por intercessão de seus criados, e que depois soubera que lhe deram por cada hum certa quantia de dinheiro, que lhe mandára tornar; e

naquelle caixaõ em que o via, o tinha mandado ao Arcebispo com o rol dos homens a quem se dera, pera que lhes tomassem as Provisões, e lhes tornassem seu dinheiro, porque quiz castigar a todos, a huns em lhes tomar o dinheiro, porque vendêram os cargos, e aos outros em lhes mandar tornar, e romper as Provisões: e lembra-me que ao tornar o dinheiro a hum, se poz a chorar. Ao que me disse o Arcebispo, que nunca víra chorar ninguem por lhe darem dinheiro, senão aquelle homem. Fez o Conde Almirante esta diligencia, porque começou a haver murmurações, e não quiz que seus criados cuidassem que haviam de enriquecer por aquelle modo, nem que parente, ou homem de sua obrigação o havia de governar; e foi neste particular tão iuteiro, que em quanto governou o Estado da India, não teve valido; e o criado que se fingio sello, não fez nenhuma cousa por elle; porque o contrario disto não serve de mais que de affrontar aos Viso-Reys; porque como elles correm por estes termos, sempre ficam culpados, ou ao menos dão occasião de se murmurar delles, como fizeram de alguns Viso-Reys, que claramente fizeram por estas mãos seus negocios, e engrossaram bem, não deixando de commetter algumas injustiças

em coullas de muita importancia , que eu direi em seu lugar , quando me couber.

E porque o Conde Almirante achou os armazens faltos de artilheria , negociou muito cobre que comprou , de que mandou fazer com muita pressa algumas fundiçoes , em que se fizeram oito peças grossas , e trinta falcões , e berços , e quatrocentos pelouros de cadeia , que logo foram bem necessarios , como se verá pelas certidões que os Officiaes dos armazens disto passãram. E porque os moradores de Goa fizeram grandes queixas do Viso-Rey Mathias de Albuquerque , que passara huma Provisão , pera que toda a pessoa que quizesse mandar trazer cobre da China por sua conta , o pudesse fazer : com declaração que todo viria a Goa , onde pagariam os direitos em cobre pera se fazer artilheria : e o mesmo fariam de todas as mais fazendas , que despachassem na Fortaleza de Malaca ; e que depois dos direitos pagos em cobre , todo o mais poderiam levar pera suas casas , e que tendo ElRey necessidade de mais algum , lho comprariam pelo preço da terra , e esta Provisão senão guardára , antes todo o cobre que trouxeram por virtude della se metéra na Alfandega ; e que pera pagarem os direitos se avaliara a trinta e cinco xerafins o quintal , e a trin-

ta e oito o melhor ; e que por cima d'isto dera o Viso-Rey Mathias de Albuquerque ordem que se tomasse o cobre pera ElRey a trinta e dous Xerafins ; no que foram muito avexados, e enganados, que pediam a elle Conde Almirante lhe mandasse cumprir a dita Provisão, pois á conta della trouxeram suas fazendas em cobre, e que mandasse que na Alfandega se tivesse igualdade nos direitos, e no preço do cobre que se tomasse pera ElRey. O que visto pelo Conde Almirante, ajuntou Theologos, Desembargadores, e Officiaes da fazenda a conselho, e entre todos se assentou, que lhe não podiam fazer tamanka injustiça ; que se puzesse dalli em diante o cobre pera se pagar, a trinta e cinco, e que por esse meimo preço se tomasse pera ElRey o que se houvesse mister, e que se lhe pagasse logo, porque os vassallos não se podiam enganar com a fé de ElRey, que são suas Provisões, pois á conta dellas empregaram seu cabedal em cobre, no que tamhem faziam serviço a ElRey em o trazerem da China, e lho darem pelo preço por que o despacháram.

E certo que se póde pedir conta aos Viso-Reys de tamanna injustiça contra os homens, e tão grande deserviço contra o Rey, em não guardarem estas Provisões,

antes á conta dellas tomarem as fazendas aos vassallos. O que foi causa de não quererem mais trazer cobre , e faltar muitas vezes em Goa assim pera a artilheria , como pera a moeda de Bazarucos com que os póvos se menção. E com isto se deu occasião aos Mouros do Balagate aos fazerem de menos pezo , e os metterem nesta Cidade , com o que ganhão hum poço de ouro , sem a isto se ter resguardo , porque sempre esta moeda lhes falta por ser de menos pezo. A isto atalhou o Conde Almirante com ordenar , que pelo preço certo que poz nos direitos que o cobre havia de pagar na Alfandega , fosse o mesmo por que se tomasse pera ElRey , e se pagasse logo a seus donos , como se fez em todo o tempo que o Conde governou. Disto resultou haver sempre em todo elle tanto cobre em Goa , que ganhou ElRey , no que bateo na casa dos Bazarucos , sessenta mil Xerafins , a fora o que se fundio em muita quantidade de peças de artilheria que fez , e outras cousas necessarias ao serviço de ElRey , como me constou das certidões que vi , assim dos armazens , como de outros Officiaes das outras casas , por que estas cousas correm.

E tornando ao danno que a falta desta moeda fazia em Goa , que foi occasião dos

Mou-

Mouros do Balagate metterem nesta Cidade muito grande somma de bazarucos de menos pezo, com que se enriqueciam a si, e nos empobreciam a nós, o ficaram tambem fazendo nos Xerafins de prata que o Viso-Rey D. Luiz da Taide mandou fazer, que sendo elles dantes de prata liquida, e pura, por accrescentar a fazenda Real, ordenou que se accrescentasse em cada hum hum larim de liga. Daqui tomáram os Mouros occasião pera baterem no Balagate os mesmos Xerafins já com mais liga, e falsificados, e os metterem nesta Cidade; pelo que ella ficou cheia de moeda falsa, e alevantou-se tanto o preço ás cousas, que he hum roubo manifesto; porque os Moedeiros, que servem na Casa da Moeda de Goa, são Gentios, e os mesmos que fazem as chapas pera as moedas, são os que tambem as fazem pera os Mouros nos roubarem. Sobre isto proveram os Reys muitas vezes, como grandes Christãos, e muito Catholicos, com defendorem que se não batão mais estes Xerafins, a que com muita razão podemos chamar falsos, sem isto ter remedio, nem lhe que- rerem cumprir suas Provisões, e Mandados; e van depois estes pera o Reyno tão descantados com tomarem a fazenda alheia, como se não fizeram cousa alguma; e eu re-
ceio

ccio que os que isto fizeram , o tenham bem pago na outra vida , pois nesta não foram castigados , porque tudo os homens podem , e devem fazer , e arriscar por seu Rey , filhos , fazenda , e vida ; mas a alma não , porque nem os Reys o querem , nem he bem que o queiram.

C A P I T U L O IV.

De como hum Capitão do Grão Mogor , chamado Manatinga Genticio , foi contra os Patanes , e os desbaratou , e ganhou o Reyno de Orixá , e Bengala : e da descripção da jornada que fez.

PAreceo-me bem seguir a ordem , que sempre guardei nas minhas Decadas , que he contar as cousas alheias no tempo do inverno , em que as nossas estão paradas ; pelo que darei aqui conta de algumas conquistas que fizeram os Capitães do grão Mogor. Na Corte deste Rey andava hum Raja , ou Regulo casta Rebusko Genticio seu vassallo , e grande Capitão , e muito zeloso da sua Religião. Succedeo este verão passado o Rey de Orixá chamado Cutulu mandar dar no Pagode de Lagarnate , que he em Bengala , e levarem delle grandes
the

thesouros, e matarem dentro nelle muitas vacas, que he a mór affronta, e irreverencia que se pôde fazer a seus Idolos. Era este Cuculu Rey de Orixá Mouro, e vassallo do Rey dos Mogores, que havia alguns annos que estava rebellado, sem lhe pagar as pareas que tinha por obrigação. Chegadas as novas do roubo deste Pagode á Corte de Laor, este Capitão Gentio, que digo, chamado Manacinga, desejou logo de tomar vingança, e satisfação daquella affronta feita á sua Religião: tomou por occasião o alevantamento do Rey de Orixá, pera pedir ao Grão Mogor licença pera o ir castigar, e reduzir á sua obediencia, que lhe elle deo; e com elle se partio de Laor com dez, ou doze mil cavallos pera ajuntar pelos mais Reynos do Mogor, por onde havia de passar todos os mais que lhe fossem necessarios.

E porque não he pequena curiosidade pera os curiosos da Geografia dar relação desta jornada em modo de Itinerario, como a elle fez, o farei aqui. Partio este Capitão de Laor Corte do Grão Mogor, e foi caminhando ao Sueste algumas cinco, ou seis jornadas, passando por villas, e lugares, huns grandes, e outros pequenos ate chegar a hum fermoso rio chamado Seriundo, que quer dizer Cabeça da India,

dia, porque alli começa a India Meridional, ou menor, porque toda aquella parte dalli pera o Norte se chama India maior até os montes Imacs, onde começa a Scitica Asiatica, ou Tartaria. Passado o rio á outra parte, foi á Cidade de Summopat, e á de Panipat, e logo á grande Cidade Deli muito fermosa, e fresca, onde está a sepultura de Hamann Paza pai de El-Rey Heebar, que he hum das fermosas cousas do Mundo, como nas outras milhas Decadas tenho dito. Até aqui gastou este Capitão trinta jornadas. Ao longo dos muros desta Cidade passa hum muito fermoso, e fresco rio chamado Jamana, que se vai misturar com o Gange: passado o rio á outra banda, foi caminhando ao Levante por distancia de cento e vinte coces seus, que são trinta leguas, a razão de quatro coces por legua pela conta dos Mouros até chegar a hum villa chamada Calu, que he o extremo do Reyno Deli, e do Patane. Daqui foi a hum Cidade pequena, a que perdi o nome, e dalli a outra chamada Har, por junto della passa hum fermoso braço do rio Gange, que vai descendo a baixo, e atravessando o Reyno de Orixá. Daqui foi á Cidade Sambal, donde voltou a Sudoeste á Cidade de Lacanor pequena, á differença de outra

grande adiante, que são Cidades do Reyno Patane, e entre estas ambas ha humas asperissimas serranias, que vam tirando ao Norte chamadas Porsonai, riquissimas de minas de ouro, e prata: dalli foram caminhando ao Sul; e passando por estas Cidades, Gazepur, Choufa, Agepur, Xirpur, por junto desta passa o rio Gandec, adiante Mugel, Bagelpur, Gori, Galor, Cidades já de Bengala: do Reyno dos Patanes, Saragio, Tande, e Orixá Cidade cabeça deste Reyno, que elle hia conquistar; e chegando ao Mandarou, extremo do Reyno Orixá, defronte de humas Fortaleza, que se chama Raipur, que era dos Patanes, em que estava por Capitão Alemacaum irmão de Gorea Badul, Capitão muito affamado do Rey de Orixá, por quem o seu Rey dizia, que era o seu braço direito, assentou o seu arraial pera dalli fazer suas entradas.

Tanto que o Alemacaum soube delles, ajuntou cinco mil cavallos, e foi no mesmo dia bem tarde assentar seu campo á vista do outro, e mandou dizer ao Manacinga que lhe não hia dar a obediencia por ser já tarde, mas que ao outro dia o faria logo. Tudo isto foi manha pera o assegurar, como fez, porque se não recediam de tão pouca gente, e mais com a segu-

gurança que mostravam de ir dar obediencia, com o que os de Manacinga tiráram as sellas aos cavallos, e repousaram do trabalho do caminho, porque de algumas pessoas que elle mandou ao arraial dos Patanes soube que estavam elles tambem desencançados, e com os cavallos descellados, que foi o que os fez segurar; e tanto que entrou o quarto da modorra, estando os de Manacinga na força do mói somno, e repouso, sellarão os Patanes, e com muito grande silencio deram nelles com tanta presteza, que primeiro que soubessem o que era, lhe matáram dous mil homens, em que entrava hum filho do proprio Manacinga. Com este feito se recolhêram os Patanes, o que não foi tanto a seu salvo, que não tivessem alguma perda, porque tambem foram escalavrados. O Manacinga sentio tanto seu descuido, como a perda do filho, e de sua gente; pelo que a mesma noite se fortaleceo no proprio lugar, em que estava com hum muro arrezoado, e suas cavas, e despedio recado a todos os Capitães que o Grão Mogor tinha por aquelles Reynos com guarnições, pera que lhe acudissem com as gentes, e mantimentos que pudessem. Era este Manacinga na Corte do Grão Mogor tão grande pessoa, e de tanta authoridade, e respeito, que

Danielgi filho terceiro do Grão Mogor casou com sua filha.

Tendo o Rey de Orixá aviso do socorro, que o Manacinga mandou pedir aos Capitães, que o Grão Mogor tinha postos nos presidios dos seus Reynos, comarcões aquelles que o Manacinga hia conquistar, receando-se que vindo aquelle poder, não pudessem resistir-lhe, tomou por remedio mandar-lhe commetter pazes com tantas vantagens, que as aceitou o Manacinga, reccoso que lhe faltassem os Capitães, que mandára chamar; e assim se concluíram, com condição que o Rey de Orixá daria cada anno cem elefantes (por haver muitos naquelle Reyno) e vinte mil tangas de pareas, que são dez mil cruzados de reales; e logo contribuiu com as deste primeiro anno, com o que o Manacinga se tornou pera Tenda, e o Rey de Orixá pera a Cidade de Ialator, que he Cabeça do Reyno.

Os Capitães do Mogor, a que o Manacinga mandou pedir socorro, fizeram pouco caso de seu recado, e não acudiram com cousa alguma; o que visto por elle, despedio recado ao Grão Mogor; dando-lhe conta de tudo o que lhe tinha succedido na jornada, e mandou-lhe tambem o dinheiro, e os cem elefantes que arrecadou

das

das parcas, e escreveu-lhe que deixára de conquistar todo aquelle Reyno por falta de gente, e que os seus Capitães o não quizeram soccorrer, pedindo-lhe formões, ou Provisões pera todos os Capitães, que houvesse em seus Reynos, e Provincias, lhe obedecessem, e lhe acudissem com as gentes de suas obrigações, e que elle se obrigava a conquistar, e sujeitar todos os Reynos de Bengala, e Patane.

O Grão Mogor estimou muito os elefantes, e mandou ao Manacinga tudo o que lhe mandou pedir com grandes penas áquelles que lhe não obedecessem. Estes enviados passaram pelo Reyno do Agará, aonde as Provisões se publicarão: com o que logo se abalou Cedecão Governador do Reyno, e seu irmão Lusiscan com quinze mil cavallos que se apresentarão ao Manacinga, e com a gente que tinha, fez trinta e cinco mil homens de cavallo, e quasi oitenta mil de pé, de que elles fazem bem pouca conta; e com todos estes se poz em campo, e muitos elefantes castellados, e trezentas carreras de artilheria de campo, e grande somma de munições, e quantidade de mantimentos, com que foi marchando contra os Patanes que o desbaratárão; e quando hia por suas terras, era o Cutulu Rey de Orixá já morto, e os

Patanes tinham alevantado por Rey hum seu filho menino, que estava debaixo de tutoria de dous Capitães chamados Gorabadul, e Cogcaifa.

Vendo os Patanes o grande poder com que o Manacinga vinha, e que estavam odiados, e aborrecidos da gente da terra, que era Gentia, e elles Mouros desordenados, e tyrannos, havendo que não poderiam escapar suas mulheres, e filhos das mãos de seus inimigos, determinaram-se a fazer outro feito semelhante ao dos antigos Numantinos, que foi ajuntarem-se seis mil de cavallo, e pôrem na Cidade de Ialafor suas mulheres, filhos, e fazendas, e dentro em huma sua mesquita fizeram juramento solenne a Mafamede de darem nos inimigos, e os desbaratarem, ou morrerem todos na demanda; e que não os podendo vencer, os que escapassem da batalha fossem a Ialafor, e matassem todas as mulheres, e filhos, e queimassem as fazendas, por não ir alguma daquellas cousas a mãos de seus inimigos. Estes juramentados, que eram seis mil, se repartirão por quatro Capitães famosos, entre elles chamados Gogerifa, Meriu, Gorabadul, e do outro não soube o nome; e como homens offerecidos á morte (a que na India chamão amoucos)

remettêrão huma madrugada com o exercito do inimigo, e entrarão por elle fazendo grande estrago; mas no inór furor da batalha fugirão dous dos Capitães, e os outros douts ficaram pelejando até morrerem. Alguns Capitães do Manacinga, quando víram apartar da batalha os dous Patanes, foram-os seguindo, e matando nelles á sua vontade, e assim os apertarão, que não puderam tomar a Cidade Ialator pera fazerem em suas mulheres, filhos, e fazendas a execucao que tinham assentado, e foram-se desviando por outros caminhos. O Manacinga, depois que matou os que o esperarão, foi tambem apôs os que lhe fugiram, e chegou á Cidade Ialator, aonde entrou vitorioso; e as gentes de sua companhia usáram nesta entrada de sua natureza com as pobres mulheres, que se lhe não puderam defender. Alli acudiram todos os povos das Cidades dos Patanes a se lançar aos pés do vencedor, e a pedir-lhe misericordia; e a de que usou com elles foi torna-lhes todos os seus thesouros, e os melhores elefantes, e cavallos que tinham, e lhes deixou alguns sindeiros: em fim elle os despojou de tudo o que lhe pareceo, porque outra vez não tentassem maldade; e ainda passou tanto adiante, que os desterrou, e traspassou pera os Reys
nos]

nos do certão do Grão Mogor, onde elle os mandou repartir, e dar comedias, e terras em que vivessen.

CAPITULO V.

De como o Manacinga se apoderou dos Reynos de Patane, e Orixá: e dos principaes braços, com que o rio Gange se espalhou por todos aquelles Reynos: e das Gangas que nelle ha.

TOmada pelo Manacinga esta tão grande satisfação dos miseros Patanes pela rebellião que fizeram contra o Grão Mogor, cujos vassallos eram, passou o Manacinga adiante pelos Reynos de Bengala dentro até chegar ao pagode de Lagarnate, que he junto do mar, além da Fortaleza de Catella principal daquelle Reyno, e neste pagode entrou, e o desapossou de todas suas riquezas, que eram muitas: e com elle ser Gentio, não bastou pera ter respeito a seus idolos, e deixar de os roubar, e esbulhar dos thesouros que o pagode tinha. Estes são os effeitos da cubica, que faz com que se não tenha respeito ao mesmo Deos, e o desconheção os que se deixam entrar della: e mais he isto de estranhar em grandes, e valerosos: pois sendo tacs, não são

bem ir-se á mão, nem resistir a hum mal que tanto os acanha, e abate; o que nos pequenos, e humildes he pelo contrario, porque pouco basta pera os satisfazer, e contentar. E tornando ao fio de nossa historia,

Despojado o pagode, passou-se Manatinga á Fortaleza de Barepur, que está entre humas serras fragosas, aonde estava Raja Ramacanda filho do Rey de Orixá com tenção de a conquistar, e o haver ás mãos, e assentou pera isso sobre ella seu campo. O Ramacanda vendo tão grande poder, arreceou-o, e mandou-se offerecer ao Manatinga por vassallo do Grão Mogor com as obrigações, e pareas que fossem honestas, e justas; e pera concluir em isto, trataram de se verem. Sobre o que houve grandes dilacões no modo de como se haviam de ver, e tratar; porque o Ramacanda era filho de ElRey, e tão opiniatico, que nem naquelle Estado queria perder nada de sua opinião, nem do que cuidava lhe era devido por quem era; e depois de muitos recados, vieram a assentar que se tratassem nas vistas com igualdade, sem haver differença em cousa alguma, e que as vistas fossem no pagode de Lagarnate, onde o Manatinga iria jurar primeiro diante dos seus Bramanes de guardar inteiramente o que tinham assentado

do nas vistas , e o de Ramacanda não receber aggravo , nem escandalo algum em sua pessoa , Estado , nem em vassallos , o que o Manacinga fez. E bem pudéra quebrar aquelle juramento , quem havia tão pouco tinha despojados os mesmos idolos (diante de quem fazia o voto) de suas riquezas , e despídos seus altares , e levados os ricos vasos de ouro , e pedraria com que aquelles cegos gentios serviam aquellas estatuas feissimas de pedras , e paos , em que punham suas deidades , e a quem davam as honras , e faziam adoração , que só a Deos se devia.

Recolhido o Manacinga de fazer aquelle juramento pera o seu arraial , tanto que o Ramacanda o soube , sem aguardar mais recado , nem pontos de quem scria o primeiro , sahio de sua Fortaleza com grande acompanhamento , e muito fausto , e entrou nela tenda de Manacinga , que sahio muito de pressa fóra ao receber , e se abraçaram igualmente , e assentáram-se em ricas almofadas , e almofadas de borcado , e alli praticáram sobre suas cousas ; e depois de as assentarem com satisfação de ambos , se despediram , e Manacinga o foi acompanhando muito espaço , e ao voltar o convidou o Ramacanda pera ir jantar com elle á sua Fortaleza hum dia de huma festa ,

que vinha perto : o que elle acceitou , e levou esse dia consigo quatrocentos homens todos Gentios , parentes , e amigos , e depois do banquete , que foi muito esplendido , deo o Ramacanda ao seu hospede seis mil tangas em dinheiro , que são tres mil cruzados , pera o gasto de sua cozinha os dias que alli estivesse , e dous formosissimos elefantes de guerra , e outras peças. O Manacanga por não ficar acanhado , perguntou depois quanto montavam as rendas das terras que os Patanes lhe tinham dado ; e sabendo-o , lhe passou hum fórmão em nome do Grão Mogor de mais sincoenta mil cruzados de renda cada anno nas mesmas terras. Com isto se despediram com mostras de grande amizade ; e o Manacanga repartio as Cidades , e villas do Reyno de Orixá com seus filhos , que me affirmaram serem perto de quarenta ; e elle se foi aposentar na Cidade de Agepur Patana , onde esteve muito tempo ; e ainda hoje , que escrevemos isto , he vivo este Gentio , e tem de sua obrigação mais de trinta mil de cavallo , porque tem muitas , e ricas terras ; e he tão grande Capitão , e tem tanta posse , que se suspeita que o Grão Mogor se arrecea d'elle em seu peito.

Em quanto deixamos aqui o Manacanga,

Estas, pareceo-nos bem pera recreação dos curiosos dar relação destas Gargas de Bengala (que na nossa linguagem são rios) porque são muitas, e mui diversas; e assim nomearemos as que ha do porto de Goli de Orixácaré Batecala.

A Garga de Goli, que vem do Bourro; não se lhe sabe nascimento; he no verão em algumas partes de pouca agua, vai sahír á Ilha dos Gallos, que he a principal de todas, e o verdadeiro rio Ganges, a quem os Gentios tem tanta veneração, que se vam lavar a elle, e tem pera si que ficam puros, e limpos de suas culpas, e peccados.

A Garga de Sagor he muito prospera, e reparte-se em muitos braços, de maneira que quasi toda se passa a váo; mas em baixo na barra tem fundo bastante pera entrarem náos.

A Garga Retora, que vem ao Gate do Tigolo da outra banda, vem o braço ao lugar de Trigor, reparte-se em muitos ramos, e todos em baixo capazes de náos.

A Garga chamada dos treze bancos, que vai sahír ao mar largo com huma grande boca.

A Garga Vidadore tambem he grande, e não se lhe sabe nascimento, e sahe ao mar com outra muito grande boca.

A Ganga Rey Mogor não prospera de aguas por todos os braços, em que se reparte, que do Chandecam, que he dalli a muitas leguas, vem náos por dentro até o Bandal de Orixá.

A Ganga Zabona não he muito grande, mas tem muito fundo.

A Ganga Balaça.

A Ganga Muruzate, que tem grande barra, que chamam de Boracalor.

A Ganga Rangafona, que quer dizer ouro, e vermelho, e não me souberam dizer porque se chama assim.

A Ganga de Bixela chamada assim por humas embarcações deste nome, que por ella navegam.

A Ganga Ariganata, que quer dizer Veado, por haver derredor della infinitos.

A Ganga Sape, Raja, he cousa formosissima; e por ser esta, lhe chamam Raja, que tanto quer dizer, como Rey das Gangas. Sape quer dizer cobra, ou por haver nella muitas, ou por ir ter ao mar em muitas voltas com tres bocas.

A Ganga Noldil, que vem do lugar de Busna, que he nos confins do Reyno Batecala; e desta Ganga até Batecala ha hum grande numero de Ilhas, que seus braços vam fazendo, e parece tudo hum mar; e com as aguas vivas areão-se hu-
mas,

mas, e abrem-se outras. Em todas estas Gangas andam infinitas fortes de embarcações, e algumas tamanhas como náos, que todas me mandaram de lá pintadas em dous paineis, que são muitas, e muito pera ver a diversidade de seus feitios; estas são as Gangas principaes, e que vam sahir ao mar com barras capazes de náos grandes; porque já por algumas dellas entráram algumas náos de Portugal que cá ficáram, que foram alli carregar de arroz, aonde hum candil, que pela nossa medida são vinte alqueires, val trezentos reis.

CAPITULO VI.

Do que succedeo na conquista da Ilha Ceilão este verão: e das grandes vitorias que os nossos alcançaram do tyranno D. João, que se intitulava Rey de Candea: e da morte de ElRey da Cota D. João Perca Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do seu Reyno a ElRey de Portugal, que logo foi jurado por esse.

NA onzena Decada, no tempo de Mathias de Albuquerque, temos continuado com as guerras de Ceilão pelo discurso dos annos; e porque os successos
fo-

foram muitos, e miudos, não escrevemos senão os de mais substancia, porque a historia não soffre tanto. Deixámos o anno passado as cousas daquella Ilha nas grandes vitorias que D. Jeronymo de Azevedo, Capitão Geral daquella conquista, alcançou do tyranno D. João, intitulado Rey de Candea, nos limites daquelle Reyno, e do Dinavaca. Agora continuaremos com as deste verão, em que as cousas ficaram no Forte de Corvite, que D. Jeronymo de Azevedo mandou fazer seis leguas de Ceitavaca no fim de Fevereiro passado, em que ficou por Capitão Salvador Pereira da Silva com cem homens, e as provisões de munições, e mantimentos que lhe pareceram necessarios. Feito este Forte, despedio o Geral a soldadesca Portugueza, e da terra, pera irem descansar, pera depois com novo alento, e forças tornarem a proseguir naquella guerra. Disto foi logo o tyranno D. João avisado, e communicando com os mais alevantados, que o seguiam sobre a satisfação que tomariam dos nossos de quantos damnos lhe tinham feito; porque se se descuidassem, estava certo porem-lhe hum pezado jugo a ^{roda} aquella Ilha; e assentou que o Rey de ^{Vai} se ajuntasse com os Principes de Dinavaca, o que elles logo fizeram com quasi quatro mil

mil homens, muita espingardaria, e elefantes de peleja, e foram assentar seu campo quatro leguas do nosso Forte de Corvite, com tenção de o assaltarem, por estar com pouca guarnição; e dalli mandaram dous mil homens da sua vanguarda, pera que se fossem pôr duas leguas daquelle Forte sem bolirem comigo; porque pertendiam primeiro fazer rebelar toda aquella Comarca, que estava á nossa obediencia, pera assim lhes ficar mais facil a conquista, e entrada daquelle Forte. E com isto intentaram tambem divertir o Geral pela fronteira das quatro Corlas, pera não poder soccorrer os de Corvite; e pera aquella parte se abalou o tyranno D. João com todo o mais poder; porque occupados os nossos por tantas partes, pudessem elles effeituvar seus intentos. De tudo isto foi logo o Capitão Geral avisado por espias, que trazia perto do tyranno.

Pelo que com muita pressa mandou ajuntar toda a gente de guerra branca, e preta, com que se poz em campo; e sabendo que o tyranno despedira huma copia de gente pera ir a saltar a nossa tranqueira de Ruanelle, e inquietar os vassallos daquelle parte, despedio Antonio da Costa por Capitão Mór da parte da gente da terra, com ordem, que sendo-lhe necessario
mais

mais gente, a tirasse dos presidios de Ceitavaca, e outros que boamente pudesse desmembrar delles com segurança sua. Com esta gente foi dando volta pelas quatro Corlas, com que os inimigos que o tyranno tinha mandado pera aquella parte se retiraram logo; e vindo recado ao Geral que os inimigos se hiam vizinhando ao Forte de Corvite, despedio a mór parte do arraial, pera que o fosse soccorrer, deixando só hum Modeliar com quinhentos lafcarins pera guarda das fronteiras das sete Corlas; e mandou ordem a Salvador Pereira, que estava no Forte de Corvite, que sem se deter sahisse delle, e fosse assaltar o arraial do inimigo com o mór resguardo, e segredo que pudesse, o que elle logo fez em lhe chegando a gente, e de noite foi por caminhos excusos, por matos, e brenhas até chegar á parte, onde estava a vanguarda dos inimigos, bem descuidados todos de tal sobressalto. E primeiro foram desbaratados, e mortos a mór parte delles, que loubessem o que era; e postos os que escaparam em fugida, lhes seguiu Salvador Pereira o alcance com tanta pressa, que quasi de envolta com elles chegaram á retaguarda, em que deram com tanto impeto, e furia, que logo lhes entraram o arraial dentro, aonde os des-

baratáram com morte de muitos , em que entráram os principaes Modeliáes , e dous formosos elefantes tomados com muitas armas , bandeiras , e outros despojos ; e affirma-se morrerem dos inimigos nestes affaltos mais de mil , e muitos que ficáram cativos , salvando-se os principaes de Maturé , e Dinavaca com a escuridão da noite. Foi esta vitoria tão famosa , e poz tanto espanto nos Chingalás , que ficáram pondo a Salvador Pereira o sobrenome de Corvite Capitão : dos nossos Lascarins morreram alguns , e hum Modeliar mancebo chamado D. Francisquinho , que pelejou muito bem. Ao outro dia mandou Salvador Pereira pôr por terra todos os Fortes dos inimigos , e recolheo-se a Corvite , ficando esta vitoria (como já dissemos) entre os Chingalás com grande nome , e fama.

Vendo D. Jeronymo de Azevedo quão quebrantados os inimigos ficavam , mandou fazer huma tranqueira da outra parte do rio Sofragão no lugar chamado Batu-gedra , por ser mais accommodado pera assaltar , e quebrantar o inimigo , com o que elle se vio tão abatido , e desesperado de seus pensamentos , que logo se recolheo a Candea , e o Forte se desfez. O que os nossos fizeram , estava vinte leguas de Columbo pela terra dentro em meio de todas

as dos inimigos , com elles ficaram muito opprimidos. Succedeo isto este inverno em que andamos noventa e sete.

No mesmo tempo aos vinte e sete, ou vinte oito do mez de Maio do mesmo anno faleceo ElRey D. João Perea Pandar , Senhor de toda a Ilha de Ceilão , a quem se fez o mais honrado enterramento que a terra podia dar de si ; e logo o Capitão Geral D. Jeronymo de Azevedo mandou chamar a Columbo todos os Fidalgos da casa daquella Rey , Modeliars , e pessoas principaes , e aos vinte e nove de Maio se ajuntáram todos ; estando presente Thome de Sousa de Artonches , Capitão daquella Fortaleza , Vereadores , Officiaes da Camara , Ouvidor , e Prelados de S. Francisco ; e sendo todos presentes , Ihes mandou dizer pelo Ouvidor João Homem da Costa , que bem sabiam todos como ElRey D. João Perea Pandar , Senhor de toda aquella Ilha , deixara em seu testamento nomeado por herdeiro de todos os seus Reynos a ElRey de Portugal , por não lhe ficar outro alguma que de direito lhe houvesse de succeder naquella coroa ; e que por quanto alli estavam todos , assim nobres , como o povo , Fidalgos , e Modeliars principaes , que elegessem entre si as pessoas que quizessem pera em nome de todos jurarem ao dito

Senhor por Rey, por não poder ser fazerem todos o dito juramento. E logo por elles foram nomeadas as pessoas seguintes: D. Antão, D. Constantino, D. Jorge, D. João, D. Pedro Homem Pereira; Fidalgos da casa do Rey morto, Belehior Botelho Modeliar, Domingos da Costa Arache, e Thomé Rodrigues Patangaim, que todos, e cada hum por si postos de joelhos ao redor de huma meza com as mãos postas sobre hum Missal fizeram o juramento seguinte.

» Nós D. Antão, D. Constantino, D. Jorge,
 » D. João, D. Pedro Homem Pereira,
 » Belehior Botelho, Domingos da Costa, e
 » Thomé Rodrigues juramos a estes Santos
 » Evangelhos, em que pomos nossas mãos,
 » por nós, e em nome de todo este povo de
 » reconhecermos a El Rey de Portugal, que
 » assim neste presente acto alevantamos, e
 » juramos por nosso Rey, e Senhor, por
 » quanto D. João Perea Pandar, que Deos
 » tem no Ceo, nosso Rey natural, o deixara
 » por seu universal herdeiro, por não ter ou-
 » tro que de direito haja, e possa herdar sua
 » Coroa, e Reynos. Pelo que juramos outra
 » vez aos Santos Evangelhos, em que temos
 » nossas mãos, e prometemos de lhe guar-
 » dar fé, e lealdade, e de lhe obedecer, e
 » dar vassallagem assim a elle, como a seus
 » herdeiros.

» successores que ao diante lhe succederem,
 » ou a seus Viso-Reys, Governadores, ou
 » Capitães, que em seu lugar assistirem
 » nestes Reynos de Ceilão, como até aqui
 » fizemos a ElRey D. João Perea Pandar,
 » que Deos tem em gloria, nosso Rey na-
 » tural que foi: e assim promettemos de o
 » guardar, e cumprir, como em outra qual-
 » quer parte de seus Reynos, e Senhorios:
 » o que juramos hoje as cousas assim, as-
 » sim, e da maneira que são declaradas: o
 » que tomamos a jurar outra vez, e outras
 » muitas vezes aos Santos Evangelhos, e
 » promettemos de inteiramente as guardar
 » assim por nós, como em nome deste povo.

Acabado este juramento, tomou o Ca-
 pitão Geral em suas mãos a bandeira Real
 das Armas de Portugal, e a entregou a
 D. Antão; e logo o Capitão Geral, e o
 Capitão da Cidade, e todo o mais povo
 foram por todas as ruas principaes com a
 bandeira levantada; e nos lugares depu-
 rados levantou o D. Antão a voz, dizendo:
*Real, Real, Real pelo muito Poderoso
 Senhor ElRey de Portugal;* ao que todos
 respondiam: *Real, Real, Real;* e acabada
 esta cerimonia, se fez hum auto deste jura-
 mento por Manoel Correa da Costa, Ta-
 bellião público das notas no livro dellas,
 em que se assignáram todas as pessoas no-
 meadas.

meadas; e o traslado do Auto tenho eu na Torre do Tombo, no livro dos Contratos, e Pazes a folhas 143. donde o trasladei aqui; e logo dalli por diante foi ElRey de Portugal obedecido, e conhecido por Rey dos Reynos, que D. João Perea Pandar possuia.

CAPITULO VII.

Das eleições que o Conde Almirante fez de Capitães: e das Armadas que ordenou: e das novas que lhe vieram de Moçambique, de como eram passadas pera a India duas náos Hollandezas: e do que sobre isso fez: e da Armada que veio do Reyno, de que era Capitão mór D. Affonso de Noronha: toca-se a causa das differenças que houve entre o Conde, e Mathias de Albuquerque.

E Ste inverno passou o Conde Almirante em prover em muitas cousas que lhe pareceram necessarias, assim pera o provimento dos armazens, como das Armadas que havia de mandar pera fora; e vindo o dia de S. João, festejou-o com carreiras, vestios todos á Mourisca, como he costume na India, como tambem fez o de Santolgo, que ambos estes dias são mui festeja-

jados dos Viso-Reys ; e logo passado este de Sant-Iago, fez as eleições para as Armadas, D. Luiz da Gama seu irmão em Capitão mor do mar da India, e costa do Malavar, por ser costume nomear-se neste tempo: esta eleição foi murmurada, como ordinariamente o são todas as cousas que os Viso-Reys fazem ; e então o são mais, quando ha pertencores ás cousas de que se murmura, parecendo aos que o fazem que estivera nelles melhor o que se dá a outrem, isto he muito antigo na India ; senão que ha nisto outro mal, que eu tenho por maior, que he louvarem estes taes aos Viso-Reys na presença as eleições que fazem, e por detrás desapprovarem-nas : e praza a Deos que não aconteça isto aos que nos Conselhos votão nellas, aonde alguns o fazem mais pelas inclinações que sentem nos Viso-Reys, que pelo que lhes parece justiça, e serviço de ElRey : e cuido que sempre será assim ; porque os mais dos do Conselho tem pertencões, huns de desparchos para entrarem em suas Fortalezas, e outros que sahiram dellas para o livramento de suas residencias. E assim vimos muitos virem dellas com culpas mui exorbitantes, e livrarem-se facillissimamente, e porem-lhes em suas sentenças que mereciam fazerem-lhes mercês, e assim as requerem,

como se lhe devesse ElRey fazer-lhas, e fazem-lhas: e esta he a justiça da India, porque estes alcançam cá o que querem com trocarem os votos, e lá ganham as vontades; e queira Deos que não sejam alguns com modos que calo: fallo com esta liberdade, porque sou velho, e não particularizo ninguem; e se por isto me não fizerem mercês, não no terei por novidade, e contentar-me-hei com me lembrar que nunca as tive nem com me calar; e deixando estas cousas, em que havia bem que dizer, tomemos ao de que tratava, e digo que com pouco fundamento se murmurou da eleição que o Conde fez de D. Luiz da Gama seu irmão, porque era hum Fidalgo, que já tinha andado na India, e servido a ElRey, e estava despachado com a Fortaleza de Ormuz, e ser de trinta annos de idade, e rico, e estes são os honrens mais aptos pera o serviço de ElRey.

Nestas cousas, e noutras semelhantes se foi passando o inverno até dezenove de Agosto, em que lhe chegou hum Galeo de Moçambique, em que vinha Gaspar Palha Capitão da náó Rosairo da companhia de João de Saldanha, Capitão mór da Armada do anno passado de noventa e seis, que indo pera o Reyno (como já disse na onzena Decada) arribou a Moç-

çambique, aonde se perdeu, e se desfez a náó. Este Capitão trazia cartas de Nuno da Cunha, Capitão daquella Fortaleza, em que lhe fazia a saber, que em Julho passado estiveram duas náós Hollandezas no porto de Titangone, cinco leguas de Moçambique, pouco mais, ou menos, fazendo aguada, e que lhe parecia que hiam na derrota da Sunda. Com estas novas se alvorçou o Conde, e toda a Cidade por ser cousa nova, e nunca estas gentes terem passado a estas partes; e logo chamou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e todos os Capitães velhos a conselho, e lhes mostrou a carta, propondo-lhes que se aquellas náós hiam pera onde se dizia, que puderiam fazer muito damno á nossa Fortaleza de Malaca em perturbar os vizinhos contra ella, e danñar o commercio daquellas partes, que era o mais grosso da India, e tomarem as náós da China, e Japão, em que sempre vinham mais de dous milhões de ouro de todos os moradores das Cidades da India: que elle estava muito prestes pera fazer tudo o que se votasse naquelle conselho, porque pera isso tinha muito dinheiro, Galeões, Galés, Fustas, artilheria, e tudo mais que fosse necessario; e sobre tudo muito animo, zelo, e vontade pera acudir ao que fosse serviço de El-Rey;

Rey; porque elle não vinha á India a descansar, senão a defendella, e dilatalla, como o fizeram seus antepassados: que lhes pedia lhe dessem seus pareceres por escrito, pera que mais livremente pudessem dizer o que entendessem que cumpria ao serviço de Deos, e d'ElRey, porque com elles lhes havia de dar razão de si. Sobre esta proposição lhe trouxeram ao outro dia todos seus pareceres por escrito, e nelles concordaram os mais em que se mandassem dous Galeões, tres Galés, e dez Fustas com quinhentos homens, que era Armada bastante pera segurar aquellas partes, e bulcar as náos Hollandezas, e dar guarda ás da China, e de outras partes.

Com este assento que se tomou se passou o Conde Almirante pera a ribeira grande das Armadas, por não haver então Veador da fazenda; porque Vicencio de Bune, que servira aquelle cargo por ordem de Mathias de Albuquerque, se tinha ido pera o Reyno o Janeiro passado de noventa e sete, por saber que vinha o Conde Almirante, que não quiz prover aquelle cargo, porque dizia que o queria servir, e assim foi correndo com elle; mas tanto que se mudou pera a ribeira, o encarregou a D. Francisco de Noronha pera o servir, em quanto durasse aquella occasião das Ar-

mandadas; e a seu irmão D. Luiz da Gama: encomendou os armazens da artilheria, e munições; e a D. Antonio de Lima, que estava despachado com a Capitania de Ormuz, os armazens dos mantimentos com Provisões pera todos os Officiaes da fazenda lhe obedecerem como a sua pessoa, e pera por seus escritos rasos darem tudo o que fosse necessario pera aquella Armada.

E logo entrou na eleição do Capitão Mór della, que foi Lourenço de Brito, por ser Fidalgo velho, de muita experiencia, e que tinha servido muitos annos na India de Capitão, e Capitão Mór das Armadas, e havia já sido Capitão de Cofala; e pelo tirarem antes de acabar o tempo, o proveo ElRey de outros tres annos, e homem que muitos tinham pera si estar na primeira successão da governança da India. Este Fidalgo começou a correr com o aprestamento de sua Armada; e o Conde Viso-Rey não descaçou até a pôr na barra, e pagou aos soldados a tres quartéis, e ajuntou marinheiros pera todas as vasilhas com pagas avantajadas; e tanta pressa se deo a tudo, que logo poz toda a Armada na barra, que eram os dous Galeões que dissemos, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro Antonio Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, que foi

Capitão de Chaul. As Galés eram duas, de que hia por Capitão de huma D. Luiz de Noronha, filho do Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, e irmão de D. Fernando de Noronha Conde de Linhares, que foi Veador da fazenda, que tinha vindo do Reyno o anno de 95. e levava Provisão de Almirante da Armada; e da outra D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. A outra Galé pera perfazer o numero das tres, havia de tomar em Malaca, de que o anno passado tinha ido por Capitão Ruy Dias de Aguiar Coutinho. As fustas eram nove, de que foram por Capitães D. Francisco Henriques, que hoje está servindo a Capitania de Malaca; Estevão Teixeira de Macedo, que hoje he Capitão da Fortaleza de Moçambique; Affonso Telles de Menezes, filho de Francisco da Silva de Menezes; Nicollão Pereira de Miranda, filho de Henrique Henriques de Miranda, Camareiro Mór que foi do Cardeal D. Henrique, em quanto Cardeal; e depois de Rey foi Escribeiro Mór, Luiz Lopes de Sousa: Jeronymo Botelho, despachado com a Capitania de Malaca, morreu em companhia do Viso-Rey D. Martim Affonso de Castro; Jorge de Lima Parreto, D. Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, João de Seixas.

Esta Armada partio da barra de Goa pera Sunda a vinte e quatro de Setembro. Neste tempo chegou á barra a náó N. Senhora de Guadalupe, em que o Conde Almirante tinha vindo, que invernou em Bombaim, que logo se começou a negociar pera Mathias de Albuquerque se ir nella pera o Reyno.

E aos vinte e seis de Setembro chegou a Armada, que tinha partido de Lisboa, de que vinha por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, neto do outro D. Affonso de Noronha, irmão do Marquez de Villa Real, que foi Viso-Rey da India, que ao presente está por Capitão em Tangere, que não trouxe mais que tres náos. A Castello, em que elle vinha, e S. João, de que era Capitão Jorge da Silveira, e S. Martinho, em que veio Christovão de Siqueira. Trouxeram estas náos boas novas da saude de ElRey, e do Principe, que o Conde festejou bem.

E porque os soldados que vieram do Reyno começaram de andar desagazalhados, e padecer necessidades, lhes ordenou o Conde Viso-Rey mezas até se embarcarem nas Armadas (que este he hum dos maiores servicios de Deos, e de ElRey que se pode fazer) no que alguns Viso-Reys foram tão descuidados, e não sei se

diga deshumanos, que com verem andar os pobres homens despídos, e pedindo esmola, não se compadeceram delles. E assim morreram muitos ao desamparo com grande escandalo dos Mouros, e Gencios, por cujas portas andavam pedindo esmola. Deixemos esta materia, que he de grande escandalo, e em que não vejo emenda, e tornemos ao Conde Almirante, que despedio logo o cabedal das naos a Chocim pera terem preparada a carga pera tres, em que entrava a em que havia de ir Mathias de Albuquerque, porque a de D. Affonso havia de carregar em Goa, donde havia de partir, e pera ella se mandou fazer pimenta ás Fortalezas do Canará, que he a melhor de todas as que ha na India.

E porque (como algumas vezes tenho dito) não faltam na India mechedores, e espartadores de odios entre os Viso-Reys que acabam, e os que entram de novo, o mesmo aconteceu a estes, que vieram a quebrar; e a principal occasião das quebras foi escrever ElRey á Camara da Cidade de Goa, que elle tinha mandado ao Conde Almirante que desse satisfação pública aos agravos que Mathias de Albuquerque fizera a Antonio Giralte. E primeiro que o Conde Viso-Rey executasse o que lhe ElRey mandava, teve com elle

satisfação pelo Padre Fr. Jeronymo do Espirito Santo, Custodio Commissario Geral da Ordem de S. Francisco, e depois pelo Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes. E ultimamente communicou na Ralação aos Desembargadores a ordem de El Rey, e assentáram que o Licenciado Ruy Machado Barbosa, Ouvidor geral do Civel, fizesse a execução; e porque Mathias de Albuquerque mandou dizer ao Viso-Rey ser-lhe aquelle homem suspeito, sem esperar o recusasse na forma da Lei, nomeou o Conde Viso-Rey o Licenciado Diogo Caiado Rijo, a quem deo ordem, que não fizesse execução em nenhuma das cousas que estivessem das portas a dentro de Mathias de Albuquerque, que era o mór respeito que se lhe podia guardar.

Feita esta diligencia, tratou o Conde da Armada, que havia de mandar ao Malabar, em que hia por Capitão Mór D. Luiz da Gama seu irmão; e da do Norte pera quem escolheo pera Capitão Mór Luiz da Silva, irmão do Regedor Diogo da Silva, que estava despachado com a Capitania de Malaca; e porque faltavam navios de remo, por Lourenço de Brito haver de levar os que se preparavam, quando foi quinze de Setembro, despedio D. Rafael de Noronha por Capitão mór de dez navios pera ir ás

Fortalezas do Norte buscar os novos que lá tinha mandado fazer no inverno ; e os Capitães que o acompanharam , foram : D. Manoel da Silveira , filho natural de D. Martinho da Silveira , Capitão que foi de Dio ; D. Alvaro de Taide , filho de D. João de Taide ; D. Luiz Lobo , D. Francisco de Soto Maior , Antonio Furtado de Mendoça , Ruy de Sousa de Larcão , e Lourenço de Aguiar , e outros a que não achei os nomes. E em quanto estes navios foram buscar os mais , ficou o Conde apercebendo as Galés que seu irmão havia de levar , que eram quatro , e em nomear Capitães , de que sempre fez muito boa eleição , e em despachar hum Galeão para Ceilão , de que foi por Capitão Ruy da Costa Travaços com soldados , munições , e dinheiro para aquella conquista. E despachou também Gonfalo de Tavares para ir entrar na Capitania de Dio , por acabar seu tempo Sebastião de Sousa que nella estava ; e a vinte e quatro de Setembro fez á véla toda a Armada de Lourenço de Brito , de quem adiante trataremos.

As náos Holandezas , de que Nuno da Cunha avisou ao Conde , tanto que fizeram aguada em Tirangone , deram véla , e vieram haver vista da costa da India de Goa para baixo , e foram correndo o Malavar até

até o cabo Comorim , aonde encontráram algumas náos de mercadores , que tinham partido de Goa pera Bengala a carregar de arroz , que tomáram , e escorchiáram , levando-lhe muito dinheiro que hia nellas pera a carga : huma dellas me lembra que era de Diogo Catella , casado em Goa , que depois largáram com os mais Portuguezes , e ainda os provêram de algumas cousas , e dalli se fizeram na volta de Malaea , a cuja costa chegáram como adiante se verá.

C A P I T U L O VIII.

Como Gonfalo de Tavares Capitão de Dio mandou Simão de Abreu com dous navios á costa de Cache : e do encontro que teve com oito Paraos de Malavares , onde os nossos foram mortos , e desbaratados : e das mais cousas em que o Conde Almirante proveo.

TAnto que Gonfalo de Tavares tomou posse da Capitania de Dio , logo em Outubro despedio duas Fustas , muito bem negociadas , de que foi por Capitão *meo* Simão de Abreu de Mello , pera ir dando guarda a alguns navios de mercadores , que hiam pera a costa de Jaquete por causa dos Sanganes , que por alli andavam a roubar.

Este Capitão, depois de deixar os mercados em portos seguros, deixou-se andar por aquella paragem ás prezas, e nella encontrou com oito Paraos de Malavares, que hiam esperar as náos que haviam de vir de Ormuz, e os navios do Sinde, que naquelle tempo costumam a vir pera as náos do Reyno carregados de roupas muito finas. Tanto que os Malavares houveram vista dos nossos navios, logo os foram commetter quatro a cada hum, e os investiram dous por cada bordo; e posto que acharam em os nossos mui grande resistencia, entráram-nos todavia, e dentro nos navios tiveram humia muito aspera batalha, que durou muitas horas, em que os Portuguezes fizeram em defensão de suas vidas cousas muito grandes, e mui notaveis cavallarias, principalmente o Simão de Abreu, que era hum valeroso soldado. Mas como o numero era tão desigual, assim da gente, como o dos navios, foram todos os nossos mortos de muitas, e grandes feridas: não se ficáram os Malavares louvando, e gloriando da victória, porque lhes matáram mais de 150. Mouros, e quasi todos os mais sicáram muito feridos, e maltratados.

Estas novas chegaram logo a Dio, e em poucos dias a Goa, porque esta he a na-

natureza das más, correrem com muita pressa; e dando-se ao Conde, que as sentio bem, despedio logo D. Alvaro de Menezes por Capitão Mór de sete navios, dos que estavam mais a ponto pera a Armada do Malavar com regimento que dêsse huma volta ao Norte, e trabalhasse muito por haver falla daquelles costarios, e os fosse buscar onde quer que estivessem. E logo dali a poucos dias despedio o Capitão Mór da costa do Malavar, pera que fosse esperar estes navios aos Ilhéos de Santa Maria, donde costumam ir demandar, porque estava certo, tendo aviso dos navios de D. Alvaro de Menezes, voltarem logo pera o Malavar, e irem demandar aquella paragem, onde não podiam escapar. Esta Armada se fez á véla em treze de Novembro com as quatro Galés, de que, a fora o Capitão Mór, eram Capitães D. Diogo Coutinho, que levava Provisão de Capitão Mór do cabo de Comorim, D. Vasco da Gama, filho de D. Francisco de Portugal, e Diogo de Mello, filho de Francisco de Mello, d'aleunha o Roncador, filho de Tristão de Mello, irmão do Abbade de Pombal.

Nestas Galés hiam muitos Fidalgos por soldados, e dos que nos lembram são os seguintes. Na Galé do Capitão Mór, D. Balthazar, D. Manoel, e D. Antonio de

Castro, todos irmãos; D. Duarte Anriques, e D. Lopo seu irmão, Antonio Sobrinho de Azevedo, Miguel, Gaspar, e Gomes Freire irmãos, D. Jorge de Castro, Gaspar Tibao, Sebastião de Brito Falcão, Christovão Rabello, Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Tristão, e Luiz Fernandes de Taide irmãos, filhos de Nuno Fernandes de Taide, Manoel de Oliveira de Azevedo, Ruy Mendes de Vasconcellos, Domingos de Castilho, Cavalleiro da Ordem de Christo, Trajano Rodrigues, Antonio Botelho de Azevedo, Francisco Soárez, Gonçalo Vas de Castello-Branco, Basilio Taveira, D. Diogo Pereira, D. Manoel Mascarenhas, D. Lopo de Almeida, Luiz de Antas Lobo, Diogo Botelho, Alvaro Teixeira Lobo, Pero Peixoto da Silva, Francisco Homem, e outros muitos Fidalgos, que não viviam com ElRey, e muitos Cavalleiros, e soldados muito honrados: na Galé de D. Diogo Coutinho, D. Bernardo de Noronha, e D. Manoel de Noronha seu irmão, D. Alvaro da Costa, D. Constantino de Menezes, Simão de Mello, Luiz Freire de Andrade, Francisco de Sousa, Manoel Coutinho Pereira, André da Silva, Luiz da Gama, Gonçalo de Macedo, Sebastião Correa da Cunha, Martim da Cunha de Sá, Ruy Brandão, e Fernão Bran-

Brandão irmãos, Gonfalo Falcão, filho de Aires Falcão, D. Gaspar de Noronha, D. Jorge de Noronha, e Lourenço de Carvalho: estes tres me não lembra com quem hiam embarcados, nem de outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros principaes, que hiam espalhados por todos os navios, de maneira que hiam nesta Armada todos os appellidos do Reyno, e a mais lustrosa soldadesca da India.

Os navios de remo eram trinta e tres, cujos Capitães eram os seguintes. D. Manoel da Silveira, D. Alvaro de Taide, Simão Ranjel de Castello-Branco, D. Rafael de Noronha, D. Luiz Lobo, filho de D. Diogo Lobo, D. Francisco de Soto Maior, Antonio Furtado de Mendoca, Lourenço de Aguiar Coutinho, Manoel de Bendinha, D. Pedro Mascarenhas, filho natural de D. Francisco Mascarenhas o Palha, que foi Capitão de Ormuz, D. Alvaro de Menezes, Jorge da Cunha, D. Lourenço da Cunha, Fernão Ortis de Tavora, Martin Gomes de Carvalho, Diogo de Miranda, filho de Manoel de Miranda, que foi Capitão de Dio, Francisco de Mendoga, D. Christovão de Noronha Villa Verde, D. Philippe de Sousa, Vasco Gomes de Melo, Christovão de Brito, D. Pedro de Noronha, Manoel de Barbuda, Antonio de

Miranda, Duarte Brandão de Lima, Manoel de Sousa, e outros a que não achei os nomes: nella Armada foram mais de mil homens.

Poucos dias depois despedio o Conde Almirante a Luiz da Silva Capitão Mór do Norte com dez navios, os melhor pertrechados, e da melhor soldadesca que se víram ha muitos annos naquella costa, de que eram Capitães D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. João de Menezes, Paulo Machado de Azevedo, Ruy Pereira, Ruy de Soula de Larcão, Manoel de Cabedo, Gonsalo de Caldas, e Pero de Bendanha, e outros a que não soube o nome.

Depois destas Armadas partidas, chegou a Goa huma Zavra, que vinha de Ormuz sem trazer dinheiro, que o Conde esperava nella; mas trouxe novas de ser falecido Antonio de Azevedo, Capitão daquelle Fortaleza. Pelo que o Conde despachou logo D. Antonio de Lima para ir entrar nella; e nesta Zavra vieram cartas do Rey por terra, em que dizia ao Conde, que se Antonio Giralte fosse ido para o Reyno, ou fosse falecido, fizesse Veador da fazenda hum Fidalgo de idade, e experiencia, em que coubesse bem a serventia daquelle cargo, que foi a razão por que

que o Conde fez Garcia de Mello, por concorrerem nelle as partes necessarias.

Os Paraos que tomaram os navios de Simão de Abreu de Mello fizeram por aquella costa mais algumas prezas, e o mais grosso, e importante dellas metteram em hum dos navios, e despediram-no pera o Malavar; e indo demandar a terra na paragem de Barcelor, encontraram hums navios de mercadores Portuguezes, que vinham de Cochim, e por cabeça delles hum Alvaro Rodrigues Negrão; e vendo o Parao, endireitaram com elle, e investiram-no, e tomaram-no com todo o recheio que trazia, porque os Mouros que vinham nelle se lançaram todos ao mar, e não trataram de mais, que de salvarem as vidas. E com este navio por poppa entraram os nossos em Goa, que o Conde estimou muito, por se os Mouros não ficarem ignorando daquellas prezas.

Tanto que o Conde acabou de escrever pera o Reyno, despedito as vias de cartas e papéis, e despachos pera Cochim, e não provendo nas mais cousas, que lhe parecêram necessarias, principalmente nas que pertenciam ao accrescentamento da fazenda Real, porque achou nella algumas despesas, e gastos superfluos, e desnecessarios, e entre ellas mandou suspender os Almor-

xarifes da artilheria , e munições que havia em todas as Fortalezas , por lhe parecerem desnecessarios , e que comiam os ordenados debalde , e passou Provisões para os Feitores das Fortalezas servirem tambem aquelles cargos , e terem cuidado daquellas cousas , que eram fazenda de ElRey , e por isso lhes accrescentou mais quinze mil reis de ordenado ; porque a fazenda de ElRey para crescer ha de andar por poucas mãos , e quanto menos forem os Officiaes , tanto ella irá em mór crescimento. E esta he a razão que ElRey teve para mandar muitas vezes , que não houvesse nas Fortalezas Vecedores da fazenda , nem Provedores della , porque sempre são mais os gastos , e despesas que nellas fazem , que os proveitos que resultão de os haver : isto não quizeram os Viso-Reys nunca guardar por cousas que callo. E porque tambem o Conde foi informado , que as obras da fortificação da Cidade de Baçaim corriam muito devagar , estando applicado para ellas dinheiro bastante , quiz prover nisso com muita pressa , para o que fez Superintendente dellas a hum Fidalgo chamado Aires da Silva de Mello , que então era Vereador naquella Cidade , por ser pessoa de muita diligencia , e confiança , e deo-lhe poderes sobre os Officiaes , com que os muros daquella Cidade foram crescendo a olho.

CAPITULO IX.

Do que succedeo á Armada do Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Çamorim, de que arifou ao Conde: e do que sobre isso assentou em Conselho: e de como a uão, em que Mathias de Albuquerque havia de ir, se queimou na barra de Cochim.

PArtido D. Luiz da Gama de Goa com toda sua Armada junta, foi visitando as Fortalezas do Canará, e provendo-as de todo o necessario; e chegando a Cananor, tratou com aquelle Rey algumas cousas importantes ao Estado, sobre o que achou alguns inconvenientes a lhe conceder quatro cartazes pera Meca, em que ElRey insistio muito, e lhe deo os mais que lhe pediu pera seus pagueis, respondendo a ElRey, que daria conta ao Conde Viso-Rey sobre o negocio dos cartazes, e que o que elle ordenasse, e assentasse, isso se faria: e nos cartazes que lhe concedeo dos pagueis achou tambem difficuldades nos moradores daquela Fortaleza; e passando por ellas, lhos concedeo por arrecear, que ficando os Mouros descontentes, se passassem muitos delles ao Canhale, e o ajudassem na guer-

guerra contra o Camorim, e o Estado, porque esperava dos bons intentos com que o Camorim estava, segundo o informaram, de se effectuar aquella empreza com muita honra. E dalli avisou ao Viso-Rey de tudo o que tinha feito, e passou a Calcut, onde surgio, e mandou tratar sobre a guerra, que se havia de fazer ao Cunhale até derribar aquella Fortaleza, como estava obrigado pelos contratos das Pazes, que D. Alvaro de Abranches o verão passado fizera com elle; e assim lhe mandou pedir que entregasse todos os navios de coffeiros que houvesse em seus portos, ou os inhabilitasse pera poderem sahir a roubar, e todas as mais cousas, a que não tinha dado execução, como estava obrigado, e tinha jurado nas Pazes.

A isto respondeo o Camorim, que elle não podia effectuar o negocio de Cunhale sem o Viso-Rey lhe dar trinta mil patações pera as despezas daquella guerra, sem embargo de lhe não estarem promettidos no contrato, e que lhe mandasse algumas Companhias de Portuguezes pera o assalto daquella Fortaleza, porque os Naires não sabiam daquelle mister, e que daria a isso todos os refens, e seguranças que lhe pedissem, e que se obrigava a dar pera o Estado ametade de tudo o que se tomasse

na escala da Fortaleza, assim de thesouros, como de artilheria, navios, e mais cousas, affirmando que tudo o que pedia lhes promettera D. Alvaro de Abranches de palavra.

Vendo o Capitão Mór que o Çamorim innovava muitas cousas fóra das que estavam nos contratos, entendeu que tudo eram dilacões do Çamorim pera o entreter, por que estava já arrependido do que promettera; e não concluindo em cousa alguma, escreveu ao Conde Viso-Rey tudo o que era passado, e o que imaginava daquelle negocio, pera que o avisasse do que devia fazer.

Com estas cartas ajuntou o Conde Conselho, e nelle as mandou ler, e de palavra lhes propoz outras cousas, como se em caso que fosse necessario fazer guerra ao Çamorim por quebrantador dos contratos, se seria licito fazer-se tambem a Çanador por razão do Estado, por se não proverem o Çamorim, e Cunhale por seus rios, como sempre costumáram. Sobre isto pediu a todos votassem livremente o que fosse mais serviço de ElRey; e debatido entre todos aquelle negocio, asentáram de commuin parecer, que quanto ao dinheiro que o Çamorim pedia, não havia pera que tratar disso, ainda que com elle se contprasse a paz, se ella não havia de redun-
dar

dar na destruição de Cunhale, que era o que se pertendia, do que todos duvidavam havello o Camorim de fazer pelo muito que interessava nas prezas, que os costeiros que faziam dos portos de Cunhale faziam em todo o mar. Que pois o Camorim faltava com o que promettêra, se lhe fizelle a guerra com lhe tomar as barras, e lhe defender os mantimentos, e se lhe fizelles todos os mais danos que pudessem, aproveitando-se o Capitão Mór de todas as occasiões que o tempo lhe offerecesse; e que antes que se declarassem, mandasse recolher os Padres da Companhia que estavam em Calecut, e o Feitor, e Christãos que houvesse; e que os Portuguezes cativos, que lá estavam em Cunhale, se resgatassem, e dessem em sua recompensão hum Cutimua, que estava em nosso poder: e que com Cananor se dissimulasse, posto que o Capitão Mór soubesse que secreticiamente lançava fóra Paraos de seus portos a roubar, mas que se lhe limitassem os cartazes pera os Pagueis de feição, que não pudessem metter em seus portos mantimentos, que os que piedosamente lhes bastasse pera não proverem o Cunhale delles; e que quanto aos soldados que o Camorim pedia pera o assalto da Fortaleza de Cunhale, se lhe não haviam de conceder, ainda que só com isso se contentasse,

por-

porque não era licito arriscarem-se entre inimigos, que nunca guardavam palavra, nem verdade, e aonde tanto se haviam de temer, e arrecear dos que fossem ajudar, como dos que fossem commetter; porque ainda que o Çamorim prometteffe a segurança que dizia, sempre se havia de recear a pouca fé que tem os Mouros baixos, pelo odio antigo, em que se creáram contra o nome Christão, porque havia muitos exemplos de grandes trações, que sempre usára com os nossos: e que os refens que podia dar, que eram tres, e quatro Naires, por muito honrados que fossem, não valião tanto, como o fomenos Portuguez que alli se arriscasse. Esta resolução mandou o Conde ao Capitão Mór, e o avisou muito largamente do que devia fazer, porque elle esperava por horas, e entretendo-se por aquella costa, e vendo o que se assentára em Conselho, escreveu em segredo a Belchior Ferreira Feitor de Calecut, pera que o mais ineubertamente que pudesse se recolhesse com os Padres da Companhia, que lá estavam, a Chale, onde elle ficava espalhando a Armada: o que elle logo fez, e levou consigo os Padres Jorge de Castro, e o Padre Antonino, e o Padre Francisco da Costa; e tanto que os lá teve, alevantou a guerra ao Çamorim;

rim, e lhe queimou alguns Pagueis, e avisou aos Capitães de Cananor, Mangalor, e Barcelor, pera que fizessem o mesmo aos que lá houvesse, ou fossem ter áquellas Fortalezas. Feito isto, tomou o Capitão Mór os portos, donde podiam sahir, e entrar Paraos, e lhes defendeo com isso o Commercio, e Navegação, porque se não provessem de mantimentos, com que os poz em muita necessidade delles.

Quasi neste mesmo tempo succedeo na barra de Cochim o mór delastre que se vio, que foi este. Estando a náó, em que havia de ir Mathias de Albuquerque com toda a carga, e fazenda dentro, e prestes pera se partir dalli a dous dias, ou tres, quiz a desventura, que estando huma barcaça a bordo della com huma grande caldeira de breo breando algumas portinholas por poppa, que ventasse o vento Noroeste rijo, com que o fogo em que a caldeira estava alevantasse huma grande labareda que deo no breu, de que logo sahiram medonhas chaminas, que pegaram na náó pelo leme, e varanda, e della subio ás obras mortas de cima, e em muito breve espaço foi romando tanta posse da náó, que sem se lhe poder pôr remedio ardeo toda, com tão espantoso terremoto, e temeroso espectáculo, que pasmáram todos os que o viram.

Per-

Perda muito notavel , porque se consumio nella mais de milhao e meio de ouro , e a gente se salvou em algumas embarcações que havia , ainda que não toda , porque alguma pereceo , que tinha já cumprido o termo da vida. Acudio a isto toda a Cidade ; e Mathias de Alhoquerque , que tinha nella toda sua fazenda , tirados alguns escritorios maneiros com seus brincos , e papeis , que tinha ainda consigo em terra , vendo aquelle incendio tão supito , e que alli se lhe consumira quanta fazenda tinha adquirido na India em seis annos que a governou , alevantou as mãos aos Ceos , e disse aquellas palavras de Job : *Vós o destes , e vós o levastes : sejais , Senhor , tornado pera sempre* , entendendo que fora aquillo castigo de seus peccados. E assim mostrou nesta desaventura grande animo , dizendo a todos os com que fallava nesta materia , que não sentia tanto a sua perda , como a de ElRey , e a dos homens , havendo que ainda aquillo fora grande misericordia de Deos succeder em terra , porque se fora no mar , tudo se acabára.

Não deixarei aqui de contar huma coisa , que me aconteceu com o mesmo Mathias de Alhoquerque , admiravel , e qual profecia desta perdição : e o caso foi este. Estando eu hum dia com elle pouco antes que

que o Conde viesse, tinha humas cartas na mão, que áquella hora lhe vieram da Corte do Mogor, que lhe escreveu o Padre Jeronymo Xavier da Companhia de Jesus, homem tudo por muito virtuoso, e que se lhe parecia com o Padre Francisco Xavier seu tio, que por sua santidade lhe podemos em certo modo chamar Apóstolo da India; e abrindo huma carta deste Padre, que elle já tinha lido, me mostrou tres, ou quatro regras, que estavam no cabo della, que diziam assim, ou outras palavras semelhantes: « Parece-me que esta minha carta tomará já a V. Senhoria encontrado, e negociado pera se ir pera o Reyno, e he razão que vá já descansar de seus trabalhos: se tal he, lembro-vos, Senhor, que os Viso-Reys da India não tem outro Presidente, que lhes tome suas residencias, senão o Cabo de Boa Esperança, por isso trabalhe V. Senhoria muito por ir tão leve, e descarregado, que não tenha que fazer com elle. » Justo juizo de Deos, grande mercê, e misericordia sua permittir elle tomar-lhe a residencia no porto de Cochim, e não na guardar pera o Cabo de Boa Esperança, porque fora residencia muito aspera, e rigorosa pera todos, em que foram fazendas, vidas, e não sei se as almas de alguns, porque lhe quiz guardar

dar estas pera outra hora melhor , como teriam.

Em fim vendo-se Mathias de Albuquerque castigado de Deos daquelle maneira, escolheo a não S. Martinho , de que era Capitão Christovão de Siqueira , pera se embarcar nella , e em muito poucos dias se apercebeo de matalotagem , e de tudo o necessario abastadamente , que a Cidade, os Fidalgos , e moradores o proveram de muita roupa , gallinhas , carnes , e bilcoutho , conservas , e outras cousas , com que foi tão bem provido , como dantes estava , e assim se fez á vèla a dezefete do mez de Janeiro deste anno de noventa e oito , em que com o favor Divino entramos , e com ambas as nãos chegou a Lisboa ao principio de Agosto. D. Affonso de Noronha , Capitão Mór das nãos , carregou em Goa , e deo-lhe o Conde muito bom avianento , e fez-lhe muitas mercês em nome de El Rey , e partio de Goa dia de S. Thomás , e chegou ao Reyno com Mathias de Albuquerque , porque se juntáram em Santa Elena. Neste anno mandei a El Rey pelo mesmo D. Affonso a minha quarta Decada da Historia da India , que logo se imprimio ; e assim fui mandando pelos annos adiante outras Decadas , que El Rey nosso Senhor faz mercê a todos os Por-

tuguezes de mandar imprimir , já que as mandou fazer.

C A P I T U L O X.

Do que succedeo á Armada do Norte : e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou , e desbaratou : e do que mais succedeo á Armada do Malavar até se recolher.

PArtido Luiz da Silva pera a costa do Norte nos dez navios que dissemos, mas taes que valiam vinte, porque levava cada hum trinta, e trinta e cinco soldados dos escolhidos da India, e o mesmo era nos marinheiros, sem levarem mocos, caixões, nem canastras, senão só quatro camizas, e muitas armas, e os navios tão lestes, ligeiros, e despejados, que por baixo dos bancos, em cima dos bizas dormiam os soldados embrulhados em suas capas, e com as canizas á cabeceira, porque o Capitão que quer tomar Paraos, assim ha de andar; e os que vam cheios de caixões, rapazes, e negros, não querem encontrallos, nem pelejar com elles, ainda que os encontrem, porque não pertendem mais que tirarem certidões, que foram por Capitães de navios, pera requererem serviços

de

de Capitães. E já não querem acceitar feitorias, nem escrivaninhas, que antigamente se davam a outros mais bem nascidos, e de mais merecimentos, senão Fortalezas. E vieram a dar quasi todos uas de Mombaca, e Mascate, ainda que saibam não entrar nunca, porque fazem conta que são os casados da India tão nescios, que como elles chegarem do Reyno com estes despachos, logo lhes darão em casamento com suas filhas oito e dez mil pardaos, que se gastão em dous annos em cavallos, e pargens, e tornão a ficar como na primeira innocencia, em que entraram na India. É certo que me aconteceu vir na Armada passada hum homem despachado com a Fortaleza de Mombaca, e mostrar-me a lista da casa da India dos despachados diante d'elle, e tinha triuta e tantos homens, que vinha a ser mais de cem annos. Do que me espantei, e lhe perguntei, que determinava de viver pera entrar em seu despacho, sendo elle de perto de quarenta annos? Ao que me respondeo, que não faltaria hum nescio, que lhe dêsse sua filha com dez, ou doze mil pardaos, e que entre tanto comeria, e que como elle morresse, morresse com elle tudo. E como já no Reyno sabem como estes despachos estão entulhados, dá-lhe pouco de lhe darem

rem tudo o que pedem , porque em fim nada lhe dam , que bem nada he o que se não espera de lograr. Mas por irem entre-tendo os homens , e se não largar o serviço de ElRey , satisfazemo-nos com lhe darem o que pedem.

E tornando ao fio da historia , e aos navios de Luiz da Silva , além de elle ser Fidalgo curioso , e desejoso de ganhar honra , tambem o Conde Almirante , que a não queria perder em seu tempo , tanto que estas Armadas se punham na barra , he hia elle em pessoa com os Officiaes da Matricula fazer os alardos , e corria todos os navios , e os fazia despejar de tudo o que levavam , que lhe podia fazer impedimento. Luiz da Silva foi correndo a costa , levando cinco navios ao mar , e outros tantos á terra , quasi á vista huns dos outros , pera assim lhe não poder escapar cousa alguma , porque hia desobrigado de dar guarda a Casillas , cousa de grande pezo pera quem quizer buscar Paraos. E nesta ordem chegou a Chaul , onde não quiz entrar , por se lhe não desmandarem os soldados , cousa muito prejudicial ás Armadas , e em que muitos Capitães daquela costa tiveram pouco resguardo ; porque de viciosos , e por se mostrarem , tomáram todas aquellas Fortalezas , em que se dei-

veram muitos dias, e nellas lhe ficáram muitos soldados, e não sei se folgáram com isso por pouparem os mantimentos.

Este Capitão não no fez assim, mas de fóra mandava buscar os provimentos que havia de mister, a que os Capitães mandavam só seus compradores a isso; e passando por Chaul, achou por novas que era passada huma grande esquadra de navios Malavares pera Dio, e sem se deter foi em seu seguimento; e chegando áquella Fortaleza, soube serem passados pera a costa de Pér, e Mangalór a esperar as náos, que naquelle tempo haviam de vir de Ormuz: e sem detença alguma foi logo após elles; e chegando á Ilha dos Sanguanes: soube que eram os costeiros havia muito pouco partidos dalli, o que Luiz da Silva sentio muito.

É porque aquella Ilha foi sempre huma ladroeira, e colheita de ladrões, e costeiros, determinou de castigar os da terra, pera o que desembarcou, e fez nella huma grande destruição, assim nos moradores, como em suas fazendas, mettendo o que achou vivo á espada, e a fogo, queimando-lhe todas as embarcações que achou no porto, e sem se deter alli mais, voltou pera a costa do Norte; e em Chaul, porque o navio em que hia era hum pouco pezado, largou-o,

gou-o, e passou-se a outro mais pequeno, mas muito ligeiro, onde fez embarcar trinta soldados dos seus os mais escolhidos, que não levaram consigo mais que só as suas armas, e o esquipou de marinheiros todos ^{Vogas} mui forcosos, e bem dispostos, que faziam voar o navio; e passando pela costa abaixo tanto avante, como o rio de Chaporá, que são duas leguas de Goa, houve huma madrugada vista de quatro Paraos, tendo elle consigo só outros quatro, porque os mais da sua Armada andavam apartados, e com estes que tinha foi após os dos inimigos, que logo alcançou pela ligeireza dos seus navios; e o Capitão Mór, que foi o dianteiro, investio hum, e da pancada que deo, o virou logo, e arremettendo com outro, poz-lhe a proa, e lançou-se dentro com os seus soldados, e em breve espaço o rendeo á espada. Ruy de Sousa de Larcão, Capitão do outro navio, investio outro Parao, a que se lançou, e á espada o rendeo com morte de muitos Mouros, e os mais se salváram a nado, como o fizeram tambem os dos dous que Luiz da Silva rendeo. Pero de Bendanha encontreou com hum navio dos castellos, que lhe foi fugindo, porque o medo que levava lhe deo azas á fugida, e em breve espaço o perdeo de vista, porque foi ali-
 jan-

jando todo o fato ao mar, e ainda os mesmos Mouros se lançaram a elle por se liaverem por perdidos, e a nado se salvaram em terra.

Luiz da Silva tomou os tres Paraos a toa, porque tornou a defalagar o primeiro que virou com a pancada, e foi-se pôr na boca do rio de Banda, e mandou dizer ao Tanadar que lhe mandasse entregar todos os Malavares que se tinham salvado em terra, conforme ao contrato das Pazes, porque se não havia de alevantar dalli sem elles. E por tal modo correu com este negocio, que obrigou ao Tanadar a mandar busca pelas aldeas, e ainda se ajuntaram perto de duzentos Mouros, que lhe trouxeram atados, e assim os entregou Luiz da Silva, que logo mandou espertar pelas barrigas em Arequeiras altas na boca daquella barra, e aos mais fez outro tanto pela costa assina ao longo das povoações, enchendo aquella ribeira daquelles corpos; porque se por alli passassem os cofsaíros, vissem seus companheiros daquella maneira, pera que soubessem que o mesmo se lhes havia de fazer a elles, se os tomassem. E pela liberdade do Tanadar de Banda lhe deu Luiz da Silva huma peça de veludo cramezim, e outras de tafetá, e duas fermosas espadas; e os caícos dos navios mandou

pera Goa, porque alguma cousa tinham que os soldados as tomáram.

Feito isto, tornou Luiz da Silva pela costa assima, por lhe darem por novas se-rem passados outros paraos pera a enseada de Cambaya; e nesta volta lhe deo hum vento Sul mui grande, que lhe espallhou toda a Armada, que se recolheo aos portos, que cada hum dos navios pode tomar. Só o Capitão Mór foi correndo com aquelle tempo até Dabul; e ao outro dia que abo-nançou, houve vista de huma Galeota de Malavares que hia engolfada; e dando a véla, a foi demandar, e trabalhou tudo o que pode por lhe tomar o balravento, como fez, por ser o seu navio muito ligei-ro; e disse aos soldados, que todos offe-recessem aquella Galeota a N. Senhora, que ella lha metteria nas mãos; e deixando-se cahir sobre ella, sendo já perto, lhe deram huma boa furriada de arcabuzaria; e indo pera a investirem, lhe lançou hum sol-dado, que hia de proa, huma panella de pelvora, que hum Mouro com muita def-treza tomou no ar, e a tornou artemassar sobre os nossos, que se despedacou nos hancos do navio dos nossos, e a labareda que fez, queimou Luiz da Silva, e dous soldados, hum chamado Foão de Que-dros, e o outro Simão Pereira de Sousa.

E posto que os mares eram muito grandes, não deixou Luiz da Silva de investir a Galeota, a que se lançou logo com huma espada, e rodella, e os seus soldados com elle, que em breve espaço a renderam com morte de muitos Mouros, que pelearão como desesperados: tanto, que hum soldado Botelho d'Alcunha, tendo dado quatro estocadas a hum Mouro, que de todas o passou pelos peitos, assim traspasado, e espetado na espada, se liou com o soldado, e o levou ao chão, e com huma faca lhe deu sete facadas, quatro na cabeça, tres nos braços, partes que levava desarmadas, e todavia o Mouro ficou alli morto, e dos nossos alguns feridos.

Alcançada esta victoria, tomou Luiz da Silva a Galeota á toa; e chegando ao porto de Chaul, a mandou de cimola a N. Senhora, e logo voltou em busca da sua Armada, que o mesmo dia encontrou; e divididos os navios em duas esquadras, tornaram pela costa abaixo até Tambona, e tanto avante houve a esquadra de Luiz da Silva vista de huma formosa Galeota de trequete, que hia ao mar, que logo foi deinandar com os seus navios; e como o do Capitão Mór era mais ligeiro, chegou primeiro a ella, e commetteo-a com huma boa surriada de arcabuzaria; e querendo-

lhe

lhe pôr a proa, vio-a tão alterosa, que
 lhe não pareceo possível abordalla sem gran-
 de damno seu, e dos seus soldados; e
 sem disso tinha em si mais de duzentos
 homens de peleja, e o Capitão della era
 hum valente Mouro sobrinho do Cunhale,
 que sahio do seu rio por Capitão Mór da
 quella esquadra de navios que andavam
 fóra, de que Luiz da Silva lhe tinha toma-
 do os navios havia pouco. Este vendo os
 nossos navios, deo-lhe pouco delles, e des-
 parou tres, ou quatro peças de colher,
 que eram camelletes, e outros falcões;
 mas quiz Deos que todas sobrelevassem,
 e não fizeram damno aos nossos. Luiz da
 Silva foi-se por poppa mettendo debaixo
 da Galeota, donde o foi varejando com a
 espingardaria, e ella respondendo-lhe com
 a sua sempre á véla, arribando pera a terra
 com a viração. Os nossos desejaram de a
 desparelhar, e tiráram-lhe tantas vezes á
 relinga da véla, até que lha costáram, e
 ficou empandinada. Neste tempo chegou o
 navio de Paulo Machado, e assim á véla
 como hia, poz a proa na Galeota, e foi
 tão grande a pancada que lhe deo, que
 se virou o nosso navio, e os soldados ficá-
 ram pelo mar apegados aos bancos, e tão-
 toos que acháram, em que dali a dous
 dias foram a terra perigando alguns. Luiz

da Silva nunca largou a Galeota, por cuja poppa foi sempre mataado gente, e os seus navios ao redor até chegarem a terra, e assim á vela vararam, e logo se lançaram a ella os Mouros, ficando a Galeota nas mãos dos nossos com todo o recheio que levava, que era muito, porque as prezas que os outros navios fizeram, foram despejar nella o mais substancial, por ser rainha, que remava vinte e cinco bancos. Tirada a Galeota pera fóra, foi Luiz da Silva delatagar o navio de Paulo Machado, que se tinha alagado da pancada que deo, quando abalroou o do inimigo, que levou por poppa. Dos Mouros morreram mais de cento, e dos nossos não houve mais de sete feridos, Pero Rodrigues Boitelho de huma lanchada pela barba, e outros, a que não soubermos os nomes, de espingardadas. Com este feito tão honrado se recolheu Luiz da Silva a Goa, que foi em Abril.

Fica-nos por dar conta da Armada do Malavar, de que era Capitão Mór D. Luiz da Gama, que depois de por ordem do Conde Viso-Rey levantar guerra ao Camerim, e lhe fazer todo o damno que pôde pela costa, recolheu todas as embarcações da China, Malaca, e Bengala que vinham pera Goa, e se veio com sua Armada, e avisou diante ao Conde Viso-Rey do dia que

que chegaria á barra de Goa. No mesmo
foi o Conde Viso-Rey á barra na sua Ga-
le, e levou dezoito navios de chatins bem
esquipados, e providos de mantimentos, e
munições pera hum mez, e nelles fez en-
barcar doze Capitães de navios da Ar-
mada com seus soldados; e nomeou por
Capitão Mór. destes navios D. Alvaro de
Menezes, que despedio logo, e lhe deu
por regimento que fosse correr a costa do
Malavar, e fizesse no mar todo o damno
que pudesse, sem desembarcar em terra, o
que foi de grande effeito; porque como
os moradores daquelle costa víram passar
a Armada na volta de Goa, por ser já
fim de Abril, pareceo-lhes que estavam
seguros de haver outra Armada, e que po-
deriam ir ao Canará buscar mantimentos
pera passarem o inverno: e foi isto occa-
são de D. Alvaro de Menezes, com os
navios de sua companhia, tomar muitas
embarcações pequenas, e seis paraos de
esporão, e humna Galeota, e matou, e
cativou mais de trezentos Mouros sem
perda alguma; e voltando a Goa em
doze de Maio, da aguada avisou o Viso-
Rey, que lhe mandou ordem pera entrar
o dia seguinte, que era dia da Trinda-
de, na maré da tarde, pera ajudar a feste-
jar a entrada do Embaixador do Xá,
de

de que daremos razão no Capitulo seguinte.

C A P I T U L O XI.

*De como o Conde Viso-Rey recebeu hum
Embaixador que o Xá lhe mandou, e
apparato com que foi recebido.*

NO anno de 85. se embarcou em Cochim pera Portugal hum Embaixador do ElRey da Persia em companhia do Padre Fr. Simão de Moraes, Religioso da Ordem do Glorioso Padre Santo Agostinho, de tanta virtude, e partes, como temos dito na nossa decima Decada, quando elle passou á Persia, onde procedeo com tão geral satisfação, que em quanto durar a sua memoria entre aquelles infieis, serão respeitados os Religiosos de sua Ordem, como o são. Por se haver perdido a nau, em que vinha este Embaixador, entrou grande desconfiança ElRey da Persia por não ter experiencia das cousas do mar, e ficou suspeitando que os Portuguezes mataram: e com esta inaginação não firia bem ao que se lhe propunha por nossa parte.

E desejando ElRey nosso Senhor sallo na verdade, e persuadillo a fazer guerra

na ao Grão Turco, deo ordem ao Conde Viso-Rey que procurasse dissuadillo desta imaginação, e obrigarlo a que mandasse outro Embaixador a Hespanha. Em conformidade desta ordem despachou o Conde Viso-Rey de Moçambique Miguel de Macedo a Ormuz com cartas pera El Rey da Persia, e escreveu ao Capitão daquella Fortaleza despachasse com ellas hum homem de importancia, que persuadisse a El Rey da Persia a lhe mandar hum Embaixador pera tratar com elle cousas de muita importancia. Teve isto tão bom successo, que o Embaixador veio, e chegou a Goa em seis de Maio d'elle anno de 98. O Conde Viso-Rey o mandou agazalhar em humas casas boas no bairro de S. Pedro; e como descansou, lhe limitou dia pera ir a elle: foi em huma Galé bem acompanhada; e indo pelo rio affina, entrou D. Alvaro de Menezes com os dezoito navios de sua Armada, e trazia nas vergas delles enforcados mais de duzentos Mouros, que havia tomado de preza, e com ordem que assim como os navios fossem passando pela Galé, cortassem as cordas com que vinham enforcados, pera que assim vissem os Persas o pouco que estimavamos aquella preza, e o castigo que davamos aos piratas. Quando desembarcou no caes, se lhe dispararam

vinte peças grossas de artilheria , e alli o estavam esperando o Capitão da Cidade, que era Luiz Pereira de Lacerda, e o Capitão da guarda do Viso-Rey com duzentos alabardeiros vestidos de libré ; e o Tanardar Mór com seis mil homens da terra arcabuzeiros , e frêcheiros com todos seus instrumentos militares. E as casas do Viso-Rey estavam bem concertadas, como convinha a tal acto , e o Conde Viso-Rey mandou agazalhar o Embaixador , e lhe mandou dar o provimento necessario em abastança. O Conde Viso-Rey tratou com este Embaixador o que levava por ordem de S. Magestade ; e ElRey da Persia se persuadio a mandar a Portugal o primeiro Embaixador pela via de Moscovia , e veio a Roma , e dalli a Valhadolid , onde então estava a Corte , em Outubro de 601. e a esse tempo já se alli achou o Conde Viso-Rey , e depois que despachou com S. Magestade , se veio embarçar a Lisboa.

CAPITULO XII.

Do que aconteceu ás náos Hollandezas na derrota até Bengala : e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca.

JÁ atrás no Capitulo fetimo fica dito, que Lourenço de Brito, Capitão Mór da Armada, que o Conde Almirante Viso-Rey mandou a Malaca em busca das náos Hollandezas, partio de Goa a vinte e quatro de Setembro de 97. Chegou a Malaca a salvamento com toda a Armada, salvo a Galeota, de que era Capitão Luiz Lopes de Sousa, que com o temporal que lhe deo, arribou a Manar, onde fez naufragio; mas o Capitão com todos os soldados se embarcou em huma náo, que dalli partio para Malaca, e se metto na Armada. Estando Lourenço de Brito com esta Armada em Malaca, soube de huma náo, que partio de Cochim mais tarde, que no cabo de Camorim ficavam as duas náos Hollandezas, pelo que se ajuntáram a conselho Lourenço de Brito, Martim Affonso de Mello Coutinho, Capitão actual da Fortaleza, e Francisco da Silva de Menezes, que o havia sido com outras pessoas do

experiencia ; e por todos foi allentado , e de comunim parecer que Lourenço de Brito passasse com toda a sua Armada a Sunda , e costa da Jaoa , porque de poucos tempos aquella parte tinham os moradores della feito grande estrago nos Portuguezes , e Christãos da terra , matando-os , e tomando-lhes suas fazendas , e que poderia persuadir os Reys a não recolherem em seus portos nações estrangeiras da Europa : e que procurasse por haver dous , que entendia haverem ficado em Bale , Inglezes , em refens de voltarem áquelle porto com cabedal pera carregarem drogas , e fazer tudo o mais que entendesse que era serviço de S. Magestade.

Esta ordem se executou logo , e a Armada partio bem apercebida de todo o necessario ; e posto que o Conde Viso-Rey prevenio no regimento que deo a Lourenço de Brito , que não consentisse fazer-lhe força , nem aggravo ás embarcações que encontrasse , que navegavam pera a Sunda , e Jaoa , teve nisto tão pouco tento , que encontrando algumas de mantimento , que teve necessidade , mandou tirar dellas o que lhe pareceo sem lhos pagar. Elles foram dar rebate na Sunda , e costa da Jaoa da Armada , e disseram a força que lhe haviam feito ; com o que todos se pu-

zeram em armas. E Jorge de Lima, Capitão de huma Galeota, tomou huma Soma de Chincheos carregada de drogas, e o mesmo fizeram os Capitães das Galés a huma Soma de Chincheos carregados; e sabendo-se isto na Sunda, dissimularam até colherem em terra alguns Portuguezes, e o Peitor da Armada: e não bastou este aviso, nem ver que indo o Almirante da Armada D. Luiz de Noronha com as barquinhas das Galés, e outras embarcações fazer aguada, lhes resistiram de terra; e por terem necessidade de agua, a foram as Galés tomar mais abaixo affalladas dos Galeões, e lhes sahiram ao encontro muitas embarcações de remo, que pelejaram com ellas: e pelas Galés irem muy empachadas com as fazendas que haviam tomado de preza nas Somas dos Chincheos, não pode jogar a artilheria, e cada huma dellas não levava mais de vinte soldados, pelos mais estarem em terra, e elles tão descuidados, que com facilidade os entraram os inimigos, e mataram os tres Capitães, D. Luiz, e D. Jeronymo de Noronha, e Ruy Dias de Aguiar Courinho. O Capitão Mór Lourenço de Brito lhe não pode acudir, em quanto durou a briga, porque foi detrás de huma ponta em conjunção que enchia a maré, e ventava a viração tão

rija, que nem os Galeões, e Galeotas puderam desamarrar: e já havia dias que o Capitão Mór andava descontente dos Capitães das Galés, por lhe parecer que lhe não obedeciam com a promptidão que era necessário.

E porque nesta conjunção era monção pera Malaca, ao outro dia se fez á vêla, sem emendar, nem tomar satisfação naquelle porto, nem em outro nenhum daquelle Reyno, deste aggravo, estando muydisposta toda a costa da Jaoa pera com o poder daquella Armada fazer nella bons progressos. Chegou a Malaca a dez de Julho de noventa e oito, e esteve alli até primeiro de Janeiro, em que se embarcou pera Goa: e pudera neste tempo ir tomar os Hollandezes, em cuja busca foi, que depois de darem muitas voltas, e andarem destrocados em huma só não, por terem dado fundo á outra, se recolhêram ao porto de Quedá, que dista de Malaca sessenta leguas, aonde foi logo aviso. E não bastou requerer o Capitão da Fortaleza, e os Officiaes da Camara, que fossem a Quedá tomar aquella não, o não quiz fazer, nem outra nenhuma coisa das muitas que se lhe lembraram; e sendo o Conde Viso-Rey avisado disto, antes de chegar a Goa Lourenço de Brito, porque veio muy devagar,

antes de desembarcar lhe mandou dizer pelo Secretario, que se deixasse estar em sua casa até se descarregar de huns apontamentos que lhe mandou, tirados das cartas do Capitão, Ouvidor, Cidade de Malaca, e outras pessoas. E pera se verem os descargos, chamou o Conde Viso-Rey a Conselho, e mandou que se votasse sobre elles, porque desejou introduzir naquello Estado, que as culpas dos Capitães commettidas no exercicio da guerra, se castigassem pelo Conselho, e não pelos Desembargadores, mas por respeito particulares não quiz o Conselho vir nisso, sendo commua utilidade, e assentaram que se lixasse pelos termos ordinarios, e assim se fez; e foi condemnado pela Relação em pena de dinheiro em quantidade, que pagou antes de entrar na Fortaleza de Sotalla, de que era provido.

CAPITULO XIII.

Das cousas que neste verão succedêram na Ilha de Ceilão: e da grande vitoria que os nossos alcançaram de ElRey de Uva: e dos Capitães do tyranno de Candea D. João.

Desenganado o tyranno D. João de poder prevalecer contra os nossos pelas muitas vitorias que delle tinham alcançado, e a derradeira tinha sido o desbarate da sua gente em Corvite, como atrás dissemos, vendo que pelos presidios, e fortificações, que os nossos lhe tinham feito nas suas fronteiras das quatro Corlas, e Dinavaca, não podia por aquellas partes fazer o que tinha determinado, tomou outro modo, que foi, mandar commetter o nosso arraial, que andava nas partes de Galé, e Mature, quarenta leguas de estouras tranqueiras, e do lugar em que o General sempre residia, parecendo-lhe que pela distancia do lugar não poderia soccorrer os nossos com tanta presteza, e cabedal, como convinha, por não andar naquelle arraial grande força, e quebrada ella, ficavam os nossos com menos pera o perseguir, e elle com mais animo pera levar sua tenção avante: contra quem despedio hum Príncipe

chamado Madune Pandar, e Simão Correa alevantado, irmão de Domingos Correa Bicanarsinga, em que muitas vezes fallei, que D. Jeronymo de Azevedo tinha mandado justificar, como no Capitulo do Livro da onzena Decada fica dito. Este Simão Correa tinha tomado o titulo de Rey de Seitavaca, a quem o tyranno deo hum arrezoado exercito de gente escolhida, e dos mais praticos Modcliares de seu Reyno, e entre estes haveria mil espingardas, e mandou fazer prestes o Rey de Uva com o resto do seu poder, pera lhe ir nas costas aos favorecer.

Partido este exercito, foi-se alojar seis leguas de Mature, onde estava o nosso ar-raial, de que era Capitão Mór D. Fernando Modcliar, que hoje he Capitão da Cidade de Goa, e Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo. Os inimigos pera se fortificarem, escolhêram hum sitio muito alto, onde se aillentaram, e fortificáram á sua vontade, como quem estava em sua terra, e tinha muitos gastadores, e fabrica. E assim alevantaram em breves dias huma tranqueira de madeira com seis baluartes, e cercada ao redor, e cercada de muitos estrepes, e impedimentos, cousa muito defensavel, mais pelo sitio que pela arte, ainda que esta lhe não faltou pera tudo, por-

de dilatar o negocio, antes logo com muita determinação. commetteo os inimigos; pera o que levava já muitas pavezes, mantas, e escadas; e ao abalroar das tranqueiras, deram nos estrepes em que se embarcaram, e pararam, ficando descubertos á espingardaria dos inimigos, que nelles fizeram arrazoado emprego, cahindo alguns Lusitanos, e ferindo Portuguezes, em que entraram o Simão Pinhão, Pero de Abreu Modeliar, e outros. E todavia os nossos passaram ayante, e commetteram o forte com grande animo, encostando-lhes as escadas por onde alguns começaram a subir. E estando neste fervor, arrebentaram os da Cidadã com grande estrondo, e deram pelas costas aos nossos, que em os sentindo, deixaram o combate, e voltaram aos inimigos com grande furia, e deram nelles de reição, que com morte de muitos os fizeram recoher pera os matos, donde sahiram.

Vendo D. Fernando Modeliar o successo, e entendendo como prudente que apartando-se dalli se perderiam as terras, fortificou-se no mesmo lugar o melhor que pode, e mandou avisar o Capitão Geral de tudo, e do modo em como os inimigos ficaram. Com este recado despedio elle logo seu irmão D. Manoel de Azevedo,

com algumas companhias de soldados, que mandou vir de Scitavaca, e dos presidios das fronteiras de Dinavaca, do que logo o tyranno D. João teve aviso: e com a mesma presteza despedio o Rey de Uva com tres mil homens. pera soccorrer os seus, e com ordem que primeiro que o socorro chegasse aos nossos, trabalhasse elle por se ajuntar, e salteallos, e desbaratallos, o que lhe seria facil, por lhe ficar o caminho mais perto. E assim chegou com muita presteza, e se alojou tres leguas do nosso arraial, donde mandou avisar do forte, e aos que estavam embrenhados em cilada, que tivessem prestes pera ao outro dia darem sobre os nossos por todas as partes.

D. Manoel de Azevedo tambem se deu tanta pressa, que chegou quasi no mesmo tempo: a noite que chegou o Rey de Uva, envio o Modeliar D. Fernando muitas espingardadas; e parecendo-lhe o que era, despedio huma espia de recado, pera que fosse tomar falla do que achasse, que brevemente tornou, e disse ser o Rey de Uva, que ficava alojado pouco mais de legua; e dando conta de tudo a Salvador Percira, e aos outros Capitães, foram todos de parecer que aquella mesma noite o fossem commetter em seu alojamento

pri-

primeiro que se fosse ajuntar com os mais. E logo despedio Simão Pinhão, e D. Henrique Modeliar com todos os Lascarins da terra; e tanta pressa se derão, que no quarto d'alva deram sobre os inimigos; e os commetteram com grande determinação, e esforço; e como os tomaram des-cuidados, fizeram nelles grandes estragos; e não sabendo o que era, estiveram pera se desbaratar de todo; mas tornando sobre si, levaram as mãos ás armas, e começaram a menear com grande animo, com que os nossos Lascarins estiveram postos quasi em desbarato, senão fora o esforço de Simão Pinhão, que era mui temido dos Chingalas, que fez este dia tantas maravilhas, que poz o Rey de Uva em desbarato de todo, e lhe foi seguindo o alcance por grande espaço, em que lhe mataram muitos, e tomaram muitas armas, e despojos.

Com esta vitoria se recolhêram os nossos ao arraial, o que deo tanto animo aos mais, que logo foram commetter os da tranqueira, levando alguns cavalleiros de madeira, que pera isso tinham fabricado, pera de liuma com a espingardaria os combaterem, como fizeram tão determinadamente, e com tanto damno seu, que os puzeram em desesperação, por verem que

os nossos não tratavam de os commetter por assalto, senão derrubalios poucos, e poucos com sua arcabuzaria até que os tomassem ás mãos; e vendo-se tão apertados, determináram de fugir huma noite com todo o risco, e assim no primeiro quarto sahiram da tranqueira com suas armas nas mãos, e como homens desesperados commetteram os nossos pera ver se os podiam romper; e passar por entre elles, que não estavam tão descuidados, que logo os não sentissem; e tomando-os em jneio, fizeram nelles tamanho estrago, e destruição, que não escapáram mais que os dous Principes aleyantados, que na revolta se tresmalhiaram, e com a escuridão da noite se foram embrenhando. Morreu aqui a flor da gente de Candea, e os principaes Modeliares, e que mais guerra faziam aos nossos que todos. Ficaram no forte todas as armas, e despojos dos inimigos, que foram muitos.

Neste feito se acharam Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo, D. Manoel de Azevedo, Simão Pinhão, Antonio da Silva de Affonseca, João Teixeira de Meirelles, João Serrão da Cunha, Philippe de Oliveira, Simão Rabello, Gregorio da Costa de Sousa, hum Foão Pereira, Pero de Abreu Modeliar, D. Henrique Modeliar, e outros muitos que me não vieram

ndicia, e D. Fernando Modeliar por Capitão Mór, que todos fizeram grandes cavallarias. Succedeo isto no mez de Outubro passado de noventa e sete.

CAPITULO XIV.

De outra grande victoria que os nossos alcançaram em Gestão.

A Leaçadas estas victorias deste tyranno, mandou D. Jeronymo de Azevedo recolher o arraial ao forte de Batugedere, nas fronteiras de Dinavaca, de que foi por cabeça Salvador Pereira, e com elle Simão Pinhão, pera por aquellas partes fazerem toda a guerra que pudessem ao tyranno, assim nas sete, como nas quatro Corias, por onde o inimigo tambem tratou de fazer guerra por divertir o Capitão Gerat da que lhe os nossos faziam pelas partes de Mature, onde ficou gente bastante pera isso, havendo que as partes por onde o Gerat mandava fazer esta guerra estavam fracas, e com pouco poder. E deo-lhe animo pera isso huma victoria, que alcançou da gente da terra da nossa parte, o que foi causa de se rebellarem alguns vassallos daquellas partes de Scitavaca, e Cota, e estas terras que assim se rebellaram,

ram, tratou o tyranno de sustentar, e defender, pera o que mandou fazer hum forte nos confins das quatro Corlas, em que poz muita, e boa guarnição de soldados, e Modeliarses. Tanto que o Geral teve esse aviso, mandou que toda a gente que trazia por aquellas partes se ajuntasse, e se fortificasse no lugar de Atanagale, em que estava por Capitão Francisco Rimentel, por ser lugar forte, e accommodado pera combater os inimigos, e pera fazerem tornar á obediencia as terras rebelladas. Este forte foi fazer Simão Pinhão. Isto sentio o tyranno muito, e mandou que se proseguisse naquella guerra com muito calor: pera ella se ajuntou todo o poder no forte de Atanagale, donde os nossos fizeram alguns assaltos nas terras dos inimigos, em que mataram, e cativaram muitos, com o que parte das terras rebelladas tornaram á obediencia, e o tyranno se foi retirando, e os nossos passando adiante mais huma jornada por se avizinharem a elle, porque desejavam muito de o encontrar.

Vendo-se o tyranno não perseguido, mandou fazer hum bom forte em cima de huma serra pegado á nossa gente, e dentro nas nossas terras, assim pera sustentar as que estavam á sua obediencia, como pera poder segurar melhor as suas, e o outro for-

forte , que tinha nos confins das quatro Corlas , que era o em que elles mais escoravam que todos. Sabendo os nossos do forte que se fazia pegado a elles em cima da serra , o assaltáram primeiro que se acabasse , e o entráram com tanta determinação , e esforço , que com mortes de muitos dos inimigos o ganháram , e arrazaram de todo ; e porque os que estavam na tranqueira das quatro Corlas não se queriam retirar de todo das nossas terras , antes estavam confiados em as senhorearem dalli por algumas fortificações , que estavam feitas por elles nos passos , onde os nossos os podiam commetter , mandou o Geral que se passasse lá o arraial ; e em algumas escaramuças que lá tiveram com os inimigos , os desbaratáram , e puzeram em fugida , e lhes ganháram todas as fortificações , com o que largáram as terras , e se recolheram aos limites de Seitavaca , e os nossos fizeram notáveis cruezas nos moradores das Aldeas , que se rebeláram pera exemplo das outras.

Sabido isto pelo tyranno , temendo que os nossos lhes fossem commetter o seu forte , e as suas tranqueiras , quillo divertiu d'isso : pera o que mandou a maior parte do seu poder aos dous Principes das Corlas ; pera que elles com os outros alevantados

fossem commetter as nossas tranqueiras pela banda de Chilao na fralda do mar pera chamar lá os nossos, e com isso segurar as terras que desejava. Disto teve o Geral logo recado, e avisou de tudo ao do arraial, pera que estivessem prestes, e de sobreaviso, pera que fossem dar nos inimigos de supito, ou commettessem entrar-lhes por suas terras pera os obrigar a desistirem daquelle pensamento; e porque a paragem em que elles tinham o seu arraial era longe dos nossos, no caminho havia grandes impedimentos de rios, e alagadiços, os não poderiam tomar sem serem sentidos, pelo que pareceo melhor entrar-lhes por suas terras, e commetter-lhes a propria Cidade, cabeça das sete Corlas, onde os principaes levantados residião, que áquelle tempo andavam fora com todo o seu poder, fazendo guerra ás nossas terras, porque tinham naquella Cidade suas riquezas, mulheres, e filhos. E assim foram marchando apressadamente, sem descansar de dia, nem de noite, pelejando com os inimigos, que estavam em guarda de alguns passos; e chegando á Cidade que hiam buscar, posto que a acháram fortificada de tranqueiras, e cavas, commetteram-na com tanta determinação, que a entráram com morte de hum Modeliar, que

que alli ficou por Capitão, e de muita gente, e a Cidade foi logo mettida a fogo; e abrazada com todo o seu recheio, que era muito, por se não embarçarem os nossos com o sacco.

Feito isto, tornáram-se os nossos a recolher com muito boa ordem; e desviados do caminho por onde os Principes podiam ir soccorrer a sua Cidade; e ainda pelos que se recolhêram, não deixavam de ter grande trabalho, porque todo hum dia passáram pelejando com guarnições, que os inimigos tinham em diferentes passos, que sempre deixáram escalavrados.

Sabido este negocio pelos Principes, que estavam fazendo a guerra dentro nas nossas terras, deixaram tudo, e acudiram-lá: e nesta jornada lhes sahiram os nossos, e deram-lhes nas guarnições que deixáram em suas tranqueiras, e com morte de huns, e fugida de outros os lançaram fóra das terras, e ainda entráram pelas dos inimigos, onde fizeram muitos damnos, e recolhêram muitos despojos. Succedeo isto desde Novembro passado até fim de Abril deste anno, em que andamos de noventa e oito: o tyranno D. João furtio estas couzas muito em extremo, porque além da reputação que perdia com os Chingallas, ficava menos temido dos nossos, que lhe

tinham mortos os seus principaes Capitães e Modeliarés, de que os mais andavam tão affombrados, que já proseguiam naquella guerra lentamente, e contra suas vontades, que eram novas armas, com que os nossos ficáram pelejando com elles.

E porque se temeo o tyranno, que com o soccorro que veio da India, lhe ganhassem os nossos o forte, que tinham nos confins das quatro Corlas, em que consistia toda sua força, e segurança daquellas comarcas, determinou de acudir em pessoa áquelle negocio, assim pera prover melhor aquelle forte, como pera com sua presença dar calor áquelle guerra, e provocar, e animar aquelles povos, que estavam á nossa obediencia, a se rebelar, e passarem a elle, pera quebrantari os nossos, e divertir o Geral de lhe mandar fazer a guerra, que lhe fazia dentro em sua casa, e pera tambem livrar os seus dos males, de que andavam ameaçados com a affor-teza, e vitorias que os nossos cada dia alcançavam: o que lhe não succedeo, como elle cuidava, porque trazia o Geral sobre elle tantas espias, que não dava passo, nem praticava cousa, de que logo não fosse avisado: ao que acudia com a presteza necessária, porque nella estiveram sempre as vitorias que alcançou; e pera o tyranno enei.

effituar o que pertendia, se foi pera Can-
 da, e ordenou dous exercitos: hum de
 mil soldados escolhidos, que despedio pe-
 ra as partes de Putalão, pera ajuntar toda
 a gente daquella comarca, e se irem con-
 tra Chilão pelas fraldas do mar; e outro
 de tres mil homens, que mandou que se
 fossem fortificar na nossa fronteira das sete
 Cortas: e assim o fizeram nas fraldas de
 huma Serra, com desenho, que mandando
 o Geral commetter qualquer destes, assal-
 tarem os nossos pelas espaldas, com que
 haviam teriam vitoria certa delles.

Sendo o Geral avisado de tudo, refor-
 mou o arraial com mandar acudir a elle
 toda a soldadesca da terra, que seriam per-
 to de dous mil e duzentos soldados Portu-
 guezes, de que era cabeça Salvador Perci-
 ra, e da gente da terra o Pinhão, e Fran-
 cisco de Brito: e mandou que se fossem
 fortificar em hum lugar chamado Tranquei-
 ra Alanhia, onde fizeram huma forte tran-
 queira de madeira com seus revêzes, gua-
 ritas, e cavas, por ficar alli no meio des-
 tes dous exercitos dos inimigos em igual
 distancia de hum, e do outro, pera com
 isso entrear os inimigos, e lhes fazer per-
 der o orgulho, e as esperanças que tinham
 de prevalecerem contra nós, porque assim
 se não podiam socorrer huns aos outros,
 com

com o que as forças lhes ficavam divididas; e depois de bem fortificados; sahiram os nossos muito ufanos, deixando a tranquera bem provida, e com grande brío foram commetter o arraial da banda da sete Corlas, em que deram no quarto d'alva não de sobrelalto, que os tomaram sem terem ainda acabado o forte que faziam, que era nas raizes de huma serrã, de que tinham cortados os matos ao redor, não deixando mais entrada para o forte; que a de dous boqueiros, que também tinham fortificados com fortes tranqueziras, e nellas dous mil homens; e o resto do exercito tinha em cima da serrã com ordem, que sendo commettidos os nossos, lhe sahísem por huma alharga, e lhe dessem nas espaldas.

Tanto que os nossos chegaram aos boqueiros, logo commettêram os inimigos com grande determinação; mas elles carregaram sua munição, com que derrubaram alguns Lascarins dos nossos, e os mais se foram retirando; ao que acudiram os Portuguezes, e se passaram á dianteira, e commettêram os inimigos com tanto esforço; que a pezar da grão resistencia nellés acharam; os entraram com muita gente sua; e estando cubraçade;

nesta vitoria, Ihes sahio ò levantado Simão Correa, que era o que estava em sinã da terra, e deo nos nossos pelas costas; mas como todos andavam com a mão folgada, viráram a elle com huma furia espantosa, e depois de durar a batalha grande espaço, puzeram os inimigos em desbarato, e fugida, e no alcance foram matando muitos, e com tamanha mercê de Deus se recolhêram carregados de armas, sem Ihes custar mais que dous Portuguezes, e alguns Lascarins da terra.

Alcançada esta vitoria, despedio Salvador Pereira da Silva, que era o Capitão Mór desta jornada, mil espingardeiros da gente da terra com alguns Portuguezes pera irem dar no arraial de Putalão, antes que tivesse o aviso do desbarato de estouro; e chegando ao forte, que alli tinham feito, o commettêram com grandissima determinação; porque além do furor com que andavam, leváram armas de vantagem, porque dobráram a espingardaria com a que tomáram na vitoria passada, e com a mesma facilidade entráram o forte com morte de muitos dos inimigos, em que entráram quinhentos Bagdás, gente da outra costa, homens de feito, que tinham ido de soccorro ao tyranno. O que causou tamanho medo nos mais, que tinham pas-

fado áquella Ilha, e nos outros, quando lhes lá foi a nova da má hospedagem que os nossos lhes fizeram, que não quizeram mais provar ventura debaixo da bandeira do tyranno: com esta vitoria se tornáram os nossos a recolher ao seu forte.

Chegadas estas novas ao arraial que o tyranno tinha nas quarto Corlas, temendo-se que fossem logo saltados dos nossos, largáram tudo, e se recolheram a Candea, porque parece que foram avisados das intelligencias que o Geral trazia com aquelles povos, pera se tornarem a redimir á obediencia, de que se tinham rebelado por industria do tyranno D. João, sobre o que já tinham vindo algumas pessoas principaes a tratar este negocio com o Geral, que se effeitvou, e os despedio em companhia de todo o exercito (por saber já das vitorias que os nossos alcançaram) pera irem dar naquelle forte, que elles já tinham despejado, onde não houve que rebiscar dos soldados, e todo o desfizeram, no que tiveram assas de trabalho, por ser força grande, e de muita fabrica. Com estas vitorias ficou o inimigo mui derrubado, e os nossos com a mão folgada. Acreditaram-se nestes successos Philippe de Oliveira, João Serião da Cunha, Gaspar de Azevedo, Francisco de Macedo, Francis.

co Gomes Leitão , filho do outro do mes-
mo nome , Antonio da Costa Monteiro , e
outros Capitães de companhias , e estancias.

CAPITULO XV.

*De como os Vereadores de Goa puzeram
na Camara della o retrato do Conde Al-
mirante D. Vasco da Gama , que descu-
briu a India : e da Oração que fiz
aquelle dia em seu louvor a rogo da
Cidade.*

PARECENDO aos Vereadores da Cidade de
Goa que se devia naquella Camara lu-
gar ao Conde da Vidigueira D. Vasco da
Gama , que descobriu a India , pois nella
tinham os retratos de outros varões famo-
sos , e benemeritos áquella Cidade , e a
toda a India , como o do grande Affonso
de Albuquerque , que ganhou a mesma Ci-
dade , a de Malaca , e Ormuz ; e a do va-
leroso Capitão , Governador , e Viso-Rey
D. João de Castro por Libertador da India ,
e a do insigne Capitão , e Viso-Rey D.
Luiz de Távila , Conde da Touguia , que
governou duas vezes a India por defensor
da mesma Cidade , e de todo este Estado :
vendo que não merecia menos que todos
o valeroso Capitão , e Viso-Rey D. Vasco
da

da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India, e por ser o primeiro descobridor della, cousa tão admiravel ao mundo, e que seu bisneto o Conde D. Francisco da Gama os começava a governar com tanta satisfação de todos, quizeram-lhe fazer este serviço, e favor. Pera o que o mandaram retratar pelo que já estava na casa dos Viso-Reys, e Governadores, que era feito muito ao natural; e porque a casa da Camara era pequena e tinha humia parede de frontal nas coizas da meza, em que os Vereadores se assentavam, a mandaram derribar, e estenderam a casa muito, ficando mui formosa, e muito mais depois que a ennobreceram com outras casas que acrescentaram, com rucheos, e portal, como era razão tiverem a Camara de humia Cidade tão famosa no mundo, e cabeça de todo este Imperio Oriental, tão rica, prospera, ennobrecida com todos os appellidos illustres de Portugal, e das mais gerações de Cavalleiros, que sempre estavam com as armas prestes, e os cofres abertos pera tudo se empregar no serviço do seu Rey, em que se ^{podia} igualar com todas as do mundo.

E tendo tudo prestes, e preparado, mandaram os Vereadores cometter ^{que} zesse celebrar aquella Auto. com humia ^{Grac}ção

fô em louvor do mesmo D. Vasco da Gama; porque queriam festejar aquelle dia com toda a solemnidade devida; o que eu acceitei, por ver que pediam justiça, e que tudo aquillo se devia áquelle valeroso Capitão. E preparando tudo com o mór apparatus que podia ser, se ajuntaram todos os Vereadores, e Cidadãos na Camara dia de Natal deste anno de noventa e sete, e mandáram recado ao Conde D. Francisco, pera que se fosse achar presente áquelle Auto, a que elle logo veio acompanhado de todos os Capitães, e Fidalgos: e entre elles, e os Cidadãos houve muitos colares de ouro, medalhas, plumas, pontas de rica pedraria, trajos custosos, e galantes, formosos cavallos, e muito ricamente ajazados. O Conde se assentou na Camara em hum cadeira de veludo á mão direita dos Vereadores a hum ilharga da meza, e os Cidadãos, Fidalgos, e Cavalleiros em escabellos cubertos de ricas alcatisas, estando o retrato do Conde D. Vasco da Gama em hum painel, feito a oleo, do seu tamanho, muito bem retratado ao natural, com suas molduras douradas, com columnas pelas ilhargas tambem douradas, posto em cima de hum hofete encostado á parede, onde o haviam de pôr, e alevantar; e posto tudo em silencio, alevantei-me do lugar em que

estava na meza , e no banco do Escrivão da Camara defronte do Conde , e em voz alta , e intelligivel , que se ouvisse por toda a casa , que era grande , fiz a Oração seguinte.

O R A Ç Ã O.

» **A** Couza de que se mais prezavam
 » daquellas famosas Republicas Grega,
 » e Romana, Illustrissimo Senhor, e Visor-
 » Rey nosso, era de satisfazerem grandes
 » merecimentos com publicos, e geraes
 » galardões, dando a leus Famosos, titu-
 » los, e sobrenomes grandiosos, e alevan-
 » tados, a hum de Asiatico, a outro de
 » Mermidano, outro de Africano, ouero
 » de Pai da Patria; em fim, outros muitos
 » conformes aos feitos que commettêram,
 » e acabiram: e não paravam aqui, mas
 » ainda lhes alevantáram estatuas em es-
 » Senados, e lugares mais publicos de ro-
 » dos, pera com isto incitarem aos mais
 » a obrarem cousas dignas de semelhantes
 » galardões. Assim esta Republica de Goa,
 » não menos ordenada que todas as do
 » mundo, querendo imitallas em cousa tão
 » justa, tratou de remunerar, e em parte
 » satisfazer os grandes, e muito notaveis
 » merecimentos deste valeroso Capitão D.
 » Vasco da Gama, primeiro Conde da Vindi-
 » guer-

» gueira , e Almirante do mar da India
 » vosso Bisavô , pondo os olhos nos gran-
 » des , e inuito proveitosos serviços que
 » fez á Coroa de Portugal , e ao inuito
 » que este Estado lhe deve , por ser o pri-
 » meiro que nelle arvorou o real pendão
 » da Milicia de nosso Senhor Jesu Christo ,
 » debaixo de cuja sombra vemos hoje re-
 » colhida huma innumeravel copia , e mul-
 » tidão de Gentilidade: e o que por meio
 » de seu invencivel animo rompeo as diffi-
 » culdades que tantas centenas de annos
 » estavam na memoria dos homens postas
 » a esta navegação : havendo hums que o
 » mar não podia ser navegado ; outros,
 » que por baixo da Equinoccial corriam
 » rios de fogo ; outros, que quem passasse
 » o Cabo , não poderia tornar ao nosso
 » Portugal , e que por lá acabaria , e se
 » consumiria : em fim , outros faziam ou-
 » tros medos , e carrancas tamanhas , que
 » faziam recuar os homens , e não ousar a
 » commetter esta tão difficultosa , e teme-
 » rosa navegação ; pois todos elles teve este
 » nosso Capitão em tão pouco , que passan-
 » do por todos , foi navegando por tão
 » varios , e apartados climas , que até en-
 » tão não tinham chegado á noticia dos
 » homens , vencendo nesta jornada não só
 » os furiosos ventos , e arrebatadas , e sú-

» pitas tempestades, e as medonhas, e car-
 » regadas ondas desse Oceano, mas ainda
 » os feros, e indomitos focas, e monstros
 » marinhos, de que o mar está cheio,
 » abrindo por meio de todos novos, e
 » usados caminhos, pera que todos pudesse-
 » mos vir buscar as riquezas deste Orient-
 » te, com que não só o nosso Reino de
 » Portugal, mas ainda todos os da Europa
 » tanto se engrandeceram. E se hum caso
 » tão espantoso como este acontecêra em
 » tempo daquelles antigos poetas, com
 » muita mais razão puderam collocar entre
 » os signos, e planetas a famosa não S. Ra-
 » fael, em que este insigne Capitão nos
 » descobriu tantas maravilhas, do que o fi-
 » zeram aquella famosa Argos de Jasio,
 » de que tantas cousas fabuláram. E se
 » aquelle Americo Vesputio, que descobriu
 » essas Indias Occidentaes, que se tem
 » pela quarta parte do mundo, ficou nella
 » tão famoso, que tomou d'elle o nome de
 » America; com quanta mais razão esta
 » parte da Asia, que este nosso insigne
 » Capitão nos descobriu, se pudiera chamar
 » a *Gama*, conservando tão illustre appel-
 » lido a memoria do mór feito que se
 » fez, nem fará, em quanto o mundo du-
 » rar; mas foi tal o descuido desta Cidade,
 » que ha tantos annos lhe tinha negado o
 » que

» que tanto merecia : o que não succedeo
 » em Portugal , onde se conserva sua me-
 » moria na amplissima geração que delle
 » procedeo , e na illustrissima Casa da Vi-
 » gueilleira , de que Vossa Senhoria he di-
 » gnissimo herdeiro , que tem lançado de
 » si varões tão famosos , que bem pudera
 » este Estado andar sempre em suas mãos
 » muito seguramente.

» E querendo agora estes Padres Conf-
 » criptos remediar o descuido passado ,
 » vendo que entre estes Illustres varões lhe
 » era a elle com razão devido o primeiro
 » lugar , ordenaram de lho dar , não só
 » neste Senado , mas ainda levantarem-lhe
 » estatua na principal porta desta Cidade ,
 » pera que todos os que por ella entrarem
 » se lembrem do muito que todos lhe de-
 » vemos. E ainda que este auto se não fa-
 » ça com as solemnidades que se devem a
 » tão valeroso Capitão , todavia he com
 » tanto gosto , e alvoroço de todos elles
 » Cidadãos , que não ha entre elles algum,
 » que não delcxe de ser o author de serviço
 » tão devido como este. E certo , que se ei-
 » te insigne Capitão pudera fallar pela boca
 » desse retrato que o representa , vendo o
 » descuido que até agora houve nesta Ci-
 » dade , pudera com muita razão dizer
 » aquillo do grande Catão , quando en-
 » tran-

» trando em o Senado, não vendo entre
 » tantas estatuas alguma sua, disse que
 » antes queria que perguntassem porque
 » não tinha alli Citação estatua, que não
 » porque puzeram alli estatua a Citação. Mas
 » porque este descuido não passe mais
 » avante, levante-se logo com grande ar-
 » voroço de todos esse dignissimo retrato
 » no mais alto lugar desse capitolio, por-
 » que menor mal he que seja esta Cidade
 » culpada de descuido, que de ingratidão.
 » E por este serviço, e por todos os mais
 » que estes Cidadãos vassallos de sua Ma-
 » gestade pretendem de lhe fazer, assim a
 » elle, como a Vossa Senhoria, lhe pedem
 » todos ponha os olhos no amor, e alvo-
 » roço com que festejamos este Auto; por-
 » que assim lembrando-lhe as obrigações
 » em que fica a esta Cidade, a queira hon-
 » rar com lhe guardar seus foros, privile-
 » gios, e liberdades, e com isso remun-
 » rar, e em parte satisfazer os serviços dos
 » Cavalleiros Cidadãos, que morreram em
 » serviço do seu Rey, remediando-lhe, e
 » despachando-lhe suas filhas pobres, e or-
 » fans, pera que assim vejamos todos
 » não foi este nosso serviço feito em
 » e permittirá o Senhor por meio
 » obra tão santa dar a Vossa Senhoria
 » tas, e tão insignes vitorias, que por ella
 » me-

» mereça ser collocado á ilharga de seu
 » dignissimo Bisavô; e que me haja eu por
 » muito ditoso caber-me a sorte de escre-
 » ver a historia da India, que me he en-
 » commendada por sua Magestade, pera
 » que pelas grandezas que de Vossa Se-
 » nhoria espero escrever, venha a ser tão
 » conhecido, e celebrado no mundo, co-
 » mo foi Homero por escrever de Achi-
 » les. »

Acabada a falla, alevantou-se logo o retrato no lugar que lhe estava ordenado, que foi á mão direita, entrando na casa diante do de Afonso de Albuquerque, no que se não bolio, porque puzeram este do Conde Almirante na parede que se accrescentou: o que se fez ao som de muitos instrumentos. Posto em seu lugar, primeiro que se alevantassem da meza, apresentarão os Vereadores ao Conde Almirante algumas petições de orfãos pobres, filhas de Cavalleiros honrados, em que lhe pediam alguns cargos pera seus calamentos, que elle despachou com muito gosto, e dalli se recolherão pera os aposentos dos Vião-Reys, e lhe correrão ás carreiras no terceiro do passo com muito regozijo. E porque este Auto fosse de mór gosto, e mais celebrado, por não ser tudo temporal, fez o Conde outro espirital nas inclinas Oita-

vas , que foi fazer Christão o Principe de Pemba , e lhe poz nome D. Philippe da Gama , e ainda depois o casou com humã mulher Portugueza , que tinha vindo do Reino no numero das orfans , a quem do- tou honestamente.

Este retrato do Conde D. Vasco da Gama , que assim se poz naquelle lugar con tanto alvoroço da Cidade , foi depois mudado não sei por cuja ordem ; porque os parentes de Afonso de Albuquerque allegavam que o primeiro lugar daquella Camara lhes pertencia por Conquistador daquella Cidade ; e porque se não fizesse agravo a algum , passaram estes Capitães ambos pera a fronteira da casa a de Afonso de Albuquerque á mão direita , donde se assentão os Vereadores , e a do Conde Almirante á esquerda ; e na parede em que estavam ficárão os retratos dos dous famosos varões D. João de Castro , e D. Luiz de Tâide defronte hum do outro , o que se fez em tempo do Viso-Rey Aires de Saldanha.

CAPITULO XVI.

De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, pelezáram com as náos que hião daquella Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.

E Stando ainda a armada de Lourenço de Brito na Sunda, não sabendo em Malaca das náos Hollandezas, que andavam já por aquella costa, preparou-se a frota, que havia de ir pera a India, que era esta: a não de Miguel da Cunha, em que hia embarcado Francisco da Silva de Menezes, que acabára de ser Capitão daquella Fortaleza, que hia por Capitão Mór de todas aquellas náos: a não da viagem da China, de que era Capitão Ruy Mendes de Figueiredo, e huma não de Luiz de Mendoga, de que era Capitão hum seu cunhado: outra não do mesmo Francisco da Silva de Menezes, que vinha da China, de que era Capitão Fernão de Almeida: dous juncos, e hum galeoto pequeno. E estando todas estas náos para darem a véla dia de Reys, o dia dantes se fez João Gomes Fayo á véla, sem esperar pela mais frota, que ao outro dia se desamarrou; e quando foi aos nove, sendo trinta leguas de

de Malaca na altura das ilhas de Pulupar celar, houve João Gomes Fayo, que lhi diante, vista das duas náos Hollandezas, que logo conheceo, pelo que voltou para trás, e houve vista da outra frota, e pediu hum balão a Francisco da Silva de Menezes com recado em que o avisava que eram as náos dos Hollandezes: ^{estes} tanto que víram a náo do João Gomes Fayo, foram-na demandar mui determinados.

Chegado o balão com o recado, ajuntou Francisco da Silva de Menezes na ^{fron} não todos os Capitães, e as outras, e lhes deu as novas, e lhes perguntou o que se devia fazer. Foi a nova causa de grande alvoroço em alguns, e as náos se começaram a desordenar, e requererem algumas pessoas a Francisco da Silva de Menezes que tornassem a arribar a Malaca, que tinham para lá vento que lhes servia, e que se não arriscassem a ir para a India, porque os inimigos os haviam de ir seguindo, e perseguindo por todo o caminho; e seguindo os nossos eram desordenados, ^{estes} certo irem tomando aquellas náos huma e huma. No meio desta borborinha, que era grande, não faltaram homens amigos de honra que acudiram áquillo, e que disseram a Francisco da Silva de Menezes, que não

não ló se poderia pelear com as náos, mas que com lós os batéis dellas as podiam tomar, e desbaratar: que passasse adiante, que Deos lhe daria vitoria. Com isto, e com deitarem bem suas contas, que os podiam os inimigos alcançar primeiro que chegassem a Malaca, se preparáram pera pelear com os inimigos.

Estavam as nossas náos surtas, e diante de todas a de João Gomes Fayo, que se viera recolhendo já ás bombardadas com os inimigos, que vendo a nossa frota, entenderam que era toda de mercadores, em que podiam ter muito proveito, e pouco perigo: determináram-se a commettellos, como fizeram, indo muito embandeirados de bandeiras brancas, e de fonnosos estendentes, e assim á véla chegaram ás nossas náos, e lançaram ferro junto da de João Gomes Fayo, e de huma das nossas náos lhe atiráram com huma espora, que deo por huma das inimigas, que lhe fez bem de danno, com o que abatêram as bandeiras brancas, e deitáram outras de seda, como que se faziam louções pera aquella batalha: e logo começaram hum furioso jogo de bombardadas, de que a náo de João Gomes Fayo recebeu a mór parte, que também lhe respondeo com outra salva mui arrazoada, andando sempre no convéz
fa.

fazendo laborar a artilheria. Das outras náos tambem lhes respondêram mui bem, e assim se travou huma batalha mui creppa, que durou desde pôr do Sol, em que começou, até ás oito da noite. E dalli até pela manhã gastáram os nossos em preparar suas cousas, porque determináram de pelear, e abordar as náos, por estarem já com mais animo; e assim se fizeram á vez mui ordenados, e os inimigos de envolta com elles pelas ilhargas, e oito dias continuos foram desta maneira pelejando furiosamente, desviando-se os inimigos por sua ligeireza de as nossas náos os poderem abordar. Em todas as náos houve algum damno, e feridos; e na de Francisco da Silva de Menezes entrou hum pelouro pela camara, onde levava sua mulher, e filhas, e lhe matou huma, que era a mais velha, e duas escravas. Os inimigos não hiaz folgados, porque a artilheria das nossas náos os destroçou por muitas partes, e lhes abriu buracos, que lhes dêram bem de trabalho. Determináram de investir a náo de Luiz de Mendoca, que lhe ficava mais a geito, e vieram sobre ella; mas as nossas deixáram-se vir cahindo em favor sobre as dos inimigos, em quem fizeram algum não pequeno damno, fustingando-os com a artilheria, e arcabuzaria de maneira que os fizeram deter.

Neste tempo aconteceu hum desastre, que foi tomar fogo a polvora que hia no convéz da Capitania dos inimigos, que fez grandes estragos, queimando muitos, que foi causa de se retirarem quasi destrocados. João Gomes Fayo quiz avisar a Malaca daquelle negocio, e despedio hum soldado de recado, chamado Antonio Lopes de Almeida, com huma carta sua, e outra de Francisco da Silva de Menezes pera o Capitão, em que lhe davam conta de como iam, e do que até então era passado. A nossa frota deixou-se ir seu caminho até Cochim. O Capitão de Malaca, tanto que chegou o Antonio Lopes de Almeida com estas cartas, de quem soube o que era passado, despachou logo dous baldões mui ligeiros a saber das náos Hollandezas em que paragem ficavam. Estes baldões foram até Pulobotum sem achar novas delles; e por não poderem ir até Nicubar, se tornaram sem novas delles. Com o que despedio logo outra embarcação maior pera ir a ilha Polvoreira, e até Nicubar a saber delles; porque se lhes ficassem desta banda, os ir buscar com tres náos, que ainda estavam no porto bem negociadas; e despedio huma embarcação pera a Sonda, em que mandava aviso a Lourenço de Brito do que passava. A embarcação, que o Ca-
pi-

pitão mandou até Nicubar, tambem tornou sem nova alguma. Os inimigos se recolhêram ao porto de Quedá com muita gente morta, e os mais tão feridos, e desbaratados, que gastáram muito tempo em se reformarem: e pela falta de gente, que os nossos matáram, deixaram naquelle porto a não de menos porte; e na outra, que era a Capitania, embarcaram o que tinham, e sahiram-se com muita pressa, tanta, que deixáram em terra alguns feridos, porque os naturaes quizeram dar nelles por algumas sem-razões de que usáram com elles, e foram-se na volta de Bengalla; e pela passagem de Martavão na costa de Pegu se perdeu naquelle Macareo.

CAPITULO XVII.

Do que fez D. Luiz da Gama no Malabar o resto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do cabo Camorim recolheu as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde despachou para fora: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.

DEixamos atrás D. Luiz da Gama na costa do Malavar continuando na guerra contra o Camorim até Abril, que se re-

colheo a Goa, deixando providas as Fortalezas do Canará. Tanto que esta Armada chegou, vendo o Conde que a costa do Canará ficava desabrigada, e que aquelle era o tempo em que os Mouros do Cunhale se proviam de mantimentos por navios ligeiros, quiz-lhe defender isto, porque era amor guerra que lhes podia fazer. Pera o que despedio logo D. Alvaro de Menezes com dezoito navios, e regimento que andasse por aquella costa até vinte de Maio, e partio de Goa a vinte e dous de Abril. Com esta Armada foi correndo aquella costa, e tomou nella hum galeota de Malavars, e outros dous navios mais, de maneira que não se proveram os Mouros desta vez como costumavam; porque o que governar o estado, não ha de poupar a fazenda de El Rey, porque nestas cousas he ella melhor despendida, que em todas as mais; porque se se gasta em hum Armada do Malavar sessenta, ou setenta mil pardaos para somente lhe tomar os portos, e defender os mantimentos, que razão darão pera depois deixarem a costa (donde se elles depois proviam á sua vontade) sem guarda alguma, porque só por este respeito se fizeram aquellas Fortalezas naquella costa pera nella ficarem navios da Armada do Malavar, guardando-a até entrar o inver-

verno, e se recolherem a ellas: e assim se cam dous gastos baldados, o das Armadas do Malavar, e o das ordinarias daquellas Fortalezas; e tudo isto acontece de quererem poupar o que os navios (que alli era razão ficassem) haviam de gastar; e fazem alguns tão pouco caso desta obrigação, como se não montara tanto, como algumas vezes tenho dito.

Partindo D. Alvaro de Menezes, logo o Conde despedio D. Fernando de Noronha por Capitão Mór de dez navios, recear que depois do inverno entrado movesse alguma guerra contra as Fortalezas de Barcelor, Mangalor, e Cananor para as segurar, por não estarem providas como era razão estivessem, dando ordem a D. Fernando de Noronha para deixar pelas Fortalezas do Canará, e elle invener em Cananor, para dalli sair entrada de Setembro a tomar as barras a Cuahali por se não prover de mantimentos, para que pretendia proseguir na guerra contra elle até o destruir de todo, por ser quasi da porta, e que todos os annos fazia grandes roubos nos navios dos vassallos de El Rey, e enxovallava as nossas Armadas, cousa que além das perdas que dava, e reputação que tirava, enriquecia elle, e se fazia cada anno mais poderoso

damno, e affronta nossa: e pera estas cou-
 fas tão necessarias nunca este Viso-Rey
 poupon a fazenda de El Rey, porque sabia
 que com a despende assim, crecia ella,
 e a dos vassallos: e assim todo o seu tem-
 po mandou invernar nestas Fortalezas, na-
 vios, e soldados que sabiam cedo a de-
 fender os provimentos aos Mouros, como
 se verá pelo discurso desta historia. Antes
 disso despachou o Conde alguns Capitães
 pera fóra, como foram, João Pinto de
 Moraes no galeão S. João, pera ir fazer as
 viagens de Malaca com muitos provimen-
 tos, e munições pera elle, e nelle foi em-
 barcado Rey Gonçalves de Siqueira, pro-
 vido da Capitania daquella Fortaleza, por
 acabar seu tempo D. Julião de Noronha
 que nella estava.

Neste mesmo tempo despachou tambem
 o Conde a D. Paulo de Portugal pera ir
 fazer tres viagens de Japão, que comprou,
 huma aos herdeiros de seu Pai D. Francil-
 co de Portugal, e outra ao hospital de
 Goa, que El Rey lhe mandou pera se re-
 novar, e que precedesse a todas, e a ter-
 ceira a S. João de Goa: seguian-se huma
 e outra: pera o que comprou huma for-
 mosa náu, em que paruo mui hem pece-
 chado, e provido do necessario. Nestas
 náos passou o Conde Almirante huma Pro-
 conto. Tom. VLT. I vi-

visão a requerimento da Cidade, em que mandava que o Capitão Mór da China, e Japão não impedisse por alguma via, nem por si, nem por interpostas pessoas, nem os moradores da Cidade Macao, aos mercadores da India irem a Cantão fazer suas fazendas livremente: e que o Capitão Mór não pudesse pôr em conselho a ida de Cantão; porque por respeito de seus interesses, e dos moradores daquella Cidade tornavam nos ditos conselhos determinações, de que resultavam grandes danos aos rendimentos das Alfandegas pelas poucas fazendas que vinham a ellas: porque se tinha entendido que pera vir á India huma não; ou junco diante, que communmente trazia fazendas de pouco porte, se abria preço á seda, e se compravam fazendas do Larquin, o que era em grande prejuizo pera a feira do tarde, que se vai fazer a Cantão, pera quem fica sempre a mór parte do cabedal da India: pelo que defendia que não houvesse mais de huma feira da India, pera onde se partiram os mercadores d'ella em Setembro, pera que pudessem empregar seus cabedacs com menos oppressão, e a preços mais moderados pera se tornarem cedo pera a India, e chegarem em Março, como sempre antigamente chegavam: e que á dita feira, chamada da India,

ella, não pudesse ir nenhum morador da Cidade de Macao; porque como eram muito interessados na viagem do Japão, não hiam a Camão a mais que fazer seda para levarem, ou mandarem, com o que a tiravam aos mercadores da India. Por este respeito havia dous annos que tinha vindo á India muito pouca seda, porque a levavam ao Japão, no que ElRey perdia muito em seus direitos, e com isso faziam a feira muito cara aos mercadores da India; e que os de Macao fossem áquella feira em Março para fazerem as fazendas de Japão, e que a ella não iriam tambem Mercadores da India. Esta não de D. Paulo de Portugal partio na entrada de Maio; e sendo tanto avante como Patane, lhe deo hum corisco no mastro, que lho quebrou, pelo que foi necessario fazer em Cochim alguma detença em se prover de outro.

D. Fernando de Noronha, que deixámos partido de Goa para invernar em Cananor, foi seguindo sua jornada, e na costa Canara encontráram hum Parao de Malavares, que foi fugindo, e os nossos apos elle até o fazerem varar em terra, donde o tiráram com todo o seu recheio: e assim encontrou por aquelles rios muitas embarcações pequenas, que estavam carregando de arroz, que logo largáram tudo, e se

acolheram; e nas Fortalezas de Barcellos; e Mangalor deixou dous navios, de que eram Capitães Manoel de Oliveira de Azeredo, e Lopo de Andrade de Gamboa, e elle passou a Cananor, onde invernou com os mais navios.

D. Diogo Coutinho, Capitão Mor do Cabo Camorim, recolheu as náos que difemos de Malaca, que pelejaram com os Hollandezes, e as de Bengala, e navios da costa de Coromandel, e com humas grande cafila partio pera Goa, aonde chegou com toda a salvamento já depois de quinze de Maio.

C A P I T U L O XVIII.

Das razões que o Camorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o Camorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa da Melavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.

PEra melhor entendimento da guerra, de que logo tratarei, contra o Cunhale, será razão dizer primeiro as occasiões que

que o Camorim teve pera se mover a lha fazer em pessoa, que foram estas. Já ElRey seu rio, a quem o Camorim succedeo, citava tão escandalizado das cousas do Cunhale, que antes que morresse lhe disse, que se queria reinar em paz, havia de fazer duas cousas: a primeira era ser sempre amigo dos Portuguezes; e a outra destruir o Cunhale, porque por tempos lhe não viesse a tomar o Reino, e a se fazer senhor de todo o Malavar. Isto teve elle guardado em seu peito sem o comunicar a alguém, sómente em humas praticas que teve com o Padre Antonino da Companhia, Religioso de muito exemplo, bom Letrado, e Prégador, que hoje que isto escrevemos, he Preposito da Casa professa Bom Jesus desta Cidade de Goa, que então estava lá, e que mo contou a mim.

Sucedêram este anno estas duas cousas: huma cortar esse tyranno o rabo, ou a orelha a hum elefante, em que ElRey costumava a cavalgar, que foi tamanha affronta, como se o fizera ao mesmo Rey; e outra foi cortarem hums Mouros o membro genital a hum Naire, e metterem-lho na boca, que he a mór abominação que se podia fazer a esta casta, de que todos se queixáram ao Camorim. E ajuntou-se mais a isto haver annos, que lhe não pagava os quin-

quintos das prezas que suas Armadas faziam, e com isso por-lhes penções novas aos Gentios seus vassallos a hum tanto por cabeça; e sobre tudo ter tomado tamanho brio, que se intitulava Rey dos Mouros do Malavar, e Senhor de todo o mar da India, o que trazia o Camorim em tantos cuidados, que em humes praticas que teve com o Padre Antonino, lhe deo conta desta sua tenção; mas disse-lhe que não se atrevia a tomar a Fortaleza áquelle Mouro por estar poderoso. Ao que lhe o Padre respondeo, dizendo-lhe, que como dizia aquillo, que quem tomou a Fortaleza de Chale aos Portuguezes, mais facil lhe era tomar aquella daquelle tyranno. A isto respondeo o Camorim: *Meu tio não lha tomou, tomou-lha a fome.* E assim lhe disse mais, que determinava de mandar chamar o Cunhale, e Cutimuça, e como os tivesse em casa, mandar-lhes cortar as cabeças, e que com isso escusava a guerra. Pedindo ao Padre que lhe dêsse sobre aquillo seu parecer, o Padre como o negocio era cousa de morte, não lhe respondeo: ao que o Camorim acudio, dizendo, que já sabia o porque se calava; e então lhe perguntou se podia matar os ladrões? e dizendo-lhe o Padre que sim, tornou elle que por isso queria matar aquelles, porque o eram; e

man-

mandando dahi a hum dia , ou dous chamma-
mallos , não quizeram ir , cousa que nunca
fizeram ; porque sempre foram a seu cha-
mado , com o que o Camorim se determi-
nou a lhe fazer guerra , e logo fez ajunta-
mento de suas gentes , e preparou as cou-
sas necessarias para ella.

Estas novas chegaram a Cananor ; e
consultando-as D. Fernando de Menezes
Capitão daquella Fortaleza , e D. Fernan-
do de Noronha ; e vendo o tempo disposto
para o que desejava , trataram por cartas
com o Camorim , e com os seus Regedo-
res sobre aquelle negocio , offerecendo por
parte do Viso-Rey toda a ajuda , e favor
por mar que lhe fosse necessario para
destruir aquelle tyranno ; e avisaram logo
ao Conde do estado em que aquellas cou-
sas estavam , e mandaram prometter ao
Camorim que se lhe confirmariam as pazes ,
que estavam feitas com D. Alvaro de
Abranches , indo sempre o D. Fernando
de Noronha sustentando o Camorim com
esperanças , e promessas. O Conde andou
todo o inverno occupado em reformar as
Armadas , porque determinava de as deitar
muito cedo fóra , e visitou muitas vezes as
ribeyras dos navios , casa da polvora , e
armazens , porque sobre tudo trouxe sem-
pre grande vigilancia , e festejou os dias
de

de S. João , e Sant-Iago , como lie costume , vestido á Mourisca , com carreiras , e regozijos , cousas que alegrão muito aos homens , e os exercita ; e como foi tempo , nomeou seu irmão D. Luiz da Gama por Capitão Mór do mar da India para ir ao Malavar , e escreveo a Bacaim que se armassem seis Sanguiceis muito ligeiros pela ordem que d'elle Sebastião Botelho , que era muito experimentado naquelle mister , e que sabisse por Capitão Mór destas em Setembro , o que elle fez muito bem feito , porque tudo viu com o olho , como soldado velho , e experimentado , e que tinha sido muitas vezes Capitão Mór dos navios. Isto mandou o Conde Almirante ordenar , por entender que as Armadas grandes não serviam de mais que de darem guarda ás casilas , e que estes navios assim soltos eram os que podiam tomar Paraos , e navios de costeiros , que já com medo de nossas Armadas faziam outros navios pequenos , que eram os que roubavam toda aquella costa , porque fugiam a nossas Armadas , e chegavam aos navios de mercadores cada vez que queriam , e como Ginetes ligeiros entravam , e sabiam quando queriam , e contra elles mandou armar estes que dissemos , que os fizerao affugentar , como adiante veremos.

E porque desejava de dar fim á empreza de *Cunhale*, e lhe deram as cartas de *Cananor* do estado em que as cousas estavam, e de como o *Camorim* se preparava pera o cercar, negociou com muita pressa alguns navios pera mandar a D. Fernando de Noronha, pera que com os outros que lá tinha se puzesse na barra de *Cunhale*, até chegar o Capitão Mór do Malavar. E pera isso começou em Agosto a pagar gente, e deitar navios ao mar, pera como o tempo d'esse lugar, os despedir com muita ordem, e presteza; e porque desejava de concluir o negocio de *Cunhale*, já que tinha o *Camorim* tão disposto pera isso, por ser a mais importante jornada que então havia na India: e como as barras estive-ram pera se poderem commetter em Agosto, despedio doze navios, de que foi por Capitão Mór, e cabeça delles Manoel de *Barbuda*, e dos mais foram Capitães D. Antonio Manoel, que neste verão em que escrevemos isto, acabou de servir a Capitania de *Danão* D. Alvaro da Costa, Galpar de Mello, Vasco Gomes de Mello, Antonio Botelho, João de Seixas, Diogo Ortiz de Tavora, e hum navio pera Belchior Ferreira de *Cananor*, e seis Piriches mais de *Malavares*; e quando estes navios chegaram, já D. Fernando de Noronha t^{ria}

nha sahido de Cananor em cinco de Setembro com os navios que alli tinha, com que se passou á costa Canará, onde recolheu os que foram em Mangalor, e Barcelor, e se ajuntaram todos, com que se fizeram dez oito navios, com que D. Fernando de Noronha andou correndo aquella costa, por que os Mouros senão provellem nella de mandamentos: e dalli voltou pera Cunchale por recado do Camorim pera começar a principio á sua empreza, deixando sobre a barra do Canharoto cinco navios pera impedirem a alguns Paraos que não sabissem, que estavam dentro. Chegando á barra de Cunchale, poz por derredor muita vigia, porque lhe não entrasse cousa alguma, e mandou dous Capitães Malavares, bons valleiros, pera irem assistir com o Ariote, que ficava da outra parte do rio, fronteiro á Fortaleza, que estava da parte do Camorim, por ser seu vassallo, pera dalli fazerem toda a guerra que pudessem. Tanto que o Camorim vio D. Fernando de Noronha na barra, logo assentou seu exercito da parte de Leste, e da do Sul, pera assim ter o ranno melhor cercado, e mais encurralado: e pera que se entenda melhor este negocio, farei huma breve descripção de todos os rios de Cananor até Cochim, que he a verdadeira costa do Malavar, pera se saber

ber a parte em que este tyranno tinha a sua Fortaleza, e mostraremos o sitio, e forma de suas fortificações.

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas leguas, tem alli hum rio mui bom, delle ao rio do Sal ha meia legua, e legua e meia abaixo o rio de Maim; adiante huma legua a povoação de Chomamba, que tem defronte humas pedras; dali a meia legua a povoação de Motangue, e outro tanto ao rio de Pudepatão, em espaço de meia legua, que he onde o Cunhale tem sua Fortaleza, sobre quem deixamos D. Fernando de Noionha com sua Armada, e na barra tem este rio hum ilheo; e entre a povoação de Motangue, e Pudepatão, em espaço de meia legua, ficam estas duas povoações, Coriare, e Baregare: adiante do rio de Cunhale duas leguas está a villa de Tiracole desta costa, e dos mais soberbos Mouros desta: outras duas leguas adiante vai a villa Coulete, ou Couleche, e huma legua avante o rio Capocate, e adiante outra legua a povoação de Pudiangare. Nestes portos, rios, e povoações se armam todos os Paraos que sahem a roubar, e em todos haverá hoje perto de setenta, pouco mais, ou menos, que se repartem pera diferentes partes á sua pillagem, armados todos por diferentes armadores. E das prezas que

todos fazem, tem o Camorim huma ^{se} quantidade, sem elle metter cabedal algum: e posto que citejam de paz connosco, ^{não} deixam estes collairos de sahir fóra, e ^{de} o consentir o Camorim pelo proveito que disso tem, sobre se ter obrigado em todas as pazes que tem feito com o estado, a não sahirem de seus portos collairos, e a cortar os esporões aos navios, e ^{facelha} de carga. E os Viso-Reys quando lhe concedem estas pazes, bem entendem que não hão de cumprir neste particular, mas dissimulam por respeito que tem ^{para} isso, que eu não sei quaes sejam, porque com isso não poupam cousa alguma ao Estado, pois forçado por razão d'elle se ha de mandar áquella costa todos os ^{anos} Armadas, em que se gastam mais de sessenta mil pardaos, e arriscam os vassallos, porque á conta das pazes navegam, e os tomam, cativam, ou roubam.

E certo que neste passo me lembrou perguntar-me a mim qual he a causa, ^{por} que os Viso-Reys não tomam destes ^{sessenta} ta, ou setenta mil pardaos, que gastam todos os annos, vinte mil, e os reparam pelos Artoles, e Naires destes rios ^{para} lhes queimarem todos os Paraos que nelles houver, o que se fará com muita facilidade, e sem se saber; e ainda digo mais, que

que os mesmos Camorins os mandariam queimar, dando-lhes este dinheiro, porque cuidão que nem ametade desta quantia lhes cabe do quinhão das prezas; e segundo elles são miseraveis, e cubiçosos, e interesseiros, cuidão que com isto folgáram mais. E assim sem riuo dos vassallos, que he bem que se estimem, e lhes poupem as vidas, e sem tantas perdas, e despezas, fação a todo o Malavar dentro em sua casa a mór guerra do mundo, só por imitarem o muito prudente Rey, que está em gloria, que tudo o que podia fazer, e acabar com dinheiro, não perdoava os gastos, e despezas, porque entendia bem que o officio de bom Capitão era trabalhar mais por vencer com estratagemas, e artificios, que com armas; porque quando os inimigos se temem disto, andam mais prostrados, e tímidos.

E tornando ao nosso fio, e ordem do que diziamos: de Pudiangare a Calecut ha huma legua, e duas dalli ao rio de Chale, e outras tantas á Cidade de Paranor, e as mesmas á de Tanor, e outras duas á de Paranora; e dahi a huma legua está o famoso rio de Panane, o maior daquella costa, e delle á barra de Palipporto nove leguas, e quatro ao rio de Cranganor, e delle a Cochim sinco. Eis-aqui toda a costa Mala-

var de Cananor até Cochim. Agora torne-
 mos ao rio Pudepatão, onde Cunhale tem
 sua Fortaleza, e mostraremos o sitio,
 e fórma della. Pera o que se ha de saber, que
 o sitio em que está, he huma península qua-
 drada de tiro de falcão de comprido, e
 outro tanto de largo; entrando pela boca
 da barra, logo volta pera o Sul hum
 ro, que deixa huma lingua de arêa sobre
 a barra, que corre de longo hum tiro de
 falcão: até o meio podem entrar fustas,
 e dahi por diante só almadias. O rio princi-
 pal vai subindo quasi ao Nordeste outro
 ro de falcão, e faz volta ao Sul, e deixa
 feita aquella península que disse, porque
 só se péga com a terra pela parte do Sul;
 e nesta volta que faz o rio cuá a Fortaleza
 principal, com que logo continuaremos.
 Aquella parte da terra, que não deixa fa-
 zer aquelle sitio ilha, fechou o Cunhale
 com huma grossa parede desde o esteiro
 debaixo até o rio grande; e ainda fez ou-
 tra tranqueira por fora de madeira
 grossa, e forte com suas guaritas, e revêres
 huma, e outra. O rio grande he de largu-
 ra de tiro de espingarda, porque de hum
 parte, e de outra se ouve muito bem tu-
 do; e cá em baixo perto da Fortaleza se
 aparta em dous ramos, deixando no meio
 aquella ilha, que chamam do Chinale,
 que

que era hum Mouro , de que logo daremos razão. Era esta ilha de meia legua em roda , e logo se torna a ajuntar o rio , e se aparta delle hum braço , que vai até Calecut , e Chale , que são nove leguas , e até tres leguas poderão navegar catures , e dahi por diante almadias. A Fortaleza he quadrada , e cada quadra he de cincoenta passos , e em cada huma tem hum baluarte amadeirados de traves grossas , e debaixo delles casas pera armazens. As paredes da Fortaleza são de quatro passos de largura : em meio da Fortaleza está huma casa forte , que serve de masinorra , em que mettem os Portuguezes cativos , e por nossos peccados esta poucas vezes vasia. Tem esta Fortaleza mais dous cavalleiros , que respondem de revéz hum ao outro , que descobrem todo o sitio , e povoação que fica dentro das tranqueiras. Os muros tinham seus parapeitos , bombardeiras , e setteiras com muita , e boa artilheria , e não tinha mais de huma só porta detrás de hum revéz de hum dos baluartes. A tranqueira de pedra , que fecha este sitio , tinha no cabo sobre a barra hum formoso baluarte com muita artilheria , que defendia a entrada com huma guarita pera a parte de Norte. Por todas estas fortificações tinha o Cunhale repartidos mil e

quinientos Mouros escolhidos, a fóra que
 nhentos de serviço, e na Fortaleza ^{tial}
 comsigo duzentos dos principaes, e de me-
 confiança. No baluarte de sobre a barra
 estava por Capitão Cutimuça, casado com
 huma tia do Cunhale, que foi o que tomou
 a galé de D. Fernando Lobo defronte de
 Coulaõ: no baluarte da tranqueira de pe-
 dra estava Calvaca, valente Mouro: na
 tranqueira de madeira estava Canatale, ^{foi}
 brincho do outro, que foi grande coffeiro:
 nas guaritas estavam repartidos estes Capiti-
 ães, Cunhinai, Nonomai, Cutimai, Ce-
 tinurça Marca, Bacca Mamede, Bacla ^{Ci-}
 tiali seu irmão, Canatale, Cana Acam,
 Tampocare, e outros, todos estes ^{armas-}
 dores de navios de seis, sete, e oito ^{cañ}
 hum, que estavam mui ricos de prezas, e
 o Cunhale mais rico que todos, e tão lo-
 berbo, que tinha concebido em seu per-
 tamento fazer-se Rey de todo o ^{Milava-}
 E quando elle estava mais alevantado ^{de}
 fortuna, e cheio de vitorias contra nós, ^{des-}
 andou ella sua roda, e deo com elle ^{no}
 pelourinho de Goa, onde lhe cortáram ^a
 cabeça, como em seu lugar diremos.

C A P I T U L O XIX.

De como o Bispo da China D. Luiz de Siqueira da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano foram a Japão: e de como aquelle Imperador falleceo: e do que lhe succedeo por sua morte.

NO fim da onzena Decada deixamos dito que tinha partido pera a China a mão da viagem de Japão, de que era Capitão Mór Nuno de Mendoga, onde foram embarcados o Bispo D. Luiz de Siqueira, Religioso da Companhia de Jesus. Foi eleito pera a India pera Bispo do Japão pera por morte do Bispo D. Pero Martins, tambem da Companhia, lhe succeder no Bispado; porque como aquella Christandade era ainda nova, e muito tenra, atriscava-se muito se ficára alguns annos sem Bispo. E por isso ElRey de Portugal provêo nesta fórma, por ser em extremo zeloso do augmento da Santissima Fé Catholica. Hia tambem embarcado o Padre Alexandre de Valignano, Visitador da Companhia, que já o fora da India, e agora levava o mesmo cargo pera a Ilha de Japão; e fazendo sua viagem, tomáram Malaca, e delli passáram á China, onde

Couro. Tom. ult. K 10

se detiveram, esperando pela monção pe-
ra a Ilha de Japão, que lie em Junho, ^{de}
pois de S. João, donde partiram já em no-
venta e oito, e chegaram entrada de Agos-
to, e os Padres da Companhia começaram
a exercitar seu officio, e correr com ^{suas}
obrigações no ministerio da conversão ^{das}
almas.

Estava neste tempo muito mal o Tar-
cozama, Emperador de todas aquellas
Ilhas, e quasi no cabo; e sobre aquella
herança havia entre os senhores Japões
grandes pertencções, e desavenças, porque
pelas idolatrias, e peccados daquella Ilha
nunca de quinhentos annos a esta parte
succedeo filho a pai, nem neto a avô, nem
ainda algum, a quem por linha direita suc-
cedesse naquella herança; porque o ^{de}
deiro Emperador, em que aquella succesi-
são se acabou, foi retendo, e foi preto
por hum Governador seu, que se lhe ^{de}
vantou com o Imperio, deixando-o na
Cidade de Meaco em huas paços muito
ricos, onde assim elle, como todos os que
lhe succedêram por linha direita estiveram
até hoje como estatuas, sem eleição de ^{que}
rer, nem com mando algum, tãoente ti-
nham authoridade pera confirmar os ^{Reys}
nos aos tyrannos, e a todos os mais da-
quella Ilha; e com viverem assim privados
de

de seu Imperio, eram muito ricos por pensões que lhes davam, e na authoridade; serviço, e riquezas eram outros Emperadores. E estes seus herdeiros, que assim lhe succediam por linha direita, não perdêram nunca o titulo de Daires, ou Voo, que he o mesmo que de Emperador; e o que os tyrannos tomáram de Taicozana he mais humilde por encubrirem sua tyrannia, que tanto quer dizer como do Imperio.

Pelo alevantamento do primeiro tyranno, que desapossou o derradeiro Daire, se dividio aquelle Imperio em sessenta e seis Reynos distinctos, que são os seguintes:

Fazemos primeiro huma descripção destas Ilhas por esta maneira. Tomada esta terra a vulto, affirmam que tem quatrocentas leguas de comprido; mas o que he na realidade, não passa de duzentas; quanto á propria Ilha de Japão. Nasce isto de ser esta grande terra repartida em muitas Ilhas juntas, que fazem parecer hum grande continente. As maiores, e mais principaes Ilhas, são tres. A primeira se chama Chimo, e por outro nome Xaicocu, que tem estes nove Reynos, scilicet, Figen, Bungo; Punga, Bonzumi, Cucuma, Fingo, Chicugen, Chicungo, Unigen.

A segunda Ilha se chama Xicocit, que quer dizer quatro Reynos, por outros tantos que

que tem , que são estes , Tofa , Aba , ^{Se}noqui , e Lijo.

A terceira, e mais principal, he a que propriamente chamamos Japão, que tem em si estes quarenta e sete Reynos, ^{seis} cet, Nangato, Inami, Sura, Juxomim, Aqui, Foqui, Bingo, Ineba, Bichum, Mi-ma, Zaca, Fariina, Tanquima, Viger, Tambá, Tango, Bacafa, Xama, ^{Xiro} Xamalo, Inzuno, Quij, Liquigem, Boni, Inga, Xima, Ixe, Mino, Canga, Noto, Jetchic, Fitachi, Ximano, Boari, Micava, Cai, Jenchingo, Devá, Lencuque, ^{Tor} tomi, Fugara, Ixu, Meaxi, Ximonu, Xic-que, Sangami, Ximoneza, Findeaquí, Bonju, Bandou. A esta Ilha principal ^{se} ajuntam outras seis, que são estas. ^{Sado} Voqui; Couxina, Iqua, Abangui, Inimoxima, que são outros seis Reynos. ^{Elles} são os sessenta e seis Reynos do Japão. ^E entre quarenta e sete da Ilha principal ha cinco, que se chamam Tecão por hum nome só; e quem for senhor desses, he Imperador de toda a Ilha.

Já que temos visto a grandeza ^{delle} Imperio, tornemos a continuar com o ^{dif-}curso que levavamos da doença do Taicuzama. Este vendo-se no cabo, andou ^{dif-}curfando como poria na cadeira daquelle Monarquia hum filho que tinha, ^{de} de idade

de cinco annos ; porque ainda que era tyranno , e tinha tomado o estado alheio , não deixava de ver , e entender que o que elle fez ao filho alheio , lhe podiam outros fazer ao seu ; e vendo que não tinha outro remedio senão fiar-se de alguém , quillo fazer antes do Rey de Bandou , chamado Yaya Su , por ser muito valeroso , de quem se receava mais que de todos os outros Reys , que por sua morte lançasse mão daquelle Monarquia , e quillo levar por termos de muita confiança que delle fazia com lhe entregar seu filho ; porque pela ventura que com isso o quietaria , e sustentaria seu filho menino naquelle estado. Chegado este Rey a elle , tendo consigo muitos dos seus Grandes , lhe fez esta breve falla :

- » Bem sei que não posso escapar desta
- » enfermidade , porque vejo em mim sinais
- » de ser chegado o meu termo : não sinto
- » morrer , porque sei mui bem quão certa
- » a morte he a todos , só sinto deixar
- » meu filho de tão pouca idade , que não
- » he capaz de lhe entregar este Reyno ; e
- » já que assim he , correndo pela memoria
- » a quem com mais confiança podia entregar este menino , e esta coroa , que tiver
- » o valor , e posse pera o sustentar nella ,
- » e defender de seus inimigos , e que co-

» mo chegar a idade de poder governar,
 » lho entregue, em todo este Imperio não
 » achei outro, senão vós, que tenha pera
 » isto as partes que quero, pelo que com
 » muita segurança vos entrego este filho, e
 » todo este Imperio; e pera que esta con-
 » fiança, que de vós tenho, se acabe de
 » mostrar a todos, vos rogo que caies
 » este menino com vossa neta; pera que
 » assim sendo vós avô de sua mulher, se
 » jais tambem pai deste meu filho. » E
 mandando vir o menino, lho entregou, e
 lho poz nos braços, onde elle o agaza-
 lhou com mostras de muito amor, e con-
 tezia, e com isso respondeo a Taicozana
 estas palavras:

» Eu, Senhor, quando morreo o Empe-
 » rador Nabunango não possuia mais que
 » o Reyno de Micava; e conio vós, Sen-
 » hor, succedestes nesta Monarquia, com
 » vossa ajuda, mercês, e favores conquisei
 » tei outros tres Reynos. E depois pera
 » me honrardes mais, e alevantardes, me
 » destes oito Reynos em o de Bandou a
 » troco dos quatro que possuia: pelo que
 » eu, e toda a minha geração estamos obri-
 » gados a servirmos, e amarmos ao Prin-
 » cipe vosso filho, e a todos os seus des-
 » cendentes com risco das fazendas, vidas,
 » e estados. E sem vós, Senhor, mostrar-
 » des

» des tanta confiança de mim , tinha eu
 » obrigação , e estava mui apostado a pôr
 » todas minhas forças , e industria , pera
 » que o Principe vosso filho ficasse seguro
 » em seu Imperio. Mas agora que sobre
 » tantas honras , e mercês , como são todas
 » as que me tendes feito , me fazeis esta
 » de novo , que passa por todas as outras ,
 » de me entregardes vossos Reynos , e
 » vosso filho por genro , fico tão cativo
 » de V. Alteza , e prezo com tão fortes
 » cadeias de amor , que determino de fa-
 » zer todo o possível pera cumprir tudo o
 » que me deixais encommendado. »

Acabado isto , mandou trazer sua neta ,
 que era de dous annos , e alli os desposá-
 ram logo com as ceremonias do Japão ;
 com muito gosto , e applauso de todos ; e o
 Taicozama deo juramento ao Rey do Ban-
 dou de governar seus Reynos em paz , e
 justiça , até seu filho ser de idade pera lhos
 entregar. E o mesmo fez a todos os Gran-
 des que estavam presentes , de serem fieis a
 seu filho , e procurarem conservallo em
 sua Monarquia. Acabado aquelle acto ,
 logo alli mandou trazer grande somma de
 jolas , e riquezas , e as repartio por todos ,
 pera com isso os obrigar mais.

E porque naquelles Reynos de Tenca-
 não havia mais de quatro Governadores ,
 ac-

acrescentou-lhe mais hum chamado Afo-
nodario, e este como Presidente dos outros,
e que estes todos ficassem subditos de El-
Rey tutor de seu filho, e lhe obedecessem
como a sua propria pessoa, se fora vivo,
e pera que estes cinco ficassem mais uni-
dos, e conformes, fez casar os filhos de
huns com as filhas dos outros.

Havia muitos annos que este barbaro
Tnicozama andava com imaginação de se
fazer adorar por Deos, pera o que tinha
na sua Fortaleza de Fuximi (que era cou-
sa muito notavel) ordenado hum certo
lugar de grande recreação pera nelle ale-
vantar, e pôr sobre altar sua estatua; e
porque este peccado de quererem os ho-
mens usurpar, e tomar pera si o que a
Deos he devido, he o que elle mais casti-
ga que todos, o quiz fazer a este tyran-
nolgo, tanto que entrou naquella imagina-
ção, e mostrar-lhe grandes finaes de sua
justa indignação, pera ver se com elles en-
trava em si, e se apartava de seu máo pro-
posito. E assim a vinte e dous de Julho
de noventa e seis, andando elle occupado
no lugar em que queria depositar sua esta-
tua, appareceo sobre a Cidade de Mex-
co hum grande Cometa que durou alguns
dias; e logo dahi a poucos choveo grande
quantidade de cinza, e na Cidade de Osaca
tam-

tambem choveo aréa ; e depois disto na entrada de Dezembro seguinte foram tantos , e tão grandes os terremotos , e tremores da terra na mór parte do Japão , que cahio pelo chão toda a Fortaleza , e paços de Fuximi , onde aquelle tyranno queria pôr sua estatua , que elle tinha fabricados com excessivas despezas , e o tyranno escapou com o filhinho de tres annos nos braços , e na terra de Frenoxa cahiram grande quantidade de templos dos seus idolos , onde morreo muita gente ; e em outro mui grande templo de Meaco se fizeram todos os idolos que havia , em pedaços. Os mesmos damnos acontecerão nas Cidades de Osaca , e Sacai , e dellas pera Meaco ficaram tão grandes aberturas na terra , que os tremores della abríram , que se não podia passar pera aquella Cidade sem grandes rodeios.

Além destes males da terra , fez o mar outros maiores , que foi sahir de seu curso com duas correntes caudalossísimas , huma que foi caminho da Cidade Meaco , alagando , e destruindo todos os lugares , e villas inteiras que havia , em que pereceo grande numero de gente , e outra que foi pera o Ximo , e Reyno de Bungo , que tambem assolou muitos povos inteiros , porque entrou vinte leguas pela terra dentro , coufa nun-

nunca vista, nem ouvida no mundo depois do diluvio geral. E toda esta inundação procedeo de hum estreito que faz o ^{mar} entre duas Ilhas defronte do porto de Ximonoxeque; e foi este diluvio tamanho, que depois de passados alguns dias, ficou neste Reyno do Ximonoxeque sobre o mais alto monte d'elle perto de vinte braças de agua; e assim morreo naquella parte tanto numero de gente, que se não pode estimar, sem este barbaro se mover, nem tirar de seu não proposito; e tanto foi perseverando nelle, que tornou logo a recuificar a Cidade de Fuximi com móres gestos, e despezas; e o lugar em que havia de levantar sua estatua, ornou-o com mais riquezas; e aos dezeseis de Setembro falleo este tyranno, e seu corpo foi mettido em huma caixa mui rica, e bem ^{guardada} necida, pelo elle assim mandar, ^{sendo} costume dos Japões queimarem-se: foi levado com grande magestade ao lugar que elle tinha ordenado, e logo lhe levantaram a sua estatua, que tinha feita, com hum letreiro que dizia *Xinfaquiman*, que quer dizer Deos das guerras, como aquella antiga gentildade tinha levantado outra a Deos Marte. E este lugar, em que foi depositado, era hum jardim de grandes recreações, e frescuras, e sua alma foi parar

entre grandes suspiros, tormentos, e fogo eterno, que dura em quanto Deos durar, que será pera sempre, que he o que só se ha de adorar. Com sua morte tomou o Rey de Pandou, tutor do filho do Taicozama, posse do Imperio sem contradicção alguma, porque nenhum dos outros Reys quiz contender com elle, por ser de grande valor; mas tambem usou o mesmo que o Taicozama, que tem hoje este Principe, com ser seu genro, como estatua, e pertende pôr naquella cadeira hum filho que tem; mas não faltará quem lhe faça outro tanto por sua morte.

Com estas cousas tornaram os Padres da Companhia a resfolegar, e tomar alento, e aquella grande Christandade a ir por diante, e reedificarem-se Templos, e Seminario: e tantô foi Deos nosso Senhor cumprindo os bons intentos destes Obreiros Evangelicos, que os mais dos Reys lhe offeroceram lugares pera Igrejas, chamando-os cada hum pera si, porque folgavam de communicar com homens de tanta virtude, e exemplo. E isto lhes succedeo sempre, depois de estarem nestas Ilhas, que com andarem muitos, e sós, e apartados no ministerio da conversão das almas entre moças muito formosas, que as ha naquellas Ilhas, tanto como as da Europa, até ho-

hoje , por misericordia de Deos , se não achou Padre nem de Missa , nem Leigo comprehendido em hum máo exemplo , nem escandalo : e assim por sua limpeza fertilizaram seus campos , e suas sementeiras , como o grão do santo Evangelho.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O II.

CAPITULO I.

De como este anno de noventa e oito não partiram nãos do Reyno: e do Forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa: e do que proveo sobre o governo do Reyno de Ormuz.

DEpois que o Conde Almirante despedio os navios pera D. Fernando de Noronha, ficou esperando pelas náos do Reyno pera saber novas do que lá hia, que não partiram este anno por estar a barra de Lisboa impedida com uma Armada de Inglaterra, que esteve sobre ella todo o mez de Março; e vendo o Conde Almirante que lhe tardavam até todo Setembro, parecendo-lhe que poderiam ir tomar Cochim, começou a entender nas cousas que havia de mandar pera fóra, e a primeira foi despedir o galeão dos provimentos pera Ceilão, e nelle D. Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, pri-
mo

mo com irmão do mesmo Conde , para Capitão de Colombo , por acabar seu tempo Thomé de Sousa de Arronches que nelle estava , que partio na entrada de Outubro ; e porque entre as instrucções que El Rey mandou a este Estado o anno passado, achou hum Capitulo de huma que dizia assim : « E porque sou informado que sem » de muito effeito pera guarda da barra » desta Cidade , principalmente pera » navios de reyno , que por ella intentaf- » sem entrar , fazer-se outra Fortaleza na » ponta do palmar de Gaspar Dias , que » está fronteira á de Bardes , vos encomen- » do que ouvindo sobre isto o Engenheiro » que ficou , em lugar do que pera cá se » embarcou nas náos passadas , e as mais » pessoas que nessa materia possam dar » to. , deis ordem com que se faça. » E como o Conde desejava de cumprir todos os regimentos , e instrucções de El Rey em que consiste o bom governo deste Estado , ajuntou a Conselho os Fidalgos velhos , e as pessoas que mais lhe pareceram ; e propoz aquelle negocio , e mandou ler a instrucção.

E examinadas entre todos as razões que havia pera se haver de fazer aquella Fortaleza , não só pera contra os navios pequenos , mas ainda pera contra náos Hol- lan-

landezas, e quaesquer outras que cá passassem, assentou-se que era mui necessaria; porque como a entrada desta barra de Goa tem dous canaes, hum mais pequeno capaz só de Fustas, que passa ao longo da ponta de Bardes, onde está fundado o Mosteiro dos Reys Magos da Ordem do Padre S. Francisco, pera cuja defensão o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou fazer aquella Fortaleza, que já dissemos; e ao pé della, que está em hum alto, fundou o Governador Manoel de Sousa Coutinho hum Couraça ao longo da agua, que péga na Fortaleza com boa artilheria, que o Conde Almirante Viso-Rey acabou com mandar fazer casas pera gazalhado do Capitão, que não tinha, e não ficar acabada, que defende hem a entrada da barra, em especial o canal pequeno; e por ficar de fronte da ponta do palmar de Gaspar Dias, com o Forte que o Conde Almirante alli fundou, se assegurava o canal maior, e pela mesma razão ambas as entradas que ha da barra pera o rio de Goa, e por este canal maior entram as nossas náos do Reyno descarregadas, e a banda, por ser capaz de entrarem por elle náos de grande porte. Aqui onde agora está o Forte, que o Conde mandou fazer, poz o Viso-Rey D. Luiz de Talde, a primeira vez que o foi,

foi , hum Alcaide das facas pera buscar todas as embarcações que alli surgissem, assim á ida , como á vinda , que não aproveitou mais que ao homem que alli poz. É esta entrada por esta parte não podia defender a artilheria da Fortaleza, e Couraça de Bardes , por ser a largura do rio de mais de tiro de canhone , era necessario haver alli alguma defensão , porque a India nunca se temeo , senão de Galés de Rumes , que nunca se imaginou que pudessem Armadas de inimigos da Europa passar a estas partes, como depois vimos , contra quem foi remedio muito principal esta Fortaleza , que o Conde aqui principiou ; porque segundo os Hollandezes , que depois vieram a esta barra muitas vezes , se mostráram atrevidos , por sem dúvida tenho que se determinassem commetter a entrada por este canal , senão viriam aquellas duas Fortalezas , porque as cousas da India foram sempre mais enca-minhadas por Deos , que pelos homens.

Em fim , tomando o parecer , e tendo o assento delle , foi o Conde Almirante ver aquelle sitio com os Vereadores , levando consigo Julio Simões Engenheiro Milanés , que ElRey mandou cá vir , e reformar todas as Fortalezas ; e notado bem o sitio , fez o Engenheiro a traça

conforme a elle , e ficou a obra á conta dos Vercadores , pera se fazer do dinheiro do hum por cento , que os moradores de Goa tinham applicado nos direitos de suas fazendas , pera a obra das fortificações de Goa ; e cuido que este dinheiro de hum por cento rende cada anno mais de vinte mil pardaos , e á obra deo o Conde logo principio , e depois foi correndo com tanto vagar , como vam todas as mais cousas da India ; porque não ha Governador , nem Viso-Rey que queira proseguir obra , que outro comece , por boa que seja , e ainda neste inverno de seiscentos e onze , em que escrevo isto , estará pouco mais de braça craveira de altura ; pois na guarda , e proximidades desta Fortaleza , e das mais da outra banda , e de todas as da India , não convem tratar dos grandes descuidos dos Viso-Reys , e Governadores , porque he bem se não saibam ; e passando daqui , vamos ás cousas de Ormuz , em que o Conde proveo.

D. Antonio de Lima , que , como atrás dissemos , foi entrar na Capitania de Ormuz , achou as cousas daquelle Reyno mui arruinadas , e arriscadas a se perderem todas as Fortalezas , que aquelle Rey tinha , assim da banda da Persia , como da Arabia , em grande perjuizo do estado da India : 2

razão era , porque aquelle Rey , que era Ferugoxa , estava já na idade decrepita , determinava largar o governo ao filho segundo , chamado Mamedexa , que era filho de huma irmã do Guazil , e tirallo ao filho mais velho , chamado Feruxá , que era mais pera isso , e este negocio favorecia o Guazil , por ser o outro seu sobrinho ; sobre isto havia em Ormuz grandes revoltas.

Disto tinha D. Antonio de Lima avisado o Viso-Rey em Abril passado , que agora que se vinha chegando a monção pera aquella Fortaleza , poz aquelle negocio em Conselho de Capitães velhos ; e debatidos os inconvenientes , assentou-se que o Capitão de Ormuz obrigasse aquelle a ter suas Fortalezas mui bem providas , e guardadas , até sobre isto lhe socorrer sua fazenda , pera della se proverem , e correr com elle com todas as execuções necessarias ; mas que não fosse privado do Reyno , em quanto não houvesse mais causa pera isso ; e que o Viso-Rey o persuadisse por cartas , que deixasse governar ao filho mais velho por elle ; e que trabalhasse pelo casar com huma filha do Guazil , porque assim se comporiam as cousas melhor ; mas que ou se effectuasse este casamento , ou não , se todavia ElRey quizesse que seu filho mais velho governasse por

elle, pois tinha mais partes necessarias para isso, que o fizesse; e que o Capitão o mercesse de posse do Reyno, mostrando primeiro instrumento público de renunciaçãõ, que seu pai fazia nelle. Assentado isto desta maneira, passou o Conde suas provisões ao Capitão, e o traslado do assentado do Conselho, para que o effectuasse, e escreveu a El Rey, e ao Guazil sobre aquelle negocio.

C A P I T U L O II.

Das Armadas que o Conde Almeirante despachou para fóra: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale, e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis, na costa do Norte: e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Cosala, e Moçambique.

JÁ demos conta de como o Conde Almeirante mandou ao Norte fazer seis Sanguiceis para ir contra os navios ligeiros dos Malavares, e encommendou esta obra a Sebastião Botelho, que os foi fazer a Tana os meiores que se víram daquelle toque na India, que em Setembro poz no mar, e pagou soldados mui conhecidos, e

marinheiros escolhidos entre muitos , e a
 dez de Setembro sahio de Taná mui bem
 negociado , e petrechado de tudo , porque
 tudo vio com o olho , e só de si o fio.
 Os Capitães que o acompanharam , foram
 D. Rodrigo Pereira , filho de D. Manoel
 Pereira , D. Manoel Mascarenhas , filho na-
 tural de D. Gilianes Mascarenhas , a que
 chamavam o Langará , Antonio Barbosa , D.
 Luiz de Menezes , e Gaspar Pacheco de
 Mesquita ; e todos juntos , e com grande
 desejo de acharem cossaios , foram mui
 conformes ; e delles trataremos depois , e
 continuaremos com a Armada de D. Luiz
 da Gama , a que o Conde deo a mór pref-
 ça que pode , e em Dezembro a fez a ve-
 la , a melhor provida de Fidalgos , Capiti-
 ães , e soldados que se vio ha muitos annos .
 Foi a Armada de tres galés , de que
 eram Capitães , a fóra elle , D. Francisco Pe-
 reira , irmão de D. João Pereira , Conde da
 Feira , e D. Vasco da Gama : as fustas eram
 perto de vinte , cujos Capitães eram D. Ma-
 noel de Noronha , filho de D. Thomaz de
 Noronha , D. Christovão de Noronha , Lou-
 renço Guedes , filho de Pero Guedes , Dio-
 go de Miranda , filho de Martin Añonlo
 de Miranda , Ruy de Sousa de Larcão , D.
 João Tello de Menezes , filho do Alferes
 Mór D. Jorge de Menezes , D. Francisco
 de

de Soto-maior, Alvaro Velho, Gaspar de Abreu Mouzinho, Tristão de Taide, filho de Nuno Fernandes de Taide, Manoel de Bendanha, e outros a que não achámos os nomes; e em quanto esta Armada vai seu caminho, daremos conta das cousas que succedêram a D. Fernando de Noronha sobre a barra de Cunhale.

Este Capitão depois que se poz com sua Armada sobre Cunhale, deixou-se estar nella, dando calor ás cousas do Camorim, pera com mais segurança assentar o cerco sobre aquella Fortaleza, como fez muito de vagar, tendo-lhe a nossa Armada segurado o mar, por onde se podia prover assim de mantimentos, como de soccorro, que era he a guerra que elle mais sentio, que a que lhe o Camorim fazia por terra, e assim o puzeram em estrema necessidade; e depois do Camorim ter assentadas suas estancias, e se fortificar á sua vontade, e dar principio á guerra, se levou D. Fernando de Noronha de sobre a barra com toda a Armada, e foi dar huma vista pela costa, em que encontrou huma galeota, e dous parãos, a que deo casta, até os fazer varar na costa brava, onde se fizeram em pedaços, e a gente se salvou em terra com bem grande trabalho; e por outra vez tomou dous parãos ligeiros ao mar, por não

poderem fugir pera a terra, e os Mouros delles foram todos mortos, e cativos, e assim tomou outras duas embarcações de mantimentos, e a outro paráo fez varar em terra.

E por ter aviso que em alguns rios se faziam prestes collairos pera sahirem as prezas, os foi tomar, e na barra do rio Canharoto achou quatro paráos ao mar, que estavam esperando que daquelles rios sahisse outros, pera todos juntos passarem ás prezas do Norte, que foi demandar; e como estavam encevados de novo, e eram muito ligeiros, tanto que víram a nossa Armada, voltaram a terra perseguidos sempre dos nossos, até se recolherem naquelle rio, onde D. Fernando os teve de cerco até os fazer desarmar; e depois de fazer isto, voltou outra vez pera a barra do Cunhale, pera favorecer o Camorim, e ali esteve até chegar D. Luiz da Gama, e ali esteve com o Camorim sempre muito particularmente, segurando-lhe que aquella jornada teria muito bom fim, e aquelles inimigos de seu Estado se extinguiriam, e que o Conde lhe mandava conceder as pazes muito a seu gosto; com o que foi entretenido o Camorim, e obrigando a proseguir o cerco, onde o deixaremos por contarmos o que aconteceu á Armada do Norte.

Deixamos sabido Sebastião Botelho de Taná com os seis Sanguiceis que dissemos, com que se foi mettendo na enseada de Cambaia, onde os cossairos são mais continuos, e pelas muitas prezas que della levam, lhe chamam elles o rio do ouro, como já algumas vezes disse, e a foi atravessando até a Fortaleza de Dio, onde tomou falla, e achou por novas serem passados quatro, ou cinco navios pera a costa de Por, e Mangalor, e enseada de Jaquete, onde também achavam em que se empregassem com grandes proveitos; e passando em busca delles, foi correndo todos os portos, levando-os sempre diante de si, até haver vista delles huma tarde, a tempo que se hiam afastando da terra, e já muito emmarados, por serem avisados da nossa Armada. Sebastião Botelho os foi seguindo até anoitecer; e entendendo que haviam de ir na derrota da costa do Canará, por terem já feito algumas prezas, até onde determinou de os enfacar, como fez por espaço de cinco, ou seis dias, sem haver vista delles, senão já na outra costa; e como hiam muito adiantados, nunca os pode entrar. E vendo-se elles tão acoçados dos nossos, endireitaram com a terra, e recolhêram-se no rio Sanguicer, que he huma grande colheita destes cossairos, que com-

minimamente se chamam do nome daquelle rio. Sobre elle se deixou ficar Sebastião Botelho alguns dias, com o que os obrigou a se desfornarem de todo, porque dos navios deste toque tem elles tão grande medo, como do diabo.

Dalli se fez Sebastião Botelho á véla na volta da costa do Norte, e defronte do rio Tambona acháram hum Parao de Malavares, que logo investiram, e renderam, ficando todos os d'elle mortos á espada, tirados alguns, que os soldados cativáram por lhes parecerem bem; e como correu pela costa a fama da ligeireza destes navios, todos os costeiros que por ella andavam, se affugentáram, e se recolhêram a seus portos, e assim andou esta Armada sem achar cousa em que se empregasse, até o Conde lhe mandar recado que se fosse ajuntar com D. Luiz da Gama pera se achar com elle na guerra do Cunhale, como logo fez. O Capitão Geral foi com sua Armada correndo a costa do Canará, visitando por ella todas aquellas Fortalezas, e provendo-as até chegar ao rio de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe entregou a Armada, e lhe deo a informação do estado em que as cousas estavam: e pelo Capitão Mór mandou o Viso-Rey dizer a D. Fernando de Noronha que se ficava fazer

vendo prestes luma galé, que lhe havia de
 mandar pera elle andar nella aquelle ve-
 rão; e não se satisfazendo disto D. Fernan-
 do, sem pedir licença ao Capitão Mór, se
 foi pera Goa, e indo pera rallar ao Con-
 de Viso-Rey, lhe mandou o Conde pergun-
 tar se vinha com licença do Capitão Mór;
 e respondendo que não, sem o ver, nem ou-
 vir, o mandou pelo Ouvidor Geral levar
 preso ao forte de Agaçaim, onde esteve
 mais de dous mezes; e a galé que mandou
 apparellhar pera elle deo o Conde Viso-
 Rey a D. Alvaro de Menezes. O Camo-
 rim mandou logo visitar ao Capitão Mór,
 e o Padre Francisco Rodrigues veio á galé a
 isso, e lhe deo relação do modo de como
 o inimigo estava cercado, e da constancia
 que o Camorim tinha de estar sobre elle
 até o destruir de todo. A' visita lhe man-
 dou o Capitão Mór responder com gran-
 des cumprimentos, e agradecimentos do seu
 procedimento: e que vinha alli com aquel-
 la Armada, e com muita gente, que logo
 elegaria pera o ajudar a destruir aquelle
 inimigo, que tanta posse queria tomar de
 seu Reyno: e aqui o deixaremos até tor-
 nar a elle.

Partido D. Luiz da Gama de Goa, en-
 trou o Conde no despacho de D. Alvaro
 de Abranches pera ir entrar na Capitania
 de

de Sofala, e Moçambique, por acabar seu tempo Nuno da Cunha que lá estava. Partio este Fidalgo de Goa a quinze de Janeiro deste anno de noventa e nove, em que com o favor Divino entramos, e na mesma monção mandou dous navios de remo: Capitão Ambrosio Leitão, pera ir até Moçambique, e Antonio Colaço pera Meliurde a saberem novas de náos Hollandezas, e pera outras cousas do serviço de ElRey, que levavam por regimento. É porque nesta viagem não houve cousas dignas de contar, concluiremos com estes navios aqui, com dizer só que foram, e tornáram em Maio a salvamento, e D. Alvaro de Abrantes chegou a Moçambique, e tomou posse da Fortaleza; e Antonio Colaço, e Ambrosio Leitão em Setembro com as náos do Reyno.

CAPITULO III.

De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem do Padre Santo Agostinho, partio de Goa pera ir visitar os Christãos das serras do Malavar: e do que fez na barra do Cunhale: e do assento que tomou com o Capitão Mór, e mais Capitães sobre o modo de como se commetteria aquella Fortaleza.

Depois do Conde Almeirante despedir a Armada do Malavar, como desejava de dar fim áquelle empreza do Cunhale, ficou tomando todas as informações que lhe parecêram de homens de experiencia pera avisar a seu irmão D. Luiz da Gama, como fez por muitas vezes. E porque o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes tratava de ir visitar a christandade das serras do Malavar, por ser morto o seu Bispo, e o Summo Pontifice lhe ter escripto que trabalhasse tudo o que pudesse por trazer todos aquelles Christãos á obediencia da Santa Igreja Catholica Romana, o negociou, e lhe deu pera sua embarcação huma galé, de que foi por Capitão D. Alvaro de Menezes, com ordem pera tanto que deixasse o Arcebispo em Cochim, voltasse logo pera o Cunhale pera se achar naquelle ne-

gocio em companhia de seu irmão : e ao Arcebispo encomendou muito se detivesse sobre aquella barra, e tomasse informação do modo em que o Cunhale estava, e do em que o Camorim o tinha cercado, e por onde se poderia commetter a escala daquelle Fortaleza, e de todas as mais cousas que entendesse convinha ao fim que se pretendia, e que de tudo o avisasse para mandar a seu irmão a resolução do que havia de fazer, porque entendia que o Arcebispo faria naquelle negocio tudo o que o mesmo Conde poderia fazer, se se achasse lá em negocios de Conselhos, e de advertencias.

Pelas Oitavas do Natal. se fez o Arcebispo a véla, e com vento prospero foi surgir sobre a barra do Cunhale, onde D. Luiz da Gama o esperou com toda sua Armada embandeirada, e posta em ordem, e o recebeu com grandes salvas de artilheria, e de arcabuzaria, e logo se foi ver com elle, e lhe deo conta do estado em que as cousas estavam, e de como o Camorim proseguia no cerco contra aquella Fortaleza, com muito rigor, aspereza, e firmeza, e que tinha mostrado de sua parte haver de cumprir o que tinha prometido. O Arcebispo lhe mostrou as instruções do Conde Almirante, e por virtude del-
las

las ajuntou logo Conselho geral de todos
 os Capitães, a quem o Arcebispo propoz
 a renção do Conde Almirante, principal-
 mente sobre o modo que se teria na des-
 embarcação daquella Fortaleza, pera pri-
 meiro que se effeituasse, o avisarem, pera
 no Conselho de Goa se verem as razões em
 que se fundavam, pera com isso mandar a
 seu irmão a ultima resolução sobre aquel-
 le negocio; e praticado o caso, e exami-
 nado os inconvenientes que se offercê-
 ram sobre a materia da desembarcação; is-
 to he, por qual das partes se faria, se en-
 trando pela barra, se desembarcando na
 terra do Ariolo, e depois de muito alter-
 cado tudo, vieram a concluir todos, ou os
 mais, que o melhor, e mais seguro seria
 entrar toda a Armada pela barra, tiradas
 as galés, e desembarcarem dos navios em
 terra, e pôrem suas estancias, allegando pe-
 ra isso muitos proveitos que resultariam
 disso; porque posto que na entrada houves-
 se algum risco, sem que se não fazia nun-
 ca guerra, todavia depois de estarem den-
 tro os navios, ficariam os nossos mais se-
 guros, e desembarcariam em terra com me-
 nor ordem, e menos oppressão, porque os
 nossos navios varejariam a ribeira com sua
 artilheria, e fariam a desembarcação mais
 franca; e que ficando os navios com as
 proas

proas em terra, teriam os nossos mais à mão os provimentos de munições, e de todas as mais cousas, porque ficariam no do armazens de tudo o de que tivessem necessidade pera o escalar da Fortaleza, porque não era possível irem todos tão poucos, que lhe não viessem a faltar as cousas; e com isto serviriam de recolherem os feridos, e de costas aos nossos pera peijarem mais affeitos, tendo-as seguras; e que acontecendo hum desastre, teriam onde se recolher, e reparar; e que vendo-se o inimigo cercado pelo rio, sem dúvida se entregaria logo, porque lhe não ficava outro remédio, porque só nelle tinha suas esperanças; e debatidas todas estas, e outras cousas, vieram a concluir que entrasse no rio com toda a Armada, e que dos navios fizessem prestes pera desembarcarem os nossos a pé enxuto.

Ditto se fez hum assento assignado por todos, que o Capitão Mór despedio, e mandou ao Conde por hum navio ligeiro, escrevendo-lhe elle, e o Arcebispo a disposição em que as cousas ficavam, mandando-lhe que convinha ao Estado destruir aquelle inimigo; porque segundo estava poderoso, se se dissimulasse com elle, em pouco tempo a ser senhor do mar, e os Portuguezes a ficarem encurralados em suas

suas Fortalezas ; e que ainda assim no estado em que estava , vivia tão poderoso , e soberbo , que suas Armadas já não estimavam as nossas ; nem os nossos navios tantos por tantos ousavam a se encontrar com os seus , e assim como senhor do mar da India estava muito rico de thesouros , pelas grandes prezas com que todos os annos suas Armadas se recolhiam , e por esse respeito dobrava todos elles a cópia de navios , e genie.

Despedido o recado , depois do Arcebispo fazer na barra de Cunhale todas as diligencias que lhe parecêram necessarias , se foi pera Cochim , e com elle continuaremos depois. O recado que o Capitão Mór despedia ao Conde Almeirante chegou a Goa em poucos dias ; e vendo elle o estado em que aquellas cousas estavam , por não verdadeira informação , como era a do Arcebispo , e o assento que se lá tomou sobre a desembarcação , convocou Conselho geral , e nelle mostrou as cartas , e papeis que lhe vieram , e propoz os termos em que a guerra ficava , e a segurança com que o Camorim continuava no cerco contra o Cunhale , e o que se determinou sobre a desembarcação , e todas as mais cousas que lhe parecêram sobre o que se devia votar , o que tudo fez com muita clar

clareza; destreza, e sufficiencia, pera que não ficasse cousa, que causasse dúvida aos que haviam de votar, nem de que lançassem mão, que lhe ficára por inadvertencia; porque em todas as materias estava muito resoluta, e debatido tudo pelos do Conselho, e vistos os proveitos que os Capitães, que estavam sobre Cunhale, apontavam, entrando pela barra, como homens que estavam com as mãos na massa, votaram que os navios entrassem pelo rio dentro, e que com as proas em terra ficassem sendo Fortaleza aos nossos, em quanto commettessem a Fortaleza; e que se corresse com o Camorim tão pontualmente, e com tantos respeito, que não viesse a cair em alguma desconfiança, que fosse occasião de se perder aquella jornada, e que se lhe promettessem, e fizessem as pazes que podia com todos os favores possíveis. Sobre estas diligencias fez o Conde outras da sua parte, como quem desejava daquelle negocio ir muito bem encaminhado, e ter o fim que se desejava, assim pelo que cumprira ao serviço de Deos, de ElRey, e do bem commum, como pelo seu particular, pois commettera aquella empreza a seu irmão, inquirendo de homens velhos, e que sabiam do negocio da guerra, e do Malayar o que lhe pareceo necessario pera o avi-

avisar, porque lhe não ficasse cousa alguma para fazer; e eu cuido que sobre isso lhe dei hum papel com a descripção daquelle rio, assim como aqui a pintei, e sitio daquelle Fortaleza, e por onde se podia commetter, e escalar, que me deo hum Pero de Braga, que esteve muitos annos naquelle Fortaleza feito Mouro, e tão valido do Cunhae, que era a segunda pessoa diante d'elle; e por esse respeito lhe chamavam Cunhae pequeno, que depois fugio com riscos seus, como q. eu conto na undecima Decada, no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho.

Em fim, depois do Conde Almirante fazer todos os bons officios que lhe pareceram sobre aquelle negocio, e resoluto em mandar assaltar aquella Fortaleza, deo a Luiz de Silva, irmão do Regedor, pera Capitão Mór, da dianteira, que elle pediu, e solicitou, por ser hum Fidalgo de grande brio, e desejo de ganhar honra, que logo se fez prestes com doys navios armados á sua custa, a quem acubiram muitos Fidalgos, e soldados, parentes, e amigos, e criados.

E parecendo que seriam necessarios, algumas barcaças pera bater a Fortaleza, mandou aprehender duas, e huma dellas encarregou a Belchior Calaga, Capitão velho,

e de muita experiencia; a outra deo a Manoel Froes, homem do mar, mas de muita confiança, e experiencia. Diogo Monteiro Barreto, que se quiz achar naquella empreza, foi hum navio á sua custa, com que se embarcaram muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que continuamente tinha em sua casa, e assim se fizeram prestes alguns Fidalgos, em navios ás suas custas, para irem de soccorro com muitos Fidalgos, e soldados, e lo me lembra de D. Bernardo de Noronha, e de D. Manoel de Lacerda, que todos partiram em companhia.

Quasi no mesmo tempo chegou a Goa Sebastião Botelho, Capitão Mór dos Sarguiceis da costa do Norte, que o Conde tinha mandado chamar para o mandar de soccorro a seu irmão, em cuja companhia vieram muitos Capitães em navios ás suas custas; para se acharem naquella occasião, que foram D. Luiz Lobo, D. Manoel, e D. Rodrigo de Castro, seu irmão, filhos de Baçaim; Salvador de Sampayo, filho de Heitor de Sampayo, Antonio Pereira Coelho de Damão, e outros que me não vieram á noticia; e estando todos embarcados esperando na barra recado do Conde para se partirem para Cumbale, foi D. Manoel Pereira visitar seu filho D. Rodrigo, que era hum dos Capitães da Armada de

de Sebastião Borelho ; e ao tempo de dar
 tem a véla , estando no navio do filho , se
 deixou ficar , dizendo-lhe que se calasse , que
 elle havia de ir achar-se naquella empre-
 za , e assim se foi com elle com só o fato
 que levava vestido no corpo , e com que
 andava na Cidade , sendo de mais de tes-
 senta annos , e tendo sido Capitão de Ba-
 çaim ; o que fez só por envergonhar al-
 guns Fidalgos mancebos , que ficavam pas-
 seando em Guz. Estas novas chegaram ao
 Capitão Mór , que elle recebeu com mui-
 ta honra , e alvoroço ; e quando vio D.
 Manoel Pereira , velho daquella maneira ;
 e com aquelle zelo , levou-o pera a sua ga-
 rta ; e lhe mandou dar fato , e armas , e tra-
 tou-o com muito respeito , como era razão :
 e aqui os deixaremos , por darmos conta
 do que o Arcebispo passou em Cochim , e
 do soccorro que aquella Cidade mandou.

C A P I T U L O I V .

*Do que o Arcebispo fez em Cochim com
 aquelle Rey : e do soccorro que aquella Ci-
 dade mandou a D. Luiz da Gama.*

Chegado o Arcebispo a Cochim , foi re-
 cebido daquella Cidade com muitas
 festas , e alegrias , indo-o buscar ao caes o

Bispo, Cabido, Vereadores, e todo o mais poyo, como era razão se fizesse áquelle Prelado, de tantas partes, e sangue: e logo tratou com a Cidade o soccorro, para dar a D. Luiz da Gama, que os Vereadores já tinham prestes, que eram tres navios muito cheios de soldados, e munições, de que elegêram por Capitão Mór Lourenço Correa da Franca, Fidalgo do habito de Christo, dos Francas de Tangere, que todos foram muito bons Cavalleiros, e elle era, e os Capitães dos outros navios foram D. Gaspar de, e Francisco Botelho Cabral, filho de Manoel Botelho Cabral, hum Fidalgo velho, que fora Escrivão da Matricula geral, e Secretario do Estado, e o Arcebispo negociou a galé em que foi, em que tornou D. Alvaro de Menezes com muitos soldados, e outro catir, em que metteo criados e homens, e bons soldados: e porque pouco chegara de Ceilão André Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, capitão que foi de Chaul, que se foi apresentar áquella Fortaleza, por hum degredo que tinha, e sabendo daquella occasião, fretou hum navio, e ajuntou muitos soldados para irem com elle. D. Francisco Sousa, filho de D. Pedro, também nesta occasião era chegado a Cochim de Ceilão,

onde se fora appresentar por ter certos annos de degredo pera aquella Ilha, e com licença do General della vinha buscar sua casa, tambem fretou outro navio com soldados, e se foi ao soccorrô de Cunhale.

E juntos todos estes navios, deram á vela, e em poucos dias chegaram a Cunhale. Vendo ElRey de Cochim aquellas preparações, e o animo com que o Camorim estava pera destruir aquelle inimigo, detran-lhe os ciumes, e houve que ficando o Camorim por esta via amigo do estado, ficava elle abatido, e acanhado; porque todo o seu poder, riqueza, e estado consistia na amizade dos Portuguezes: pelo que lhe vinha bent vellos travados em guerra com o Camorim pelos bens que dillo lhe resultavam; porque além do proveito em que sempre trazia o olho, tanto mais se havia alevantando em poder, quanto mais via o Camorim (que era seu inimigo capital) abatido; porque havendo guerra entre elle, e os Portuguezes, sempre o estado o havia milter, e com pazes temia vir a menos, e perderem-lhe o respeito; e pera esborvar estas liancas, e que o negocio do Cunhale não fosse por diante, e se esborvasse aquella liga, usou destes ardis, de que estes Gentios são mestres. Mandou por João Pereira de Miranda dizer ao Arcebispo,

po, que elle como irmão em armas de El Rey de Portugal, e como tão obrigado por quantas honras, e mercês, como tinha recebido dos Portuguezes, o mandava avisar debaixo de todo o segredo do mundo, que elle tivera cartas de pessoas de confiança, que assistiam no Conselho do Camorim, em que lhe affirmavam, que aquella guerra do Cuhale tudo eram traças do Camorim, ordenadas entre elle, e o Cuhale para ao tempo do assalto virarem todos as armas contra os Portuguezes, e matarem-nos em satisfação de quantos agravos, e danos tinham delles recebido: que lhe mandava pedir escrevesse ao Capitão Mór que sobreestivesse naquella execução, e que por nenhum caso commettesse a deslembração, e dissimulasse o melhor que pudesse ser com aquelle negocio.

E depois de sobre isto fazer grandes medos a João Pereira, e muitos espantos, lhe disse que daquelle recado, que mandava ao Arcebispo por elle, e da resposta que lhe desse, lhe passasse huma certidão para mandar a El Rey seu irmão, porque depois se não queixasse o Viso-Rey, que não merea quem o avisasse. João Pereira, como homem, que creio o que lhe El Rey disse, representou ao Arcebispo o seu recado com exteriores de homem, que atalhava tanto da-

damno, quanto se aparelhava aos Portuguezes. O Arcebispo ficou algum tanto embaraçado, por ter muito conhecimento da pouca fé, verdade, e lealdade destes Reys Gentios, principalmente do Camorim, que nunca guardou juramento, nem contrato das pazes, cujo antiquissimo odio era tal, que se podia suspeitar aquillo desse; e sobre tudo ter tanto conhecimento de sua miseria, e cubiça que era sempre tal, que se o Cunhale lhe desse dinheiro, quebraria sua lei, quanto mais sua palavra.

E considerando aquellas cousas consigo, que eram de qualidade que podiam dar muito em que cuidar por serem de tanta importancia, e fazendo sobre ellas muitos discursos, e praticando-as com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Cidade, com Manoel de Lacerda, e outros Fidaigos velhos, inspirou-lhe Deos no coração hum não sei que, com que se determinou a crer que tudo aquillo eram artificios, e invenções de ElRey de Cochim, cahindo no porque o faria, porque ao mesmo Camorim lhe convinha dar fim áquella empreza, e destruir aquelle Mouro, contra quem tinha mettido tanto cabedal, e despendido tanto dinheiro, e dado claros sinais de sua fé, e mostrando tanto animo, e zelo pera ir com este negocio ávante;

por-

porque ficando aquelle Mouro em pé, e tava certo alevantar-se de todo, e tomar aquelle Reyno, porque bem sabia o morim quão falsos, enganosos, e traidores eram estes Mouros, de quem nunca já se havia de fiar, nem o Cunhale delle; e solutos nisto, mandou o Arcebispo responder a El Rey de Côchim, que lhe agradecia muito aquelle aviso, que bem via ceder de sua muito antiga lealdade, e do muito que lhe os Portuguezes sempre recêram; mas que naquelle negocio não havia pera que tomar outra determinação, porque estavam os Portuguezes resolutos em se fiarem do Camorim, porque pera so havia causas mui licitas, e que convinha aquelle negocio muito ao mesmo Camorim; e que em penhor de sua offerecia as pessoas principaes, e de mór estimação do seu Reyno pera segurança dos nossos; e que quando houvesse algum engano, ou de humia parte, ou da outra, queriam pera vingar tamanha traição, e as mortes dos parentes, amigos, e companheiros.

E certo que nisto se vio bem quanto Deus nosso Senhor queria que este tyranno se acabasse, e pagasse as mortes de tantos Portuguezes, quantos por seu mandado fo-

foram martyrizados, de cujo sangue aquellas praias estavam banhadas, pedindo a Deos vingança; porque se não acudiria com sua misericordia em tirar da imaginação do Arcebispo, que tudo aquillo eram invenções, e estratagemas de ElRey de Cochim, e avisára disso ao Capitão Mór do Malavar, e se espalhára pela armada, sem dúvida que aquella empreza se não effectuára, e aquelle Mouró ficára em pé, porque já se não haviam de sair do Camorim.

Ouvindo ElRey de Cochim a resposta do Arcebispo, não deixou de entender que aquelle remoque do engano de huma parte, ou da outra dizia por elle, e dissimulou o melhor que pode; mas vendo que por alli não pegára sua pertença, discursou outro modo, por onde pudesse estorvar aquella jornada, e offerecco-lhe o diaho o melhor que podia ser, que foi fazer guerra ao Camal da Carugueira, vassallo, e alliado do Camorim, de quem tinha alguns aggravos, e metter-lhe muita gente por suas terras, porque estava certo deixar o Camorim o cerco, e acudir ao soccorrer, porque lhe não entrasse pelas do mesmo Camorim; e logo mandou pôr em campo sessenta mil Naires, pera com aquelle negocio poder atemorizar-se o Camorim, e deixasse tudo por acudir ao seu. Disto foi logo

go avisado o Arcebispo ; e entendendo a malicia daquelle Rey , e o damno que faria, se fahisse com seu intento até o cabo, em humas vistas que com elle teve lhe peo- dio muito que dilatasse aquella expedição, que queria fazer contra aquelle Caimal, pe- ra depois do negocio de Cunhale conclui- do, e que alli lhe ficava tempo largo para pôr por obra o que pretendia ; que El Rey de Portugal seu irmão o estimaria muito, e sentiria em extremo o contrario, porque seria aquillo occasião de se perder aquella empreza, em que tanto cabedal se tinha mettido : e por taes termos levou este ne- gocio, que lho não pode El Rey negar, e assim cessou por então daquelle guerra.

C A P I T U L O V.

Do conselho que o Capitão Mór tomou so- bre o modo de como se commetteria a for- taleza: e das preparações que para isso fez: e de como alguns Fidalgos seus ami- gos lhe fizeram mudar o parecer.

CHegados todos os soccorros, ^{cartas,} e advertencias, que o Conde Almei- rante mandou a seu irmão, convocou elle a Conselho geral todos os Fidalgos, ^{Capita-ães,} e Cavalleiros principaes da Armada, ^c

e mostrou-lhes as cartas do Viso-Rey, e a determinação que se tomou no Conselho de Goa sobre o modo de como se commetteria a Fortaleza do Cunjale, e lhes pediu que por sima de tudo tornassem a votar livremente sobre aquelle negocio, porque estavam alli muitos, que se não acháram nos Conselhos passados, e era bem que pois viam com o olho o estado em que aquellas cousas estavam, que se ouviam tambem sobre ellas; e debatido de novo o caso, tornáram a votar que se commettesse a Fortaleza, entrando pela barra dentro todos os navios desemmastreados, como já estava assentado, porque era negocio mais seguro, e de menos risco, dando pera isso quasi as mesmas razões passadas.

Resumido o Conselho, mandou o Capitão Mór logo desemmastrear os navios, e fazer as preparações que lhe pareceram necessarias, e nomeou os navios, que haviam de acompanhar a Luiz da Silva na dianteira; e porque o rio estava impedido com mastros lançados no fundo, encommendou aquelle negocio a Sebastião Botelho, a André Rodrigues Palhota, Francisco Pays, e Pero Rodrigues o Malavar, que de noite no mór silencio della entraram o rio em almadias pequenas, levando consigo ma-

rinheiros, e mergulhadores, que andáram por baixo da agua trabalhando até arrancarem hum mastro grande, que estava prezo com huma cadeia de ferro, e a argola de lima, em que ficava prezo, acháram quebrada, que lhes pareceo que fora alguma bombardada que lhe deram, arrancando este mastro, que Francisco Pays tirou, e levou á barçaça onde o amarrou, ficando trabalhando tudo o que puderam por tirar os mais; mas não lhes foi possível, por estarem pregados com prégos mui grossos sobre cabeças de grandes estacas mettidas no lamarão dentro na vasa; mas todavia com aquelle mastro que tiráram lhe ficava hum canal pelo meio, por onde todos os navios podiam entrar largamente: neste canal acháram braça e meia de agua em baixa mar de todo.

Em fim, feitas todas estas diligencias, e preparadas as cousas pera aquella entrada, e assalto, que havia de ser de madrugada da terça feira que vinha, que eram tres de Março, mandou o Capitão Mór avisar o Camorim, e pedir-lhe os refens, que lhe elle logo mandou, que foram Uniaré Chararé, o Principe de Tanor, e outros Regedores, e Principes do sangue, que se mettêram na galé em lugar separado por serem Gentios, onde foram tratados muito hon-

honradamente; e como os lá teve, mandou á parte do Camorim Belchior Ferreira por Capitão Mór de trezentos homens, pera por lá assaltarem as tranqueras, e ir-se ajuntar na povoação com a mais gente, que havia de desembarcar pelo rio, a quem o Camorim tinha promettido seis mil Naires com todos os machados, alavancas, escadadas, e mais cousas que lhe fossem necessarias.

Passada esta gente ao Camorim, deo o Capitão Mór ordem á desembarcação, como já estava assentado, que era levar Luiz da Silva a dianteira com treiscentos homens com os Capitães, que adiante nomearemos, na desembarcação; e com elle o Sargento Mór D. Antonio de Leiva, Português, soldado velho, e muito experimentado, que se tinha achado na batalha naval na galé do Senhor D. João d' Austria; e pelo que nella lhe vio fazer, lhe deo o Dom, e o habito da cavalleria de Calatrava; e estando tudo preparado, mandou o Capitão Mór recado ao Camorim, que ao outro dia no quarto da alva lhe mandaria fazer hum sinal com huma lança de fogo no ar, pera que ao mesmo tempo commettessem por lá a Fortaleza, como os navios haviam de fazer por estoura parte, e pera este negocio se gastou todo aquelle dia em

em se confessarem os soldados da Armada; porque ainda que antre elles ha muitas forturas, e devassidões de mancebos, e gente que milita, neste negocio da christandade, e temor de Deos são extremados sobre todos, porque nunca tiram suas contas das mãos, nem deixam de ouvir todos os dias sua Missa, quando pôde ser, com outras cousas deste toque muito pera estivar nelles; e á volta disto alimpãram suas armas, fizeram seus pelóuros, e ordenãram suas espingardas.

Estando tudo prestes; parece que entenderam alguns Fidalgos que o entrar pela barra era de muito risco, e perigo, por causa do baluarte que estava sobre ella; porque delle poderiam muitos navios ser mettidos no fundo. Ajuntãram-se senco, ou seis aquella noite, e foram-se á gale do Capitão Mór, e mettidos na sua camara, o começaram a persuadir que mudasse o Conselho, porque tinham todos assentado que o entrar pela barra, como estava determinado, seria perdição daquella Armada, porque lhe poderiam metter tantos navios no fundo, que lhe não ficasse poder pera darrem o assalto; e que qualquer desastre que succedesse, quebraria os coraçõs aos homens de maneira, que ficassem amedrentados; e que succedendo o que elles temiam,

qua-

quando os navios quizessem tornar a sahir
 pera fora, correriam o mesmo perigo, e
 que pela informação que tinham, no ca-
 nal não havia agua pera poderem entrar
 os navios dentro, senão lançados á banda,
 no que diziam muitos, que se enganaram,
 ou se quizeram enganar por darem melho-
 res razões ás razões com que quizeram per-
 suadir ao Capitão Mór a mudar o assento,
 que se tinha tomado no Conselho, que en-
 trassem os navios pela barra dentro. Em
 fim, persuadiram ao Capitão Mór, que se
 se commettesse aquelle negocio pela banda
 do Ariole, seria de mais effeito, e de me-
 nor perigo, e risco, porque o rio não ti-
 nha mais largura que de hum tiro de fun-
 da; que em jangadas, que se podiam fa-
 zer muitas, se passaria toda a gente a ou-
 tra parte, e desembarcariam em terra á
 sua vontade, e sem o perigo de provarem
 primeiro a furia da artilheria do baluarte
 branco (que assim se chamava o de sobre
 a barra) e tantas razões lhe deram sobre
 aquelle negocio, que o renderam a lhe pa-
 recer que o aconselhavam como amigos,
 e sem respeito algum, e assim tiveram de-
 pois alguns pera si, que parecia conselho
 acertado, e só se pôde reprehender o Capiti-
 ão Mór de mudar o conselho, e ordem
 do Viso Rey, no que elle não deixou de
 ca.

calir ; mas por lhe parecer que o se aquil-
lo , que lhe facilitavam ; succedesse bem ,
o desculparia de tudo , não lhe lembrando
que melhor he perder-se hum Capitão na
guerra por cumprir os mandados do seu
Rey, ou Viso-Rey, que ganhar-se de obe-
decendo ; e se não , vede quantos Confules
castigou o Senado Romano por venterem
fóra do seu regimento , e o outro ; que man-
dou cortar a cabeça ao filho por aceitar
o desafio do Francez , com elle o matar no
campo , porque foi sem sua ordem ; por-
que aqui não se tem respeito á victoria , se-
não á desobediencia , porque a obediencia
faz os exercitos poderosos , e os soldados
esforçados , e a boa disciplina na guerra
he principio de victoria.

E tornando ao fio da historia , reioímo
o Capitão Mór em commetter o assalto pe-
da parte do Ariote , mandou recado a ^{Luz}
da Silva , e mais Capitães que sobrecas-
tessem , e não bulissem consigo até o ou-
tro dia , que lhe daria razão de si. ^{Ella mu-}
dança correu logo pela Armada , que mu-
tas sentiram , por entenderem que se en-
caminhava tudo a huma grande desaventu-
ra , como aconteceu , e não deixaram mu-
tos de murmurar ; e ainda houve pessoas,
que se desordenaram , e descompuzeram
em palayras contra os que metêram ; e so-
ram

com causa de se não guardar o que se assentou em Conselho, e quem estes foram logo se soube: em fim elle ficou assentado pera o outro dia, em que se passáram pera a parte do Ariole pera se ordenarem as jangadas, pera que se tomáram muitas almadias, que havia por aquelle rio, e juntas de duas em duas atravessaram por cima alguns barrotes bem amarrados, com o que ficáram capazes de poderem passar de dez homens, e algumas de vinte, porque as almadias eram mais de sessenta; em que se orçou: poderem passar seiscentos homens, que era a cópia que o Capitão Mór tinha nomeado a Luiz da Silva pera a dianteira.

CAPITULO VI.

De um maravilhoso sinal que appareceo no Ceo: e de como os nossos commetteram a desembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra.

Todo aquelle dia gastaram os nossos em fazerem jangadas, e em se prepararem pera o assalto: por esta ordem o fez Belchior Ferreira, que estava da parte de Camatim com trezentos homens, cujos Capitães eram D. Pedro de Noronha, Lopo de Andrade de Gamboa, Lourenço Cal-

Conto. Tom. VII. N dei-

deira, os dous irmãos Castros de Baçaim, Salvador de Sainpayo, Protasio Matolo, Antão Fernandes, que andava em hum navio de D. Fernando de Meneses, Capitão de Cananor, Manoel de Miranda de Torres, que tinha a Fortaleza de Maluco, e Antonio Coelho Malavar: estes com sua gente haviam de commetter as tranqueiras do Cunhale; e tanto que as entrassem: irem marchando até o terreiro da Fortaleza, onde achariam Luiz da Silva com toda a gente da dianteira pera commetterem a Fortaleza; e que todos a hum tempo commetteriam o seu cerco, tanto que vissem na barcaça fazer sinal com huma lança de fogo, que sería no quarto da alva.

E como este negocio de commetterem a desembarcação em jangadas era a total perdição dos nossos, parece que os quiz Deos avisar com hum sinal maravilhoso, que lhes mostrou aquella noite no Ceo, que os pudéra fazer tornar sobre si, e verem com o olho sua perdição; mas os peccados da India fechou os olhos aos que foram occasião de tão grande dainno, e destruição: o sinal foi este: a noite da quarta feira quatro do mez de Março, no quarto da priuna, viram correr da parte de Levante hum raio de fogo, como huma grande bomba, que parando sobre a nossa Armada,

da, se desfez entre estrellas, ou faiscas em breve espaço, com grande espanto, e admiração dos nossos, e não menor alegria do Cunhale, porque teve aquelle signal por bom prognostico pera elle, e pera os nossos por muito infelice, como foi. Não sei de que qualidade este signal seja, senão se lhe chamarmos trave de fogo, a que os Gregos chamam Doeci; mas algumas se viram já destas, que não deitaram faiscas, como deita hum foguete, que se arremessa por esses ares. Ser estrella errante, tambem não pôde ser, porque estas não mostram nunca tamanha claridade. Se lhe quizermos chamar cometa, será erro grande, porque estes tem outros effeitos muito diferentes, e sempre apparecem á parte de Oeste, e durão muitos dias, e não tem mais que relampadejar, e lançar pera si huma espadana, ou huma coina, por onde me parece que foi raio; porque muitos pessoas me affirmáram, que ao desfazer-se sentira André Rodrigues Pallota quebrar-se a espada, que tinha na cinta, em tres pedaços, que he o mesmo effeito de alguns raios, segundo se lê na materia delles.

Em fim, preparados todos, repousáram de noite pouco, e estiveram vigiando o signal que estava encommendado a Belchior Calaça, que parece que se enganou nas es-

trellas, por onde se governão os quartos, que se vigiam nas Armadas; e parecendo-lhe que era o da alva, fez o sinal pouco mais de meia noite; e tanto que foi visto de Belchior Ferreira da parte do Çamorim, abalou logo com a sua gente, e quatro, ou cinco mil Naires do Çamorim, sem lhe dar as cicadas, e mais petrechos, que tinha promettidas, e com grande determinação commetteram as tranqueiras de madeira, a que puzeram fogo por algumas partes; mas como os Mouros eram muitos, logo o apagaram, e sobre isto houve muitas espingardadas, setradas, e outros generos de morte, que cahiram sobre os nossos, de que pereceram Manoel de Miranda, Antonio Coelho Malavar, e vinte e seis soldados mais, que fizeram maravilhas por cavalgarem as tranqueiras, e ficaram, a fóra estes, feridos os nove Capitães de todos os navios, de espingardadas; e a Belchior Ferreira deram cinco nas armas, que por fortes o não mataram; mas de huma, que lhe deo por hum braço, ficou muito ferido, e do fogo que os Mouros lançaram de cima sobre os nossos, que era muito, foram alguns bem queimados; e por não particularizarmos isto, foram feridos de espingardadas cento e vinte e seis soldados, e nem com isto se affastaram das tran-

tranqueiras, antes trabalháram tudo o que puderam pelas entrar; e aqui os deixaremos, por continuarmos com Luiz da Silva.

Este Capitão teve tento nas horas; e posto que vio o final que se fez na barca, não se governou por elle pera se abalar, por ver que não era aquelle o tempo, em que ficou assentado que se fizesse; mas tanto que foi o quarto da alva, o fez, sem se saber da parte donde elle estava o que passavam os da companhia de Belchior Ferreira nas tranqueiras, e em sessenta jangadas atravessou Luiz da Silva o rio, indo elle n'uma embarcação pequena com alguns que escolheo, levando ordem pera desembarcar bem ao pé da Fortaleza, porque com o muro ficavam abrigados da artilheria delle, e com a escuridão da noite poderiam fazer a desembarcação mais a seu salvo; e que de longo do muro fossem demandar o terreiro da Fortaleza, aonde se lhe iria ajuntar Belchior Ferreira, e juntos commetteriam pela porta, que se arrombaria com vaivens, que haviam de levar pera este effeito.

Indo Luiz da Silva demandando a terra com alguns que hiam na sua embarcação, o primeiro que saltou nella foi Benito Correa, criado do Conde da Feira, que logo morreo abraçado da pólvora; e a em-
bar-

barcação com a pancada que deo em terra, tornou a recuar pera trás: e quiz a desaventura que no mesmo tempo deitou a Luiz da Silva humna moquetada pela cabeça, de que logo cahio morto. Antonio Dias, o Tormenta, que levava a sua bandeira, vendo-o daquella maneira, tirou-a da hastea em que hia, e cubrio-o com ella; e tornando a embarcação a chegar a terra, Antonio Dias, e outros se metteram nella com o corpo de Luiz da Silva, e o levaram á outra banda, de cuja morte se não soube, que foi bem grande má; porque se se soubera, e fora á noticia do Capitão Mór, por sem dúvida se tem que todos se tornaram pera elle, e fora melhor, porque então passara elle em peões, e concluíra-se o negocio; mas como todos os que hiam nas outras jangadas cuidavam que hia Luiz da Silva diante, e não souberam de sua morte, investiram com a terra, e pojaram na parte que cada hum pode tomar, por alcançar a gente da companhia de Luiz da Silva; e o primeiro que dellas saltou em terra foi Luiz Fragolo, que encontrou com hum cardume de Mouros, com que peleijou mui esforçadamente, e logo lhe deram humna espingardada por hum braço, e assim ferido foi seguin-do os companheiros.

As mais jangadas puzeram as proas onde melhor puderam, que tudo foi quasi ao mesmo tempo, e todas ao pé dos muros, onde os que estavam em cima os serviram com muitos generos de tiros, e couças de fogo, de que muitos sahíram mui escovrados; e como estas jangadas pojáram em diferentes partes, não se pode averiguar quem fosse o primeiro de todos; ainda que alguns dizem, que a primeira que chegou a terra foi huma, em que hia Luiz de Almeida, soldado, e Capitão, muito bom Cavalleiro, a quem antes que puzesse os pés em terra deram huma espingardada no lado direito; e cuidando elle que era mortal, quiz ir acabar em terra entre os inimigos, a que se atremessou, dizendo aos companheiros, que já que havia de acabar, queria primeiro vingar sua morte.

As outras jangadas, em que hiam D. Fernando de Noronha, D. Christovão seu irmão, que ambos hiam juntos em huma, Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, e outros, cada hum n'uma, foram varar pera a banda do baluarte do Cutimucá ao pé da Fortaleza, onde havia huma barranceira que os Mouros tapáram com huma estacada de tranqueira de pedra até o canto da Fortaleza, e os primeiros que sahíram em terra da jangada de D. Fernan-

do

do de Noronha, foram Thomé Diniz, e após elle Simão Rabello de Castello-branco, e Francisco Borges; e ao desembarcar achou o Thomé Diniz huns poucos de Mouros, que acudiram a lhe tolher a desembarcação, com quem se baralhou de feição, que veio a braços com hum que matou ajudado de Simão Rabello. Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, D. Manoel Mascarenhas, André Rodrigues o Palhota, e outros desembarcaram todos quasi ao mesmo tempo, que acharam na borda da agua hum esquadrão de Mouros divididos em magotes, que chegaram a lhe defender a desembarcação, e afferrão das jangadas, com quem os nossos foram pelejando valerosamente: e na força desta briga, em que se assignalou muito Ruy de Sousa de Larcão, lhe cortaram a mão direita, ao que lhe acudio Simão Rabello; e por ficar inhabilitado por falta da mão, que tinha cortada, o embarcaram os seus em huma almadia, e passaram-no á outra parte, onde chegou ao Capitão Mór com a mão dependurada, em cuja presença se destemperou em palavras contra os que não hiam soccorrer os que andavam pelejando. O Capitão Mór sentio muito ver aquelle Fidalgo daquela maneira; e muito mais por não ter embarcações, em que po-

poder mandar soccorrer os nossos; porque como Luiz da Silva morreu, não houve quem governasse aquellas cousas. Porque D. Antonio de Leiva, que levava ordem do Capitão Mór pera succeder a Luiz da Silva, acontecendo-lhe algum desastre, desembarcou longe d'elle, soube tão tarde de sua morte, que tratando de pôr os soldados em ordem, foi logo morto; e sabendo-o o Capitão Mór, mandou passar D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feitoria, a quem tanto que poz os pés em terra, decaiu huma espingardada na cabeça, de que ficou sem sentido; que vendo-o os seus soldados daquella maneira, metteram-no na barquinha da sua galé, que por carregar muita gente se virou, e quasi todos os que hiam nella se affogáão.

Sabendo o Capitão Mór da morte de D. Francisco Pereira, mandou ordem a Belchior Calça, soldado velho, e Capitão experimentado, pera governar os soldados; mas tratando de os pôr em ordem, lhe decaiu huma mosquetada pelo hombro direito, de que o derribáram; e ficou de modo, que os seus soldados o embarcáram, e passaram á outra handa; e por acontecerem estes desastres aos Capitães que o Capitão Mór foi nomeando, ficáram os soldados sem quem os governasse, e respeitassem, que

que foi a occasião principal da perdição dos nossos; porque os que pelejaram o fizeram de modo, que os Mouros affirmaram depois que nunca os viram pelejar com mór esforço; e bem se vio, porque em tão pequeno espaço mataram mais de quinhentos Mouros, e fizeram o estrago que he notorio na sua povoação; e sem falta se alcançara a vitoria por nossa parte, se tornaram a mandar ao Capitão Mór as barcações para passar com o resto da gente que tinha consigo; o que o desviou pela ordem que Luiz da Silva deu aos marinheiros dellas, e das jangadas, que não voltassem sem ordem sua, porque poder tomar a Fortaleza sem a ajuda do Capitão Mór; e queria mandar-lhe as barcações, e jangadas, depois que estivesse de posse da Fortaleza, parecendo-lhe que se antes passasse o Capitão Mór, lhe ficava toda a honra, e gloria do successo. E he este, que não aconteceo só a este Fidalgo, nem foi o primeiro que desta qualidade houve neste estado, porque as Chronicas estam cheias de muitos semelhantes, porque se deixaram de alcançar grandes, e importantes vitorias com perda de muita gente, e reputação, que se deve sentir sobre tudo: ser a inveja, e ambição tão poderosa, que sendo estes effeitos tão dignos

gnos de loavor, ficão escurecidos por acon-
tecerem a animos nobres, e generosos.

O Capitão Mór estava a este tempo muito triste, e desconsolado pela morte de Luiz da Silva, cujo corpo mandou desembarcar com muito sentimento de todos; e fez embarcar na sua mancha Sebastião Botelho com os soldados que nella couberam pera ir soccorrer os nossos; e assim tanto que chegava alguma jangada, logo a enchia de gente, e a tornava a despedir, ao que os soldados hiam de má vontade; porque a morte de Luiz da Silva, e muitos que viam recolherem-se feiçõs da outra banda os amedrentou de feição, que não havia podellos fazer embarcar, nem ainda com o Capitão Mór se metter pela vela pera os obrigar, e forçar a isso. Já a este tempo andavam pelo rio nadando muitos, huns affogados, e outros trabalhando por se salvarem; e pera acabar de os amedrentar a todos, se levantou huma voz de *traição*, *traição*, que ferio as orelhas dos nossos, com que se houveram por perdidos, e não se soube donde ella sahio; mas eu presumo que foi artificio do Cunhale pera desanimar nos nossos. Algumas pessoas me affirmaram, que quando o Capitão Mór vira aquelle desarranjo, e medo nos homens, fora a sua paixão tamanha,

na, que foi necessario acudirerem-lhe ^{algum} amigos, e tirarem-no da vasa, onde ^{estava} mettido a fazer embarcar os soldados: e assim deixaremos isto por tornarmos ^{nos} que andavam em terra: o que faremos ^{nesto} toutro Capitulo por não enfadarmos a quem ^{quiser} isto ler com tanta cousa mettida em hum ^{libro}.

C A P I T U L O VII.

Do que succedeo aos que desembarcaram em Cunhale: e de alguns casos notaveis que alli passaram até se desbaratarem por si mesmos.

OS nossos que desembarcaram em terra, em diferentes partes, em todas acharam Mouros, que os sabiam a receber, e a defender a desembarcação. D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, andava como hum leão bravo em busca de Luiz da Silva, porque não sabia de sua morte, e foi por onde a ventura o guiou, peleijando valerosamente por ser muito animoso; e achando tudo desordenado, sem hum bandeira, a que os homens acudissem, e sem hum cabeça, por quem se governassem, trabalhou tudo o que pode pelos ajuntar a si, e fazer hum corpo de gente com que combettesse os inimigos, e se defendesse ^{deles}.

les , porque cada vez se lia o poder en-
 grossando mais , e aqui o mataram de hu-
 ma espingardada , como fica dito no Capi-
 tulo atrás. O que agora digo he , que este
 homem fez cousas , que por muito que diga
 delle , e faça de suas cousas muitos , e mu-
 ltiplos Capitulos , em tudo ficarei atrás
 do que merecc por ellas. Manoel de Men-
 danha , Fidalgo muito bom Cavalleiro , mos-
 trou bem neste dia os quilates de seu es-
 forço , peleijando com os inimigos com tan-
 to valor , que ouvi dizer a muitos dos nos-
 sos , que se podia igualar com todos os es-
 forçados , porque por onde passou , foi dei-
 xando grande rostalhada de Mouros mor-
 tos , e espedaçados ; mas como tinha já al-
 li o termo da vida acabado , faltou-lhe pri-
 meiro que o esforço , porque foi morto de
 muitas feridas , deixando de si memoria ,
 que se pudera engrandecer muito mais do
 que o eu faço. Muitos outros Fidalgos , e
 Cavalleiros fizeram aqui grandes feitos nas
 armas : elles foram tantos , que se não po-
 dem particularizar , nem todos souberam
 dar razão delles , porque o negocio anda-
 va tão embrulhado , que fazia muito o
 que soubesse dar fé de si.

D. Fernando de Noronha , e seu irmão
 D. Christovão , o Palhoto , Simão Rabello ,
 Francisco Borges , e outros na parte em
 que

que desembarcáram acharam a resistencia que dissemos, e assim foram de longo do muro peleijando com muito valor, para irem demandar o terreiro, onde cuidaram achar Luiz da Silva, de quem tambem não sabiam; e sahindo ao largo, deram a D. Christovão huma espingardada n'um braço, e huma lançada no rosto, e outra adiante na cabeça, de que cahio; mas acudio logo Thomé Diniz, que já hia bem ferido, porque sempre foi envolto com os Mouros, e se poz sobre elle pelo defender, que o não matassem; e tanto fez, que o tornou a levantar, e o fez recolher a huma embarcação, e quasi no mesmo lugar deram huma frechada pelas pernas a seu irmão D. Fernando de Noronha, de que foi necessario obrigarem-no a recolher-se; e André Rodrigues Palhota, que peleijou valerosamente, recebeu outra espingardada pelas pernas, que lhas passou ambas, que foi forçado recolherem-no, e passarem-nos todos á outra banda, que isto era o que mettia nór temor nos soldados, e em outros que o não eram. Hum foão do Amiral, muito bom soldado, ao desembarcar se metteo no meio de huns poucos de Mouros, com quem elle, e outros seus compañeros peleijaram com muito valor; e assim andava o Amiral furioso, que se liou com

com hum Mouro, que lhe metteo os dentes em huma orelha que quasi lha cortou, e elle afferrou com os seus os narizes do Mouro de maneira, que lhos lavou em sangue; e neste confito lhe acudiram alguns soldados por recrescerem os Mouros, e ante elles foi hum de alcunha o Troviscada, grande Cavalleiro, que fez bem de estrago nos inimigos; e chegando ao Mouro com que o Amaral estava liado, deo-lhe com hum gris que o pallou, e derribou morto, e dizem que com a furia que levava, ferio tambem o Amaral, que já trazia outras feridas dos Mouros, como o Troviscada, que nunca se resguardou delles, antes sempre se achou nos lugares mais perigosos, onde as recbeo: esta arma gris he propriamente dos Jáos, he de dous palmos, ou dous e meio de comprido, tem quasi dous dedos de largura, tem os côrtes de ambas as partes em voltas, como espada columbrina, e alguns são untados com peçonha.

Henrique da Silveira de Menezes, que não foi dos derradeiros ao desembarcar, pecejou muito bem: deram-lhe huma espingardada n'uma mão. André da Silveira andou entre os inimigos pecejando valerosamente, até que depois de fazer muitas, e grandes cavallerias, e escalayrar muitos Mou-

Mouros, o matáram. Balthazar Pereira, Capitão de hum navio, tambem se assignalou bem até lhe darem huma espingardada n'um hombro. Hum foão Borges Ricoto, da obrigação de D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora, tambem fez muitas maravilhas até o matarem: hum foão Bortelho, soldado valeroso, mostrou aqui bem que o era, até que o queimáram, e abrazáram. Belchior Calaga com ser de sessenta annos fez taes cousas, que pudera envergonhar muitos mancebos, e todos os que o viram peleijar: hum foão Machado de Cochim fez cousas mui notaveis de esforço, e escandalizou bem aos inimigos, com quem sempre andou misturado, até que o matáram de huma espingardada. D. João Tello, filho do Alferes Mór, e D. Manoel de Noronha cumpríram aqui bem com a obrigação de filhos de seus pais, imitando-os no esforço, e cavalleria, que os inimigos sentíram bem em suas carnes até os matarem. Lourenço Guedes foi aqui morto, depois de ter bem cumprido com as obrigações de quem era. Diogo de Miranda tambem deu boas mostras de seu esforço até chegar a perder a vida no meio dos Mouros; e por não relatarmos tantas miudezas, baste saber-se que todos os que tinham sangue, e honra, foram sempre por diante fa-

vendo maravilhas, e todos apertáram com
 os Mouros de feição, que os obrigáram a
 se recolherem na mesquita, que estava de-
 frente da Fortaleza, que estava entulhada
 de povo miúdo: e trabalháram os nossos
 tudo o que puderam pela entrar, mas
 não lhes foi possível por ser forte; e por-
 que o tecto era cuberto de folhas de pal-
 ma seccas, bradáram os que estavam á por-
 ta por lanças de fogo, e foi logo cor-
 tendo por ellas ás embarcações hum sol-
 dado da obrigação de Luiz da Silva, cha-
 mado Simão Pereira; e tomando tres, tor-
 nou a voltar, e no caminho encontrou
 com Pero Fernandes de Carvalho, e An-
 tonio de Magalhães, que neste feito fize-
 ram muitas cavallerias, e cada hum lhe
 tomou a sua, e foram-se á mesquita, e
 deram fogo as lanças, e com ellas o pu-
 zeram ás olas: outros dizem que hum João
 Pinto, natural de Bemfica, foi o primeiro
 que lhe poz o fogo. A este tempo chegou
 Sebastião Botelho, que tinha feito muito,
 e com elle huma companhia de seus sol-
 dados; e vendo o trabalho em que os
 nossos citavam de pôr o fogo ao tecto da
 mesquita, tomou humas lanças que levava
 consigo, que tinham nas pontas mui bem
 zeadas hums cornos de bois com pontas
 pera baixo, e os vãos pera cima, todos
 cheios

cheios de polvora, de feição que sobejavam por fóra em cada huma hum palmo de ferro, pera tanto que o fogo se acabasse, pelejarem com ellas. Artificio foi este, que elle inventou pera trazer nos Cotroulões, em que elle andava por Capião. Eram estas lanças de tanta efficacia, que huma só bastava pera axorar, e desbaratar hum Parao; e dando-lhe fogo por huma, lançaram grandissimas labaredas com inumerosos terremotos, e com ellas ajudou a pôr o fogo á mesquita: e tinham estas lanças outra couza, que de mais de duas braças affastadas, lançavam as chammas de fogo aonde queriam. Os Mouros que estavam na mesquita, tanto que as olas tomaram fogo, que começou a cahir sobre elles, arrebutaram alguns pela porta fóra, e como desatinados arremetteram com os nossos, e quasi que os fizeram desfinandar. Ao que acudio Domingos de Castilho, natural de Ceita, com outros companheiros, e se oppuzeram aos inimigos, e apertaram com elles de feição, que foram fugindo pera a Fortaleza, aonde se recolhiam por huma porta que se servia por baixo de hum arco de abobada, que alguns dos nossos quizeram commetter; mas deixaram de o fazer por se temerem de minas.

A este tempo sahio do baluarte de sobre a barra hum esquadrão de Mouros, que vinham em favor dos seus; e correndo a voz de *Mouros, Mouros*, foi tão grande o desmancho dos soldados communs, que andavam espalhados, que perto de cento e sincoenta delles se acolhêram pera debaixo das galeotas, que estavam varadas dos inimigos á borda do rio, sem verem, pelos não deixar o medo com que hiam, quão perigoso era o lugar que escolhiam; porque mais seguro lhes era fazerem-se em hum corpo, e pelejarem em defensão de suas vidas, quando por honra o não quizessem fazer, ou pela Fé de Christo, que eram respeito que os engradeciam mais.

Os nossos que estavam derredor da mesquita, vendo recolherem-se aquelles fracos soldados pera os navios, bradaram que os fossem alguns fazer recolher, onde todos estavam, pera juntos resistirem aos inimigos: ao que foi Sebastião Hotelho, e com elle hum Padre de S. Francisco, que se chamava Fr. Francisco Baptista da Re-coleira dos Descalços, que já fora cativo em Canhale, e começaram a persuadillos que se fossem ajuntar com os que estavam na mesquita, e que não quizessem abater,

e affrontar sua nação, que tão temida fora sempre em todas as partes do mundo. À voltas d'isto alevantou o Padre no ar hum devoto Crucifixo, e lhe disse: *Eia, soldados de Christo, e esforçados cavalleiros, segui este Capitão, e esta sua bandeira, que certa está a victoria em quem é sua sombra quizer pelejar.* Com esta exhortação se foram os soldados sahindo de baixo dos navios, como homens que queriam seguir tão formoso estandarte; e cuidando o Sebastião Botelho, e o Padre Fr. Francisco Baptista, que vinham ^{opós} elles, começaram a andar; e virando ^{para} trás, os víram lançar todos ao mar ^{para} se passarem á outra banda, não lhes deixando ver sua covardia, que se fugiam de huma morte, hiam dar em outra mais afrentosa, e de mór vituperio; e que ^{já} que haviam de morrer, fazendo-o com a espada na mão, ficavam vivendo no Ceo por gloria, e na terra pela fama que de si deixavam; e assim arriscáram todos as vidas, e não sei se as almas, por tomarem morte por suas proprias vontades, e destes se affogáram a mór parte. Os que pelejavam junto á mesquita defendéram-se dos inimigos com muito valor, e esforço com vereim tudo perdido; e o que os acabou de desbaratar, foi a mesma ^{voz de} trai-

traição, *traição*, como da outra banda, que causou nos peitos dos que pelejavam grande terror.

Luiz de Almeida, que já tinha as duas feridas que disse, indo com hum matalote seu, chamado João da Cunha, e com alguns companheiros mais, foram pelejando valerosamente, fazendo sempre rosto aos inimigos, até que deram ao Luiz de Almeida outra lançada por baixo do braço direito, que o passou á outra parte, e huma cucilada por huma perna, de que cahio, tendo a rodela, chuça, e morrião, com que sempre pelejou, tudo feito pedaços; porque daquella feita que recebeo estas feridas, teve o encontro a dous façanhosos Mouros rodeleiros, que derribou a seus pés mortos. O João da Cunha, que tambem tinha imitado ao companheiro, vendo-o cahido, alevantou-o com os outros, e foram-se recolhendo com elle pera as embarcações, indo perseguidos de alguns Mouros; mas soccorreo-os outro amigo, chamado André Simões com alguns soldados, que arremettendo com os Mouros, os escalavraram, e fizeram fugir, com o que tiveram tempo de pôr em salvo o Luiz de Almeida, e passaram-no á outra banda, e dahi foi levado á Galé Capitania aonde foi curado, e viveo: e ainda se achou na ro-

mada daquella Fortaleza em companhia de André Eurtado, onde fez outros feitos, que em seu lugar se contarão.

Já neste tempo era tudo perdido, e no mar havia alguns corpos mortos; e alguns dos nossos, que ainda estavam em terra por primor, se não quizeram lançar ao mar, como foi D. Antonio de Leiva, Sargento-Mór, que vendo aquelle negocio concluido, e de má maneira, foi-se recolhendo pera as embarcações; e não achando alguma em que se metter, não se quiz lançar ao mar, assim pela affronta que nisso recebera, se o fizera, como por fugir á morte, que lançando-se ao mar, tinha certa, por ir todo armado de armas inteiras, tanto que até grevas levava nas pernas. Pelo que tornou a voltar aos inimigos, que já não eram tantos, e arremessou-se entre elles, como hum leão, fazendo nelles bem grande estrago; e depois de andar já muito cansado, e não poder bracejar, cahio morto de muitas espingardadas. Simão Rabello, em quem já fallei, pelejou este dia valerosamente; e depois de tudo perdido, vendo-se ferido de muitas feridas, se foi recolhendo pera a praia, pelejando sempre de rosto com os inimigos até chegar á borda da agua; e não achando embarcação em que se recolhesse, passando-lhe

pela memoria a affronta que seria morrer affogado , disse a alguns companheiros, que o seguiam , que tratassem de se salvar , porque elle não havia de morrer affogado no mar , senão entre Mouros na terra ; e lançando-se em meio delles , que o seguiam , fez tantas maravilhas até que cahio morto.

O Padre Fr. Francisco Baptista andou sempre com o Crucifixo alevantado no meio da briga animando aos nossos , e pedindo a Deos misericordia ; e vindo hum pelouro de espingarda encaminhado por vontade de Deos , deo em hum braço do Crucifixo , e quebrou-lho , ficando dependurado pelo outro. O que visto pelo Padre , alevantou a voz , dizendo : *Ab cavalleiros de Christo , vingai esta offensa feita a vosso Deos pelos males inimigos que tem , e ha do seu Santo Nome ;* e abraçando-se com o Crucifixo , dizendo muitas lastimas , e derramando muitas lagrimas pelo ver assim tão mal tratado , e abraçado com elle , o mataram : e de crer he que iria sua alma directamente á gloria a receber a coroa do martyrio.

Os que puderam alcançar jangadas salvaram-se nellas. D. Francisco Pereira , irmão do Conde da Feira , de quem ha pouco fallámos , vindo ao longo da praia com al-

alguns companheiros, lhe deram huma estingardada na cabeça, de que ficou sem sentido; e achando os companheiros a barchinella da sua galé, o metteram dentro: foi tanta a gente que se metteo na bateira, que se virou, e morreo affogado aquelle mancebo, que tinha dado de si muitas, e mui grandes esperanças do que ao diante houvera de ser; mas atalhou-lho a fortuna invejosa do seu valor, porém não lhe tirára a fama que de seu esforço lhe dará esta nossa escriptura; e ao virar da bateira acudiram alguns Mouros em embarcações pequenas, depois de verem tudo perdido, pera andarem á pescaria dos nossos que andavam no mar, e folgavam-nos como se foram peixes, e os alanceavam com tanta crueldade, como he a que os Mouros costumam ter contra Christãos. Mas hum Luiz Cardoso, bom soldado, que alli hia, accertou de haver huma lança ás mãos; e cavalgado na quilha da bateira, defendeo com muito esforço, ainda que com grande trabalho, quantos estavam afferrados na bateira até se salvarem. Eis-aqui tudo perdido, e desbaratado; mas todavia não foi tanto a salvo dos Mouros, que não ficasse o campo sem haver quem nelle pelesse, porque a mór parte dos seus aventureiros, que sahíram aos nossos, foram mortos, e feridos.

Belchior Ferreira, que deixamos com a tranqueira pelejando com os inimigos valerosamente, bem sentio o desbarate dos nossos nos gritos, e alaridos que ouvio; e porque já era perto do meio dia, e tinha a mór parte dos seus soldados feridos, foi-se recolhendo com muito boa ordem para o Camarim, que lhe pezou bem do desbarate dos nossos; e alguns que se acolhêrão para aquella parte, mandou curar, e agazalhar. D. Luiz da Gama sentio em extremo aquella desaventura, e muito mais ver que o enganaram os que o aconselharam que mudasse a ordem que tinha do Viso-Rey, em que não pôde ter desculpa. E arrebatava de pezar, e mágoa de não poder mandar soccorrer os nossos; porque se já no cabo passaram quatrocentos homens, sem dúvida a Fortaleza se perdêra, porque não ficou ao Cunhale gente com que a poder defender: o que se deixou de fazer, assim pelos homens estarem quebrantados, como por não haver embarcações; e quando chegaram os derradeiros dos nossos, já o acharam quasi só, porque muitos o desampararam: por lhe dizerem alguns dos que hiam do desbarate que se recolhesse que já não havia que fazer, o fez logo, que até nesta hora de tanta importância lhe faltaram amigos. E como

es-

este Fidalgo não estava muito bem quisto, alevantáram-lhe aleives, porque a soldadesca da India he nisto muito livre, e pouco escrupulosa. E não era muito que este Fidalgo se recolhesse daquelle maneira, porque aquella desventura bastava pera derribar o animo de hum homem que viesse muito folgado, quanto mais o de hum Capitão, que toda aquella noite, e dia gastou em governar, lidar com tantas cousas, e gritar; porque em hum conflicto, e transe destes, e tal qual este foi, mais se pejeja com o espirito, que com as armas.

CAPITULO VIII.

Da gente que de ambas as partes morreu nesta desembarcação: e de como o Capitão Mor se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco do Sousa sobre a barra de Cunhale.

ESta foi huma das máes desventuras, e affrontas que os Portuguezes passaram na India, porque nella se desbarataram quasi por vontade, e por si mesmos. Esta miseria ha entre esta nossa nação, que assim como no commetter excede no primeiro impeto a todas as outras, assim no des-

desordenar, e recolher tem o mesmo extremo. Dissemos que succedeo isto quasi por vontade, deixando o que he mais certo; que he ser por peccados, porque por vontade podemos dizer que foi não verem com os olhos da razão quantos damnos nascêram de não entrar a Armada pela barra, como estava assentado no Conselho, e mandado pelo Viso-Rey. E já que pareceo aos que inquietáram este Capitão, melhor o seu conselho, que o que estava tomado, não sei que razão houve pera depois de toda a gente estar da banda do Arriale, não mandar entrar a Armada no rio; porque ainda que nisso corréram alguns navios risco, pouco damno era; porque se se isso fizera, muito poucos dos nossos se perderam, antes posso afirmar que se ganhara a jornada, porque não vejo nenhuma razão de se poder perder, estando os navios com as proas em terra; e depois de Luiz da Silva ser da outra parte, pudera tornar a ametade d'elles a passar a gente com mais segurança, e os homens pelejáram com mór animo, sabendo que tinham os navios á mão, pera se valerem d'elles se se víram em alguma grande aperto. E quando não leváram a Fortaleza nas mãos do primeiro commettimento, levaram-se do segundo, ou do terceiro, porque

nos navios tinham onde se recolher, e refazer do que lhes fosse necessario para tornarem ao assalto. Nisto se vio bem claro quanto importa hum bom conselho, pois he causa de se alcançar huma grande victoria; e o máo de se perder, e de muitos outros damnos que acontecem, quando se não alcança.

Perdêram-se neste negocio duzentos e trinta homens dos nossos; e alguns que dizem que mais, enganáram-se; porque eu tive o rol dos que morreram, que não passáram dos que tenho dito, e deste numero morreram alguns affogados no rio. Perda foi esta muito grande para o Estado, e digna de grande sentimento, não porque não houvesse já nelle outras em alguns recontros, em que se perdêram mores quantias de homens; mas esta foi de dobrado sentimento, por se ter por mui certa a victoria, que nos Deos tirou das mãos; e por não entrarem nos navios pela barra, e por não voltarem as jangadas, e embarcações a bulcar o Capitão Mór, como elle tinha mandado, por morrerem Luiz da Silva, e os mais que o Capitão Mór nomeou para acaudilharem a gente, o que tudo pende de segredos, que só a Deos são manifestos, e elle sabe o porque dilatau esta victoria, havendo-se pelos antecedentes por

por tão certa, que ninguém duvidava della: e assim o fora, se a nação Portugueza obedecêra ás ordens dos Generaes, como o fazem as outras.

As pessoas conhecidas que se aqui perderam, posto que já tenho nomeado algumas, tornarei a fazer outra matricula dellas, as quaes foram D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira: D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór: Manoel de Mendanha: Diogo de Miranda: Lourenço Guedes: D. Antonio de Leiva, Sargento Mór: D. Manoel de Noronha: Manoel de Barbuda: Paulo Leitão: Gaspar de Mello: Nuno Fernandes Cabral: Gotterre de Monroy, sobrinho do outro Gotterre de Monroy de Béja, filho de seu irmão Simão Rangel de Castello-Branco, filho de hum irmão de Fernão Rodrigues de Castello-Branco: Gomes, Miguel, e Gaspar Freire, todos tres irmãos, e do mesmo appellido: Ruy Brandão: D. Manoel de Azevedo: Manoel de Sousa Chichorro: Alvaro Teixeira Lobo, Fidalgo filho de Manoel Lobo Teixeira, casado em Goa: Pero Borges de Castello-Branco: Antonio d'Alfonseca: hum Poço Ortis: Luiz Sardinha de Santarem: Mathias de Abreu de Abrantes, e outros. Houve desta parte quasi cincoenta feridos, e da de Belchior

Fer-

Ferreira cento e vinte e seis, a fóra os mortos, que já nomeámos em outra parte. Dos Mouros morreram ás mãos dos nossos mais de quinhentos escolhidos, e aventureiros. Os Capitães Móres de Armadas, e pessoas principaes, foram estes: Cutimai, Cutimuça, Marca Cacá, Cotife Marca, Bava Mamede, Bava Cutiale seu irmão, Canatale, Cunhimais: Connas Nonomai, Tampocara, e outros, que o mesmo Cunhale, e Clinale me deram a rei, estando presos no tronco, onde os fui ver. O Capitão Mór mandou o corpo de Luis da Silva pera Cananor, aonde o enterráram com a mór pompa que a terra podia fazer-lhe; e depois o mandou o Regedor seu irmão levar pera o Reyno; e das primeiras couzas que o Capitão Mór também fez, foi mandar D. Luiz Lobo pera Goa em hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante pera, como testemunha de vista, lhe dar relação daquella jornada; e em sua companhia se foram em outros navios alguns Fidalgos sem lho fazer a saber.

E depois de despedir isto, tratou de se ir pera Cochim com todos os feridos pera lá se curarem, porque em Cananor não havia pera isso commodo; e querendo deixar huma galé com alguns navios naquel-

quella barra pera com elles entreter o Ca-
 morim, que havia de ficar sobre o Cunhale,
 sem se affastar delle, e pera defender que
 lhe não entrassem provimentos, pera o que
 commetteo alguns Capitães que se lhe es-
 cusaram. O que elle sentio muito por se
 ver desamparado de todos, sómente D.
 Francisco de Sousa lhe accitou a empreza:
 do que deo conta a Belchior Ferreira, que
 mandou chamar á sua galé, e lhe disse de
 como determinava ir a Cochim a cousas
 que importavam. Ao que Belchior Ferrei-
 ra lhe atallhou, dizendo, que cuidára que
 o mandava chamar pera se fazer outra
 vez prestes pera tornarem a commetter a
 Honra de Cunhale: ao que o Capitão
 Mór lhe disse, que mal poderia aquillo
 ser, pois todos os homens estavam taes do
 trabalho passado, que não podiam consi-
 go; e outros tão amedrontados, que a
 quella noite se lhe foram alguns pera Goa
 sem o elle saber, pelo que não podia,
 nem tinha com que tornar a provar ventu-
 ra. O Belchior Ferreira lhe respondeo, que
 não havia que fazer naquillo, que se hou-
 vesse por desgradecido, pois até os ho-
 mens que lhe tinham mais obrigação o
 deixavam, e desamparavam naquelle tem-
 po, que visse o que queria delle, porque
 pera tudo estava prestes. Então lhe disse o

Capitão Mór, que deixava sobre aquella barra D. Francisco de Sousa na galé de D. Francisco Pereira, que lhe pedia quizesse ficar com elle até tornar de Cochim: o que Belchior Ferreira acceitou: e ainda fez mais, que se offerceco a ficar só, quando outros Capitães dos navios se escusassem. E todavia acceitáram também a ficar alli Gaspar Tibao, Gaspar de Abreu Mouzinho, D. Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Alvaro Velho, e tres Piriches de Malavara.

E porque os homens estavam cansados, e quebrantados da guerra, vendo que o Capitão Mór se hia pera Cochim, muitos dos soldados se lançaram ao mar, e se passáram aos navios que hiam com elle: o que também quizeram fazer alguns da galé de D. Francisco, do que elle foi avisado; e chamando pelo Patrão, lhe disse muito alto, que lhe tizesse prestes a barteira; e que todo o soldado que se quizesse passar pera os navios, que hiam pera Cochim, os levasse nella, porque elle não queria que o acompanhassem por força na galé, que com quaesquer que lhe ficassem defenderia aquella barra. Estas palavras ditas assim em público fizeram tal impressão nos que se queriam lançar a nado, que desistiram de sua determinação, e se deixáram ficar tão corridos daquelle negocio,

cio, que todo o mais tempo estiveram sobre as mantas da gale, sem ouzarem de ver o rosto a D. Francisco de Sousa.

O Capitão Mór se fez á véla pera Cochim, e chegou áquella Cidade, onde já se sabia o caso; os Vcreadores acudiram á Armada com muitas embarcações, e visitaram o Capitão Mór, e o consolaram, e desembarcaram todos os feridos; e os Fidalgos, e Capitães se repartiram pelas casas dos moradores, onde foram servidos com muitos regalos, e curados com muito cuidado, e todos os mais foram levados ao Hospital, onde foram muito bem curados. Sabendo o Capitão Mór que o Arcebispo estava em Vaipim, sem aguardar por sua visita, o foi buscar, e lhe deu conta do successo, e lhe pediu conselho sobre o que faria. O Arcebispo, que já tinha bem sentido, e chorado tamanho desastre, consolou-o, e mandou recado a D. Antonio de Noronha Capitão de Cochim, ao Bispo, e aos Fidalgos velhos, e diante delles deo o Capitão Mór outra vez relação de suas cousas: certificou-lhe que sempre o Camorini usaria de muita verdade, e fidelidade naquelle negocio, pelo que lhe nullo hia, e que com a mesina ficava com todo o seu poder sobre o Cunhale, affirmando-lhe que se não alevantaria

dalli até o destruir de todo, que lhes ^{pedia} o aconselhassem no que devia fazer. E praticado o caso entre todos, vieram a concluir, que era muito licito que se concedessem as pazes que o Camorim ^{pedia}, pois tinha também satisfeito com sua obrigação, e pera com isso o terem mais obrigado pera o verão seguinte, em que o Conde Almirante forçado havia de ir, ou mandar concluir aquelle negocio; porque o tyranno estava em estado que facilmente se desbarataria, por lhe ficar morta a frota da sua soldadesca, e de seus Capitães.

Assentado isto, capituláram as pazes, e despediram hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante, e que o Capitão Mór fosse esperar a resposta dellas á barra de Cunnale pera dalli assentar, e jurar as pazes com o Camorim. Feito isto, partio-se o Capitão Mór pera lá, e despedio de Cochim a D. Vasco da Gama com a sua galé, e oito, ou dez navios mais pera ir ao cabo Comorim recolher as náos da China, Malaca, e outras partes, como fez em Abril, e as trouxe a Cochim, onde ficaram invernando dous galeões de Maluco carregados de cravo, por não terem tempo pera passar a Goa; e em quanto D. Luiz da Gama não chega a Cunnale, contaremos o que alli aconteceu a D. Fran-

Francisco de Sousa, que ficou sobre sua barra.

CAPITULO IX.

Do que aconteceu a D. Francisco de Sousa sobre Cunhale: e de como chegaram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante.

DEpois de D. Luiz da Gama partir pera Cochim, vendo o Cunhale aquella Armada que lhe ficava sobre sua barra, o sentio em extremo pela grande necessidade, e falta que tinha de mantimentos, e lhe era necessario mandallos buscar, primeiro que o Capitão Mór tornasse. E pera isto buscou todos os meios que pode, ainda que fosse com grande risco: pera o que assentou com os seus Capitães lançar todas as suas galeotas ao mar, que eram treze, e provellas muito bem de artilleria, e soldados pera mandar pelejar com a nossa Armada. Estes apercebimentos fez com grande estrondo, pera que chegando as novas á nossa Armada, que havia que não esperaria, se fosse logo pera Cananor, e lhe ficasse lugar pera mandar navios a Mangalor a buscar provimentos; e que quando a Armada se não quizesse re-

colher , então a commettessem , porque havia que tinham certa a vitoria. D. Francisco de Souza foi logo avisado pelo morim da pressa que se dava áquellas galeras , e do grande cabedal que o Cunhale metia nellas ; e vendo que pouca Armada , e pouca gente para equipar tantas , e tão possantes galeras , de hum ardil de bom Capitão para embraçar o Cunhale , que lhe succedeo bem. Este foi mandar de noite a Pero Luiz com os Piriches , e duas fustas mais que se afastasse ao mar , e que no quarto viesse demandar a barra , como que foccorro que vinha de fora , e que na chegada fizesse grande estrondo com a artilheria , disparando-a muitas vezes , e com se tocarem os tambores com grandes carracas , e som de guerra , e toda a gente pelas perchas dos navios com armas , e seus barretes vermelhos : pera o que lhe deram todos os que havia na Armada , pera de mais longe os divisarem melhor , e avultassem mais ; e que depois de darem esta mostra , pera que se ouvissem na Fortaleza , se tornasse a afastar ao mar , e se puzesse em parte donde os vissem da Fortaleza , o que elle fez muito bem ; e ouvindo o Cunhale aquelle estrondo no quarto d'alva , e descobrindo a manhã , vendo

aquelles navios furtos ao mar com tantos barrotes vermelhos , e tanta soldadesca posta em armas , porque se puzeram, como disse , em parte donde da Fortaleza os divisavam mui bem , embarçou-se o Cunhale. E o Camorim mandou perguntar a D. Francisco que estrondo de artilheria era a que ouvio , e que navios eram aquelles que appareciam? A isto lhe respondeo D. Francisco de Sousa , que vinham de soccorro , e que surgiram alli por esperarem por outros que vinham atrás.

Estas novas correram logo pelo arraial , e foram ter a Cunhale ; e pera mór ajuda desta invenção , succedeo virem no mesmo tempo alguns navios de mercadores de Cochim com fazendas das náos da China , e Malaca , que D. Francisco fez surgir junto da Armada , com que representava mór poder. Estas novas chegaram a Cunhale , que tambem vio tudo ; e não querendo arriscar sua Armada , que era todo o seu remedio , porque perdida ella , não lhe ficava cousa em que pudesse ter esperança de se salvar , levou mão do negocio , e tornou a varar as galeotas. Do que D. Francisco de Sousa teve logo aviso , e ficou desativado ; e quando lhe era necessario prover-se de agua , a mandava de noite buscar a Coriche pelos navios que hiam de

de dous em dous a trazella : e assim ^{foi} entretendo o tempo, e ao Cunhale o melhor que pode. O Camorim estava muito maguado da perda dos nossos, mais pelo que lhe relevava a elle, que pelo que ^{nos} havia a nós.

E porque não podia já levar mão ^{de-} quella guerra pelo risco, e perigo em ^{que} se punha daquelle tyranno se alevantar, e lhe tomar o Reyno, sabendo a miseria em que estava, e a muita gente que os ^{nossos} lhe mataram, determinou de commetter a Fortaleza com todo o seu poder, e trabalhar pela levar nas mãos : e pôde ^{mu-}ito bem ser que tivesse o olho nas grandes ^{ci-}quezas que cuidava achar, de que se ^{que-}ria lograr só, e que não tivessem os ^{nossos} nenhuma parte nelas, porque entendeu que havia o Conde Almirante de metter todo o resto do poder da India contra ^{a-}quelle inimigo, e que ficaria elle com ^{me-}nos quinhão. E disto que tinha determinado mandou dar conta a D. Francisco de Sousa, e pedir-lhe que o dia que lhe fizesse ^{final,} se chegasse com toda sua Armada á boca da barra, e esbombardeasse os Fortes dos ⁱⁿ⁻imigos com grande terror pera com ^{isso} os divertir, e elle ter tempo de dar ^{por} lá na Fortaleza mais folgadamente. ^O que D. Francisco fez ao final que lhe ^{fizeram,} ^{che-}

chegando-se quasi ao rolo do mar, e dalli bateo as fortificações com grande terror. O Camorim ao mesmo tempo commetteo a Fortaleza com mais de vinte mil homens, e trabalhou por entrar as paredes, sobre o que houve huma grande batalha, em que os Mouros se defendêram valerosamente; e depois de gastada toda huma manhã nesta retorta, se affastou a gente do Camorim com algum damno, não ficando os Mouros com pouco. E com isto pararam as cousas, e o Camorim se deixou estar no lugar em que sempre esteve com todo o seu poder, e assim os deixaremos, por darmos conta das novas que chegaram a Gor.

Não deixava o Conde Almirante de estar com grandes sobressaltos esperando o successo do Cunhale, quando começou a correr huma nova suida, que D. Luiz da Gama era perdido com todos os seus, que o Conde engulio, e calou com muita dor sua, sem se mostrar triste, nem melancolizado aos homens, porque as não houvessem por certas; e porque as más pela mór parte, ou quasi sempre o são, quando foram quinze de Março chegou a certeza dellas por cartas do Capitão Mór, que D. Luiz Lobo levou, que fizeram tão grande abalo na Cidade, que sahiram os homens de suas

suas casas, como desatinados, a saber del-
 las, e as mulheres pelas janellas ^{com}
 grandes prantos a esperar as novas dos
 maridos humas, outras dos filhos, e ir-
 mãos que lá tinham. O Conde Almirante,
 como a quem lhe hia mais que a todos
 naquelle negocio, sentio-o mais que todos;
 mas porque lhe era necessario mostrar
 grande animo pelos homens se não desani-
 marem, mostrou-se-lhes com menos tris-
 teza, da que tinha em seu coração; e ao
 outro dia mandou chamar a Conselho to-
 dos os Fidalgos velhos, e nelle lhes ^{disse}
 que havia tres dias que tinha aquellas ^{tristes}
 novas, e que não havia mais que ^{fazer}
 por então, que dar graças a Deos, a
 quem se não podia perguntar pela ^{razão}
 das cousas que permitia, e ordenava, e
 que aquelles eram os successos da guerra,
 que muitas vezes não aconteciam as cousas
 como se desejavam: e que o que por ago-
 ra era necessario, era prover-se naquelle
 negocio com prudencia, e bom conselho,
 que elle lhes pedia pera saber o que devia
 de fazer. E logo mandou ler a carta de
 seu irmão pelo Secretario; e porque nella
 se reportava a D. Luiz Lobo, foi logo ^{cha-}
 mado, pera que referisse todo o successo, e
 os votantes conforme a elle dessem seus
 pareceres, o que D. Luiz Lobo fez ^{como}
 lhe

lhe pareceo. Depois de ouvida a relação, que deo do successo, pediu o Conde a todos que votassem sobre se seria licito ir elle logo em pessoa a Cunhale, porque segundo aquelle tyranno ficava quebrado, e desbaratado, facilmente lhe tomaria a Fortaleza, e restauraria o credito do Estado, porque estava mui prestes pera aquella jornada, pera que tinha tudo de sobejo.

Sobre esta proposta votaram todos os do Conselho, que não era bem que a Pessoa do Viso-Rey da India se abalasse com aquella pressa, porque primeiro havia de pedir ajudas a todas as Fortalezas, pera o que já não havia tempo, ainda tendo tudo prestes, por ser mais de meiado Março, quanto mais a perceber-se de novo, que lá vinha o verão seguinte, em que se podiam fazer aquellas coutras muito bem feitas: que se o Cunhale ficava quebrado, tambem o tinha o Camorim tão rodeado, e cercaño com seu exercito, que se não podia prover nem de gente, nem de mantimentos. E que pera aquelle Rey continuar no cerco que lhe tinha posto, lhe concedessem pazes, e lhe fizessem todos os mimos, e vantagens que pedisse, e que o que restava do verão, ficasse huma Armada sobre aquella barra; e que como fosse tempo, se recolhesse a invernar a Cana-

nanor, pera no veranico de Agosto se tornar a pôr sobre a mesma barra; porque segundo aquelle Mouro estava falto de mantimentos, não tinham dúvida a se entregar logo a qualquer Capitão que fosse no verão acabar aquella empreza.

Assentado isto, despedio o Conde recado a seu irmão, e ao Arcebispo, que em Cochim com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Fortaleza, capitulassem as pazes que se haviam de fazer ao Camerin; e que o Capitão Mór D. Luiz da Gama as fosse jurar com aquelle Rey, e se recolhesse a Goa como fosse tempo, deixando sobre Cunhale a Armada que lhe parecesse bem, pelo modo que se assentou no Confesso, cujo traslado lhe mandou pera se reger, e governar por elle.

Este recado tomou a D. Luiz da Gama sobre a barra de Cunhale, e logo despedio hum navio ligeiro com as cartas do Conde pera o Arcebispo, e D. Antonio de Noronha, que tomáram o Arcebispo no lugar de Molandur dos Christãos de S. Thomé, que logo se foi pera Cochim, onde com o Capitão, e Bispo fez os capitulos das pazes conforme ao tempo, e as occasiões delle, e as tornáram a enviar a D. Luiz da Gama, que por via do Padre Francisco Rodrigues se deu conta daquelle negocio

cio ao Camorim, e lhe mandou os capitulos das pazes, que elle estimou muito, por serem á sua vontade, e tratou logo de se jurarem: e por inconvenientes que houve, não foi a isso o Capitão Mór, e em seu lugar mandou D. Fernando de Noronha mui bem acompanhado de Fidalgos, e Cavalleiros. E o Camorim diante de seus Regedores, e Pessoas principaes jurou as pazes, e ficou de mandar seu sobrinho Uniare Chiaré, e outras pessoas a Goa no verão seguinte a vellas jurar pelo Viso-Rey.

Feito isto, se recolheo o Capitão Mór a Goa, e deixou sobre aquella barra o mesmo D. Fernando de Noronha com doze navios mui bem providos, e com a melhor soldadesca da Armada, cujos Capitães eram, D. Lourenço da Cunha, Lourenço de Aguiar Coutinho, D. Antonio Manoel, Gaspar de Mello, Diogo Ortiz de Tavora, Antonio Botelho, Lançarote de Seixas, Lopo de Andrade de Gamboa, e outros, de que me não lembram os nomes. E pera a paga desta Armada, assim de soldados, como de marinheiros, pera mantimentos, e outras despezas, mandou o Conde muito dinheiro; porque lhe não faltou nunca pera estas cousas, porque o buscava sobre seu credito quando faltava, e isto fez muitas vezes.

CAPITULO X.

Do contrato das pazes que se fizeram com o Camorim: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhate, e D. Luiz da Gama chegou a Goa: e dos presentes que o Conde mandou a Malua, e Embaixadores do Achem que despachou.

Prometteo o Camorim licença pera em todos os seus Reinos, e senhorios, e nos de seus vassallos deixar prégár o santo Evangelho, e se fazerem Christãos todos os que quizessem, de qualquer sorte, e casta que fossem, sem por isso perderem seus officios, dignidades, honras, e preeminencias que antes tiveram, nem cousa alguma de suas fazendas, que poderiam deixar livremente a seus herdeiros, ou a quem lhes parecesse, assim como se costuma entre Christãos, sem nisso se poder entremetter El-Rey, ou Regedor algum, nem entrar El-Rey alguma hora em parte de sua herança.

Obrigou-se a dar chão necessario pera edificação de todas as Igrejas em todos seus Reinos, e senhorios, e nos de seus vassallos nas partes que lhe pedissem os Ministros da Christandade: e que estas Igrejas feriam couto, e valeriam a todos os homistados nas cousas, e delictos em que

ellas costumam a sello áquelles que a ellas se acolhessem, como se guarda entre os Christãos. E os Padres que nellas residem, teriam poder sobre os Christãos para fazerem justiça conforme á Ley da Christandade, sem nisso lhes irem á mão, nem lhes pôrem impedimento algum El Rey, ou seus Regedores, ou pellos alguma.

Promettero mais que estes mesmos privilegios, e izenções teriam as Igrejas dos Christãos de S. Thomé que estivessem em suas terras, e nas de seus vassallos, e nas que de novo se edificassem, para o que dava livremente licença. E os Casanares, e Vigairos que nellas residem, teriam a mesma jurisdicção sobre seus Christãos, que os Padres Portuguezes tem nas outras Igrejas, e nas mais cousas que os Christãos de S. Thomé costumavam ter nas terras dos outros Reys Malavares.

Obrigou-se mais a não consentir em tempo algum ser recebido entre os Christãos de S. Thomé, que morão em suas terras, e de seus vassallos, Bispo, ou Prelado algum, senão o que viesse por ordem do Papa, e de El Rey de Portugal deste Estado, e do Arcebispo de Goa: e que entrando outro algum nellas, o prenderiam, e entregariam ao Feitor de Calecut, ou em qualquer das For-

Fortalezas do Estado pera se mandar ao Arcebispo de Goa.

Prometteo mais que todes os Portuguezes, e Christãos que a suaz terras fossem ter cativos por qualquer caso que fosse, de os entregar ao Capitão, ou Feitor de ElRey de Portugal, que com elle estivesse.

Prometteo de entregar ao Feitor que estivesse em Calcut cinco peças de artilleria, que foram da Fortaleza de Chale; a saber, dous Camelletes, hum Falcão, e dous Berços, que estariam depositadas na feitoria até haver Fortaleza em que se mettessem. E em nenhum tempo o Camorim, ou seus descendentes as poderiam tirar, nem servirem-se dellas pera outro effeito.

Prometteo que não desistiria do cerco de Cunhale até o verão seguinte vir a chamada.

Isto que se agora segue he o que o Estado prometteo ao Camorim.

Obrigou-se o Estado a haver sempre Igrejas, e Padres em Calcut. E assim de fazer alli a Fortaleza, e ter alli Officias, e feitoria: e de favorecer a todos os Portuguezes, e Christãos, que alli quizerem

tem morar, e fazer alli a povoação: pera o que dará o Camorim lugar particular junto da feitoria.

Obriga-se mais a dar cada anno cinco cartazes pera cinco náos de Meca. Quatro que estavam promettidos nas pazes que fez D. Alvaro de Abranches, e hum mais que agora se lhe acrescenta, por se não falar em algum tempo, nem pedir que o Estado não dê cartazes a outra alguma pessoa no Malavar, como se lhe prometteo nas pazes que lhe fez o Viso-Rey Mathias de Albuquerque: e destas náos as duas poderão ser de porte de até seiscentos candis; e as outras tres de até quinhentos, e pagará por cada hum destes cartazes trezentos rãões; e pedindo algum cartaz pera Bengala, ou pera o Achem, se lhe dará, não trazendo, nem levando cousas de feitoria: e pera Barcelor, Mangalor, e mais partes, onde costumavam navegar, se lhe darão os cartazes costumados, que se houverem de passar aos vassallos do Camorim, e moradores de suas terras, que contem de Paliporro até Pudepatão, se lhe entregariam a elle na sua mão, ou a seus Regedores pera elles os repartirem, excepto os do Reyno de Tanór: e estes cartazes sejam passados pelo Capitão, ou Feitor que estiver em Calcut na forma, e ordem em que

que o Estado os costuma passar, e conforme ao Regimento que o Viso-Rey lhe der, sem se nullo entremetterem os Capitães de Cochim, e Cananor: e por cada hum destes cartazes pagará o Camorim treze fanões, que he o preço antigo, e costumado.

Os cartazes que se houverem de dar aos Arioles, dallos ao Feitor de Calecut, ou nas suas proprias mãos, ou ao Camorim, conforme aos contratos que entre tiverem feito, em quanto elles estiverem concertados com o Camorim.

A pimenta que se comprar pera as nações do Reyno, se pagará pelos preços ordinarios da terra, e se receberá pela ordem de Cochim, sem por isso se alterar cousa alguma.

Da fazenda que comprarem, e venderem os Portuguezes, e Christãos nas terras do Camorim não lhe pagarão direitos alguns, salvo os costumados nas terras de El-Rey de Cochim.

Havendo algumas brigas entre os Portuguezes, e Naires, cada hum castigará os seus: nem o Camorim, e seus Regedores se entremetterão em cousa tocante a justiça dos Portuguezes, ou Christãos, e seus familiares, porque isso pertencerá ao Feitor, que estiver em Calecut, ou a quem o Viso-Rey ordenar.

Obrigou-se o Estado, que fazendo algum dia inimigos guerra ao Camorim para lhe entrar por suas terras, e jurdição, ou de seus vassallos, não dar favor, nem ajuda alguma, nem tão pouco favorecer ao dito Camorim, querendo entrar pelas terras dos outros Reys amigos do Estado.

Tendo o Camorim guerra com os Ariotes, e citando elles em amizade com o Estado, não favorecerá, nem ajudará alguma das partes, mas a todos tratará como amigos, trabalhando pelos compor, sem se agravar das ditas guerras.

Obrigou-se o Estado a não tirar de Calecut as peças de artilheria, que foram tomadas na Fortaleza de Chale; mas sempre estarão na feitoria até se pôrem na Fortaleza, que se fizesse nas terras do Camorim, que o Estado deseja que se faça em Calecut, havendo commodidade para isso, e podendo ser; mas não se obriga a fazella, senão onde for mais accommodada no tempo que lhe parecer mais conveniente.

Juradas estas pazes, partio-se D. Luiz da Gama para Goa, deixando D. Fernando de Noronha, como dissemos, sobre aquella barra; e chegando a Goa, deo razão de si ao Conde Vilo-Rey, que o despachou logo para ir entrar de serventia na capitania da Fortaleza de Ormuz, que estava vaga

por falecimento de D. Antonio de Lima, Capitão della, e não hia entrar nella por virtude da sua Patente, por ter ainda por cumprir algum tempo.

O Partido D. Luiz da Gama pera Ormuz, ficou o Conde despachando hums Embaixadores, que elle tinha vindo do Achem, que elle recebeu mui honradamente em sua paramentada com todos os Fidalgos, e Capitães, que se acharam naquelle tempo em Goa, e os aposentou muito bem, mandando-os prover de todo o necessario até ser tempo de se tornarem, em que os despachou com satisfação. E os pontos principaes que vieram tratar, heu os não soube, porque os não achei na Secretaria, onde era razão que se isto achasse; mas que foram satisfeitos: e o Conde Almirante os mandou embarçar no galeão da carreira de Maluco, de que Luiz Machado Boto era Capitão, e os mandou prover muito bem do necessario pera a viagem: e mandou ao Achem hum arrebitado presente em retorno de outro, que os Embaixadores trouxeram, e deram á vela aos tres de Maio deste anno de 99. e de sua viagem adiante daremos razão.

CAPITULO XI.

De huma fragata de Hespanhoes de Manila, que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins, e fazer feitoria em hum de seus portos: e do que D. Paulo de Portugal sobre isso fez.

J A dêmos conta no Capitulo XVI. do primeiro livro de como D. Paulo de Portugal partio pera a China, agora continuaremos com elle. Chegou este Capitão ao porto de Macao em Outubro passado, e logo dahi a quinze dias aportou á Cidade de Cantão huma fragata das Manilhas, de que vinha por Capitão hum D. João de Sanudo, e com elle dous Religiosos da Ordem de S. Francisco, que elle logo despedia pera a Cidade de Macáo com duas cartas pera o Capitão que alli estivesse. Huma dellas de D. Francisco Tello, Governador da Manilha, e outra sua; e o Governador dizia na sua, que elle mandava aquella embarcação a buscar chumbo, ferro, e munições pera o serviço das Armadas, que ElRey D. Philippe trazia naquellas partes Philippinas: que lhe pedia dêsse ordem com que pudesse naver aquellas cousas, e favorecesse o Capitão que hia a isso, pois todos eram vassallos de hum Rey,

e a' voltas disto muitos cumprimentos, de que os Castelhanos não são nada avaros. A carta de D. João de Samudeo continha o mesmo, e pedia-lhe licença pera fazer o negocio a que hia, e que o favorecesse naquellas cousas como era razão, e com isto também seus offerecimentos.

Vendo D. Paulo de Portugal as cartas, e que a fragata passara logo a Cantão sem tocar naquella Cidade, logo lhe pareceu artificio, e respondeo ao Samudeo que elle trazia Provisões de ElRey de Portugal, que aquelle porto, sua casa, sua fazenda, e tudo o daquella Cidade estavam muito prestes para seu serviço; e se as não trazia, que entendesse que lhe não havia de consentir cousa alguma daquellas, antes havia de estorvar por todos os modos e meios que pudesse, por ElRey lhe ter defendido que os Castelhanos das Filippinas não fossem perturbar aquella terra, nem o commercio que os Portuguezes alli tinham; e o mesmo disse de palavra aos Padres, que lhe levaram as cartas, e com isto os pedio. E logo os moradores da terra entenderam que aquella fragata vinha negociar algum porto novo naquelle Reyno, pera nelle fazerem seu negocio, como logo antes de muitos dias se declararam; e que vinham com intenção de á força de

diabeiro fazerem o que pertendiam ; porque este Castelhana começou a tratar seu negocio com os Mandarins , fazendo-lhes grandes promessas de muitos , e mui grandes proveitos , concedendo-lhes porto , em que elles estivessem , pera o que lhes deu muitas peças ricas , e curiosas que pera isso já levava , que estas sam as chaves mestras , com que se abrem todas as portas do mundo.

D. Paulo de Portugal teve logo aviso daquelle negocio ; e entendendo que sería de grande perjuizo assim do serviço de El Rey , como do menceio , e proveito daquelle moradores , e ainda dos mercadores de toda a India , despedio hum Tabellião com hum protesto , e notificação ao Castelhana Samuzico , em que lhe dizia , que se trazia Provisões de El Rey pera poder vir áquelle porto , em contrario de outras , porque o defendia com graves penas , que as trocasse pera se trasladarem ; e não sendo assim , que soubesse que lho havia de defender ; e com isso lhe escreveu huma carta muito cortez , que mandou que se lhe desse primeiro que o protesto ; e que se não desfizesse a ella , então fizesse as diligencias que levava a cargo. E o que dizia na carta era pedir-lhe assim da parte de El Rey , como da sua , que não quizesse ir perturbar
aquele-

aquelle commercio, nem inquietar aquella terra, apontando-lhe todos os inconvenientes que havia, e as perdas, e damnos que as alfandegas da India receberiam, e o trato dos vassallos de ElRey D. Philippe, que era Senhor de ambas aquellas Corozas: e com isto despedio tambem hum Mathias Pinella, homem velho, e antigo naquello porto, e muito conhecido dos Mandarins, pera que os persuadisse a lhe entregarem aquella fragata, ou lhe dessem licença pera elle a ir tomar; e que lhe fizesse muitos cumprimentos, e promettesse grandes dadivas. Quando este homem chegou, já os Castelhanos tinham feito seu negocio, e alcançado a licença que queriam a força de dinheiro; porque de Cantão mandou o D. João de Samudeo dous Castelhanos com humna petição ao Aitão, que era Governador daquella Provincia, em que lhe dizia que elle chegara alli com tempo oportuno, que pedia lhe desse licença pera no porto do Pinhal, que era leguas de Macão, pudesse fazer feitoria, e pagar direitos a ElRey da China de suas fazendas. Disto avisou logo Mathias Pinella a D. Paulo de Portugal, que fez junta de todos os moradores, e lhes pediu que lhe dessem seus pareceres sobre o que faria naquelle negocio, e todos affirmaram que não era

possivel darem os Chins porto aos Castelhanos, por ser cousa que encontrava suas leis, de que elles se mostravam, e eram tão observantes; mas que por lhe estorvarem carregarem fóra, como já acontecera outra vez, estando alli D. Francisco d'Eça, fazendo a viagem de Japão, á outra embarcação, como aquella que foi alli ter das Manilhas, que se mandassem dous homens a Cantão com credito, e dinheiro pera alcançarem daquelle Governador que lhe mandasse entregar os Castelhanos, ou os deixassem fóra do seu porto. Pera este negocio escolhêram por eleição hum Domingos Carvalho, e Antonio Carvalho de Araujo, que acháram em Cantão tão trastornado, tudo da parte dos Castelhanos, que lhes não responderam a proposito, porque já os Castelhanos estavam de posse do porto do Pinhal. No que se vê claramente quão grande he a força da cubiça, e interesse, que faz que estes tão inteiros na guarda de suas leis, as quebrem com tanta facilidade pelo interesse que esperavam dos Castelhanos.

Com esta certeza que D. Paulo de Portugal teve, assentou de ir áquelle porto em busca dos Castelhanos, e trazellos ao de Macão, e mandallos prezos á India, pera que o Conde Viso-Rey os mandasse pre-

prezos ao Reyno , com os autos de suas culpas , e protestos que primeiro lhe fizeram ; porque se senão fizesse isso assim , perder-se-hia aquelle commercio , e não tinham os Portuguezes pera que morar naquella Cidade , nem os mercadores da lodiã a que ir lá com suas fazendas ; e assim se começou a preparar , e negociar os barzéis das náos , que alli estavam pera ir sobre elles.

Isto se soube logo em Cantão , e os Mandarins despediram com muita brevidade hum protesto a D. Paulo de Portugal , em que lhe requeriam que não fosse inquietar os estrangeiros , que estavam nos portos de ElRey da China , que lhe pagavam direitos de suas fazendas : o que mandaram fazer com grandes ameaças , e logo se começaram de enxergar sombras delias , porque começaram de ir faltando os mantimentos , e outras cousas que havia ordinariamente na terra : pelo que foram os moradores que alli havia com grandes requerimentos a D. Paulo de Portugal , pedindo-lhe que desistisse daquella jornada ; porque se o não fizesse , estavam amedrontados a lhe acontecerem grandes males , pois viviam n'uma terra toda aberta , e sem defensão alguma ; e todas as vezes que os Chins quizessem , os tomariam ás mãos. fem
lho

Isto poderem defender, nem contradizer; e que aquelles homens eram muito ciolos de sua liberdade, e de lhe quebrarem os mandados do seu Rey; e que indo a seus portos fazer guerra aos estrangeiros que nelles estavam, além da desobediencia em que incorriam, estavam arriscados a outro não menor perigo: era este virem as Armadas da China em favor dos Castellhanos, contra quem fora caso gravissimo pelejar os Portuguezes. Com isto que os moradores Portuguezes daquella Cidade disseram a D. Paulo de Portugal, cessou dos apercebimentos que hia fazendo, e desistio da jornada que queria fazer contra os Castellhanos. Elles ficaram por então carregando á sua vontade; e como levavam muitos reales, e gastavam largo, compraram a seda, peças, e mais cousas de brinco, e fazendas com tanta largueza, que subiram os preços de maneira, que não ousaram os mercadores da India a empregar seus cabedacs; e assim partiram as naos esta monção pera a India quasi vazias destas cousas que costumavam levar.

Por estas mesmas naos avisou D. Paulo de Portugal de tudo isto ao Conde Viso-Rey, que chegaram a Goa no fim de Abril, e o Conde propoz em Conselho o aviso que D. Paulo lhe mandou dos Cas-

telhanos ; e asentou-se nelle que se ecre-
vesse a D. Paulo , que conforme as ordens
que tinha de Sua Magestade , em que pro-
hibia passarem Castelhanos á China , lho
impedisse , e os lançasse fóra , se ainda lá
estivessem. E por virtude desta ordem foi
D. Paulo de Portugal no anno seguinte con-
tra os Castelhanos , que estavam no porto
do Pinhal , e os lançou delle á força de
armas , e não tornáram lá mais.



257
DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O III.

C A P I T U L O I.

Do que neste verão aconteceu na conquista da Ilha Ceilão: e das vitórias que os nossos alcançaram do Tyranno de Candea: e da fermosa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manicravare.

A Lançadas as vitórias que dissemos nas sete Corlas, e desfeitas as tranqueiras dos inimigos, determinou o General D. Jeronymo de Azevedo de mandar fazer huma tranqueira em Manicravare, por ficar mais vizinha ao Reyno de Candea, pera dalli o poder conquistar, e fazer naquella tranqueira armazem, e alento de guerra, e ficar dalli como presidio, e castello contra as quatro Corlas. Esta tranqueira determinou que fosse de pedra pera mór fortificação, e segurança da gente, que nella havia de estar: pera o que ajuntou grande número de gastadores, e
of-

officiaes, e todas as achegas, e materiaes
 necessarios pera aquella fabrica, que encar-
 regou a Salvador Pereira da Silva, que
 partio com grande cópia de Latcarins, e
 os mais soldados Portuguezes que se pu-
 deram ajuntar; e humna legua antes de che-
 gar ao forte de Manicravare, em Setem-
 bro passado de noventa e oito, alojou seu
 campo, em que esteve alguns dias, em que
 se recolhiam as cousas necessarias pera a
 obra que hia fazer, pera no mesmo dia
 que chegassem fazer tudo; porque suspei-
 tava que tratava o tyranno de saltar os
 nossos a noite que chegassem, primeiro que
 se fizessem fortes, por impedir aquella
 obra, que lhe ficava sendo de grande da-
 nno, e perjuizo, por lhe taparem com el-
 la as portas do Reyno de Caudea, onde
 ficaria encerrado. Juntas as achegas, par-
 tiram os nossos pera o lugar, onde a for-
 taleza se havia de fazer; e em chegando
 a elle, logo se fortificaram; e quando foi
 a noite seguinte, em que os inimigos ti-
 nham determinado de os assaltar, estava já
 feito hum forte de madeira defensavel, e
 os nossos dentro nelle mui seguros, e os
 inimigos frustrados em seu desenho sem
 oufarem a bulir comsigo.

Os nossos foram logo pondo as mãos
 á obra da Fortaleza de pedra, em que gast-
 ri-

tiram espaço de quatro mezes com grande custo ; e trabalho ; e com terem esta, não deixaram de fazer algumas entradas nas terras do tyranno , de que sempre se recolhêram vitoriosos.

Vendo o tyranno que não podia estorzar aquella obra , determinou de divertir o Geral , pera o que se passou com seu exercito ás fronteiras de Dinavaca , por onde começou a fazer muita guerra por aquellas terras , que eram nossas ; ao que o Geral acudio com outro exercito , que formou de soldados que tizou dos presidios , que tinham por partes , deixando-os sempre com guardas , de quem mandou por Capitão Salvador Pereira da Silva pera combater os inimigos , como fez , tendo com elles alguns recontros , em que os desbaratou. A Fortaleza de Manicavare foi-se continuando até de todo se acabar com seus muros , baluartes , e huma torre no meio de dous sobrados , obra tão bem acabada ; e forte , que se teve por inexpugnavel pela aquella Ilha , pera onde se passou o mesmo Geral com o resto do exercito em principio de Janeiro passado de noventa e nove , e alli fez apercebimentos pera mandar entrar pelas Corlas.

Isto entendeu logo o tyranno ; e vendo quanto lhe importava sustentar aquellas Cor-

las, assim as quatro, como as sete; porque se se perdessem, ficava o Reyno de Candea aberto, desabrigado, e diminuido nas forças: passou-se áquellas partes com todo seu poder, e do de El Rey de Huva, em que havia perto de cinco mil homens, e foi-se assentar nas sete Corlas, e dellas despedio hum Capitão com parte da gente, pera que se fosse vizinhar ás nossas fortalezas fronteiras. Ao que o Geral acudio com mandar Salvador Pereira da Silva com duzentos Portuguezes, e dous mil Lascariis, que foi marchando ao longo de hum rio, que divide as sete Corlas do Reyno da Corta, e Ceitavaca; e ao outro dia passou parte da gente á outra banda, pera que fosse reconhecer o sitio mais accomodado, pera formar nelle alojamento pera todo o arraial; em quanto se alimpava, e roçava o maro pera elle. Andando os nossos nesta obra, os commettêram os inimigos por muitas partes; mas como os nossos estavam em continua vigia, e andavam sempre com as armas nas mãos, resistiram-lhe valerosamente; e depois de terem hum arrezoada batalha, puzeram os inimigos em desbarato com morte, e cativo de muitas, de quem souberam como o Rey de Huva se avizinhara com o nosso arraial, e ficava delle menos de meia legua, com

tenção de defender aos nossos a passagem do rio, pera que não fossem assentar seu exercito no lugar de Adegalitota, donde podiam fazer muito damno. Os nossos avisaram logo destas cousas ao Geral, que mandou com muita pressa abalar toda a mais gente, e por Capitão della . . . que foi caminhando, e de passagem ganhou tres tranqueiras, que os inimigos tinham feitas em partes estreitas, e nellas mataram muitos dos inimigos. E os que escaparam, foram dar rebate ao Rey de Huva, que logo se abalou do lugar em que estava, e formou seu exercito, e se poz em campo aberto pera esperar os nossos, que cuidaram achallo descuidado. E quando appareceram, viram-se sobressaltados, e embaraçados, porque o inimigo logo os commeteo com grande furia; e como os nossos hiam já com as armas nas mãos, resistiram-lhe com tanto valor, e esforço, que em pouco espaço lhe desbarataram a vanguarda, e os arrancaram do campo com bem de damno. E conhecendo a vitoria, que lhe Deos dava, foram dando nelles, e fazendo tão grande destruição, que mataram mais de duzentos, e neste alcance chegaram ao corpo do exercito, onde estava o Rey de Huva; e investindo lius, e outros, fez a nossa espingardaria bem seu

officio, com que os inimigos pararam até se tornarem a ajuntar a seu corpo. Os da vanguarda, que foram fugindo juntos, voltaram com tão espantosa furia, que se viram os nossos perdidos; mas entendendo que o remedio de suas vidas estava no valor, e esforço de seus braços, mostraram o ultimo de seu esforço, e como desesperados se metteram entre os inimigos, em quem fizeram tantas crupezas, que lhes voltaram as costas postos em desbarato, e nelas lhe foram os nossos dando, como quem já os levavam de vencida, fazendo nelles muito grande estrago. Neste encontro se perderam duzentos dos inimigos, e muitos Modeliarses, e ganharam os nossos muitas armas, e outros despojos, e se recolheram ao sitio de Adegalitota, onde alevantaram suas tranqueiras, e fortificações á sua vontade, e sem impedimento. Succedeo isto no fim de Janeiro passado de noventa e nove.

CAPITULO II.

De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas : e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha : e do que lhe succedeo na viagem.

Passadas as vitorias, que atrás contámos, com tanto risco dos soldados, entraram em outro maior, e mais pera temer, e aterrorizar, que foi a fome, e falta de pagas, porque os soldados que militam, e andam nesta conquista (que eu tenho pelos mais exercitados, e affoutos que ha na India) como estam fartos, commetteram sem temor todos os perigos do mundo, e pelearam com elefantes bravos. E esta falta de pagas, por que o Geral esperava da India, soffrêram tão mal, que muitos delles se alvoraçaram, e se foram pera as serras, onde se fizeram fortes, e sahiam em magores a buscar de comer pelas Aldeas. Disto teve logo aviso o Conde Viso-Rey por cartas de Ceilão; e vendo que lhe era necessario acudir áquelle negocio, sabendo que no porto de Goa estava huma não de Thomé de Sousa de Arronches, Capitão de Colombo, mandou logo embarcar nella cento e sincoenta soldados, vinte mil

pardãos em dinheiro, muitos mantimentos, munições, lanças, e espingardas, e elego por Capitão della pera fazer esta jornada D. Francisco de Noronha, que se á véla já quasi aos vinte de Abril deste anno de 99. em que andamos. E além dos soldados que se pagáram, mandou o Conde embarcar muitos, que estavam no tronco sentenciados a degredo, e assim se embarcáram alguns Fidalgos: huns que hiam a servir, e outros a cumprir seus degredos, e apresentar-se. E dos que pude saber foram André Pereira Coutinho, Luiz de Lacerda, D. Manoel, e D. Rodrigo de Castro, ambos irmãos, e filhos de Baçaim, a que na India chamam os Mangaritos, Ruy Quadrado de Almadao, e outros.

E seguindo este Capitão sua derrota, evitando tanto ávante como Cananor, ram os degradados tomado o batel ^{nive-} para se acolherem. No que se vê quanta ^{força} tem a perda da liberdade, que no que ^{es-}tes queriam fazer em fugir, tinham por menor mal arriscarem-se a tão conhecido perigo, como era metterem-se n'um batel em tempo tão perigoso do inverno, que irem a Ceilão contra sua vontade, sendo huma terra pera onde tantos folgavam de ir servir ElRey por seu gosto pela prosperidade, frescura, e abundancia que ^{tem,} e em

em que muitas vezes ha occasiões, em que os homens enriquecem.

Desta alteração, e determinação destes homens teve D. Francisco de Noronha rebate, a que logo acudio, mandando metter homens de sua obrigação no hatel, que levou sempre grande resguardo. E passado o Cabo Camorim, atravessou aquelle golfo com tempo muito rijo, que lhe durou até haver vista da terra de Gale, e alli surgiram duas leguas ao mar, sem saberein onde estavam. E por se arrecear de dar á costa por razão de andar o mar muito grosso, e o vento tezo, e o tempo tão carregado, que lia mostrando, e dando sinaes do inverno, que he alli mui perigoso, esteve D. Francisco de Noronha mui indeterminado no que faria, porque havia hum reboliço nos soldados, que desejavam de arribar a Tutocori; ao que elle acudio, e arañhou, dizendo-lhes, e affirmando a todos que ainda que se perdesse, havia de ir a Ceilão pela grande necessidade, em que aquella conquista estava daquelle soccorro; porque entendia mui bem que se fosse a Tutocori, nenhum daquelles soldados que levava lhe havia de ficar, e que todos os provimentos, e munições se haviam de damnar, e consumir. E que pela confiança que o Viso-Rey delle tinha, o elegera pera

naquelle jornada, que elle por nenhum caso havia de deixar de fazer, e levar aquelle soccorro a Columbo, ainda que se arriscasse a todos os perigos até perder a vida, porque com elles ficava ElRey melhor servido, e elle satisfazendo a sua obrigação. E tão resolutivo estava nisto, que mandou metter o dinheiro, as espingardas, e munições em pipas, e quartos, e aboiar tudo com viradores grossos, e fortes pera o tempo da necessidade. E disse aos Officiaes, que quando não houvesse outro nenhum remedio, varassem com a não naquella terra que apparecia, em parte que se pudesse salvar a gente, e o cabedal; que elle se obrigava a pagar de sua fazenda a não a seu dono. E por lhe não ficar cousa nenhuma por fazer, vendo que apparecia huma fermosa praia de areia, mandou chegar o batel a bordo, e o esquipou mui bem de remos, e marinheiros, e pediu a hum daquelles Fidalgos que com elle hiam, que se embarcasse nelle, e fosse demandar a praia que apparecia, e trabalhasse por haver ás mãos algum Piloto, que os guiasse a porto seguro, do que o Fidalgo se escusou; e havendo entre elle, e o Capitão algumas razões, se offereceo hum Alvaro de Barros, soldado velho, bom cavalleiro, que hia provido da Capitanía do porto de Ca-

Caleuré, e disse a D. Francisco de Noronha, que elle iria no batel a fazer aquella diligencia, e que esperava em Deos que a havia de fazer muito bem, o que lhe o Capitão acceitou, e mandou embarcar com elle alguns companheiros, dando-lhe por regimento que fosse demandar aquella praia; e que se achasse alli alguma povoação, trabalhasse por negociar hum Piloto, ou dous, pera o que lhe deo dinheiro; e como os Chingalas por elle venderam mulher, e filhos, se os alli houvera, não deixaram de vir.

Depois do partido este batel, appareceu huma almadia, que tinha sahido de Gale, e capeando-lhe veio á não, e dos que vinham nella souberam a paragem em que estavam, que era entre Gale, e Beligão. E por não vir nella quem os soubesse guiar, e encaminhar, despediram a almadia com huma carra pera o Capitão de Gale, em que o Capitão da não lhe dava conta do estado em que ficava, e lhe pedia o mandasse soccorrer com Pilotos, que os recolhessem em algum porto seguro.

Tal diligencia poz Alvaro de Barros naquelle negocio, que lhe encomendaram, que chegou á terra, e nella negociou logo dous Pilotos, que mandou no batel, que D. Francisco de Noronha festejou bem,

e lhe perguntou onde seria melhor recolhêrem-se, se em Gale, ou Beligão, e se se atreviam a metter aquella não em qualquer daquelles portos? e ambos disseram que em Beligão era melhor, porque a sua barra tinha de maré cheia de quatro e cinco braças de agua, e que elles trabalhariam pela metter dentro; mas que se não obrigavam a ceara alguma.

Fazendo D. Francisco de Noronha seus discursos, assentou de commetter a barra de Beligão, ainda que a não se arriscasse; porque como salvassem a gente, dinheiro, e munições, de tudo mais lhe dava pouco. E determinado nillo, mandou aos Pilotos que fossem a Beligão, que Deos, em quem confiava, os ajudaria. E assim deram a vela, e chegaram defronte da barra a tempo que estava a maré meia cheia, com que commetteram a entrada, e foram por sete braças; e logo mais dentro deram em quatro, e mais adiante em tres e meia, com o que D. Francisco se houve por perdido. E como levava todas as cousas aboiadas, e postas no convés pera as baldear no batel, mandou-o levar a bordo, e deixou-se ir. E quiz Deos por sua misericordia, que das tres braças e meia deram logo em cinco, e depois lhe foi crescendo mais o fundo, e os da não alegrando-se, e feste-
jan-

Jando muito , e assim foram surgir perto da terra. E esta foi a primeira não que entrou neste porto , e ficou dalli adiante facil a todos.

D. Francisco de Noronha mandou desbarcar tudo o que levava , e em terra fez suas estancias , e se fortificou mui bem , e despedia recado a Gale , pera que lhe mandassem servidores que acarretassem aquella fabrica. Ao que acudio D. Fernando Modeliar com muita gente da terra , com que D. Francisco de Noronha começou logo a marchar com muito boa ordem , e recado. E nos lugares , em que se haviam de alojar pera jantarem , ou dormirem , em breve espaço se fortificaram á roda ; porque como os servidores eram muitos , e os matos grandes , e espessos , facilmente se fazia tudo. E por esta razão alguns alevantados que encontrou , não ousaram aos commetter. Nesta ordem chegou a Colombo a salvamento , onde foram muito festejados , e o Geral teve já com que pagar , e quietar os soldados , com que tornou a proseguir na guerra , como logo diremos.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

CAPITULO III.

De outras vitórias que os nossos alcançaram em Ceilão em diferentes partes.

ENvergonhado o Rey de Huva de ser tantas vezes desbaratado, temendo-se do tyranno D. João, deixou-se ficar nas sete Corlas bem alongado das estancias, que os nossos ficavam, e da terra de Galitota, e alli tornou a recolher a mór parte da gente, que lhe escapou daquelle desbarato. O tyranno D. João tanto que vio perdida aquella jornada, em que elle tinha grande confiança, determinou de ajuntar suas gentes, e tornar a proseguir a guerra por aquella parte, o que não pode fazer, porque andavam os seus tão medrosos daquelles successos, e tão enfadados daquela guerra, que não quizeram acudir, sobre o que o tyranno usou grandes crueldades com elles, mandando descabeçar muitos, e mandou chamar o Rey de Huva que acudido, e andou em pessoa por suas terras ajuntando gente até formar hum arceoado exercito, com que tornou a despedir aquella Rey com ordem que se afastasse dos nossos, e fosse impedir os desenhos de D. Jeronymo, que eram obrigar os naturaes das Corlas a se reduzirem á obediencia,

cia, em que lhe dantes estavam, pera com
 isso poder mais facilmente commetter a
 conquista do Reyno de Candea, e metter-
 lhe a guerra dentro em casa, pera assim o
 encurralar de feição, que ou deixasse as
 terras, ou o perseguisse tanto até o matar,
 ou haver ás mãos; o que o tyranno enten-
 deo bem, e trabalhou tudo o que pode
 pelo divertir. E pera isso teve intelligen-
 cias secretas com os Lascarins do nosso ex-
 ercito, que estava nas fronteiras de Dina-
 vaca, e a poder de peitas os fez passar a
 si, com o que aquellas terras fizeram mu-
 dança.

Tanto que os nossos víram os Lasca-
 rins passados pera o inimigo, recolhêram-
 se aos fortes de Corvite, e Batugedere,
 aonde ficáram cercados por terem tudo con-
 tra si. Estava o Geral neste tempo nas fron-
 teiras de Candea penhorado com a conqui-
 sta, que queria fazer por aquelle Reyno;
 com o que os inimigos tiveram lugar de
 cobrar animo, e fazerem alguns damnos
 em nossas terras, e entrarem por ellas até
 defronte da tranqueira Malvana. Do que
 sendo D. Jeronymo avisado, proveo a tran-
 queira de Manicravaré, em que estava, de
 tres companhias de soldados, de que eram
 Capitães Thomé Coelho, que era cabeça
 de todos, João Serrão da Cunha, e Dio-
 go

go de Araujo, e de mantimentos, e mi-
nições pera muitos dias. E elle com huma
companhia de soldados, e oitocentos Laf-
carins se passou á Cidade de Seitavaca por
estar no meio de todo o Reyno, e mais
vizinha á fronteira de Dinavaca, onde os
inimigos andavam; contra quem despediu
Simão Pinhão com outra companhia de sol-
dados, e oitocentos Lafcarins, que os en-
contráram no lugar de Sofragão; e depois
de terem com elles hum bein porfiado re-
contro, os arrancáram os nossos do cam-
po, deixando muitos mortos, que por el-
le sicáram: e assim teve o Simão Pinhão
tempo de visitar as Fortalezas de Corvite,
e Batugedere, em que se tinham recolhido
os que andavam nas partes de Dinava-
ca, como dissemos, que proveo muito bem
de tudo.

Daqui mandou o Geral que passasse o Pi-
nhão pera as terras vizinhas da Malvanz,
onde já estavam os rebellados, e princi-
pales cabeças daquelle alevantamento. E o
mesmo Geral tambem se abalou por outra
parte, de maneira que os colliêram em
meio, e os cercáram em fórma, que por
não terem remedio se entregáram, e vieram
á obediencia, e o Geral mandou cor-
tar as cabeças aos que o foram daquelle
alevantamento: e depois foi pouco, e pou-
co

co julgando os mais culpados, com o que apagou de todo aquella labareda, que lhe atorazava a terra. O tyranno foi mettendo todo seu cabedal pelas Corlas, pera dar em que entender ao Geral, e divertillo de seu intento; pelo que lhe foi necessario mandar outra vez o arraial contra aquelle inimigo, e em muitos recontros que lá tiveram com suas gentes, sempre os nossos ficaram com victoria, e se recolheram com muitos cativos, e prezas. O nosso arraial, que estava na tranqueira de Balitote, tambem não esteve neste tempo ocioso, porque o mandou o Rey de Huva commetter com mais de seis mil homens; mas o Capitão Salvador Pereira, que já estava avisado daquillo, primeiro que chegasse, lançou os Lafcarins da terra fora das tranqueiras em cidaada nos matos, pera ao tempo que o commettessem, lhe darem pelas costas, e os desbaratarem, do que se elles temeram, e por isso não quizeram investir a tranqueira, antes estiveram dez dias sobre ella commettendo-a por escaramuças, de que sempre se recolheram escalavrados.

E por não ficar ao tyranno de Candea cousa que não commettesse por divertir, e embaraçar ao Geral, mandou ao mesmo tempo commetter a tranqueira de Manicavare com hum Capitão de quatro mil homens,

mens, como fizeram com grande determinação; e por espaço de meio dia tiveram com os nossos huma grossa escaramuça de arcabuzaria, de que lhe ficáram muitos tirados no campo; e tão mal os hospederam os nossos, que no mesmo dia se recolhêram, ficando o campo semeado de muitos corpos espedaçados.

O Rey de Huva, que estava sobre o nosso forte de Balitote, vendo que ^{gastara} o tempo sem proveito, e que estava arriscado a ser salteado, e desbaratado dos nossos, retirou-se; porque tambem soube que o Geral mandava socorrer aquella tranqueira, e dalli se passou ás terras de Chilao, deixando huma legua daquella tranqueira de Balitote hum corpo de mil homens, os mais delles de espingardas, em huma tranqueira que fez n'um passo, pera que ajuntando-se alli a gente das aldeas vizinhas, impedissem as entradas aos nossos por aquellas partes, porque de todas se arreceavam. Do que avisado o Geral, mandou dar nelles hum Capitão com sincoenta Portuguezes, e trezentos Lascarins, que os puzeram em desbarato, entrando-lhes a tranqueira com mortes de muitos. Com este successo se retirou logo o Rey de Huva das partes de Chilao, pera onde se passou, assim porque tambem lá foi mal agazalhado

do dos nossos, como por se recear que mandasse o Geral outro poder sobre elle.

Vendo o tyranno de Candea quão mal lhe succediam todos os seus ardis, e quantos a gente tinha perdida por aquelles assaltos, attribuiu tudo á covardia do Rey de Huva, pelo que o mandou recolher a Candea; e o seu cargo, que era de Capitão geral do campo, deo a hum Principe do sangue dos antigos Reys, mancebo havido por atrevido, que querendo mostrar ao tyranno que não ficava enganado naquella eleição, se abalou logo com todo o artilha e gente que trazia o de Huva contra a Fortaleza de Balitote, que já o Geral tinha soccorrido com gente, e municiões, que accommetteo com algumas escaramuças de espingardaria. E vendo Salvador Pereira, Capitão della, que o inimigo não ousava a investir, lhe sahio com hum corpo de gente, e remetteo a elle com tanta furia, que em breve espaço o poz em desbarato, com morte de mais de cento, sendo este Principe no primeiro assalto que commetteo, tão mal affortunado, como o Rey de Huva, porque se metteo pelos matos tão atemorizado como o outro: e os seus que escapáram, foi tal o seu medo, que não paráram senão dentro em Candea. Com isto ficáram as Corlas despejadas, si-

cando só o Príncipe nos confins dellas, duas leguas do nosso attraial, sem ousar de ir diante do tyranno. O que sabido pelos da tranqueira da Balitote, sahiram de noite em boa ordem, e no quarto da aiva deram nelle com tanto estrondo, que o puzeram em fugida, e o tornáram a metter pelos matos, e o foram seguindo, e querendo muitas aldeas, povoações, e pagodes: com o que defenganados os povos das Corlas de o tyranno os poder defender, sujeitáram-se á obediencia.

CAPITULO IV.

Das razões que movêram ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a ir visitar os Christãos de S. Thomé; e de huma breve relação das cousas deste Santo Apostolo.

Agora que he tempo do inverno, que estão paradas as cousas do Governo, daremos razão do que moveo ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes pera ir visitar a Christandade das serras do Malavar, pera onde o deixámos partido: o que trabalharemos pelo fazer brevemente, porque a historia não soffre tanto, e são cousas essenciaes deste tempo do Conde Almirante, pois nellas trabalhou com ajuda, e

favor; e he bem que de quando em quando passemos da terra ao Ceo, e do politico ao Divino: e começaremos pela entrada do Santo Apostolo na India, conforme ao que se achá escrito nos livros Caldeos desta Christandade, onde ha muitas cousas, de que a sua lenda não trata.

Pelo que se ha de saber que estes Christãos tem por tradição desde o tempo deste Santo Apostolo até agora, que por morte do Filho de Deos Christo Jesus Senhor, e Redemptor nosso se repartiram os seus doze Discipulos pelo mundo a pregar a Lei da Graça. E que andando este Santo Apostolo em companhia de S. Judas Thaddeo, pelas partes de Mesopotamia, sabendo que passavam huns mercadores pera a India, desejando de se embarcar pera aquellas partes, onde havia tamanha fama daquella Gentidade, apartou-se do Apostolo S. Thaddeo, seu companheiro, segundo sua lenda, na Cidade de Edessa. E os livros Caldeos da Serra dizem, que vendeo seu corpo a hum daquelles mercadores, ou se concertou com elle pera o servir naquella jornada, e assim se embarcou com elle sem dizer pera onde; e a náó em que hia tomou a Ilha Cacororá, onde ficou pregando á gente daquella Ilha, pelo que tenho dvida na venda, que de si fez o Santo Apol-

tolo; porque se tal fora, não havia de deixar o dono de seu corpo, antes houvera de seguir seu amo, como seu cativo; senão se o mercador vendo sua muita virtude, e doutrina, de sua livre vontade lhe desse licença pera ficar alli. Em fim, como quer que fosse, o Santo Apostolo converteo a maior parte dos moradores daquella Ilha, e lhes fez hum Templo, em que adorassem a hum só Deos, em que havia de deixar alguma Cruz, porque então não tinha outro retabolo, e com isto lhes deo ordem, e regimento de vida, e lhes deixaria escritos os mandamentos; porque os Santos Apostolos assim como entendiam, e fallavam todas as linguas, verosimil he que também as souberem escrever, e conhecessem seus caracteres. Em fim, ordenando alli as cousas, que lhe parecêram necessarias pera bem, e conservação daquella Christandade, se embarcou pera a costa de Melinde, e Cafraria, onde havia fama haver tamanho número de idólatras. E dizem os livros Caldeos, que chegou ao Reyno de Paees, que parece ser de Ampaza, pela semelhança do nome: e dalli á outra Provincia chamada Zarique, que não sei qual seja, senão se for Moçambique, que sempre foi escala daquella costa toda, que era mais conhecida, e sabida pelas Armadas de Siamão, que

que andáram por alli commecçando o ouro, e madeira preta pera o Templo.

Dalli se passou o Santo á Provincia Marhozaya, que o Bispo da Serra D. Francisco Rodrigues, com quem communiquei isto, afirma ser Malaca. O que fallando com toda a modestia, me parece que não pôde ser pelo apartamento destas Provincias, e nunca navegarem os mercadores de Moçambique, nem da costa de Melinde pera aquella parte, e assim o tenho por certeza; porque o Santo tornou a visitar aquella Christandade primeiro que passasse á India, e de Malaca não podia tornar a Sacotora. E faz esta minha opinião mais verdadeira escreverem muitos Authores graves, e cuida que tambem o dizem os livros da Serra, que passou o Santo Apostolo á Persia, e de lá á Provincia Camarant, que hoje he a Usbequia, por ser caminho mais ordinario de casillas, e mercadores de todas aquellas partes, donde parece que tornou a Sacotora, e se embarcou naquella embarcação, que trata sua lenda, que n'uma noite fora aportar á terra do Malavar. E sobre qual foi a primeira parte que tomasse, ha entre aquelles povos grandes contendas; porque os Christãos chamados *Cortali*, da provincia Panto, junto de Coucão, affirmam que a primeira

meira terra que o Santo tomou, foi hum lugar chamado Mogodover Patana, que quer dizer cidade grande Idolo, que então tinha hum porto mui continuado de mercadores Perfás, e Arabios, onde, conforme ao que se escreve nos Actos dos Apostolos, Abdias Discipulo deste Santo Apostolo converteo hum filho do Rey do Malavar, que deve de ser o de Paru, aonde aportou, e aonde ainda hoje ha muita Christandade. Ou pela ventura que a primeira Cidade que tomasse, fosse Calcut, aonde dizem os livros Caldens, que converteo o Christão Perimal, Emperador de todo o Malavar. E entre os Reys que o Santo deixou escritos naquella pedra milagrosa, que elle converteo, he elle hum destes, e que depois em Meliapor converteo hum filho seu. No que se vê claramente que aquella dignidade dos Perimaes, de que no Capitulo X. do X. Livro da minha setima Decada dei larga relação, he tão antiga, que já havia muito antes da vinda de Christo. Mas não he este o derradeiro Perimal, que eu alli digo, que se foi fazer Christão a Meliapor, e o que os Mouros Arabios affirmam que não foi feito pera Meca a se fazer Mouro por acreditarem sua abominavel, e maldita seita, succedendo isto muito antes que Mafome de

ge nascesse, como o tenho provado clara-
 mente na mesma Decada acima allegada.
 E o que affirmam os do lugar de Paru, que
 o Santo aportou primeiro a elle, e que dei-
 xata Igreja alli feita pera os Christãos que
 converteo, não tira esta opinião; porque o
 Apostolo correo todo o Malavar, e cada
 hum quer a honra de aportar primeiro a
 seu porto. Ora que elle deixasse alli Igre-
 ja, se prova por hum campo que alli mos-
 tram, chamado Paripalamba, que quer di-
 zer o Campo da Igreja; e por outro lugar
 chamado Palimoc, que em lingua antiga
 quer dizer o Canto da Igreja. Mas o mais
 averiguado he aportar á Cidade Mogo-
 dover Patana, por sua muita antiguida-
 de; que he tanta, que se tem perdido as
 escrituras, que tratam de sua fundação.
 E só da de Coução tem memoriaes de
 setecentos annos a esta parte; porque
 em todo o Malavar contam suas eras,
 como os Romanos pela fundação de Ro-
 ma; e antes disso contavam estes Mala-
 vares a era pelo curso do Planeta Jupi-
 ter, que he de doze em doze annos; co-
 mo os Gregos pelas Olympiadas de qua-
 tro em quatro; e os Christãos de S. Tho-
 mé em suas escrituras põem primeiro a era
 de Patana, e depois a de Coução, como
 antes da vinda de Christo contavam nas
 suas

suas escrituras pela era da criação do mundo, e de Cesar.

Aqui em Mogodover Patana, onde o Santo primeiro aportou, que he o mais certo, e não em Cranganor, como outros affirmam, succedeo aquelle milagre da mão, por esta maneira. Celebrava aquelle Rey numas bodas a hum filho seu, a que concorria infinita gente, e entre esta foi hum ma moça, que era Judia de nação, que dançava, e cantava em lingua Hebréa cousas da Lei de Deos, e das maravilhas que fizera com os filhos de Israel, milagres de seus Profetas, e outras cousas desta sorte, com que o Santo Apostolo (que foi convidado pera aquellas vodas) se entlevou na contemplação daquellas cousas, que ficou em extase: e vendo-o hum daquelles ministros que serviam, assim arrebaado, e como fóra de si, deo-lhe huma bofetada diante de ElRey, o que o dos Ceos permitio, pera que o seu Santo Apostolo se pareceffe com elle n'outra, que lhe deram em casa de Caifás. Ao que o Santo levantou as mãos, e disse ao que lhe fizera aquella affronta: *Filho, pera que no outro mundo não pagues com penas eternas isto que aqui me fizeste, neste se castigará Deos com a brandura, e misericórdia que sua condição lhe pede.* E assim aconteceu, que

primeiro que o hanquete se acabasse , sahio este homem a buscar agua a huma fonte , que devia este banquete de dar-se em alguma quinta , e encontrou com hum tigre , que ou viesse á fonte a beber , ou fosse ordenado por Deos aquelle encontro , para mostrar a virtude do seu Servo no soffrimento da affronta que se lhe fez ; e arremettendo o tigre com o pobre homem , lhe levou na boca aquella sacrilega mão com que deo a hofetada , e lha cortou pelo pulso , e deixou-a cahir no chão. Vendo-se o triste homem sem mão , foi-se muito de pressa pera onde as bodas se celebravam , todo ensanguentado ; e estando dando conta da sua desventura , entrou hum cão com a sua mão na boca ; e compadecido o Santo Apostolo do pobre homem , alevantou-se , e tomando a mão , que estava ainda fresca , applicou-a ao braco , e no mesmo instante se lhe soldou como d'antes era. O que visto pelos convidados , admiraram-se do caso , que foi occasião de muitos se converterem á Fé de Christo.

Este milagre he ainda hoje mui celebrado entre os Gentios de Meliapor , e trazem-no pintado em seus paineis , como o eu vi em alguns. E não sei qual he a razão , por que os Escriitores modernos tem por apocryfos estes milagres , pois não re-
pu-

pugnão á razão; nem o Santo pediu a Deos castigasse aquelle homem, nem lhe dejesse ver aquelle mal, e ainda que o pedira a Deos que por honra sua o castigasse. Forçoára os meninos, que lhe chamáram calvo por vituperio, a quem logo sahiram huns ursos do intimo do mato, e os fizeram em pedaços. Da casta destes Judeos, e destas moças Judias, que se acháram nestas bodas, ha ainda hoje muitos por todo o Malavar; e affirmam alguns ficarem nelas daquelles, que vieram nas Armadas de Salamáo, que vinham a estas partes buscar cousas pera o Santo Templo: e em Cochim ha humna Judiaria delles, e conservam ainda a sua antiga linguagem. E tambem eu cuido que procederam dos que escapáram da destruição de Jerusalem, e que foram cativos pera a Persia, donde se passariam á India.

Estes, e outros milagres obrou o Santo por todas estas partes, e converteo grande numero de idólatras á lei de Christo. E suas escrituras affirmam que o Santo se passára dalli ás terras do Mogor, e á Provincia Industan, onde reinava aquelle Rey chamado Chsetrigal, que tambem está nomeado na pedra do milagre entre os que elle converteo. Tambem dizem *se* que *se* passou á Chi-

China, e China grande, onde fizera muita Christandade. Ellas partes entendo eu pela Provincia da China, e Catayo, que he a China grande, por citar mais alevantada pera o Norte que a outra da China, assim como os Cosmografos fazem differença da India menor, e India maior. E posto que desta Provincia do Catayo tenho já fallado no Capitulo . . . do . . . Livro da minha quarta Decada, adiante com o favor Divino, quando tratar do Principe de Baxa, que se fez Christão em Ormuz, darei melhor relação della pelo muito que hoje está mais descoberto pelos Padres da Companhia, que penetram até o ultimo da China, e Catayo, aonde Portuguez algum já mais chegou, senão aquelle Embaixador, que Fernão Peres de Andrade mandou ao Rey da China, que foi até á sua Corte, sem saber dar razão daquella Provincia, nem de outra alguma; porque os Chins que o levavam o divertiram por diferentes jornadas, em que lhe fizeram gastar muitos mezes, assim por não saber dar razão de cousa alguma, como pera lhe mostrarem a grandeza daquelle imperio.

E tornando ao Santo, depois de ter visitado todas estas Provincias, voltou pera a India; parece que veio visitando a Provincia Tebet, onde fez muitos Christãos,

de

de que ainda hoje ha nella, e se veio del-
 cendo até o Reyno Canará, até parar na
 Cidade Meliapor, onde fez aquelle gran-
 de milagre daquelle façauhoso madeiro, de
 que fabricou a sua Igreja, que ainda hoje
 está parte della em pé. Estando nesta Ci-
 dade orando em hum oratorio, que tinha
 naquelle monte, de que já fallei no Capi-
 tulo V. do X. Livro da minha Decada, foi
 morto pelos Bragnenes Gentios de huma
 lançada, que lhe deram por huma fresta,
 que foi aos 27. annos depois da morte de
 Christo, parecendo-se até nisto com seu
 Mestre, e nosso Redemptor, que tambem
 foi ferido com aquella cruel lançada, que
 lhe os Judeos deram, com que lhe atra-
 vessaram o coração. E conforme a compu-
 tação dos mesmos Canarás, conformão
 com esta conta; e dizem mais que foi mor-
 to aos trinta annos do reinado de ElRey
 Xaga, que o Santo Apostolo tinha conver-
 tido. Foi seu corpo enterrado na sua Er-
 mida, onde se acharam suas reliquias em
 tempo do Governador D. Duarte de Me-
 nezes, Senhor da casa de Tarouca, que por
 mandado de ElRey D. Manoel as mandou
 buscar. E posto que seu Discipulo Abdias
 diga que seus companheiros lhe levaram
 suas reliquias pera a Cidade de Edessa, il-
 so não tira ficarem muita parte dellas na
 sua

na propria sepultura, porque forçado haviam de deixar nella sua memoria. Esta Cidade de Edessa he Metropoli da Mesopotamia; e alguns tem que he a antiga Raquis, donde Tobias o velho mandou a seu filho a buscar os dez talentos de prata, que Gabeilo seu parente lhe devia. Esta Cidade se converteo á Fè de Christo pela pregação do Apostolo S. Thaddeo seu companheiro, e sempre nella houve Bispos, cujos suffraganeos foram os Bispos da Serra de Meliapor, que dalli se proviam até entrarem os da maldita seita de Nestor.

CAPITULO V.

Das cousas que mais aconteceram a estes Christãos: e dos Prelados que tiveram até este tempo: e dos Reynos em que hoje moram.

POR morte do Apostolo S. Thomé ficou toda aquella Christandade destas partes do Malavar, e Meliapor sustentando-se com os Prelados, que lhe mandavam os Bispos de Edessa até lhe virem os de Babilonia Nestorianos, que como peste contaminaram todas aquellas partes com suas heresias, e perversa doutrina. Succedeo depois da morte do Santo ha mais de tre-

zentos annos haver no Reyno de Bisnaga grandes guerras, e fomes, e tantos terremotos, e sinaes do Ceo, que affirmam suas escripturas que junto de Meliapor choveo terra, e assolou huma povoação, com o que se despovoaram muitas terras daquellas, e os Christãos se espalharam pera diferentes partes, e muitos por falta de doutrina tornaram á Gentilidade de seus passados. E ainda hoje em Bipor na costa da Pescaria ha muitos que procedem destes a que chamam Taridascaí Naique mór, que quer dizer, os da casta dos antigos Reys; porque muitos dos que alli pararam eram do sangue dos Reys, que o Santo Apostolo fez Christãos; mas a mór parte delles se acolheram aos matos, e serras, que são os que passaram em Jodamalla, a que os naturaes chamam Xaber, que quer dizer gente antiga, e outros se espalharam por esta costa Malavar, onde fundaram Templos; e ainda daqui se acolheram pera as serras, depois que os Mouros entraram na India, por muitas avexações que lhes faziam, cuja cabeça foi sempre a Cidade Patana, onde o Santo Apostolo aportou a primeira vez áquella Cidade: esta depois por tempo se destruiu de todo por guerra.

Depois dahi a muitos annos aportou áquelle porto de Patana huma *não*, em que

que vinha hum Armenio Christão, chama-
do Thomé Cananeo, homem muito rico;
e vendo-se com aquelle Rey, lhe deo con-
ta de si, e elle deo o lugar de Parana pe-
ra se aposentar com os seus, que traziam
suas mulheres, e depois lhe deo o mesmo
Rey o chão de Cranganor, onde agora es-
tá a nossa Fortaleza, onde o Thomé Ca-
naneo mandou fazer a Igreja no lugar, em
que hoje está da invocação do mesmo Aposto-
lo; e depois fez outras duas: huma do
Orago de nossa Senhora, e outra de S. Cy-
riaco Martyr. E porque a doação destes
chãos, que lhe ElRey mandou passar, he
notavel, e declara muitas cousas dignas de
se sabermos, me pareceo bem pollas aqui
de *verbo ad verbum*, segundo se acháram
em humas pastas de cobre, que eu refiro
na minha setima Decada, que desapparecê-
ram da Feitoria de Cochim, e dellas infi-
ro que este Rey era Christão, e chamava-
se Cocurangon.

*Cópia da doação que ElRey do Malavar
fez a Thomé Cananeo.*

COcurangon seja prosperado, e tenha
longa vida, e viva cem mil annos, di-
vino servo de Deos, forte, verdadeiro,
cheio de boas obras, racionavel, podero-
so

fo sobre toda a terra, ditoso, vencedor, glorioso, prospero no ministerio de Deo directamente. No Malayar na Cidade do grande idolo, reinando elle em tempo de Mercurio, no dia setimo do mez de Março antes da Lua cheia, o mesmo Rey Cocurangon, estando em Cornelur, chegou Thomé Cananeo, homem principal, em huma não com determinação de ver a devida terra do Oriente, e vendo-o chegar alli, deram recado ao Rey, que o mandou ir perante si, fallou com elle amigavelmente, e lhe deo o seu proprio nome, chamando-se dalli por diante Cocurangon Cananeo, a quem ElRey deo a Cidade Patana pera todo sempre. E estando este Rey em sua grande prosperidade, foi hum dia á caça, e mandou cercar o mato, tendo comsigo o Thomé Cananeo, e fallou ElRey com hum grande Astrologo, que lhe aconselhou que desse todo aquelle mato, que era grande, ao Cananeo, como fez, que elle mandou logo roçar, e alimpar. Foi isto no mesmo anno, em que alli aportou aos onze dias do mez de Abril. E neste mato mandou logo o Cananeo fabricar huma Igreja, em que ElRey lançou a primeira pedra, e assim fundou alli huma mui arrezoadada Cidade, e deo a ElRey muidos, e mui ricos presentes; pelo que o Rey lhe con-

concedeo mais sete modos de instrumentos
múlticos, e todas as honras que se faziam
ao mesmo Rey. E concedeo-lhe mais po-
der pera em suas bodas poderem as mu-
lheres fazer certo sinal com o dedo na bo-
ca, que só as mulheres dos Reys podem
fazer. Concedeo-lhe mais pezo distincto
sobre seu real, e todas as mais, como a sua
propria pessoa, e que pudesse pôr tribu-
tos a seu povo. As testemunhas que esta-
vam assignadas nestas pastas são as seguin-
tes: Cadaxericandi, Cheracaru, Putancha-
te, Comisc, porteiro mór de El Rey, Ac-
cunden Coundem, do seu Conselho, Amc-
nate, Condem, Gerulem, Capitão do cam-
po, Chiranmala Portati Reivoramem, Re-
gedor da banda do Oriente no Malavar,
e outros muitos que deixo por fugir pro-
luxidade.

Foi a vinda deste homem quasi nos an-
nos do Senhor de 811. segundo se acha
nos livros Caldeos destes Christãos; e por
muitas conjecturas me parece que este he
o regulo, que Santo Antonino escreve na
sua historia, que mandava todos os annos
um presente de pimenta ao Summo Pon-
tifice; porque naquelle tempo era mui con-
tinuado dos Christãos da Europa o sepul-
cro do Santo Apostolo, e por elles lhe
mandaria o Thomé Cananeo aquelle pre-
sen-

cente; de maneira que a primeira Igreja, que o Santo Apostolo fez, foi no lugar de Patana, que depois se destruiu pelas muitas, e grandes guerras que houve naquele tempo, e depois o Thomé Cananeo a tornou a reedificar, como dissemos, e dahi a muitos tempos se mudou para Panu. E a segunda Igreja que se fez no Malavar, este Cananeo a fez (como já dissemos) e foi em Cranganor; e por esta obra o puzeram aquelles Christãos no catalogo dos seus Santos, e rezaram delle.

Das gentes que com elle vieram, procedem os Christãos de Diamper, Cortate, e Cartute, que sem dúvida são de casta Armerios, e o mesmo seus filhos, porque treuxeram suas mulheres; e depois os que procederam delles se casaram na terra, e vieram a ser por tempo todos Malavares. Os Reynos, em que hoje se conservam estes Christãos de S. Thomé, são os seguintes: No Reyno dos Maleas vinte e seis leguas das terras de Madure. No Reyno de Turubuli seu vizinho. No Reyno de Maorã. No Reyno de Batimena. No Reyno de Porea. No Reyno de Travancor. No Reyno de Diamper. No Reyno da Fimenta. No Reyno dos Terancutes. No Reyno de Paru; e ultimamente no Reyno de Cornate.

Todos estes Christãos, depois que se lhes acabaram os Prelados Catholicos, que lhes viavam da Cidade de Edessa, viveram muitas centenas de annos naquella fé que lhes seus pais, e avós ensinaram até quasi os annos do Senhor de 730. antes que o Thomé Cananeo alli aportasse. E poucos annos depois da fundação da Cidade de Coultão, d'elle fundamento, como já disse, contam os Malavares suas eras; e nesta de 1681. em que escrevo isto, sam de sua fundação a de 722. por onde vai a nossa conta diante 889. annos, em que foram ter daquella Cidade dous Caldeos de Babylonia, chamados Mar Xabio, e Mar Prod, sequazes da seita Nestoriana, que foram bem recebidos daquelles Christãos, e estimados daquelle Rey, por mostrarem muita santidade, que governaram aquella Christandade, que não sei se com nome de Bispos, ainda que cuido que isto he o mais certo, e que repartiram toda aquella Christandade em dous Bispados, em que alevantaram muitos Templos; e viveram com tanto exemplo entre elles, que por suas mortes foram havidos por santos; e postos nos seus catalogos, rezavam delles em seus brevarios. Donde o Archebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, visitando aquellas Igrejas, os mandou borrar pelos ter por hereses scis-

scifinaticos, por virem de Babylonia potorem do Patriarca Grego.

Com estes homens cresceu esta Christandade tanto, e vieram a ter tanta posse, que alevantaram entre si Reys, por quem foram muitos annos regidos, e governados, sem se quebrar a direita successão, e veio aquelle Reyno ao Rey de Diampiper. Com elle passou ao de Cochim por perfilhação que tinha feito com aquelle Rey, como temos bem mostrado no nosso Epilogo das cousas da India: e esta he a razão, por que estes Reys de Cochim pretendem ter mais poder, e senhorio que os outros Reys sobre estes Christãos.

Depois de falecidos estes Caldeos, mandaram a Babylonia pedir Bispos, por não terem conmodo pera mandarem a Roma, porque por morte destes lhes ficou só hum Diacono, que tomou por si o officio de Sacerdote, sem ser ordenado, e o exercitou, cuidando que o podia fazer, que tão ignorantes estavam todos. Com este recado os proveo o Patriarca Grego de hum Arcebispo, chamado Mar Joanna, e de dous Bispos suffraganeos seus Coadjuutores, e futuros successores. Este Arcebispo ordenou o Breviario Caldeo, de que até agora usava esta Igreja, e fez seu assento em Cranganor. Por morte destes Arcebispo, e

Būpos succedeo outro chamado Mar Jacob ,
 que tinha vindo tambem de Babylonia ,
 que governou muitos annos , e faleceo
 quasi no de mil e quinhentos. E logo no de
 mil quinhentos e dous , chegando á India a
 segunda vez D. Vasco da Gama , primeiro
 Almirante , e Conde da Vidigucira , e indo
 a nova a estes Christãos da grande Armada
 com que este Capitão estava em Cochim ,
 lhe mandáram Embaixadores a lhe fazer a
 saber como eram Christãos , e que estavam
 a lhe avexados daquelles Reys vizinhos : que
 lhe pediam os amparasse , e defendesse
 delles : que daquelle dia em diante se fa-
 riam vassallos de ElRey de Portugal : e
 em sinal desta vassallagem lhe mandavam
 o Sceptro de que seus Reys usáram , que
 lhe os Embaixadores entregáram , que era
 huma vara vermelha guarnecida de prata
 nas pontas , e na cabeça tres campainhas ,
 que o Conde Almirante recebeu com gran-
 de aparato , e nãos embandeiradas , e a
 mais lustrosa gente na sua , e os mandou
 salvar com toda a artilheria , de que elles
 ficáram assombrados , por não terem ouvi-
 do nunca aquelle estrondo. E á Embaixada
 respondeo aos Christãos com grandes offe-
 rcimentos da parte de ElRey de Portu-
 gal , em cujo nome lhes disse , que accei-
 tava aquelle Sceptro , assegurando-os que elle

mandaria Armadas mais possantes, e mais poderosas que aquella com que os libertasse das sujeições dos vizinhos; e aos Embaixadores mandou dar peças ricas, e curiosas, com que foram muito satisfeitos. E não acho se mandou o Almirante com elles alguns Religiosos dos que hiam na Armada pera os doutrinar, e ensinar nos costumes Romanos; porque nestas, e outras cousas de tanta importancia foram os nossos Escritores mui remissos, e descuidados.

E tornando aos Prelados: por morte do Arcebispo Mar Jacob veio outro chamado Mar Joanna, segundo deste nome, que está enterrado na Igreja de Diamper, e a este lhe veio de Babylonia outro chamado Mar Janabo, e assim foram succedendo outros Arcebispos até quasi os annos de 1556. em que o Papa Paulo IV. succedeo na Cadeira de S. Pedro, que confirmou em Patriarca da Abassia a D. João Bermudes, como na minha quinta Decada fica dito, em cujo tempo foram a Roma Simão Sulaca Bispo de Caeremit, Cidade cabeça da Mesopotamia, e com elle outros dous Bispos, hum que se chamava Mar Elias, e outro Mar Josef, que ambos deram obediencia ao Summo Pontifice por si, e por seus subditos, e elle os confirmou, e ao Simão Sulaca em Patriarca de Mu-

Masal, e aos outros em seus Bispados sus-
 taganeos a elle: e ao Mar Josef, que ti-
 nha o titulo de Bispo de Ninive, mandou
 que fuisse governar os Christãos das serras
 do Malavar, e com elle o Bispo D. Am-
 brosio Monte-coeli, Frade Dominico, por
 seu Coadjutor, e futuro successor, e assim
 ficou aquelle Patriarcado dividido em dous,
 hum Catholico, e outro herege; o Catho-
 lico na Cidade de Masal, e o outro em
 Antioquia; mas o Catholico viveo pouco,
 porque logo foi morto por ordem do he-
 rege. E os Bispos Mar Josef, e D. Am-
 brosio, que ainda estavam com elle, tive-
 ram modo pera fugirem por se arrecearem
 doutro tanto, e foram ter a Ormuz, e nas
 Indias que partiram pera a India se embar-
 çaram, e não acho-se tomáram Goa, ou
 onde fossem aportar. Basta que passáram
 ás serras do Malavar, onde aquelles Chri-
 stãos os receberam muito bem, e o Mar
 Josef tomou posse do Bispado, em que
 ordenou muitas cousas mui boas. O D.
 Ambrosio parece que não vio aquella terra
 conforme a sua vontade, foi-se pera Co-
 chim, e dalli pera Goa, e no Convento
 de S. Domingos leo a Sagrada Theologia
 aos seus Frades com muita satisfação por
 ser muito douto; e indo-se embarcar a Co-
 chim pera o Reino no anno de 1557.

lecco naquella Cidade, e jaz nella enterrado no Mosteiro de S. Domingos, como já temos dito no Capitulo I. do I. Livro da setima Decada.

E tornando ao Mar Josef, como elle vinha inficionado, e contaminado da peste Nestoriana, começou a sementeira pelo seu Bispado, e ainda por alguns moços que tomou em Cochim para seus pagens. O que sabido pelo Bispo daquella Cidade D. Jorge Temudo da Ordem de S. Domingos, deo conta disso ao Viso-Rey, e ao Arcebispo de Goa, que escreveram ao Capitão de Cochim que prendesse logo ao Mar Josef, e o embarcasse para o Reino nas náos que lá estavam tomando a carga para partir; o que elles fizeram, porque o houveram ás mãos por manha. Por sua ida mandáram os Christãos a Babylonia a pedir Bispo, donde lhe mandáram hum Mar Abrahamo, que em trajos de marinheiro entrou naquella Serra, onde foi muito bem recebido; e logo na volta das náos, em que embarcáram a Mar Josef, tornou elle a vir muito favorecido do Cardeal D. Henrique, e da Rainha que então governavam, porque assim soube attrahir os corações destes Principes, que lhe concedêram tudo o que pediu, com prometter de reduzir todos aquelles Christãos á obediencia da

San-

Santa Igreja Catholica Romana; e chegando a seu Bispado, foi recebido de alguns povos, e de outros não, por estarem afeiçoados a Mar Abrahão, e assim houve entre elles scisma. Ao que acudiram o Viso-Rey, e o Arcebispo; e tal manha tiveram, que houveram ás mãos o Mar Abrahão, e embarcaram-no pera o Reyno por ser herege refinado; e a não em que foi arribou a Moçambique, donde em hum pangaio se pailou a Ormuz, e dalli á Babilonia a dar razão de si áquelle Patriarca, e a pedir-lhe Breves pera tornar a seu Bispado. Mas entendendo bem que se não fosse por ordem do Papa, não poderia ser admitido a elle, mudou o conselho, e passou a Roma, e deo relação de suas couzas ao Papa, que era então Pio IV. e diante d'elle anathematizou seus erros, e fez profissão da Fé Catholica Apostolica Romana, e prometteo de reduzir aquella Christandade á Santissima Fé Catholica da Igreja Romana: pelo que o Santo Pontifice lhe passou Breves Apostolicos, em que o confirmava em Bispo daquelles povos Christãos. E porque até então não era legitimamente ordenado, nem tinha Ordens algumas, o mandou ordenar desda primeira Tonsura até ás Ordens de Missa: e passou Breves ao Patriarca de Veneza pera o

sagrar em Bispo ; e deo-lhe cartas pera o
 Viso-Rey da India, Arcebispo de Goa, e
 Bispo de Cochim, em que lhe pedia o
 deixassem passar a seu Bispado de Veneza,
 onde se sagrou, passou por terra a Or-
 muz, e dahi a Goa, e apresentou seus Bre-
 ves ao Arcebispo D. Gaspar, que exami-
 nando-os bem, achou que eram subrepti-
 cios, e passados com falsas informações,
 pelo que o fez deter em hum dos Mostei-
 ros de Goa até informar a Sua Santidade
 da verdade, e foi posto em S. Domingos,
 onde eu fallei com elle muitas vezes: dahi
 teve taes intelligencias, que quinta feira
 de Endoenças, estando os Religiosos occu-
 pados naquelles piedosos, e devotos Offi-
 cios, chieios dos Mysterios que nelle se
 celebrão, fugio, e se passou pera as terras
 do Idalxa, e dahi ao seu Bispado, onde já
 não estava o Mar Josef, porque o ti-
 nham embarcado nas náos passadas pera o
 Reino por Breves da Sé Apostolica, e car-
 ras de ElRey, e Cardeal, por terem in-
 formados que era herege pertinaz, e não
 cumprio o que prometteo ao Papa. En-
 trando o Mar Abrahão na serra, e achando
 seu competidor ausente, foi logo rece-
 bido de todos por seu Prelado ; e por se
 recear que o Arcebispo de Goa, e Bispo
 de Cochim o tornassem a haver das mãos,
 se

se metteo muito pelo certão. O que sabi-
 do pelos nossos Prelados, trabalharam pelo
 colher, e avisaram de tudo ao Summo
 Pontífice, que passou Breves o anno 78.
 dirigidos ao mesmo Bispo Mar Abrahamo,
 em que lhe mandava deixasse prégar a Lei
 de Christo em todo o seu Bispoado: e que
 dali em diante se achasse em todos os
 Concilios que em Goa se celebrassem: e
 que guardasse seus decretos, e se sujeitas-
 se a elles: e que pera ir a Goa lhe dava
 seguro Apostolico. E assim se achou no
 Concilio que celebrou D. Fr. Vicente da
 Fonseca, o que fez por não ser de todo
 reprovado, e havido por herege. E de-
 pois de acabado o Concilio, se foi pera
 seu Bispoado, e nada cumprio do que pro-
 metteo, e jurou no Concilio.

Estando assim as cousas destes Christãos
 neste bem ruim, e desaventurado estado
 com a falsa, e perversa doutrina, que este
 herege semeava, chegou áquella terra hum
 Mar Simeão, que disse ser mandado pelo
 Patriarca de Babilonia pera succeder na
 quelle Bispoado, que a Rainha da Pimen-
 ta agarralhou, e favoreceo, e se fez cabeça
 de todos os Christãos daquelle Reino, e
 de outros que tambem lhe obedeceram, e
 poz seu assento no lugar de Cartute, onde
 começou a exercitar o officio de Bispo,

ordenar, crismar, e outras cousas, de que informados os Prelados da India, o houveram ás mãos, e o embarcaram para o Reino, e delle se passou a Roma, onde foi examinado por mandado do Papa Xisto V. e foi achado hum fino herege Nestoriano, e que não só não era Bispo, mas nem ainda Sacerdote: pelo que foi sentenciado que não usasse mais da dignidade, nem da Ordem.

Com esta ida de Mar Simeão para o Reyno ficou o Mar Abrahamão quieto em seu Bispado, onde não teve emenda, antes foi por diante com seus erros, e costumes Nestorianos. E sendo chamado a Goa no anno de 1590. pelo Arcebispo D. Fr. Matheus para Concilio que queria celebrar, não quiz acudir, por se temer que o prendessem, como já fizeram da outra vez. Pelo que o Arcebispo escreveu ao Summo Pontifice dos máos costumes deste homem, que mandou passar hum Breve dirigido ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando veio para a India no anno de 95. em que lhe mandava que inquiresse das culpas deste homem; e que achando ser Nestoriano, o prendesse, e provesse aquelle Bispado de Governador; e não consentisse mais entrar nelle Bispos de Babilonia, senão os que fossem por ordem da Igreja Romana. E

E tirando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes inquirição deste Bispo, achou ser herege, e culpado em gravissimos erros; e porque estava já em idade tão decrepita, que se não alevantava de humma cama. E sabendo que tinha mandado a Babylonia pedir successor, dissimulou com elle, e mandou em Ormuz ter tantas intelligencias, e nos portos da India, pera que não passasse áquella Christandade nenhum Bispo de Babylonia, que vindo hum a succeder ao Mar Abrahão, parece que foi avisado deste negocio: pelo que houve por mais acertado conselho tornar-se pera Babylonia. O Mar Abrahão faleceo logo envolto em seus pestilenciaes, e abominaveis erros, e ficou aquelle Bispado entregue ao Arceediago, que tambem era tocado da mesma lepra. E o Arcebispo com muita prudencia o mandou confirmar até que elle fosse pessoalmente tomar posse daquella Igreja, conforme aos Breves que pera isso tinha do Papa, e escreveu ao Arceediago fizesse Profissão da Fé, e reconhecesse a Igreja Catholica. E esta foi a causa que moveo ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a fazer esta jornada com tantas despesas de sua fazenda, e tão grande risco e perigo de sua vida, só pelo aproveitamento das almas de tantos fiéis, quantos

tos os malditos Bispos hereges tinham apartado da Igreja Romana.

CAPITULO VI.

Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio a obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.

JA' que demos relação desta Christandade, pareceo-me que convinha tratar tambem dos erros em que viviam, pera se saber o damno que lhe tinham feito os Bispos Babilonicos, e o fruto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em os visitar. Pelo que se ha de saber, que aquelle maldito herege Nestorio concorreo quasi nos annos do Senhor de 440. e depois nos de quatrocentos e cincoenta e hum, que sua peçonha hia já lavrando pelo mundo, foi necessario ao Summo Pontifice Celestino I. ajuntar em Efeso Concilio contra elle, em que se acháram duzentos Bispos, onde condemnaram este perverso herefiarca, e se queimaram todos os livros dos Maniqueos; e naquella envolta foi tambem condemnado por herege Dioceseo Bispo.

Bispo de Alexandria, que seguia a Euthi-
chio.

Condemnado Nestorio por herege, não deixou de ir com sua protervia, e pertinacia por diante, com que fez tantos males no mundo, e levou após si caminho do inferno tantos mil milhares de almas dos malditos que os seguiram. E de maneira se estendeu, e dilatou sua falsa doutrina, que chegou a peçonhentar estes pobres Christãos lá mettidos nas mais escondidas matas, e nas mais fragosas serras do Malabar, ensinando-lhes seus Bispos a sua falsa doutrina, com que destruíam a verdade da Encarnação do Verbo Divino, e ficavam particulares offensores da sacratissima Virgem Maria sua Mãi, e Senhora nossa, negando-lhe a principal honra que tinha, que era ser verdadeira, e natural Mãi do Filho de Deos, com outras heresias contra a limpeza, e pureza do parto virginal da mesma Senhora. Não admittiam nas Igrejas linagens nenhuma mais que a Cruz. Affirmavam que as almas dos Santos não haviam de ver a Deos, senão depois do juizo Universal. Dos Sacramentos não tinham estes Christãos mais que os do Baptismo, da Ordem, e da Eucharistia. E ainda no do Baptismo tinham tanta confusão na fórma delle, que cada Cassanar,

ou

ou Clerigo baptizava como lhe parecia, e usavam nelle diversas fórmas com que não ficava verdadeiro Sacramento. Não usavam de Oleos santos, nem os conheciam; mas porque ouviam fallar nelles, untavam os baptizados com azeite de coco, e gergilim, sem benção alguma; o que geralmente se usa neste Malavar, porque os alupa, e lhe dá forças, e saude corporal. Tinham particular odio, e aborrecimento ao Sacramento da Confissão: só em algumas Igrejas, que estavam perto das nossas, se confessavam poucos, porque o viam fazer aos Portuguezes; e todos os mais em lugar de confissão de peccados, punham huns grandes brazeiros no meio das Igrejas aos Domingos, onde lançavam muito incenso, e os rodeavam, e tomavam aquelle fumo, lançando-o com as mãos pera os peitos, havendo que com aquelle fumo se niam seus peccados, e frequentavam o Sacramento da Comunhão sem outro apprelho mais que irem em jejum. As Missas que diziam, tinham muitos erros que accrescentou Nestorio. E antes de lhes lá ir vinho de Portugal, consagravam em vinho de palma deitado em passas seccas, e as Hostias eram bolos feitos com azeite, e sal até o tempo de Arcebispo Mar Josef, que por se accommodar aos nossos costumes con-

consagravam em Hostias como as nossas, e vinho de Portugal.

No Sacramento da Ordem eram muito dados, tanto que havia poucas casas, onde não houvesse algum ordenado; porque como nada impedia entre elles os exercicios seculares, muitos se ordenavam para usarem de huns, e outros, e assim o faziam de dezefete, dezoito, e vinte annos, e os mais delles caçavam depois de Sacerdotes, e muitos viuvos já com mulheres viuvas; e tantas quantas vezes viuvavão, tantas tornavam a casar, sem se conhecer entre elles a irregularidade da bigamia, nem terem algum apartamento das mulheres, quando haviam de celebrar. E acontecia muitas vezes haver n'uma mesma Igreja pais, filhos, e netos todos Sacerdotes, e todos ministravam nellas. Estas suas mulheres se chamavam Catariaras, ou Cassaneiras, que quer dizer, mulheres dos Cassanares, que são os Sacerdotes, e assim por isso eram as mais honradas do povo, e traziam para isto hum certo final, porque eram conhecidas. E em todos estes Sacramentos eram publicos simoniacos, porque os não davam senão por preço certo. No do matrimonio tinham muitos abusos, porque bastava darem-se por casados para o serem, e alguns o ficavam com lançarem hum fio do

do seu pescoço ao da noiva. Quando as mulheres pariam, guardavam o costume da lei velha, que sendo macho não entravam na Igreja, senão aos quarenta dias; e se era femêa, aos oitenta. A sua agua benta não tinha mais ceremonias, que lançar-lhe huma pequena de terra dos lugares por onde o Santo Apostolo andou, e huns grãos de incenso. Usavam muito de sortes, e feitiços, porque tinham hum livro chamado Paresinão, que quer dizer medicina Persica, donde tiravam os dias faustos, ou infastos pera fazerem suas cousas. Finalmente outros cem mil abusos, erros, heresias, e ritos gentílicos que deixo, porque a historia não soffre tanto.

Todos estes abusos, e outros muitos que tinham, tirou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e emendou todos aquelles povos, e os reduzio a huma vida politica christã, e lhes fez fazer Profissão da Fé Catholica, e dar obediencia ao Summo Pontífice; e mandou baptizar de novo muitos povos, que não eram canonicamente baptizados. E em todas estas cousas foi muito ajudado de Francisco Rodrigues da Companhia, que hoje he Arcebispo daquella terra, e Christandade, e de outros Padres da mesma Companhia, que antes, e então trabalharam, e rossaram aquelles

bravios, e os foram dispondo, e habilitando pera receberem com facilidade a semente do santo Evangelho. E tendo o Arcebispo este fruto ariazonado pera acabar de cumprir de todo esta tão grande obra, celebrou Concilio Provincial no lugar de Diamper com a mór cerimonia, e magestade que pode, que se começou na terceira Dominga depois do Pentecoste, que cahio a viate de Junho desta era em que andamos. Acháram-se nelle o Capitão da Cidade de Cochim, Vereadores, e outras pessoas principaes, e os Padres Francisco Rodrigues, e Jorge de Castro da Companhia de Jesu, e o Confessor do Arcebispo, que era Religioso da Ordem do glorioso Padre Santo Agostinho, que se chamava Francisco Braz. Nelle se ordenáram cousas muito santas, e boas; e os Procuradores dos povos, Parocos, e Vigairos fizeram Profissão da Fé Catholica. Com o que aquella Chriandade tornou a renascer por graça: o Deus nosso Senhor confirmou com alguns milagres, que sua misericordia quiz obrar pera mostrar quanto aquella obra lhe agradava, e era aceita.

Depois de acabado o Concilio, visitou o Arcebispo as terras dos Christãos, e todas suas Igrejas com grande despeza da fazenda, e risco de sua vida; porque algumas

vezes trataram de o matar; mas de todas o livrou Deos quasi milagrosamente. Os Decretos do Synodo se enviaram depois ao Summo Pontifice Romano, que os approvou, e estimou muito aquella obra, havendo-a por cousa a que o Espirito Santo assistira, e proveo logo aquelle Bispado de Bispo Catholico, que foi o Padre Francisco Rodrigues da Companhia, em quem concorriam muitas partes pera o cargo que lhe davam; porque além de o merecer naquella jornada, em que sempre acompanhou ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, sabia muito bem a lingua Malavar, e Caldeia: e agora ao presente que escrevemos isto governa este Arcebispado com muita satisfação, e tem aquelles Christãos tão differentes do que eram antigamente, que parece que foram creados de meninos com o leite da Santa Fé Catholica. Demos relação destas cousas, assim por serem da gloria de Deos nosso Senhor, como por succederem neste tempo do governo do Conde Almirante, de quem escrevemos, que deo tres mil pardaos pera ajuda de custo ao Arcebispo pera esta jornada, e humas galé, pera irem, e tornar.

CAPITULO VII.

D. como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gaudra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme a ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo. que lha acceitou em nome do Conde Viso-Rey.

HAvia muitos annos que ElRey da Gaudra no sertão de Coulaõ andava no requerimento com ElRey nosso Senhor, que Deos tem na gloria, acceitallo por seu Irmão em Armas, que he a mór honra, e merecê que os Reys de Portugal sempre fizeram aos Reys da India, que por obras lha mereceram: ao que ElRey o quiz satisfazer. E nas mãos passadas, de que veio por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, lha mandava ElRey que passasse Carta de Irmãde com as clausulas, e condições acustumadas, e áquelle Rey escreveu cartas de honras, e mimos. E querendo o Conde cumprir a vontade de ElRey, quando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se embarcou pera ir visitar os Christãos de

S. Thomé, como já dissemos, entre muitas cousas que lhe encommendou, foi esta deste Rey da Gundra, a quem escreveo, e lhe mandou a carta de El Rey. E estando o Arcebispo nas terras da Rainha de Changanate visitando a Igreja de Talevacate, que he das mais antigas daquella Christianidade, onde lhe mostráram tres laminas de cobre de dous palmos de comprimento, e quatro dedos de largo, em que estavam abertas ao'boril diferentes letras, e caracteres, que continham os privilegios, doações, e rendas que o Rey de Coulaõ concedeo áquella Igreja, quando alli edificaram os dous Babylonicos Mar Xabro, e Mar Podde que atrás tratámos. Estas tres laminas tinham estes Christãos dali em grande veneração, e estima. Assim que estando o Arcebispo visitando esta Igreja, mandou recado ao Rey da Gundra, pera que se vissem onde elle ordenasse, porque importava assim ao serviço de El Rey de Portugal, e honra sua. A este recado mandou El Rey responder que seria com elle, mandando-lhe nomear o lugar, que era dali perto em hum campo raso entre grandes matas de arvores carregadas de pimenta. E ao dia assinalado partio o Arcebispo muito bem acompanhado de todos os que o seguiam, que era gente graúda, e muito illustre,

achou aquelle Rey esperando-o naquelle
 lugar acompanhado do Principe Herdeiro,
 e de seus Regedores, e Naires Principaes,
 e da gente miuda muito grande copia; e
 depois das palavras geraes daquella pri-
 meira vista, que foram assentados em cadei-
 ras de veludo, que o Arcebispo pera isso
 mandou levar, lhe disse, que ElRey de
 Portugal lhe tinha concedido a mercê que
 havia tantos annos pertendia, que era re-
 rebello por irmão seu em armas, mercê
 que os Reys de Portugal concediam a pou-
 cor, por ser a maior, e de inór estina que
 todas as que faziam aos que lho bem me-
 reciam, como o elle sempre fez nos favo-
 res que deo ás Igrejas do seu Reyno, e
 Chriãos delle; e a pimenta que de suas
 terras passava pera a Feitoria de Couão,
 que tudo isto eram merecimentos pera lhos
 ElRey de Portugal agradecer, como o fa-
 zia naquella honra que lhe dava. E logo
 lhe entregou a Carta de ElRey, e lhe
 passou alli a de irmão em armas, ou a le-
 vou feita de Cochim; e porque me não
 lembra que João de Barros escrevesse a
 forma dellas, me pareceo bem polla aqui
 de *verbo ad verbum*, assim como está na
 Torre do Tombo de Goa no livro das Pa-
 zes, e Contratos folh. 146.

ElRey de Portugal, &c. Faço saber

» aos que esta minha Carta virem, que
 » considerando eu a grande obrigação que
 » tenho de trabalhar muito, porque se de-
 » late a nossa Santa Fé Catholica, ensina-
 » da por Jesu Christo nosso Senhor, o que
 » com seu favor tenho feito nos Reynos,
 » e Estados de minha Coroa, á imitação
 » dos Senhores Reys de Portugal meus
 » predecessores; e tendo respeito a que para
 » este meu intento convem muito a paz, e
 » unção dos Reys das partes da India, para
 » que os Ministros do Santo Evangelho
 » obrigados com esta paz a possam melhor
 » pregar, chamando por este caminho aos
 » infieis ao gremio da Santa Madre Igreja
 » por meio do santo baptismo. E porque
 » sou informado de pessoas zelosas do ser-
 » viço de Deos, e meu, que El Rey da
 » Gundra Topa Muta Pandara pretende
 » ha muitos annos que eu, por lhe fazer
 » mercê o aceite por meu irmão em ar-
 » mas a elle, e a seus successores, a que
 » me tem obrigado com muitos serviços;
 » e pedindo-me o mesmo por suas cartas
 » escritas, assim a mim, como aos meus
 » Viso-Reys do meu Estado da India. Pelo
 » que eu por folgar de lhe fazer mercê,
 » respeitando a instancia com que me faz
 » este requerimento, hei por bem, e me
 » praz de o tomar a elle, e a seus succei-
 » so-

lores, que forem Reys do dito Reyno;
 por meus Irmãos em armas, e quero
 que gozem de todos os privilegios,
 liberdades, franquezas, e mais mercês
 de que gozão semelhantes Reys meus ir-
 mãos em armas: pera o que lhe faço
 mercê de huma bandeira Real, pera que
 por ella seja conhecido por tal, e meus
 Capitães o seguirem em suas guerras,
 em que serem ajudados com as armas
 da India, e por terra com meus vassal-
 los todas as vezes que disso estiverem
 necessitados, e pedirem. E mando aos
 Capitães de Coulaõ que da publicação
 desta por diante facam muitos favores
 aos vassallos do dito Rey da Guindra,
 não consentindo ser-lhes feito aggravo
 algum. Pera que em nenhum tempo se
 possa em esquecimento a obrigação que
 fica ao dito Rey, e seus successores pera
 effeito da conservação desta paz, e ir-
 mandade, mandei ajuntar a esta Carta as
 cousas que prometto, e fica obrigado
 a cumprir, que são as seguintes.

Primeiramente darã licença, pera
 que em suas terras se façam Igrejas, e
 se levantem Cruzes naquellas partes
 que aos Ministros que andarem na Chri-
 standade, parecerem mais accomodadas
 pera haver Christandade, não impedindo

» fa-

» fazerem Christã toda a sorte de pessoa,
 » de qualquer estado, e condição que seja;
 » e o que se fizer Christão, não perderá
 » por isso o officio, ou dignidade que ti-
 » ver, nem sua fazenda, ou alguma parte
 » della, e por sua morte a poderão tellar
 » em seus herdeiros; e não nos tendo, a
 » deixarão a quem quizerem, conforme ao
 » que usam os Christãos, que se contém
 » em minhas Ordenaçõs. E deste favor
 » gozarão tambem os Christãos de S.
 » Thomé, que morarem em suas terras,
 » sendo em tudo ajudados, e favorecidos
 » dos ditos Reys.

» Mandará o dito Rey, que junto ás
 » ditas Igrejas se não façam de novo Mes-
 » quitas de Mouros, nem Esnogas de Ju-
 » deos, nem Pagodes de Gentios, nem
 » ainda consentirá habitarem nenhuma
 » das ditas gentes perto das Igrejas, pelo
 » que se deve á veneração dellas, e para
 » nada ser estorvo ao conteúdo no ^{Capitulo}
 » lo precedente: e assim que as ditas Igre-
 » jas sejam couro aos que se a ellas ^{acces-}
 » Iherem, como he costume entre os Chri-
 » stãos; e os Padres que andarem no mi-
 » nisterio da Christandade poderão entrar
 » seguramente pelas terras do dito Rey,
 » posto que esteja com outro de guerra,
 » levando consigo a companhia ^{que lhe}
 » for

» for necessaria com a guarda devida, sem
 » serem obrigados a pagarem pensões, ou
 » outro algum tributo; e terem jurdição
 » nas Igrejas pera poderem constringer aos
 » Christãos com os castigos que lhes paré-
 » cer, a guardar as couzas de sua Lei, sem
 » lhes a isso ser posto impedimento algum.

» Será o dito Rey, e seus successores
 » amigo dos amigos do Estado da India,
 » e inimigo de seus inimigos, pelejando
 » todas as vezes que for necessario em
 » defensão da Fortaleza de Coulaõ contra
 » quem com ella tiver guerra, achando-se
 » nisso com sua pessoa, e vassallos: e da
 » mesma maneira pelejarem contra os
 » Reys, que tiverem guerra com Estado nas
 » partes em que puder, entregando os
 » inimigos que se acolherem a suas terras
 » pera se fazer delles justiça. E assim mais
 » será obrigado a não dar mantimentos,
 » nem consentir que passem por suas ter-
 » ras pera os inimigos do Estado, ou os
 » que com elle tiverem guerra.

» Serão obrigados a fazer que pelos
 » portos seccos de seu Reyno não passe
 » pimenta alguma, obrigando a seus vas-
 » sallos que tragam a que tiverem ao pezo
 » de Coulaõ, onde se lhes comprará pelo
 » preço ordinario, sendo-lhes isto pedido
 » pelos Portuguezes. »

Neste contrato, e obrigação se assignou El Rey da Guadra com o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e o traslado de ram áquelle Rey pera sua guarda, e se publicou na Fortaleza de Coulaõ pera ser notorio a todos.

Acabado aquelle Auto da bandeira das Annas de Portugal ao Rey da Guadra, mandou El Rey affastar a gente toda, tirado o Principe, e Regedores, e então deu ao Arcebispo particular conta das cousas de seu Reyno, representando-lhe a idade tão decrepita em que estava, e que cada dia esperava pela morte, e que depois della ficava seu Reyno arriscado a se perder, senão tivesse quem o defendesse dos Reys vizinhos, que eram mais poderosos que elle. E vendo o Arcebispo aquella porta que se lhe abria pera tratar do que mais convinha ao Estado, responde áquelle Rey: » Que já que elle era irmão em armas de El Rey de Portugal, não podia deixar de lhe dizer o que lhe convinha. » E lhe disse mais: » Que estava informado que o Rey de Travanca cor não esperava mais que fazer elle pera logo se senhorear do seu Reyno, por dizer que pertencia á Rainha de Changarnate sua sobrinha, que se tinha perfilhado: e que soubesse que

« vizinho mettia o pé em seu Reyno, ha-
 « via de roubar, maltratar, e avexar seus
 « vassallos, e governallo por seus Naires. »
 Este discurso do Arcebispo tinha o Rey
 já concebido, porque receava muito que
 fazendo-se o Travancor Rey daquelle Rey-
 no, ficava a Fortaleza de Coullão cercada
 por todas as partes, cousa muito perjudi-
 cial ao Estado; porque estava certo tolher-
 lhe os mantimentos; e o trato da pimen-
 ta: e por isso fez ao Rey sobre isto aquel-
 las carrancas, que o amedrontarão tanto,
 que respondeu ao Arcebispo que todas ás
 cousas que lhe tinha dito sabia elle mui-
 to bem. Ao que lhe o Arcebispo replicou
 com lhe dizer, que se quizesse tomar seu
 conselho, que lhe daria ordem pera com
 muita facilidade se livrar daquelles males,
 que tanto temiam. Ao que El Rey, e to-
 dos os do seu Conselho responderam, que
 de muito boa vontade o tomariam. Então
 se declarou o Arcebispo, e lhe disse, que
 renunciasse o Reyno nas mãos de El Rey
 de Portugal seu irmão, que elle o entregas-
 ria da sua mão a Rey que o defendesse
 com a ajuda dos Portuguezes do poder
 do Rey de Travancor, e de todos seus
 inimigos. A isto deo o Rey da Gundra, e
 todos os do seu Conselho a orelha, e disse
 que já elle discursára em seu pensamento

entregar aquelle Reyno a El Rey de Cochim, pera que o defendesse, por ser Rey poderoso, e ter sempre ajuda dos Portuguezes, e que elle o não quizera acceitar, por estar o seu Reyno muito deſviado. E já que assim era, que elle entregaria o Reyno nas mãos d'elle Arcebispo em nome de El Rey de Portugal seu irmão, pera que elle o dêsse a quem o defendesse, com tal condição que jurasse primeiro na Cruz, e livro dos Christãos, que o não entregaria senão a quem elle, o Principe, e seus Regedores lhe parecesse bem, e que elles todos jurariam de entregar o Reyno a quem elle com seu consentimento nomeasse. O que o Arcebispo logo fez sobre hum Missal com hum Crucifixo posto em cima, na maneira seguinte.

» D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo
 » Metropolitano de Goa, Primaz da India,
 » e partes Orientaes, do Conselho de S.
 » Magestade, &c. Por este me obrigo em
 » nome de S. Magestade, e do Estado da
 » India de entregando-me El Rey da Gun-
 » dra o Reyno de S. Magestade pera pôr
 » nelle a pessoa que mais conveniente for
 » ao serviço do dito Senhor, bem do Es-
 » tado da India, e do mesmo Reyno da
 » Gundra, Principe do Reyno, e seus Re-
 » gedores; e em especial tratarei de o
 » en-

entregar a ElRey grande de Cochim, ou ao Principe grande do dito Reyno, ou a ElRey Nambiarí de Poreá, qual melhor parecer ao Estado, com obrigação de defenderem o dito Reyno de seus inimigos, e o manterem em paz, justiça, amizade, e sujeição dos Portuguezes, e da Magestade de ElRey de Portugal nosso Senhor, e mais condições que o Estado lhe puzer. O que tudo juro de cumprir, e guardar quanto em mim for, aos Santos Evangelhos de Jesu Christo nosso Senhor, em que ponho minhas mãos, e por minha consagração; e por me o dito Rey da Gundra pedir este, o fiz, e assignei presente o dito Rey, Principe, e mais Regedores. Este juramento está no Livro dos Contratos que tenho na Torre do Tombo a folh. 146.

E logo o Rey, Principe, e Regedores fizeram juramento conforme a seu costume; na maneira seguinte. Nós ElRey de Gunda com a Rainha Herdeira, Principes Herdeiros Brama, e Ramorna, com todos os do nosso Conselho, e Governo, confiados na Magestade de ElRey de Portugal, lhe entregamos o Governo, e as terras, e vassallos, e tudo o mais por meio de D. Aleixo de Menezes, Arcebispo Metro politano, Primaz da India, pera

» o governar com justiça, e defender
 » nossos Reynos, e Senhorios; e por que
 » nunca haja quebra, e desunião entre El-
 » Rey de Portugal, e nós, poderá pôr
 » huma pessoa daquellas que o Arcebispo,
 » e nós temos praticado. » Este juramen-
 to, e obrigação está no mesmo Livro dos
 Contratos a folh. 149.

Feitos estes juramentos, disse o Arce-
 bispo a ElRey, que bem sabia que os
 Reys, que no Malavar eram amigos dos
 Portuguezes, que tivessem terras mais perto
 daquelle Reyno da Gundra, eram o de
 Cochim, Porcá, e o de Cale Coulião, que
 destes tres escolhessem hum a que aquelle
 Reyno se entregasse. E logo alli assentou
 ElRey com seus Regedores que comen-
 cessem primeiro com elle a ElRey de Co-
 chim; e que não no querendo elle, o en-
 tregassem ao de Porcá. E deste seu consen-
 timento se fez outro Auto assignado pelo
 Rey da Gundra, Principe, e Regedores,
 e assentaram que o Regedor Mór fosse
 com o Arcebispo a Cochim a se achar
 presente á accitação do Reyno a hum
 daquelles dous Reys nomeados. E com
 isto se despediram, dando o Arcebispo
 peças, brincos curiosos áquelle Rey, Prin-
 cipe, e Regedores, porque todos estes
 Reys do Oriente em todos negocios que-
 se-

temos com elles, estão com o olho no que
esperam daquelles com quem negoccam.

CAPITULO VIII.

*Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi
levantando com dissimulação: e do que
passou em humas vistas que teve com o
Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.*

EL Rey de Travancor, cujo Estado jaz
de Coulião até o Cabo de Comorim,
que antigamente foi cabeça de todo o Ma-
lar, e ainda da Ilha de Ceilão (como já
em outra parte mostrei) sempre, depois que
tivemos aquella Fortaleza em Coulião, lan-
çou mão de pequenos bicos para quebrar
a amizade com o Estado, e fazer guerra
àquella Fortaleza, como pelo discurso das
minhas Decadas tenho escrito, por ser
natureza de todos estes Reys gentios não
terem Lei, nem Fé; e neste tempo em que
agora andamos, andava quasi alterado, e
com elle a Rainha de Changarnate, Senho-
ra das terras de Coulião sua vizinha, e vas-
salla, e com pensamentos de maldades,
como logo mostrou; porque começou com
grande dissimulação a fazer hum arrezoa-
da Fortaleza junto á Igreja dos Christãos
de S. Thomé, que está estallada da Fortale-

za distancia de duzentos passos, donde lhe ficava em bateria; e lançou fama que era hum pagode que alevantava a honra dos seus idolos, que era o peor, e mais máo de soffrer; porque se o fizera com nome, e titulo de Fortaleza, só ficava sendo a fronta do Estado soffrer-lha; mas com nome de pagode, como elle dizia, e tão perto do Templo dos Christãos, era odio da nossa Religião, porque Deos, e Baal não podem caber em hum Altar; e assim por todas as razões era o Estado obrigado a acudir logo a isso, como o Conde Almirante pretendeo fazer; porque o anno em que acontecco o desastre do Cunhale tinha mandado a seu irmão D. Luiz da Gama, que dando-lhe Deos victoria, passasse a Coullão a desfazer aquella Fortaleza: o que não teve effeito, por chegar a Chocim quebrado, e com muita gente morta, e ferida; e depois que André Furtado de Mendocça acabou aquella empreza do Cunhale, lhe escreveu o Conde a Cananor, como adiante veremos, que com toda sua Armada passasse a Coullão, e desfizesse aquella Fortaleza, o que deixou de fazer por ser já tarde.

E assim trazia o Conde isto na imaginação, que quando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes foi pera Cochim, o que

que mais lhe encommendou, e encarregou
 foi este negocio : e que visse, e notalle o
 estado daquella Fortaleza, e que avisasse a
 seu irmão D. Luiz da Gama a Cunchale
 para se lhe Deos desse vitoria, passar a
 concluir aquillo : e como o Arcebispo le-
 vava isto tão encommendado do Viso-Rey,
 andando visitando as Igrejas de Coulaõ,
 chegou áquella dos Christãos junto donde
 aquelle Rey tinha feito aquella Fortaleza,
 e com dissimulação a andou notando, e
 mandou medir o espaço della.

Tinha neste tempo a Fortaleza fechada
 hum grande quadra com sete Baluartes
 mui bem ordenados, e o que ficava sobre
 o mar era o maior, e mais forte de to-
 dor. Porque como logo se temeo de nossas
 Armadas, prevenio-se contra ellas de maior
 defensão; e depois de tudo muito bem
 notado, e entendido o perjuizo que fazia
 á nossa Fortaleza, avisou a do Luiz da
 Gama, estando sobre a barra de Cunchale,
 como lhe o Conde Viso-Rey encommendou,
 para que se pudesse acudir lá, o fizesse.
 Mas não pode ser pela razão que já disse
 assim, que não foi pequena perda, por-
 que em nenhum tempo se pudera aquillo
 fazer melhor, e a menos custo do Estado,
 que naquelle, por andar aquelle Rey em-
 baragado, e travado em guerras com os

vizinhos, e na Fortaleza não havia mais que os officiaes, e poucos olheiros, e poucos defensores; e assim o escreveu ao Conde Almirante, que logo tratou de reformar a nossa Fortaleza, de que a mór parte estava no chão: o que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez com muita prudencia, e dissimulação.

E porque se receava da Rainha de Changarnate vizinha da casa, que lhe quizesse impedir a obra, deu em muito segredo dinheiro aos moradores, de quem se fiou, pera que comprassem pedra, e cal com fama de reformarem suas casas, como sempre faziam todos os verões: e desta maneira recolheram huma grande quantidade destes materiaes, com que se começou a pôr as mãos á obra, pera que o Conde Viso-Rey lhe tinha mandado dar dinheiro em abastança: e primeiro que tudo se fez hum formoso baluarte na parte principal da defensão daquella Fortaleza, e correram juntamente com hum panno de muro de boa grossura até outro baluarte que já estava feito; e ao que se fez de novo, puzeram os moradores o nome do Arcebispo em sua memoria.

E o mesmo descuido que havia com esta Fortaleza (como já disse em outras partes da minha historia, e não deixarei de

de dizer até que me oução) ha em todas as mais da India; porque hej muito antigo nella não acudirem ás cousas, senão quando não tem remedio: e ainda então o fazem, porque mais não podem, e despendem em seu concerto dez vezes dobrado do que se houvera de gastar, acudindo a tempo; porque as mais dos Viso-Reys estão com o intento em se irem pera o Reino, e deixam os trabalhos disto ao que lhes succede, e assim de se virão a perder as mais das Fortalezas, como se perdêram as de Tidoro, e Amboino, que des que se fizeram até gora não houve Viso-Rey que de proposito as mandasse reformar, e renovar. Mas que he de espantar nestas que estão apartadas da India, se as de Diu, e Ormuz, que são as mais importantes della, estão arriscadas a se vir ao chão; e se as de Onor, e Mangalor, e Cananor, estão quasi derribadas por muitas partes, sem lhes acudirem, e tudo por pouparem a fazenda Real, que nunca he melhor gastada, que na reedificação, e provimentos de suas Fortalezas; e se se perder huma destas quatro, que quasi são cerraes, corre a fama pelo mundo, que tomaram na India huma Fortaleza a El Rey;

e quando me dizem o estado em que estam, certo que eu deo que as sustenta Deos nosso Senhor pelas orações que ha nos Templos, e Mosteiros dos Religiosos que nellas ha.

E tornando a nosso fio, este Rey de Travancor, depois que fez esta Fortaleza pera nos ter com ella enfreados, parece que andava neste tempo com imaginação de lhe pôr cerco no inverno; e temendo-se dos socorros que lhe podiam vir de Cochim por dentro dos rios, determinou de os impedir com mandar fazer outra Fortaleza defronte de huma boca que alli faz o rio, que vem de Cochim sahir ao mar huma legua abaixo de Coulaó, e a esta Fortaleza poz nome *Manuge*; ou porque se chamava-se assim aquella parte em que a fez, ou porque tivesse aquelle nome alguma significação. Desta se resentiram mais os moradores dalli, que da outra tão vizinha, porque totalmente lhe tolhia a passagem daquelle rio, que era o mór serviço que tinham pera Cochim.

Tanto que o Arcebispo soube della Fortaleza, e lhe deram relação della, mandou-se queixar a El Rey, que mandou ter com elle algumas satisfações, e por huma dellas determinou de se ir ver com elle dentro na nossa Fortaleza, confiado que do Arcebispo podia mui bem confiar sua pessoa,

joa , e assim partio pera lá acompanhado
 de alguns seus Grandes ; e chegando á For-
 taleza , quando se vio da porta pera dentro ,
 parou hum pouco , e ficou muito pensativo
 sem dizer cousa alguma , e logo disse : *Ne-
 mbum homem se aventurará ao que meu
 boje aventureiro* ; e movendo o passo pera
 diante , disse : *Ora sigamos a ventura* ; e
 assim muito inteiro , e seguro foi entrando ,
 e o Arcebispo o foi tomar hum pouco já
 de dentro , e ambos se abraçaram com
 mostras de amizade , e subidos assim se
 alentaram : e depois das palavras geraes
 daquella visita , lhe disse ElRey que naquel-
 la demonstração que fizera em se vir metter
 naquella Fortaleza , veria quanto confiava
 delle , e dos Portuguezes , de quem sempre
 fora muito bom vizinho , e grande amigo ;
 e que isso mostrara sempre no favor que
 dava ás Igrejas , e Christãos , que estavam
 em seu Reyno , como elles diriam ; e que as
 duas Fortalezas , de que se lhe mandára
 queixar , elle as não fizera com tenção de
 molestar o Estado , senão pera se defender
 de alguns inimigos : a de Mamuge pera
 contra o Naique de Maduré , e que a ou-
 tra , que alli estava mais perto , pera contra
 o Rey de Cale Couião ; e que se esta For-
 taleza dava algum pezaçumbre ao Estado ,
 que mandasse metter nella soldados Portu-

guezes , e que se apossassem de hum dos baluartes pera sua segurança ; e que jurava por sua lei , que quando a fizera não tivera intento algum de offender a nossa Fortaleza , nem aos Portuguezes com quem sempre desejava de ter paz , e amizade ; e que não tivesse outra couza pera si ; que elle estava prestes pera fazer todas as demonstrações do que dizia , como elle quizesse , pera segurança de sua verdade. O Arcebispo teve com elle muitos cumprimentos , e lhe agradeceo aquella vontade que elle mostrava , e que se iria pera Goa confiado em sua fé , e palavra , porque os Reys não podiam enganar ninguém : e assim se despediram muito satisfeitos , e o Arcebispo mandou dar pressa á obra da Fortaleza , que logo se acabou.

C A P I T U L O IX.

De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se passou a Cochim , e entregou o governo do Reyno da Gandra a El Rey de Porcá : e dos contratos que com elle fez.

Depois do Arcebispo concluir com as couzas de Coulaõ , e acabar de visitar suas Igrejas , e deixar nellas ordem , e re-
gi-

imento a seus Curas para se governarem em politica christã, e bons costumes, tendo-lhe alguns, que tinham elcios de cousões, logo se passou á Cidade de Cochim, onde entre muitos negocios que alli tratou, conforme as lembranças que tinha do Conde Almirante, o principal foi na entrega do Reyno da Gundra a El Rey de Porcã, porque em nenhum tempo se não fiava por mais cumprimentos, e satisfações que com elle tivera: porque bem entendia quanto havia de trabalhar por se fazer senhor daquelle Estado, pera ficar sopeando todos os Reys vizinhos: e assim mandou primeiro offerrecer aquelle Reyno a El Rey de Cochim, mandando-lhe dar razões pera o haver de acccitar, de que se elle por huma de todas ellas escusou daquella obrigação. Pelo que o Arcebispo com conselho do Capitão, Vereadores, e Cidadãos principaes fez entrega daquelle Reyno a El Rey de Porcã na Cidade de Cochim, e logo lhe passou carta patente em nome de El Rey de Portugal, cujo teor he o seguinte:

» El Rey de Portugal, &c. Faço saber a
 » quantos esta minha Carta de entrega do
 » Reyno da Gundra virem, que tomando
 » eu por meu irmão em Armas a Muta
 » Pan-

» Pandará Rey da Gundra por muitos ser-
 » viços que me tinha feitos , e de outros
 » que d'elle esperava me fizesse : e man-
 » dando fazer as Capitulacões das pazes,
 » e irmandade por D. Fr. Aleixo de Me-
 » nezes , Primaz da India, e do meu Con-
 » selho , o dito Rey Muta Pandará com
 » seu Principe , Regedores , e Pessoas do
 » seu Conselho me entregaram o dito Rey-
 » no da Gundra , de que passaram Ola ao
 » dito Arcebispo Primaz , pera que elle em
 » meu nome entregasse o dito Reyno , e
 » mettesse de posse d'elle a pessoa que mais
 » conveniente fosse a meu serviço , bem do
 » Estado da India , e do dito Reyno da
 » Gundra , pera que o defendesse de seus
 » inimigos , e o mantivesse em paz , e jus-
 » tiça , e bem dos vassallos do dito Rey-
 » no. E considerando eu os serviços que
 » me tem feitos Cheba Cherida Bearidem,
 » Rey de Porcá , e aos que espero ao dian-
 » te me faça ; e havendo outro si respeito
 » ao ter tomado por meu irmao em Armas,
 » por lhe fazer mercê , e confiar d'elle que
 » cumprirá com todas estas obrigações , e
 » se não apartará nunca de meu serviço,
 » lhe entrego por esta minha Carta a posse
 » do dito Reyno , pera que elle seja Rey ,
 » reservando pera mim o senhorio do dito
 » Reyno. E pera reconhecimento desta
 » vas-

» vassallagem , será o dito Rey obrigado
 » a me pagar de pareas oitenta bares de
 » pimenta postos á sua custa no meu pezo
 » de Coulaõ em cada hum anno no tempo
 » que se costuma pezar a pimenta no dito
 » pezo. E assim mais será obrigado acudir
 » com sua pessoa , e vassallos á Fortaleza
 » de Coulaõ todas as vezes que disso tiver
 » necessidade , ou estiver de guerra , e lhe
 » mandar todos os mantimentos necessarios
 » pelos preços convenientes. E todas as
 » mais capitulações assim tocantes á Chri-
 » standade , como ao Estado da India , que
 » com o dito Rey da Gundra tinha capi-
 » tulado , que todas elle dito Rey , e seus
 » successores seriam obrigados a guardar ,
 » e cumprir , assim como se nelles contém.
 » E mando aos meus Viso-Reys , e Gover-
 » nadores do Estado da India , e aos Ca-
 » pitães das minhas Fortalezas de Cochim ,
 » e Coulaõ dem todo o favor , e ajuda , pe-
 » ra que o dito Rey de Porcá pacifica , e
 » livremente possua o dito Reyno da Gun-
 » dra com as condições , e pareas assina
 » declaradas. »

E logo o dito Rey fez hum assento de
 como tomava posse daquelle Reyno com
 as condições declaradas na Carta patente
 assima , em que confessa a dita vassallagem ,
 e pareas a que se obrigou. Esta entrega do
 di-

dito Reyno ao dito Rey fez o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes por ordem de D. Francisco da Gama, Conde Almirante, e Viso-Rey da India, que lhe concedeo poderes pera em todas aquellas cousas em seu nome assignar nellas: e juntamente no mesmo dia, que foram aos cinco de Outubro de noventa e nove, passou o Arcebispo Carta de irmandade em nome de El Rey de Portugal ao mesmo Rey de Porcá na forma da que passou ao Rey da Gandra com as obrigações, e clausulas, que todas tenho em meu poder no livro dos Contratos folh. 151. e 152. E aos Capitulos referros com o Rey da Gandra se acrescentaram mais ao Rey de Porcá es que se seguem.

» Que será obrigado a não dar mantimentos, nem consentir que se façam em suas terras, nem passem por ellas para os inimigos do Estado que com elle vierem guerra.

» Quando houver guerra com algumas das Fortalezas do Malavar, de Canauor até Coulaõ, as ajudará, e soccorrerá todas as vezes que for requerido pelos Capitães de El Rey de Portugal, dando por terra ao menos vinte mil homens, e pelos rios cento e cincoenta embarcações com sua artilheria, e munições.

» Não

» Não consentirá nos portos do mar de seu Reyno morarem Mouros, por serem publicos inimigos do Estado, nem se poderá recolher nelle embarcações de algumas dos inimigos do Estado; e acobalhendo-se, os mandará entregar.

» Estando alguma das nossas Fortalezas do Malavar de cerco, as soccorrerá com os mantimentos que houver nas suas terras pelo preço conveniente.

» Não deixará passar por suas terras Mouros, nem esquipações pera navios pera as terras, onde fizerem guerra ao Estado. » E porque este auto, e contracto foi feito em Outubro que vem, depois das mãos do Reyno serem chegadas a Goa, por não largar das mãos as couças que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em Cochim, me pareceo bem mettellas aqui todas juntas pelas não dividir: e não me arguão de contar assim algumas couças, e fóra do tempo em que succedêram, porque o discurso da historia me dá lugar a isso, e ser cousa que alguns historadores graves usão.

CAPITULO X.

Das Armadas que partiram do Reyno este anno de 1599: dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e de outras cousas em que proveo.

Pelas novas que houve em Portugal, que em Hollanda se aprestavam dez náos pera passarem a estas partes da India, como fizeram, de que trataremos em seu lugar mais largamente, ordenou o Concelho de mandar este anno a ella huma boa Armada, a qual foi de sete náos, de que elegeo por Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho. E quando foi entrada de Fevereiro de 99. deo o Capitão Mór á vela com quatro náos, porque se não puderam aviar todas pera partirem no mesmo tempo. Na náo S. Roque hia embarcado o Capitão Mór: Diogo de Sousa, a que cá chamavam o Gallego, hia na náo S. Simão: Sebastião da Costa na Conceição: e João Pais Freire na náo Paz. Com o Capitão Mór se embarcou João Rodrigues de Torres, que havia de servir o cargo de Veador da fazenda de Goa, a quem ElRey fez muitas honras, e mercês por isso.

Depois de partida esta Armada, logo no Março seguinte de 99. se fizeram á vela as

As outras tres náos da companhia de D.
 L. Anonymo Coutinho. Destas tres náos hia
 por Capitão Mór Simão de Mendouça, hum
 Fidalgo casado na India, que foi embar-
 cado na náo Castello. Nas outras duas hia
 João Soares Anriques em S. Martinho, e
 na náo S. Mattheus hia Gaspar Tenreiro,
 que hia despachado com a Fortaleza de
 Mascate. Estas tres náos haviam de ficar
 na India. Ambas estas Armadas se ajunta-
 ram em Moçambique, e todas estas náos
 surgiram juntas na barra de Goa, tirando
 a náo Castello, que se perdeu no parcel de
 Cofalla junto de Quilimane defronte do
 rio Licumbo sessenta leguas de Moçambi-
 que. Depois de Simão de Mendouça, que
 era o Capitão, estar em terra com toda a
 gente, morreo elle, e outros muitos.

Nesta Armada vieram novas ao Conde
 Viso Rey da morte de seu filho D. Vasco,
 que não tinha outro, que elle sentio mui-
 to. Também vieram novas do fallecimen-
 to de El Rey D. Philippe o Prudente, cujas
 exequias celebrou o Conde Almirante com
 grande ostentação, e ceremonias.

E acabadas ellas, entrou logo o Con-
 de no aviamento das Armadas que havia
 de mandar pera fóra. E porque os solda-
 dos que vieram do Reyno, andavam defa-
 galhados, lhes mandou o Conde d'artres,
 ou

ou quatro mezas até se embarcarem nas Armadas, que lhe hium dos maiores serviços que se faz a Deos, e ao Rey; porque muitas vezes os vi andarem pedindo esmolas pelas portas com grande escandalo, e affronta nossa, por chegarem a pedillas pelos dos Mouros, e Gentios, de que a alguns Viso-Reys dava bem pouco. E despachou o Conde a D. Francisco de Noronha para ir entrar na Capitania de Baçaim, e a Garcia de Mello para Capitão, e Veador da fazenda de Cochim, por ser falecido D. Antonio de Noronha. E despachou tambem no mesmo tempo o Galeão dos provimentos para Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues Genões, e mandou nelle duzentos homens de socorro: e por Capitão mór delles D. Bernardo de Noronha, e repartida a gente por quatro Capitães, que foram Simão Ferreira do Valle, Pero Peixoto da Silva, Luiz de Antas Lobo, e Balthazar Pereira de Castel-branco. E porque D. Pedro Continho tinha vindo do Reyno despachado com Capitania de Ormuz para logo entrar, sabendo que estava naquella Fortaleza D. Luiz da Gama de serventia, por não poder entrar nella por virtude da sua Patente, por ter por obrigação servir mais, pediu licença ao Conde para o mandar citar, que lhe elle deu,

Logo, por não negar justiça até contra seu proprio irmão. Alcançada ella, despedio logo D. Pedro Coutinho hum navio ligeiro com as provisões que pera isso foram necessarias, que lle o Conde deo, e mandou passar.

E porque o Conde andava com hum desejo mui vivo de pessoalmente ir tomar satisfação da quebra que o anno atrás teve no Cuihale, com que não quietava, nem descançava em solicitar o modo de como isto se faria, sobre o que teve alguns conselhos; e pera este negocio convocou a ajuda de todas as Cidades da India, e pediu com cartas que escreveo a pessoas particulares, que tinham posse pera o acompanhar em navios a suas custas, e começou a preparar a Armada pera o Malavar, pera a que tinha feito eleição de André Furtado de Mendoga, e pera a do Norte de Goterre de Monroy de Bêja; e primeiro que tudo despedio huma Galé, e alguns navios mui bem providos de tudo, pera se irem ajuntar a D. Fernando de Noronha, que havia de sahir de Cananor, onde entrou em principio de Setembro, pera tomar a barra ao Cuihale, pera que se não proveesse de cousa alguma. E logo o Conde começou a pagar gente, e lançar navios ao mar, assistindo elle pessoalmente a

todas estas cousas ; e andando nella ^{ocor-}pação , lhe deram novas que pera a costa do Norte eram passados dezeseis navios de coffeiros , em que entravam ^{algumas} galeotas de traquete ; e como o Conde tinha hum animo affervorado pera estas ^{co-}sas , e entendeu bem que se tomasse ^{aque-}lles navios , ficaria o Cunhale tão quebrado , que houvesse muito pouco que fazer com elle , e que começaria nelles a tomar ^{satis-}fação da nossa gente que pereceo em ^{Cun-}nhale , foi-se logo pôr na ribeira das ^{Ar-}madadas , e em espaço de vinte e quatro ^{hor-}as poz no mar outros dezeseis navios dos melhores , que se negoccavam pera ^{ambas} as Armadas , e elegeo pera Capitão ^{Mór} delles a André Furtado de Mendoca , por lhe pertencer aquella jornada , por ser ^{con-}tra Malavares , e Mouros de Cunhale , de cuja empreza estava nomeado por ^{Capitão} do que se queixou Goterre de ^{Monroy} , que estava nomeado pera o Norte , ^{havendo} do-se por aggravado do Conde , e offendido de André Furtado por acceitar entrar na sua jurdição , o que o Conde temperou.

Esta Armada sahio de Goa na entrada de Outubro ; e não nomeio os Capitães dos navios , porque os mais delles ^{eram da} Armada do Malavar , o que ao ^{diante se} fará. André Furtado foi correndo a ^{costa} até

As Ilhas das Vacas na costa de Salfete
 de Baçain , onde foi avistado que só seis
 Contacoulões do rio Canharoto eram até
 então passados pera aquella costa , e que
 na outra Armada não havia novas se havia
 tal , porque não estava o Cunhale em esta-
 do de tirar de si navios , e gente em tem-
 po que elle esperava que os Portuguezes
 fossem tomar satisfação dos damnos que
 alli receberam , porque bem sabia elle
 delles , que não dissimulavam com affron-
 tas. E não ha dúvida, senão que estas no-
 vas se alevantaram em Goa por quebranta-
 rem o Conde , porque nunca faltão ho-
 mens que usam destas invenções , quando
 querem queixosos ; mas todavia he bom
 acudir , como o Conde fez a isto , porque
 sejam os inimigos que a todo o tempo
 que houver novas delles , os hão de ir
 buscar. E isto de que estes usam por que-
 brantar os Viso-Reys , he muito em per-
 juizo do serviço de ElRey , porque lhe fa-
 zem despende sua fazenda mal , e sem
 zelo.

E tornando a André Furtado , tanto
 que soube o que era , e que os Coracou-
 lões em sabendo d'elle , se recolhêram , foi
 ás Fortalezas , e nellas solicitou
 com os Capitães , Cidade , e moradores
 pera aquella jornada , sobre o que o
 Con-

Conde já tinha feito suas diligencias ; e
 ajuntando os navios que haviam de ir pe-
 ra Goa , levou-os consigo até áquella Ci-
 dade ; e quando chegou a ella , já o Con-
 de tinha negoceado a Armada do Norte,
 e despedio logo Goterre de Monroy com
 doze navios , em que entravam cinco San-
 guiceis , de que , a fóra elle , eram Capitães
 D. Alvaro da Costa , filho de D. Fernando
 da Costa , D. Francisco de Soto-Maior,
 Martim da Cunha d'Eça , Tristão de Ataí-
 de , Gaspar Tibao , e Francisco Homem.
 Dos Sanguiceis foram por Capitães Heitor
 de Valladares , Francisco de Chaves , Gilal-
 do Pinto de Siqueira , Maximiliano de
 Mendouça , e Pero Fernandes de Carvalho,
 e no meſmo tempo despedio o Conde a
 Armada de D. Jeronymo Coutinho , para
 ir tomar a carga a Cochim , onde estava
 prestes , e ficou dando pressa á Armada
 do Malavar , que foi fazer á vela a tres
 de Dezembro , que era de duas Galés,
 vinte e dous navios , e cinco Manchous,
 que em Goa chamam muito ligeiras , com
 arrombadas para entrarem pelo no de
 Cunhale dentro , e lançarem gente em ter-
 ra. E assim levou mais oito Periches para
 o meſmo effeito , e a elle se havia de ajun-
 tar a Armada de D. Fernando de Noro-
 nha , que era huma Galé , e dezoze navios.
 Os

Os Capitães que acompanharam André Furtado, a fóra elle, que hia n'uma galé, foram D. Francisco de Sousa na outra, D. Philippe de Sousa, D. Pedro de Noronha, Francisco de Macedo, D. Lopo de Almeida, Pêro de Góes, Nicoláo Pereira de Miranda, Antonio Furtado de Mendoça, Pêro de Mendanha, Jeronymo Botelho, D. Rodrigo Pereira, D. Luiz de Menezes, D. Luiz Lobo, e outros que no cerco no mantemos. Partida esta Armada, ficou o Conde despachando as náos do Reyno pera irem a Cochim a tomar a carga. E porque Gaspar Tenreiro, Capitão da náo S. Mathheus, ficava na India, deu o Conde a Capitania della a D. Vasco da Gama, seu primo com irmão; e depois destas cinco náos partirem pera Cochim, ficou o Conde Almirante escrevendo pera o Reyno, e dando despachos ás listas, papeis, e mais couzas que pertenciam á informação do governo da India. E depois de tudo feito, despachou hum galé pera Cochim, de que foi por Capitão D. Christovão de Noronha com regimento, que como entregasse os saccos das vias aos Capitães das náos, assistiria com André Furtado de Mendoça na guerra contra o Cinhale.

CAPITULO XI.

Do que aconteceu a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale: e de como o Arcebispo se viu com o Camorim: e das cousas que passáram.

P Rimeiro que continuemos com ^{André} Furtado de Mendoga, conveni darmos relação de D. Fernando de Noronha, que deixámos invernando em Cananor, donde reformou os seus navios o melhor que pode, e em Agosto fez paga aos ^{soldados.} E no primeiro dia de Setembro se foi pôr sobre a barra de Cunhale; porque ^{teve} aviso no inverno, que nos primeiros dias do verão esperava aquelle tyranno por socorro de gente, e mantimentos; e logo tratou com o Camorim por via do ^{Padre} Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus (que todo aquelle inverno ^{tinha feito} com o Camorim todos os bons officios, que pode pelo sustentar naquella guerra, que que o fosse conservando naquelle ^{propolito} que tinha; e por apertarem o ^{tyranno} por todas as partes, mandou D. Fernando de Noronha a Pero Luiz Malavar com a gente do seu Periche, e de outros para assistirem da banda do Oriole, e ^{defende-} rem que se não proveffe pela parte de terra,

ta, com o que puzeram aquelle tyranno em extrema necessidade. D. Fernando de Noronha ficou tendo tantas intelligencias na terra, que não dava nella passo que não soubesse; e sendo avisado que o Cunhale esperava por hum parão carregado de mantimentos, teve nelle tal vigia, que o tornou com todo o recheio, com o que alguns Mouros, que eram fóra a buscar provimentos, se recolheram a outros portos. Isto poz o Cunhale em tanta desesperação, que determinou de mandar peleijar com a nossa Armada: pera o que deitou ao mar as galeotas que tinha varadas, e outras embarcações, que todas proveo da melhor soldadesca que tinha. Desta sua determinação foi D. Fernando de Noronha avisado por via do Camorim, e do Padre Francisco Rodrigues, e daquelle negocio deu conta aos Capitães, pera que estivessem sobre aviso, e lhes pediu parecer sobre o que faria; a que todos respondêram conformes, que fizesse querena de commetter a entrada do rio, e ir dentro peleijar com os seus navios; o que D. Fernando de Noronha fez.

Tanto que o Cunhale vio esta determinação nos nossos, tornou a recolher as galeotas, e varallas, porque nellas tinha todo o seu remedio, como já disse. E tão apertado se vio este Mouro dos nossos, que

constrangido da necessidade, mandou quinientos Mouros dar hum assalto nos nossos, estando fazendo aguada no lugar de Coriché, hum quarto de legua do rio de Cunhale, do que D. Fernando não teve aviso pela má vigia que os Naires do Camorim tiveram. Os quinientos Mouros, que o Cunhale mandou pera darem o assalto, se emboscáram de noite alli perto; e tanto que os nossos marinheiros foram fazer agua, lhes sahíram da emboscada com tanta pressa, que não foram vistos senão pegados ás proas dos nossos Sanguiceis, que eram os que tinham os esporões em terra: e assim se determináram, que dizem alguns que entráram em hum periche, e leváram delle hum berço de metal. Vendo D. Fernando de Noronha a revolta, acudio a recolher alguns soldados, que andavam em terra, e com a artilheria, e arcabuzaria fez nos Mouros tal emprego, que lhes matáram o Capitão, e cem Mouros dos mais atrevidos; com o que houveram por seu partido recolherem-se á Fortaleza com aquelle damno, e tão pouco nosso, que só houve tres mortos, e alguns feridos.

Passado este negocio, deixou-se D. Fernando de Noronha ficar sobre a barra com os navios estendidos pela praia do seu districto, pera que nem huma almadia lhe pu-

podesse passar. Com todas estas diligencias não deixaram seis parâos carregados de mantimentos de vir commetter a terra para os lançarem nella, tendo já aviso do Cunhale que acharia gente, que em breve esboço despejassem tudo. Mas foi tal a vista dos nossos, que logo heuveram vista delles, e indo a elles, não pudéram tomar mais que hum, e fazer varar outro em terra, perdendo-se tudo o que levava; e os quatro sentindo a revolta, foram-se acolhendo, o que pudéram fazer por ser noite escura: com isto ficou o inimigo defengado de poder ser soccorrido de nenhuma parte.

E porque a necessidade o apertou muito, foi-lhe necessario artiscar algumas almadias, para irem buscar algum arroz, porque por pequenas podiam chegar a toda a parte, e lançar em terra os fardos de arroz, que trouxeram para serem logo recolhidos. Disso tambem foi D. Fernando Noronha avisado, e armou-lhe com outras almadias, em que metteo pessoas de recado: e assim tomaram duas almadias dos Meios com todo o arroz que traziam, e as mais vararam em terra em parte que tudo se perdeu, com o que o Cunhale acabou de desesperar.

Acabado isto, houve D. Fernando de No-

Noronha duas espias, de quem soube que estavam muitos Mouros, pera se sahirem da Fortaleza por pura necessidade, e falta de mantimentos. Pera o que poz hum Capitão em terra com sua gente, e alguns Naires do Camorim, a quem peitou, por quem mandou seguro a todos os que se quizessem sair da Fortaleza pera qualquer parte que quizessem. O que foi de muito effeito; porque os mais dos que estavam dentro se abalçaram a isso, e se senão sahíram, foi pela grande vigia que o Cunhale tinha nelles.

Estando as cousas neste estado, lhe chegou a dous de Novembro a galé, e os navios que o Conde Almirante lhe mandou, e elle se passou á galé, e ficou com maior posse pera tudo o que se lhe offercesse; e ficou continuando na guarda daquelle rio, em que consistia a vitoria, que se esperava alcançar daquelle collairo, e grande tyranno. Neste tempo appareceo a galé, em que o Arcebispo vinha de Cochim, que se havia de largo com determinação de passar adiante. Disto teve o Camorim logo aviso, e com muita pressa despedio hum manchua ligeira, em que hia o Padre Francisco Rodrigues, e hum sobrinho do Camorim, chamado Uniaré Cheraré, e pediu-lhe que se visse com elle, que importava af-

am ao serviço de ElRey. Era este sobri-
do Camorim Christão, que o bapti-
vou secretamente o Padre Francisco Ro-
drigues, depois de o ter catequizado, e af-
favorecia muito a parte dos Portugue-
zes; e na galé o crismou o Arcebispo na
sua camara, e a esse fim quiz ir com o Pa-
dre Francisco Rodrigues.

Com este recado voltou o Arcebispo
pera a terra, e foi surgir na barra de Cu-
nhale, onde D. Fernando de Noronha lhe
fez suas fainas, e abateo sua bandeira; e
alli concertáram verem-se na praia de Co-
richó, pera onde o Arcebispo foi, e des-
embarcou em terra acompanhado de mu-
ta gente da Armada; e ao pôr os pés em
terra, desparou toda a Armada sua artilhe-
ria, e os soldados deram sua salva de ar-
tilharia. E antes de chegar a huma ten-
da de brocado, que o Camorim tinha no
lugar, em que se haviam de ver, fahio el-
le fóra, e na porta o esperou mui cheia
de joias riquissimas, e o recebeu com mui-
ta honra, e levou pera dentro, onde esta-
vam duas cadeiras de veludo, em que se
assentáram, e fez assentar o Padre Francis-
co Rodrigues nas alcatifas, e mandou ao
Principe herdeiro que fosse fazer sua reve-
rencia ao Arcebispo, que elle fez ao nos-
so modo, por saber mui bem a lingua Por-
tu-

ingueza. Depois disto o mandou o Camotim com todos os Regedores, que fosse vigiar os Naires, e soldados Portuguezes, pera que não houvesse entre elles algumas destemperas, ficando elles sós com o Padre Francisco Rodrigues, que havia de ser o Interprete.

E alli depois de passados seus cumprimentos, lhe disse o Camotim, que elle estava apostado, e resolutto em ser muito grande amigo dos Portuguezes, esquecido de todos os danos que elle, e seus antecessores tinham delles recebido. E que pera lhes mostrar aquella verdade, sustentava aquelle cerco contra aquelle levantado com muito grandes despezas de sua fazenda: e que não no abalava pera o deixar de fazer terem-lhe dito algumas pessoas, que depois daquella Fortaleza ganhada, se haviam os Portuguezes de ficar nella, e dalli lhe fazerein toda a guerra que pudessem; porque bem sabia elle que a verdade, e se dos Portuguezes se não havia de quebrar por trezentas Fortalezas. Posto que o Rey de Cochim lhe tinha sobre isto escrito algumas vezes, fazendo-lhe muitas carrancas, e lembranças que se não fiasse dos Portuguezes, bem entendia que lhe nascia tudo aquillo de inveja de o ver amigo delles; e que alguma cousa o pu-

dara mover a crer algumas daquellas cou-
 ras aquelle dia que os Portuguezes com-
 metteram a Fortaleza, antes do final que
 lhe tinham dado; querendo-lhe persuadir
 muitos que pertendêram tomar aquella For-
 teza sem sua ajuda pera a pertença, que
 já lhe tinham dito de se fortificarem nella.
 E que o ruim successo, que elles tiveram
 naquelle negocio, lhe diziam alguns fora
 querellos Deos castigar por aquella tenção
 em que commetteram aquella Fortaleza,
 tão longe da sua verdade, e obrigação;
 mas que sempre elle estivera firme na ver-
 dade dos Portuguezes, em que não podia
 haver engano: e que posto que não foi
 sua a vitoria, todavia bem víram todos o
 animo com que os mais delles pelejaram,
 tomando tanta satisfação dos Mouros, que
 bem mostráram o seu antigo valor, e es-
 forço.

Espantou-se muito o Arcebispo daquel-
 les termos, com que ElRey de Cochim
 queria divertir, e estorvar aquelle negocio:
 e disse áquelle Rey, que os Portuguezes
 costumavam fazer guerra a seus inimigos,
 quando lho mereciam, com annas, e não
 com enganos, porque os não sabiam usar:
 que aquellas invenções de ElRey de Co-
 chim eram muito conhecidas de todos, pe-
 lo muito que sentia verem-no amigo com

o Estado; e que do mesmo artificio usava com elle Arcebispo, quando fallando ambos nestas materias lhe dissera, que nos não fiássemos do Camorim; porque fora avizado de pessoas do seu Conselho, que estava elle Camorim determinado de dar nos Portuguezes, como os villem desembarcados em terra, e vingar-se desta maneira das injurias que delles tinha recebido; e que como elle entendêra aquellas meadas, e artificios, dissimulára com elle por entender a causa donde nasciam.

Mas que porque elle Camorim entendesse o bom animo, e lealdade dos Portuguezes, e que nunca tal (como lhe tinha dito) lhe entrara no pensamento, lhe jurava por aquelle livro, em que estava toda a Lei dos Christãos (pondo a mão sobre o Breviario) que nunca entrara no pensamento aos Portuguezes tal cousa, como a que lhe tinham dito. Este juramento fez diante do Principe, e Regedores, que para isso se chamaram. E acabando o Arcebispo de jurar, lhe disse o Camorim, que com aquillo lhe tirára hum grande pezo, e ruvem que trazia no coração, e que por amor delle lia com aquella guerra tanto a medo; mas que dalli por diante, confiado naquelle juramento, apertaria mais o cerco. E então trataram do modo que se havia de

ter nelle, e do poder que esperava de
Goa, pera se concluir com aquelle nego-
cio: e assim proseguio dalli por diante na
Guerra com diferente calor, e animo; e
despedido delle, fez o Arcebispo vela pera
Goa, ficando o Camorim muito quieto, e
transeito em seu animo; no que o Padre
Francisco Rodrigues, que foi o Interprete,
foi muita parte pera se ordenarem aquel-
las cousas, como adiante veremos; e com
isto damos fim a este terceiro Livro.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O IV.

CAPITULO I.

De como André Furtado de Mendouça chegou á barra de Cunhale, e se vio com o Çamorim: e das cousas em que assentáram.

DEixámos partido de Goa André Furtado de Mendouça com a sua Armada, que chegando a Mangalor, se vio com o Rey de Bangel grande amigo do Estado, e jangada daquella Fortaleza, a quem o Capitão Mór fez grandes gazalhados; e depois de brevemente tratarem algumas cousas do serviço de El Rey, e bem do Estado, se despedio d'elle, dando-lhe algumas peças, que pera illo levava. E a Rainha de Olala o mandou viantar por hum Embaixador, por quem lhe mandou dar conta de algumas differenças que tinha com o Rey de Bangel seu vizinho, dando-lhe dellas satisfacções, por ser amigo do Estado. Ao que lhe o Capitão Mór mandou

dou responder com offercimentos, e que da torna-viagem os comporia; e tambem lhe mandou peças, que he o com que se negocia com todos os Reys do Oriente, e dando á vela, chegou á barra de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe fez hum grande recebimento, e entregou aquella Armada, e deu relação do estado em que aquellas cousas estavam.

No mesmo dia fez André Furtado de Mendoça hum junta dos Capitães, e tratou com elles sobre o modo que teria naquella guerra; e entre todos se assentou que até virem os soccorros, fossem continuando na guarda daquelle rio, porque lhe não entrassem provimentos alguns, que era a mais crua guerra que por então se lhe podia fazer. E logo repartio toda a Armada, e fez tres esquadras, que poz ao longo daquella ribeira com que a cingio toda; e quasi no rolo do mar surgiram as fustas, e as galés hum pouco affastadas; e a Pedro Luiz, que estava na banda do Ariole, mandou mais Lascarins Malavares dos que andavam nos periches, e elle em peles na manchua, que levava pera seu serriço, roldava todas as noites a Armada, para ver a vigia que tinham. E assim em Cananor, onde deixou muitos festeiros, como nas terras do Cananorim, mandou fazer mui-

muitos fclhões fortes de barbús pera as estancias que determinava plantar em terra; e que se cortassem muitas palmeiras pera se serrarem, e fazerem escadas; e tambem mandou serrar todo o taboado, que lhe pareceo necessario pera tilhas sobre que a artilheria havia de jogar.

O Camorim mandou logo visitar o Capitão Mór pelo Padre Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus, e seus Regedores; em cuja companhia foi tambem Antonio Matoso, casado em Cananor, que o Conde tinha mandado em fôrma de Embaixador ao Camorim, em cuja companhia andava, pera o fazer proseguir na guerra, por ser muito seu amigo, e conhecido, e pratico nas cousas do Malavar. A estes Embaixadores recebeo André Furtado de Mendoça honradamente, e respondeo á visita com palavras de muita satisfação, e despedio com lhes dar peças ricas, e curiosas. E nesta visita tratáram sobre as vistas, que o Capitão Mór havia de ter com o Camorim; e ficou assentado o dia, e o lugar em que havia de ser. E em sua companhia mandou Sebastião Tibao (cujo nome Frazmengo de nação) grande Engenheiro, pera da parte do Camorim reconhecer a disposição da Fortaleza, do sitio, e tranqueiras, com quem tambem foi Bernardo Soares, sol-

soldado destro, de experiencia, e que sabia bem notar as cousas, o que elles fizeram muito de vagar, e á sua vontade, e de tudo deram distincta relação ao Capitão Mór, com o que se houve por satisfeito da que já tinha. E porque se receou que pelo rio de Treinapatão em algumas alturas pequenas, como já algumas vezes commeteram, se proveesse, mandou a Belchior Rodrigues, casado em Chaul, bom cavalleiro, e de muita experiencia, pera que com quatro navios se fosse pôr sobre aquella barra, pera que por ella não sahisse cousa alguma, o que elle fez com muito cuidado, de maneira que proveo em tudo com muita ordem, sem lhe ficar cousa por fazer: e todas endereçadas, e encaminhadas ao fim que determinava, e pertendia levar naquelle cerco.

Chegado o dia das vistas, que foi aos dezesseis de Dezembro, abalou-se o Capitão Mór com toda a Armada mui fermosamente embandeirada, e tocando muitos instrumentos alegres, e bellicosos, foi de mandar a praia de Coriché, aonde já estava o Camorim; e chegando ao posto com toda a Armada, ordenou que em quanto estivesse em terra, ficasse estendida de longo daquella praia com as proas em terra; e a artilheria muito lestes pera poder
la-

laborar, se fosse necessario, e elle se meteo em huma manchua, e saltou na praia muito galantemente vestido ao modo militar, em corpo, com seu baltão na mão, rodeado de lincoenta espingardeiros, soldados velhos, e escolhidos entre todos, de que tinha mór confiança, muito bem trajados, e por baixo mui bem armados de boas armas: e ao pôr os pés em terra, disparou toda a Armada sua artilheria, e os soldados todos estendidos pelas perchas dos navios, deram tambem sua salva de arcabuzaria, estando todos postos em armas: e causou isto hum mui grande terror, e espanto não só nos inimigos, mas ainda nos amigos.

Tanto que o Camorim teve recado que o Capitão Mór partia da galé, abalou-se donde estava, e foi tomar o Capitão Mór quasi á borda de agua, onde se abraçaram com grandes mostras de cortezia. Era este Rei homem grande de corpo, bem disposto, de pouco mais de trinta annos, e bem parecia Rey entre os mais. Frazia sobre si muitas riquezas, nos braços tanta copia de manilhas de pedraria, que lhos enchia desde cima dos cotovellos até os pulsos, com o que lhe ficavam tão pezados, que era forçado virem dous pagens sustentando cada hum o seu. Do pescoço pendia hum

colar de inestimavel valor. E nas orelhas, orlheiras do mesmo toque de fermosos rubins, e diamantes, cujo pezo lhas estendia até os hombros, de maneira que trazia sobre si huma grande riqueza. Vinha nã da cinta pera fina, e derredor della cingido com hum panno de ouro, e seda, que lhe dava algumas voltas por derredor, que chegava até meia perna; e por cima huma cinta de pedraria de largura de quatro dedos, nemissima, e de grande valor. De trás d'elle vinha o Principe herdeiro, moço gentil-homem, e bem arraiado, que lhe levava a sua espada alevantada com a ponta pera fina; e detrás d'elle todos os seus Regedores principaes, e Punicaes; e quasi pegado a elle hia o Padre Francisco Rodrigues, e Antonio Matoso.

Ao assomar do Camorim disparou outra vez toda a Armada a sua artilheria, e os soldados a arcabuzaria, e após isso começaram a tocar os instrumentos de alegria; e os Naires do Camorim tambem fizeram suas fainas, e deram sua salva a seu modo. O Rey tomou o Capitão Mór pela mão, e levou-o a huma tenda, que alli tinha arte estendida em forma de Lua, que cingia todo aquelle campo. Alli se assentáram em cadeiras; e depois das palavras formaes da

visitação, e cumprimentos de parte a parte, praticáram sobre o modo que se teria naquella guerra, em que o Camorim prometteo de proseguir com dobrado animo, e calor. E disse ao Capitão Mór, que tanto que o Cunhale vira sobre seu rio a potencia daquella Armada, e que soube ser elle o Capitão Mór della, e General tão conhecido, e temido dos Mouros, logo lhe mandára commetter que se queria entregar, com condição que lhe desse a vida a elle, e a todos os Mouros, que vinha comigo; e que fosse elle Camorim a porta da Fortaleza a tomar entrega delle, para o segurar dos seus Naires, o que lhe elle tinha concedido com tenção de o matar como o colhesse á mão; porque com traidores este he o primor de que se ha de usar, principalmente quando sam taes, que se não pôde esperar delles deixarem de ser todas as vezes que tiverem occasião para o ser. E que ao tempo, em que se havia de entregar, mandára hum seu mestre de esgrima com alguns Naires para o receberem; e que vendo o Cunhale que elle Camorim não hia em pessoa, tendo-o a mão final, mandára salir os Mouros aos Naires, e entre todos se atára hum grande de briga, e travára hum aspera batalha, em que houve feridos de ambas as partes,

que já se não havia de fiar hum do outro: pelo que era necessario continuar na guerra contra aquelle tyranno, e que pera ella offerecia todas as cousas necessarias, que houvesse em seu Reyno: e que em penhor desta vontade, e sua fé, daria os recatos que elle Capitão Mór quizesse, porque tudo havia de fazer a seu gosto, e vontade. André Furtado de Mendoça lhe agradeceu aquelles offerecimentos, e lhe fez outros conforme ao tempo, e com isto se despediram, dizendo-lhe o Camorim que elle mandaria á sua galé o Padre Francisco Rodrigues, e seus Regedores pera com elles fazerem as capitulações que elle mais quizesse; e ao apartarem-se hum do outro, lançou o Capitão Mór ao pescoço do Camorim hum muito ferrioso colar de ouro, e Regedores deo pecas, que elle já levava, que o Conde Viso-Rey lhe mandou dar da fazenda Real em muita abundancia, porque em nenhuma parte do mundo, e muito mais no Oriente, se negociava sem os presentes irem diante.

Ao outro dia que isto passou se veio hum Mouro, Veador da fazenda do Cunhaes, entregar ao Capitão Mór por ordem de D. Ar. Coelho, Capitão de hum Sanguicer, que estava na parte do Ariole, que lhe parecia seguro pera levar sua mulher, familia,

e alguns amigos , que lhe elle não concedeo pela pouca fé , e verdade que Mouros tem , antes o mandou pôr na gale a bom recado ; affirmando-lhe que se acabasse a guerra , elle o poria em sua liberdade. Deste Mouro soube André do de Mendouça das cousas de muito particularmente , e de como estava fortificado da gente que tinha , e dos poucos provimentos que havia , o que achou depois ser verdade. Os Mouros vendo rugido este , que era o principal da Fortaleza os que pudéram com mulheres , e familias ; e sempre se sahirão , se o Cunhale não trouxera sobre elles tantas vigias.

Isto foi sabido do Camorim , e do Capitão Mór ; pelo que mandáram por via dos Arioles lançar na Fortaleza reaes pera os que se quizessem que qualquer delles o pudesse fazer livremente. E porque era tempo de pôr em execução o cerco da Fortaleza , mandou o Capitão Mór pelo engenheiro Tibao levantar alguns castellos de madeira em roda da parte do Camorim de jogarem a artilheria para as tranqueiras , para os nossos ; que depois de feitos , não foram

eram necessarios , como logo diremos ; e dando recado ao Capitão Mór que o Cubile esperava por huma galeota , que tinha mandado ás Ilhas de Maldiva arrecadar certas parcas , que os Mouros lhe navegavam , e que apparecêra ao mar , despachou João de Seixas com quatro navios para irem buscar ; mas sentindo ella o negocio , logo se fez na volta das mesmas Ilhas , e desappareceo.

CAPÍTULO II.

Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Camorim: e das refens que lhe entregou: e dos soccorros que lhe chegaram de Goa.

Depois de passadas as vistas que o Camorim, e Capitão Mór tiveram, dahi a tres dias foram á galé do Capitão Mór e Principe de Tanor, General do exercito do Camorim, e Carneves seu Regedor Mór com outros Principes, e Regedores, que André Furtado de Mendoga recbeo com muitas honras, e com elles hia tambem o Padre Francisco Rodrigues, que era o Intendente, e por quem todas aquellas couzas corrêram, e mostráram Provisões, ou Ollas dos poderes que traziam para assen-

tarem as pazes, e fazer os contratos que lhe parecessem bem, pera effeito daquella guerra, e pera os refens que de ambas as partes se haviam de dar pera segurança della. Pera o que André Furtado de Mendonça chamou os Capitães velhos, e de experiencia, e assim todos juntos fizeram as capitulações seguintes.

Capitulações do que o Camorim prometteo.

» **O** Brigou-se a dar em refens da gente
 » que se puzesse com elle da sua ban-
 » da, pera assaltar a Fortaleza do Cunhale,
 » os Principes de Tanor, e Chale, e Cai-
 » neves seu Regedor Mór, Varer, e Coi-
 » lo, Principes, e Senhores das terras
 » além de Panane, Pudure, e Talape,
 » Naires seus Regedores, Menas, e Mera
 » Cherare, irmão de Uniare Cherare, am-
 » hos sobrinhos do Camorim, e Unire Ga-
 » se, Ithe Arachea, e Com Gaachem, Ite
 » Proferare, e Nambandre, todos Principes,
 » e Senhores de terras. Estes refens, em
 » quanto o cerco durasse, e o nosso arraial
 » estivesse nas terras do Camorim, e Ario-
 » les, estariam na Cidade de Cochim,
 » donde não sairiam até de todo se re-
 » colher o nosso arraial, e Armada.
 » Obrigou-se mais pelos ditos refens,
 » que

que segurava toda a gente, artilheria, e mais cousas que se puzessem em suas terras, e dos Arioles pera o effeito daquella guerra.

Que daria a todo o tempo que se houvessem mister, mil trabalhadores pagos á sua custa pera trabalharem no serviço do campo, e cerco.

Que traria á sua custa quinze elefantes no dito serviço, em quanto o cerco durasse.

Que daria á sua custa toda a sorte de madeira que fosse necessaria pera o effeito da guerra, pagando o Capitão Mór os carpinteiros, e ferradores.

Que daria todos os carpinteiros, ferradores, e ferreiros que fossem necessarios, pagando-lhes o Capitão Mór seu jornal.

Que teria de assistencia no nosso arraial, e cerco do inimigo cinco mil caixas de armas; e deste número estariam dous mil sujeitos ao que lhes o Capitão Mór mandasse, e pera assistirem na parte que lhes ordenasse, e que obedeceriam aos Capitães a que fossem entregues.

Que daria quatro Manchuas equipadas de marinheiros, e Lascariis pera andarem no rio vigiando, e inquietando

» os inimigos , ou onde pareceſſe melhor
 » ao Capitão Mór. E que aſſim daria mais
 » trinta jangadas de Almadias eſquipadas
 » de marinheiros pera o meſmo effeito.

» Que daria duzentas enxadas , e mil
 » ceſtos pera o ſerviço do cerco.

» Que ſe ſenão deſſe fim ao inimigo
 » até vinte de Janciro , que era o tempo
 » em que eſte Camorim havia de ir á ſua
 » feſta da Mamanga , mandaria vir de Co-
 » chim , Principe de Tanor , e Carneves
 » ſeu Regedor Mór pera os deixar com
 » todo o poder em ſeu lugar , aſſiſtindo no
 » Governo do ſeu exercito ; e que em lugar
 » dos ſobreditos , mandaria ſeus ſobrinhos
 » Uniare Cherare , e outro herdeiro de
 » Talapuchem ſenhor de ſinco mil Naires. »

Ao que ſe obrigou André Furtado de Mendonça ao Camorim , he o ſeguinte.

» **Q**ue lhe daria por reſens eſtes tres
 » Capitães , D. Pedro de Neronha ,
 » Jeronymo Botelho , e outro Capi-
 » tão , Antonio Matoso Embaixador , e
 » dous Padres da Companhia de Jeſus , que
 » aſſiſtiriam ſempre com o Camorim.

» Que daria em Cochim apoſentados aos
 » reſens delle Camorim , e todo o neceſſa-
 » rio a ſeus proprios gultos , e de ſeus ſer-
 » vi-

vidores , em quanto residissem naquella
 Cidade , e que estes seriam capazes de
 poderem fazer nelles suas ceremonias ,
 que fariam diante dos guardas que lhe
 puzessem ; e que do dito aposento , e si-
 tio não sahiriam sem a mesma guarda , e
 que as ceremonias se entenderia no co-
 mer , e lavar o corpo , e outras não.

Que tomando-se a Fortaleza de Cu-
 ahale , se derribaria logo , e não querer
 nada daquelle sitio : e de dar ao Camo-
 rim ametade de todo o dinheiro , peças ,
 fazendas , artilheria , e navios que se
 achassem , e que as mais armas seriam
 de quem as tomasse.

Que havendo alguma briga , ou des-
 concerto entre os soldados , e Naires ,
 cada hum castigaria os seus subditos con-
 forme as culpas que tivessem ; e que os
 do número dos dous mil , que não obe-
 decessem aos mandados do Capitão Mór ,
 e Capitães que lhe propuzessem , seriam
 pela mesma maneira castigados.

Promettero o Capitão Mór de se fa-
 zer Igreja em Calecut , e de se assentar
 alli Feitoria , e de ter com elle o Estado
 o commercio que tem os mais Reys ami-
 gos ; e que inteiramente se cumpririam
 os capitulos das pazes , que D. Luiz da
 Gama tinha feitos com elle , e que esta-
 vam

» vam confirmados pelo Conde Almeiran-
» te. »

Estes apontamentos juráram assim o Camorim, como o Capitão Mór com os Capitães, e Regedores que se acháram presentes, e todos se assignáram nelle: e logo se fizeram de parte a parte a entrega dos refens prometidos; e os da nossa se passaram á parte do Camorim, e os seus se embarcáram na galé muito a seu gosto, e se leváram a Cochim. E o Carnaves ao despedir-se do Capitão Mór lhe deo alguns avisos, e ardis de como havia de proseguir naquella guerra; o que fez por cobrar credito com o Capitão Mór, sendo certo ser elle o que mais favorecia o Curialle que todos. No recolhimento destes refens usou a Cidade de Cochim de muitos primores, e liberalidades, porque em pouco mais de dous mezes despendeo, e gastou com elles mil e quinhentos pardãos, conforme a huma lembrança, e lista que tenho em meu poder.

Os navios que foram acompanhando estes refens voltáram de Cochim com huma barcaça, que o Capitão Mór tinha já mandado concertar, e reformar de artilheria, e munições, e entregou-a a Luiz Fragoso, e Pero Rodrigues Botelho, e deo-lhe soldados, e servidores pera seu menço. Nes-
ta

a companhia mandou a Cidade de Cochim cinco navios de socorro com duzentos soldados armados, e pagos á sua custa; e delles elegeo por Capitão Mór Antonio de Brito Fogaça, Cidadão daquella Cidade, soldado muito velho, e práctico nas cousas da guerra: e assim levou em sua companhia dous navios cheios de soldados Christãos de S. Thomé, tambem pagos á sua custa, que deixou ordenado o Arcebispo pera isso, primeiro que se partisse daquela Cidade.

CAPITULO III.

Do conselho que o Conde tomou sobre ir a Cunchale, em que foi contrariado: e do socorro que mandou, e mais cousas que passaram.

DEpois que o Conde Almirante despachou as vias pera Cochim, despachou Lourenço de Brito pera ir entrar na Fortaleza de Cofala, por ser já livre, com muita honra das culpas, que lhe puzeram sobre a jornada da Sunda. Passado isto, em principio de Novembro deste anno de noventa e nove, em que estamos, chamou o Conde Viso-Rey a Conselho as pessoas que nelle costumavam achar-se, e lhes propoz que

que lembrados estariam do successo que o anno passado tiveram no assalto do Canhale, e a continuacão do cerco pelo Canmorim, e pelos nossos Capitães; e o muito que convinha á reputação, e quietação do Estado não se levantar não daquella empreza sem se concluir a destruição daquele inimigo, em que os mais do Estado tinham postos os olhos, pera o que estava prestes com muito dinheiro, e as mais providencias necessarias; e por não lhe ficar nada por fazer, estava resolute em ir visitar as Fortalezas do Canará, e Malavar, e provellas como convinha, porque hia no cabo do seu governo, em que tinha obrigação de visitar todas as do Estado. E por se livrar das murmurações que padeciam os Viso-Reys, que foram ao Norte, determinava fazer a jornada pera o Sul, e pararia em Cananor até ver o estado das cousas. E que tinha nomeado André Furtado de Mendocça por Capitão Mór da costa do Malavar, que partiria brevemente com a Armada de quatro galés, e quarenta fustas bem providas das cousas necessarias. E que o mór gosto que teria, era achar-se presente pessoalmente na guerra, que queria fazer aquelle cofeiro, que tanto trabalho tinha dado ao Estado; mas que não queria fazer nada sem conselho, e par-

tecer dos que estavam naquelle Conselho, que livremente votassem o que fosse mais serviço de Deos, e de ElRey, e bem do Estado, porque isso era o que elle havia de fazer, ainda que fosse contra seu gosto. Sobre isto votáram todos, e debateram, e se deram muitas razões por huma, e outra parte; e praticados todos os inconvenientes que se lhes offerecêram, vieram os mais a concluir que não era licito, nem convinha ao Conde Alucirante abalar-se, nem sahir-se de Goa, assim pela necessidade que havia de sua presença pelas cousas que estavam movidas no Grão Mogor sobre a conquista dos Reynos do Decan que pertendia fazer, no que tinha nelle o Viso-Rey grande inconveniente; porque bem sabia que tudo o que pudesse estorvar seus desenhos, e favorecer aos Reys vizinhos, havia de fazer: como porque não era licito que a pessoa do Viso-Rey se movesse, e abalasse pera haver de ir contra hum Mouro cossairo, que não era Rey, nem senhor de terras: que bastava pera concluir aquelle negocio André Furtado de Mendoga, que estava nomeado pera Capitão Mór do Malavar, que o provessem de tudo o que o Estado pudesse dar; porque conforme aos termos em que a guerra estava, e o inimigo desbaratado com a per-
da

da passada , e com a falta de tudo , sem falta , nem dúvida se acabaria tudo com bem.

Não faltaram pessoas das que estavam fóra do Conselho a que pareceffe o contrario , entendendo que a ninguem convinha mais achar-se naquella guerra em pessoa , que ao Viso-Rey , assim pera remediar o danno passado , tomando delle satisfação , como porque com sua presença daria mais calor á guerra ; e teria mão no Camorim que não fizesse de si alguma mudança , porque tudo se podia temer deste Rey Gentio , que tantas vezes tinha faltado com sua fé. E que posto que este tyranno não era Rey , dava mór trabalho , e oppressão ao Estado , que todos os Reys vizinhos , porque todos os annos recolhia de roubos , que fazia nos vassallos Portuguezes , mais de quatrocentos mil cruzados. E assim nenhum Rey tinha mais affrontado aos Portuguezes que este tyranno , porque andava quasi senhor do mar , e do commercio da India com suas Armadas , e se intitulava *Rey dos Mouros* ; e ficava desta maneira usurpando hum dos titulos da Coroa de Portugal , que era senhor do mar , e do commercio da India. E já algumas vezes disse pelo discurso das minhas Decadas , que sempre , ou as mais das vezes que os Viso-Reys puzessem em conselho haver-se de

de embarcar, havia de achar nos mais dos rotantes contradicção pela obrigação que lhes ficava de os acompanhar com risco de suas pessoas, e despeza das fazendas. Não digo isto, porque neste Conselho houvesse estes respeito; antes cuido verdadeiramente que entenderam que não convinha ao Conde embarcar-se; mas digo, pelas razões que aponte, que foi muito acertado o conselho que ElRey nosso Senhor tomou do tempo de Aires de Saldanha por diante de mandar, que por cima do que se votasse no Conselho da India, fizessem os Visto-Reys o que lhes parecesse mais serviço de ElRey, e bem do Estado.

E deixando isto, tornemos ao Conde, que se mostrou muito sentido de não poder effectuar o que elle tanto desejava; e a Cidade de Goa, e o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes lhe falláram nesta conformidade. Assentado isto, mandou logo o Visto-Rey ordenar hum galeão, em que mandou embarcar muitos provimentos, munições, pelouros, e peças de artilheria de guerra, de que fez Capitão Francisco de Barros de Sousa, hum cavalleiro velho já despachado, que logo despedio com muita brevidade. E após elle mandou Diogo Barreto na galé, em que o Arcebispo tinha vindo de Cochim, e onze navios

vios mais, em que embarcou trezentos e quarenta soldados. E assim mais outros vinte e hum navios, em que vinham quatrocentos e sincoenta, que as Cidades do Norte mandavam de soccorro, de que vinha por Capitão Mór Antonio Colaço Lobo, Capitão velho, e antigo; e nos navios vieram muitos Fidalgos, e cavalleiros armados á sua custa. Este soccorro do Norte chegou a Cunhale a seis de Fevereiro, e Diogo Moniz Barreto com sua Armada a doze, e aos quatorze o galeão dos providimentos, com o que aquelle mar ficou conhecido de Armadas, e o inimigo tão assombrado, que se houve por perdido. A estes Capitães recebeu André Furtado de Mendouça com muita honra, e os repartio pelos lugares que logo diremos.

Pertendia o Capitão Mór cercar aquella Fortaleza, e continuar naquella guerra por termos militares, e de prudencia; por que esta muitas vezes, ou as mais dellas, vence mais de pressa que as armas. E por isso dizia Annibal, que mais se temia de Scipião, quando não peleijava, que de Marco Varro seu companheiro, quando o fazia; porque as cousas acceleradas, as mais das vezes damnão; e as que se fazem de vagar, e com conselho maduro, sempre nos dam a vitoria. Foi André Furtado com-

pondo as cousas , e ajuntando o que lhe era necessario pera lutar , e bater aquella fortaleza , porque desejava de a ganhar , e levar com pouco custo dos homens , porque as vitorias de pouco sangue sam as que fazem o seu Capitão mais glorioso. Em Tito Livio lemos que o Consul Marco Fabio não quiz acceptar o triunfo , que o Senado lhe offerecia , porque naquella guerra lhe matáram seus companheiros o Consul Manlio , e Quincio Fabio.

O Cunhale , posto que estava apertado , e desconfiado , como disse , não deixou de usar de seus estratagemas , e mandou hum daquelles seus Capitães , que se fosse lançar em cilada com huma companhia de Mouros em huma ponta de arêa da banda do Ariote , pera ver se podia fazer algum bom feito. Depois de emboscar sua gente , chegou o Capitão com outro Mouro á borda d'agua , e capeou a hum penche , de que era Capitão Braz Coelho , pera que chegasse ao rolo do mar , aonde esse Mouro costumava chegar algumas vezes a fallar com o Veador da fazenda do Cunhale , que estava na galé , pera o que André Furtado lhe dava licença. E desta vez quiz ver se podia fazer chegar bem á terra o Braz Coelho , pera ver se o podia colher ás mãos , pera que a troco delle lhe

dessem o Veador da fazenda do Cunhale. Bem entendeu o Braz Coelho o animo, e intenção do Mouro, e mandou armar os seus soldados, e pollos encubertos com as arrombadas que trazia feitas; e na proa poz dous muito certos espingardeiros, e poz-se a si no meio delles, e foi remando pera a praia até se pôr no rolo de agua, donde se poz ás práticas com os Mouros, que trabalháram bem com elle pera que chegasse mais, porque tinham coulas de segredo que praticar, e tratar. O Braz Coelho fez que se hia chegando; e dando sinal aos dous, que tinha a par de si, disparáram logo suas espingardas, que foram tão bem empregadas, e encaminhadas, que o Capitão ficou estirado, e o companheiro se recolheu mal ferido. A isto se descobriram os da cilada, e começaram a servir os do periche com muitos tiros, que tam- bem lhe respondêram com outros, de que alguns se recolhêram bem escalavrados.

Entendendo o Capitão Mór que a victoria estava mais segura em lhe tirar alguns Mouros da Fortaleza, lá teve manei- ra com que por via dos Naires do Camo- rim mandava visitar alguns mais princi- paes, e a voltas disso pecas ricas, e curio- sas (que estas são as chaves mestras com que se abrem todas as portas) e elles sem- pre

pre lhe respondiam, mas não aos presentes, e com isto foi moderando alguns, e fazendo o negocio que pertendia. Andava o Capitão Mór acabando de ajuntar as couzas pera o cerco, que havia de pôr á Fortaleza. E porque desejou de ver por si o sitio, e disposição della á sua vontade, tomou por achaque ir ver o Camorim, e viuallo ao seu arraial, pera o que lhe mandou pedir licença; e elle lhe mandou seus seguidores pera o acompanharem, e partio com elles a par de si, levando por detodor quatrocentos espingardeiros Portuguezes escolhidos entre todos, e estes muito bem armados, e bem trajados, e passou todo aquelle caminho, que era de tres leguas, a pé em corpo com hum bastão na mão, assim á ida, como á vinda, sem mostrar cansaço algum. Nas vistas com o Camorim houve muitos cumprimentos, e fallaram sobre as cousas daquella guerra; e depois reconheceo o Capitão Mór o sitio da Fortaleza, e tranqueiras muito á seu gosto, com o que se tornou muito satisfeito de ter visto o que tanto desejava.

E sendo informado que as mais das passavam daquella ponta da arêa al-embarcações pequenas de Mouros a inquietar a nossa Armada, mandou a Pedro Luiz com a gente dos periches, e al-

guns soldados, pera que se fossem embarcar naquella parte, que era da do Arriole, pera ver se podia tomar ás mãos alguns delles. E estando alli, chegaram da outra parte algumas embarcações dos Mouros, com o que os nossos Lascarins Malavari se inquietaram; e houve entre elles tão grande reboliço, que foram sentidos, e os Mouros se recolheram, sem mais tornarem alli, e as mais das noites continuaram os nossos com a mesma vigia. E porque não acontecesse naquella parte mais alguma alteração, mandou o Capitão Mór fazer na ponta de arêa daquella parte sobre a barra do inimigo huma tranqueira, que encomendou a André Rodrigues Pajota com quatrocentos soldados, levando consigo o Engenheiro mór, que a traçou, e acabou muito de pressa, que ficava quinhentos passos do baluarte do inimigo, que ficava da outra parte, e nella se poz a artilheria que pareceo necessaria, ficando nella o mesmo André Rodrigues com trezentos homens; e de huma parte, e da outra, se ficaram varejando mui arredadamente. Tanto que esta tranqueira se acabou, mandou o Capitão Mór passar oito navios ligeiros ao rio por cima da ponta da arêa, com o que ficou senhor do rio; o que os inimigos sentiram muito, porque

atc

o peixe , e marisco delle , de que se
 estavam , lhes tolhiam , e entendo que
 aquillo era o caminho de sua perdição.

CAPITULO IV.

*De como o Camorim tratou de ir a huma
 festa chamada Mamanga: e donde es-
 ta festa teve origem.*

A Ndando o Capitão Mór preparando
 as cousas pera pôr cerco á Fortaleza,
 ainda antes de chegarem os soccorros que
 cillamos , chegou o tempo em que o Ca-
 morim lhe era necessario ir á sua festa de
 Mamanga , de que nos apontamentos atrás
 se fez menção , a que por nenhum caso po-
 dia faltar ; pera o que mandou recado ao
 Capitão Mór , e a desculpar-se de ser for-
 çado faltar alli com sua pessoa os dias que
 durasse ; mas que alli ficava todo o seu po-
 der pera continuar naquella guerra , como
 estava contratado ; e que em quanto duras-
 se a festa , elle se não descuidaria de man-
 dar dar calor ao cerco ; e com isto lhe man-
 dou pedir o Principe de Tanor , e o seu
 Regedor Mór Carnaves , que estavam em
 Cochim postos em refens , como lhe esta-
 vam promettidos nos contratos pera os
 deixar no exercito ; e que em seu lugar da-
 ria

ria outras duas pessoas principaes de seu Reyno. O Capitão Mór se lhe mandou escutar com palavras de muita cortezia e brandura, assim porque o Çamorim lhe hia faltando com a palavra em muitas cousas concedidas nas capitulações, como porque soube que o Regedor Mór era o que mais sustentava as cousas de Cunhale que todos, por serem grandes amigos; e que quanto mais alongado o tivesse, tanto lhe era melhor pera concluir aquelle negocio. O Çamorim não ficou satisfeito de se lhe negarem aquelles homens; mas dissimulou, como o Capitão Mór o fazia tambem de suas cousas. E querendo ultimamente partir-se, foi-se despedir do Capitão Mór em quatorze de Janeiro deste anno de seiscentos, em que com o divino favor entramos; e entre elles não houve mais que palavras de cumprimentos, e cortezia; e só lhe disse o Çamorim, que em quanto estivesse ausente lhe entregava o seu exercito, e que nelle podia dispôr, e mandar como sua propria pessoa, porque assim o deixava por ordem a seus Capitães, e que esperava de em sua boa fortuna achar tudo concluido, quando tornasse; e com isto se despedio. E porque nenhum Escriitor nullo tratou desta festa, que he tão antiga, que passa de quinhentos annos que se celebra, Parcecco-
nos

ros bem fazer huma breve relação de seu principio , e origem pera maior gosto da historia , e passatempo dos que a lerem.

Esta festa de Mamanga ; que quer dizer festa de desafio , cahio no Malavar de doze em doze annos , e cahio nesta entrada do anno de seiscentos : sua origem foi esta. Morava nos confins do Reyno de Tanor hum Bramene , a quem alevantáram hum falso testemunho , que redundava em detrimento de sua honra , e descredito de sua religião , de que se houve por tão afrontado , que se partio pera o rio Ganges , que elles tem por santas suas aguas , pera nelle se purificar. Alli jejuou , e fez outras asperissimas penitencias alguns annos , encomendando-se a seus idolos , pera que mostrassem por alguma via a pureza de sua innocencia. E assim lhe appareceo hum delles , e lhe disse , que se não entristecesse que elle teria cuidado de sua honra , que se fosse pera sua terra , e que por fim do mez de Fevereiro ajuntasse todas as gentes daquelles Reynos derredor do rio de Tanor , pera diante de todos se mostrar sem culpa : e que pera sinal disso em tal dia , quando a maré vassasse , deitasse elle na força da corrente o seu livro , e o seu escabello , e que logo entraria o rio Ganges por aquelle rio de Tanor dentro , e contra o curso da

da maré fazia tornar o livro, e o escabello por elle assumo á vista de todos, como fingem que o fez, e que foi aquelle espectáculo visto de todos com grande admiração, e o Bramene foi julgado por sem culpa, e foy dalli por diante tido em grande veneração. E este he o dia, que se chama de Mamanga, e que se festeja de anno pera cá de doze em doze annos, como dissemos, com o mór concurso de gente, e despezas de ElRey, que todas as mais que Malavares tem, porque pera ella se ajuntam todos os Reys, Senhores, Caimais, e infinitos povos, e duram estas festas vinte e oito dias, em que o Camorim tem sempre muita gente de armas com seus Capitães, que de continuo andam roldando, pera que não haja algum desarranjo, nem brigas, que he cousa ordinaria em grandes ajuntamentos de gente, entre tão grande multidão de povos, tão diferentes como alli se ajuntam; e tambem porque todos estes dias costumam entrar alguns Amoucos por meio deste cardume, e matão os que podem alcançar. O que aconteceu em satisfação de hum Rey vizinho do Camorim, que o que então governava (que haverá noventa annos) mandou matar; pelo que todos os da obrigação daquelle Rey morto, e de seu pai, e avós se offerecem a morrer

ter por tomarem aquella satisfação, matando alguns vassallos do Camorim contra quem tem o odio, que os obriga a usarem desta brutalidade: e pera atalhar a isto, tem o Camorim sempre, em quanto esta festa dura, alli gente de guarnição, que acode a estes Amoucos, como fazem; e todos os annos, que ha esta festa, ficam espedaçados todos aquelles, que commettem esta brutalidade; e este anno, de que agora escrevemos, entráram trinta Amoucos, que logo foram mortos.

Tres dias destes vinte e oito, que estas festas duram, se põe o Camorim em hum lugar alto á vista de todo o povo com muitos alampadairos de ouro, e prata accezos ao redor de si, e todos os da sua Corte acodem alli vestidos o mais ricamente que podem; e em ElRey apparecendo diante do povo, dispáram muita artilheria, e dão grandes salvas, a que elles em sua lingua chamam Cuquiadas, e a ellas lá em uma donde ElRey está se prostra pelo chão diante do povo, e depois se levanta, e em pé faz tres vezes reverencia ao povo, e todos elles lha fazem, e depois d'elle, todos os Reys que se alli acham, fazem a mesma cerimonia ao povo; e acabada ella, entram os Panicaes esgrimidores de ElRey, e jogão das armas com mui-

ra destreza, e apôs isto vem todos os vassallos de todas as terras do Camorim, e de dous em dous vam passando, e fazendo sua cortezia a seu Rey, e os maiores, e grandes do Reyno se debruçam todos diante d'elle, e depois passam os alijantes ensinados dos seus Cornacas, que sam os Naires, que tem cuidado delles, e fazem tambem reverencia a ElRey com o joelho no chão. Gasta o Camorim nesta festa dizezentos mil fanões em dadivas, que sam vinte mil cruzados.

Eis-aqui esta brutalidade sem nenhum fundamento; que lhe seus Bramenes meteram em cabeça, fazendo-lhes crer huma cousa tanto contra a natureza, como he vir o rio Ganges dos Reynos de Bengala mais de trezentas leguas de Tanor, e atravessar todo aquelle Oceano Oriental, e vir entrar por hum rio tanto mais pequeno que elle, que pôde sumir-se diante d'elle; e que sahia do mar com a pureza de suas aguas, sem lhas elle mudar, sendo certo que todos os rios do mundo perdem sua natureza em chegando ao mar; e de estas, e de outras abusões semelhantes está cheio todo este Oriente, e assim cré toda esta gentildade nellas, como se as viram palliar, porque pera isso não ha outra nenhuma razão, e experiencia mais que dizerem-lho os seus Bramenes.

CAPITULO V.

Das cousas , em que o Capitão Mór proveo pera dar principio ao sitiar aquella Fortaleza.

PArtido o Çamorim pera a sua festa de Mamanga, tratou o Capitão Mór de desimpedir a barra, pela ter o inimigo de novo atravessada com grossos mastos surtos com cadeias de ferro, e grandes ancoras, e alguns pregados sobre estacas mui grossas mettidas com vaivens no fundo da vassa, ou arêa, e nas cabeças assentados aquellos mastos grossos, e pregados com grandes pregos, que tudo ficava mais de hum covado escondido debaixo d'agua. Este negocio encomendou a Luiz Fragofo, e a Luiz de Almeida, e com elles Pero Luiz, e Braz Coelho com seus Lascarins, e marinheiros, que leváram ferradores, e officiaes, que mettidos na agua ferráram os mastos com grande trabalho, e risco de todos pelâs muitas bombardadas que sobre elles chovêram, e os leváram á nossa tranqueira, que estava da outra parte na ponta da arêa. Com isto ficou a barra desimpedida, e por ella entrou ao outro dia de noite huma manchua ligeira, de que era Capitão hum João Rodrigues Fialho,

na-

natural de Cananor, que ao passar de longo do baluarte do inimigo, por onde era o canal, fallou com os Mouros d'elle em lingua Malavar, dizendo que lhe levava alguns provimentos, com o que passou seguro sem lhe atirarem bombardadas. E por se recear o Capitão Mór que pela parte do Camorim lhe entrassem alguns provimentos ao inimigo por via dos Naires, que por dinheiro vendêram suas mulheres, e filhos, mandou a Belchior Ferreira com cem soldados, pera que daquella parte, de que se temia assistisse em guarda, e vigia bem junto ás tranqueiras do inimigo, pera que lhe não entrasse, nem sahisse cousa alguma: e juntamente mandou Antonio de Brito Fogaça, Capitão Mór do socorro de Cochim, com trezentos homens em segredo, e o Engenheiro Mór fossem pelo rio dentro nas manchivas a fazer huma tranqueira na banda do Ariole, que em breves dias acabou mui bem traçada, que ficou a tiro de falcão fronteira á Fortaleza do inimigo, em que o mesmo Antonio de Brito Fogaça ficou por Capitão com duzentos homens, e lhe prantou algumas peças de artilheria com que fez notavel dano aos inimigos, por lhes descobrir dalli as suas praças, e bazares, e as mais das ruas, e muita parte da povoação. Esta tran-

tranqueira foi o Capitão Mór ver de longo do
 rio, e della esteve de novo reconhecendo
 todas as fortificações daquella parte, e ao
 voltar visitou o Ariote de Bargare pelo ter
 propicio, o que elle estimou muito; por-
 que destas visitas que fazia a estes, sempre
 lhe ficavam em casa algumas peças, no em
 que elles só trazem os olhos. Vindo delá,
 mandou a D. Francisco de Sousa com tre-
 zentos soldados, e ao Engenheiro Mór com
 todos os peirechos necessarios pera fazer
 outra tranqueira junto á de Antonio de
 Brito Fogaça, mais á borda d'agua, pe-
 la outra estar sobre hum tezo, que se fez
 muito bem ordenada a tiro de espingarda
 do inimigo, e nella ficou assistindo por Ca-
 pitão, e dalli fazia grande damno aos Mou-
 ros, porque cada dia lhe matava, e feria
 alguns.

Vendo o Cunhale entrado o rio, e as
 nossas tranqueiras tão senhoras das suas,
 mandou fazer outra muito forte na ponta
 da arêa sobre a barra da sua parte; por-
 que algumas almadias, que tinha despedi-
 das a buscar mantimentos, vindo com el-
 les, esperariam alguns noroestes rijos com
 os nossos navios se affastassem da ter-
 ra, e ellas tivessem lugar pera na escuri-
 da da noite, passando por meio da Arma-
 da, irem encalhar naquella parte, como
 al-

algumas fizeram ; e como os Mouros es-
 peravam por ellas , logo os mantimentos
 eram levados nos ares , e recolhidos , e as
 mesmas almadias varadas ao pé do baluar-
 te : e além disto varejavam dalli a nossa
 tranqueira , que estava da outra parte , e
 lhes faziam bem de damno. O que visto
 pelo Capitão Mór , determinou de lha gan-
 nhar , e fortificar nella , e encarregou esse
 negocio a André Rodrigues o Palhota , com
 seiscentos homens divididos em duas par-
 tes , e esquadras : huma pera commetter a
 tranqueira ; e a outra pera ter o socorro
 que lhe viesse , mandando ordem a Bel-
 chior Ferreira , que assistia da banda do Ca-
 morim , pera que com os seus soldados,
 e os Naires do Camorim commettelle por
 lá as tranqueiras do inimigo , ao mesmo
 tempo que por cá dessem , que havia de
 ser a meio quarto da modorra , noite que
 era de luar muito claro , porque áquella ho-
 ra enchia a maré , e os passos por onde os
 inimigos haviam de acudir , e socorrer o
 seu baluarte , estavam cheios de agua , e
 não se podiam vadear : e ás horas deter-
 minadas mandou o Capitão Mór fazer o
 final aos navios , que estavam de fóra , que
 remettêram com a terra , onde puzeram ar-
 proas , e desembarcaram todos , e nos dia-
 teiros foram D. Fernando de Noronha , e
 seu

seu irmão D. Christovão de Noronha, e com furor espantoso commettêram as guaritas, e com muita facilidade as ganharam, sendo o primeiro que nellas entrou Luiz de Almeida, e com muito valor foram levando os inimigos de vencida até á tranqueira de madeira, onde já estava Belchior Ferreira com a gente do Çamorim, e com a sua a que tinha posto o fogo, e sobre ella pelcujáram os nossos muito esforçadamente.

Ouvindo o Cunhale a revolta, sabendo que era de todo entrado dos nossos, acudio em pessoa, e fez voltar os Mouros, que hiam fugindo; e ajuntando outros de outras estancias, os fez passar os alagadiços, assim em almadias, como a nado; e ajuntando-se mais de quinhentos, tornáram a remetter com as guaritas, onde os nossos estavam; e com tanta determinação os commettêram, que houvera da nossa parte grandes delarranjos, se D. Fernando, e D. Christovão de Noronha seu irmão com alguns mais não tiveram o pezo. Aqui esteve o negocio suspenso, e muitos dos nossos mostráram bem todos os quilates de seu valor, quando grandes cavallerias. E quando os Mouros commettêram da primeira vez os nossos, que os fizeram recolher ás guaritas, Luiz de Almeida se atravessou na porta

ta com huma cliça nas mãos, e teve o encontro aos inimigos, que commettêram a porta, ficando descoberto, e por barreiras ás espingardadas, e frechadas que os inimigos lhe atiravam, de que o Deus nosso Senhor guardou. Em fim, desta feita ficaram os nossos senhores daquellas guaritas, que custáram a vida a João de Seixas Cabreira, valente Capitão, e a Pero de Gois Capitães de navios, e a nove soldados, a fora quarenta, que ficaram feridos, e dos Mouros mortêram mais de seiscentos, além dos feridos, que foram muitos, conforme a huma lembrança que achei de hum curioso, que foi pondo em lembrança todos os successos deste cerco.

Nestas guaritas, ou tranqueiras, que se ganháram, ficou por Capitão D. Fernando de Noronha com trezentos soldados. Belchior Rodrigues com a sua gente, e a do Camorim commettêram (como já dissemos) a tranqueira de madeira, que cortava aquella ponta de arêa da costa brava até ir em cima a fechar no rio, que tinha tres guaritas, em que de ordinario estavam perto de trezentos Mouros, que Belchior Rodrigues logo achou despejadas, porque a gente dellas acudio ao soccorro da tranqueira, que lhe os nossos ganháram: pelo que tiveram tempo de pôr o fogo a huma parte

della, a que os Mouros acudiram, e a tornáram a renovar, sobre o que tiveram uma grande batalha, como já disse, e com este feito se recolheu o Belchior Rodrigues a suas estancias cheio de venturosos successos. Com isto, e com a falta, que havia na Fortaleza de mantimentos, se abalaram alguns Mouros principaes a se sahirem della com suas familias; o que fizeram a seu salvo da nossa parte, pelo seguro que o Capitão Mór lhes tinha dado a todos os que se quizessem sahir della.

CAPITULO VI.

Das que mais succedeo nas tranqueiras: e dos fortes que o Capitão Mór mandou fazer: e de como ganhou as tranqueiras, e povoação.

SAbendo o Capitão Mór que o inimigo tornara a renovar a tranqueira de mader, determinou de lha ganhar de todo, porque determinava de entrar naquelle sitio pela tranqueira grande de pedra: e este negocio encommendou a Belchior Rodrigues, e a André Rodrigues Palhota com todos os Lascarins, e gente do Camorim, e se commettráram a tranqueira com muita determinação; mas acharam tal resistencia

cia nos Mouros, que a não pudéram entrar, e foi-lhes forçado recolherem-se com alguns feridos, em que entrou André Rodrigues Palhota, de hum espingardada pela boca, que lhe levou todo hum queixo com nove dentes: e nas mais das cousas, em que este cavalleiro se achou, sempre sahio escalavrado, porque em todas foi dos primeiros, e dos que mais se arriscáram, e melhor pelejaram; e se houvera de gastar o tempo em seus louvores, pudéra gastar muito, porque sempre mereceo muitos. Deste passo, em que Belchior Rodrigues estava, o mandou o Capitão Mór passar pera outro entre o arraial do Camorim, e tranqueira dos inimigos, onde já da primeira vez esteve; e no passo que deixou, mandou que ficasse Antonio Pereira Coutinho, que tinha vindo do Norte de socorro elle, e seu irmão André Pereira, cada hum delles em seu navio ás suas custas. E porque determinava de passar a artilheria á parte do Ariole, pera de lá bater a Fortaleza, mandou fazer duas tranqueiras: humna bem defronte do baluarte, que estava em guarda da barra; e outra no direito desta mais á borda da agua na costa brava pera reparo, e abrigo dos que haviam de desembarcar a artilheria naquelle parte, onde logo desembarcou tres peças grossas.

possas, com que em cinco dias continuos
 cerco o baluarte do inimigo, e lhe deram
 com toda a fronteira no chão, deixando
 caminho largo, e capaz de entrarem por
 alli os nossos; e nesta tranqueira, e bate-
 ria assistio Antonio Collaço.

Estando as cousas nestes termos, deram
 ao Capitão Mór cartas do Conde Almei-
 rante, em que o advertia que visse o co-
 mo se havia com aquella guerra, e que não ar-
 riscasse os homens por assaltos, e que fos-
 se estreitando o cerco até o inimigo se lhe
 entregar, porque assim ficaria a vitoria mais
 segura; e com isso outros avisos necessa-
 rios, e de Capitão prudente. Com esta car-
 ta convocou o Capitão Mór conselho, e
 lhe mostrou, e pediu lhe dessem todos seus
 pareceres sobre o que faria, tendo conside-
 ração ao tempo, que se havia acabando o
 verão, e chegando o inverno, e ao estado,
 em que o inimigo estava; e que se daquel-
 la feita se não concluísse aquelle negocio,
 devia que ficasse depois o Cunhale com a
 gloria de se defender dous annos dos nos-
 sos; e que passando dalli, quem seguraria
 se tornasse o Camorim a ella, e que o
 Cunhale a poder de muito dinheiro o não
 tornasse, e assim ficaria o Estado tendo
 os inimigos dobrados; e que por muito ca-
 bal, que depois mettesse, sem ter de sua

parte o Camorim, não poderia effectuar outra alguma. Sobre estas proposições votaram todos; e depois de muitas altercações, foram os mais de parecer que convinha ao Estado concluir-se aquella guerra o mais depressa que pudesse ser, e que se commettesse o inimigo por assalto, porque a guerra não se fazia sem risco; e que menos mal era morrerem cem homens, que ficar aquelle tyranno em pé, que custaria depois as vidas, e as fazendas a muitos. Que se commettesse o inimigo com todo o poder que alli havia, repartido em tres esquadrões, e por tres partes, porque na Fortaleza não havia poder pera acudir a tanto, e que assim facilmente se levaria nas mãos. Este assento assignaram todos, e se mandou ao Conde Almirante, que o não approvou, e mandou que se guardasse o que elle tinha mandado, e pelos Mosteiros dos Religiosos que encommendassem aquelle negocio muito a Deos, porque as cousas, que se não registam primeiro com elle, nunca tem bom fim.

Assentado este conselho, determinou o Capitão Mór André Furtado de Mendoga de o pôr em effecto, e pera isso foi visitar todas as tranqueiras da banda do Ariole, e deo ordem a todos os Capitães dellas de como se haviam de haver no dia do sal-

e assim repartio toda a gente, que
 foram dous mil Portuguezes, em tres ba-
 telhas: huma tomou pera si; e as duas deo
 a D. Francisco de Sousa, e outra a
 Antonio de Brito Fogaça; e encommendou
 todos que se confessassem, e commungas-
 sem, como o fizeram, occupando-se na
 quelle ministerio os Padres Francisco Ro-
 drigues, e Manoel Gaspar, da Companhia
 de Jesus; e outros Padres de S. Francisco,
 e S. Domingos, que todos disseram Mis-
 sa, a que todos os soldados, e Capitães
 commungáram. Andando-se o Capitão Mór
 preparando pera dar o assalto, chegou o
 Camorim da sua festa de Mamanga na en-
 trada de Março, e logo o Capitão Mór o
 foi visitar, e lhe deo conta do estado em
 que as cousas estavam; e a voltas disso lhe
 fez muitas queixas de seus Regedores, e
 Nôres, de quem em quanto elle Camorim
 esteve ausente não recebeu ajuda, nem fa-
 zer nem algumas das cousas das que se
 estipuláram, e que elle Camorim lhe dei-
 xou a todos tão encommendadas, de que
 o Camorim mostrou no exterior grande sen-
 timento, que pôde ser que o não tivesse
 no interior, porque era, e sempre fora fal-
 so, e fementido, e até então não tinha pro-
 seguido naquella guerra senão pelo que lhe
 a elle relevava, e assim disse muitas cou-
 sas

fas ao Capitão Mór, que o entendia muito bem; e assim se despediram hum do outro com muitos cumprimentos.

Tanto que o Camorim veio da sua festa, logo ao outro dia o mandou o Cunha-le visitar com muito dinheiro, e peças ricas, e a voltas disto lhe mandou pedir seguro, porque se lhe queria ir entregar; mas com condição que lhe havia de dar a vida a elle, e a todos os que com elle estavam. E isto trataram com elle os Mouros, que a isso mandou de feição, que lhe concedeo o Camorim, e lhe mandou o seguro que lhe pediu; e com elle se foram logo da Fortaleza duzentos e setenta Mouros, que os Naires do Camorim, e Belchior Rodrigues foram receber, pelo mandar assim ElRey, o que fizeram junto á tranqueira de madeira; e vendo Belchior Rodrigues tão boa occasião, entrou-a, e a queimou toda. E ainda passaram os nossos tanto adiante, que puzeram fogo a todos os navios, e casas, que havia entre huma tranqueira, e outra; e chegando á tranqueira de pedra, acudiram os Mouros, a cuja conta estava a guarda della, e travaram com os nossos huma muito aspera batalha. Desta revolta se deo recado ao Capitão Mór, que logo com muita pressa acudio a recolher os seus, porque lhe não aconte-

esse algum defastre; e nesta revolta foi fe-
 to em hum pé de hum estrepe dos mui-
 tos que havia ao longo do muro pela ban-
 de de fóra. O Camorim não ficou muito
 gostoso daquelle caso, por ver quanto os
 seus queriam levar a cousa pelo rigor das
 armas, desejando elle concluirlo pelo mo-
 do que tinha concertado com o mesmo
 Canhale, pelo muito que lhe tinha dado,
 e pelo que ainda esperava lhe dêsse. Ven-
 do o Canhale aquelle negocio, e a quei-
 ma da sua tranqueira, navios, e casas, hou-
 ve que o Camorim o enganava, pelo que
 tratou de se defender até perder a vida,
 e pera isso se recolheo na Fortaleza com
 os Mouros, que lhe pareceo bastavam, pe-
 los poucos mantimentos que tinha.

Aquella noite, que isto aconteceu, en-
 traram pela barra dentro dous navios, de
 que d'hum delles vinha por Capitão D.
 Manoel de Lacerda, e do outro D. Pedro
 Coutinho, que se quiz achar naquella guer-
 ra, por virtude de hum Provisão, que o
 Conde Almirante passou, com parecer da
 Relação, porque perdoava até certos an-
 nos de degredo, que lhe deram por hu-
 mas brigas que teve em mancebo, por
 cuja causa ficava inhabilitado pera ir en-
 trar na Fortaleza de Ormuz, com que es-
 tava despachado. Quiz-se remir delle com
 se

se achar presente naquella guerra, pera que negociou aquelle navio á sua custa, com muitos soldados com que gastou muito: e logo apôs elle começãram a entrar os navios que quizeram, como foram os de Gaspar de Mello, Gonfalo Mendes de Macedo, e Francisco de Macedo, que receberam muitas bombardadas do baluarte da barra, de que matãram hum soldado e o Gonfalo Mendes.

O Capitão Mór nas dilações do Camorim foi entendendo que hia naquella guerra tão lentamente pelas muitas dadivas que lhe o Cunhale dava, assim a elle, como aos seus Regedores: pelo que se determinou de concluir aquelle negocio, porque se hia gastando o tempo; e desta sua determinação avisou a todos os Capitães, e lhes disse, que havia de commetter o muro de pedra pera por elle entrar no sitio, e plantar suas estancias sobre a Fortaleza, e deo-lhes a ordem, que todos haviam de ter, e repartio suas gentes por esta maneira. A dianteira deo a D. Francisco de Sousa com quatrocentos soldados escollidos, pera commetter o muro pela parte do levante. André Rodrigues, o Palhota, que não estava bem são, com seiscentos homens pera entrar pela barra, e commetter o baluarte, que estava sobre ella, a que chamam

nam o Branco, e o Capitão Mór com mil e duzentos homens, em que havia a flor da Fidalguia, e soldadesca da Armada, para commetter o muro pela parte do Camorim, e logo repartio munições, e fez todas as preparações necessarias.

E aos sete de Março se passou o Capitão Mór á parte do Camorim, com quem se vio, e lhe deo conta de como estava resoluto em commetter as tranqueiras do Cuñale, e lhe pediu que elle com os seus Naires o seguissem, conforme as capitulações que estavam feitas, e elle por obrigação tinha. O Camorim vendo aquella determinação do Capitão Mór, respondeo-lhe com muita frieza, que deixasse aquelle negocio pera outro dia, que então faria tudo. André Furtado, sem lhe responder cousa alguma, foi marchando pera as tranqueiras, e chegou á de madeira, que estava queimada. Vendo o Camorim a sua determinação, foi-o seguindo com seis mil Naires; e chegando a elle, lhe disse, que elle estava alli muito prestes pera cumprir tudo o que lhe tinha prometrido; do que o Capitão Mór lhe deo os agradecimentos, e despedio a Pero de Bendanha com alguns soldados, e o Engenheiro Mór a reconhecer a tranqueira de pedra pela parte, por onde a elle queria commetter, o que elle fez.

fez com muito cuidado, e lhe deo particular relação de como estava.

Com isto mandou fazer o sinal, que tinha dado aos mais Capitães dos outros terços, e a elle arremetteram todos com aquella parede, que não teria mais de oito palmos de altura, mas muito larga: puzeram-lhe os peitos com muita determinação; e o primeiro que subio assim ajudado dos seus, foi o Capitão Mór, e com alguns se poz no releixo; porque hum pouco antes que o muro subisse, se foi estreitando, e fazendo hum parapeito com seteiras, pera dellas jogar a sua arcabuzaria. Tanto que o Capitão Mór se vio em cima, logo o muro se encheo de soldados, e foram demandar os baluartes, e guaritas, que os Mouros despejaram de pressa, e se foram recolhendo pera a Fortaleza com tanta revolta, e desattento, que ao entrar tomou fogo humia pouca de polvora, que alli tinham, que abrazou hum grande numero de Mouros. D. Francisco de Sousa, e André Rodrigues Palhota commetteram os baluartes, que lhes foram encomendados, e com a mesma facilidade os entraram, e ganharam. Com o que os nossos foram senhores de tudo o que havia da Fortaleza pera fora, e logo deram fogo á povoação, e bazares, donde já os Mouros tinham recolhido tudo o que havia.

Tanto que o Camorim vio tudo ganhado, deixou-se ficar em hum dos baluartes do muro, e com muita pressa mandou derribar todo o muro pelo chão, o que se fez em brevissimo espaço, por ter mais de quarenta mil Naires. E quando André Furtado se foi recolhendo do baluarte de sobre a barra, achou feita aquella ruina até os alicerces; e bem entendeu que se fizera por se elle não fortificar alli, com o que se teria tendo pouca necessidade delle, e de sua gente; e elle queria que sempre o Capitão Mór dependesse de sua ajuda, e favor. Os nossos soldados ordinarios, e os Naires começaram a cavar as casas, em que acharam cousas de pouco momento; e sobre ellas começou a haver algumas desordens entre huns, e outros; ao que mandou acudir o Capitão Mór com grandes penas, que nenhum Portuguez cavasse as casas, e que deixassem aos Naires rabiscar ella pouquidade que havia.

CAPITULO VII.

De como o Capitão Mór prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Camorim.

Vendo-se o Capitão Mór senhor da povoação, tomou pera sua estancia o baluarte da barra; e a André Rodrigues Palhota mandou que assistisse com quinhentos homens na Mesquita junto da Fortaleza, que o anno passado se tinha queimado, onde fez humra tranqueira pera sua segurança, e de dia, e de noite estavam com as armas nas mãos; porque foi o Capitão Mór avisado que os Mouros desesperados determinavam sair da Fortaleza, e darem nos nossos, e morrerem como amoucos. Aqui nesta tranqueira houve sempre trabalho, por ser muito perseguida da artilheria, e arcabuzaria da Fortaleza, de que lhes feriram alguns soldados. A D. Francisco de Sousa com o seu terço encommendou, que fizesse sua estancia no baluarte, que estava na guarda da porta da Fortaleza de pedra, que só ficou em pé; e em todos os mais lugares necessarios poz presidios, do que o Camorim se tomou muito, porque lhe disseram os Naires que se

le o Capitão Mór de tudo era sinal que se queria apossar da Fortaleza, e não cumprir o que estava capitulado entre elles. E tantas cousas lhe disseram sobre isto, que foi logo ao Capitão Mór ao baluarte de sobre a barra, que tinha já rodeado de hum vallo forte, por lhe ficar mais capaz: e nas práticas que tiveram, lhe disse o Camorim, que lhe não parecia bem ver a diligencia com que se fortificava em todas as partes, porque dava a entender ser aquella prevenção mais a respeito d'elle Camorim, que não do Cunhale, que já estava encerrado na Fortaleza, donde não podia sair, que lhe affirmava que não havia de consentir tal: e logo os Naires começaram a derrubar os valos, e querem-no fazer ao mesmo baluarte.

André Furtado ficou hum pouco suspenso naquella materia, mas logo tomou as armas com a soldadesca que tinha, e acudio a assaltar os Naires da obra em que estavam, como fez: e acudindo tambem o Camorim, lhe disse o Capitão Mór pelo Padre Francisco Rodrigues, que fortificar-se lhe era obrigação de todo o Capitão, que não fazia senão por ter os seus soldados recolhidos em seus presidios, assim por que os inimigos se lhe não pudessem sahir por alguma parte valia, como por se não dei-

desmandarem, e terem algumas differenças com os seus Naires, que elle sentiria muito, porque sua tenção era servillo em tudo, e não enojallo. O Camorim já mais brando lhe disse, que lhe parecia bem; mas que lhe dêsse hum daquelles baluartes pera se elle fortificar nelle. Do que se o Capitão Mór escusou com lhe dizer, que sem licença do Conde da Vidigueira Viso-Rey lho não podia consentir; porque tanto que ganhara aquelles fortes, já ficava obrigado a elles como por menagem: que se hásse elle Camorim delle, que em tudo o que nas capitulações lhe tinha promettido, lhe havia de cumprir muito a seu gosto.

O Camorim ficou daquillo muito apaixonado; e sem replicar, voltou, e se foi metter no baluarte, em que estava D. Francisco de Sousa, e disse-lhe que queria estar alli como seu soldado; do que D. Francisco avisou o Capitão Mór, que o mandou recolher, e que deixasse nelle o Camorim, que mandou dizer a André Furtado, que os Naires do seu Reyno tinham mais de quatrocentos Mouros pera fazerem outro Cambale, e lançar de suas terras quem lhe parecesse, que havia de estar em alguma parte dellas contra sua vontade, e gosto. Vendo o Capitão Mór aquelle despropósito de ElRey, lhe mandou re-
spon-

ponder, que elle em vinte e quatro horas conquistára, e senhoreára com menos gente da que então tinha, Reynos, e Reys, e que depuzera huns, e alevantára outros, e que lhe seria muito facil fazer-lhe outro tanto a elle, pois se queria alterar, e mostrar defarragoado sem causa. O Padre Francisco Rodrigues, que era o Interprete destas cousas, me disseram os Padres da Companhia, que não quizera dizellas ao Camorim tão cruas, e seccas, como lho elle mandava dizer, e assim com sua prudencia foi temperando o Camorim, e tendo mão nas cousas, porque via que se se descontentassem, se perderia aquella jornada. E todavia o Camorim mandou chamar os Meuros, que tinha em Panane, e toda a mais gente, que trazia em campo contra El Rey de Cochim, em favor do Caimal da Carugeira, a quem aquelle Rey fazia crua guerra, só a fim de divertir o Camorim das cousas do Cunhale contra o que tinha prometido ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Me-

Dessta tenção do Camorim foi André Partado avisado, e despedito hum catur ligeiro com cartas a El Rey de Cochim, em que o avisava da determinação do Camorim, pedindo-lhe que se a gente, que lá estava, fizesse mudança de si, lhe mandasse dar

dar nas costas, e os desbaratasse, e sendo realle a Curugeira como desejava, porque elle iria tambem dando no Camorim, e o desbarataria.

Parecia certo nestes desconcertos, que andava o demonio desenfreadamente metido nestas cousas, pera estorvar hum negocio de tanta importancia ao Estado da India; porque o Camorim, que foi liberdor da carta de André Furtado, esteve pera romper de todo com elle; mas o Padre Francisco Rodrigues o foi sempre moderando, e tendo mão em sua paixão, e divertindo-o della, fazendo nisso todos os officios, que lhe pareceram necessarios, pera que se não levasse mão daquelle negocio, que estava em muito bom estado.

O Capitão Mór como conhecia a variedade deste Rey, e sabia que o Cunhale havia de trabalhar por se remir com todo o dinheiro que tivesse, não quiz ficar nas mãos da mudança daquelles homens, mandou logo fabricar huma forte tranqueira ao redor daquelle baluarte, em que estava, onde não deixou entrar Naire algum, e o mesmo mandou fazer nas mais estancias, que tinha na mesquita pera segurar aquella jornada, porque mais se ficou receando do Camorim, que do Cunhale, e todos os mais presidios recolheu a si; dando-lhe or-

oalem que em sentindo alguma alteração, vellesem nos Naires como em inimigos. O Camorim tanto que vio recolher o Capitão Mór a si toda a soldadesca, que estava no baluarte da tranqueira de pedra, o mandou logo derrubar, porque os nossos se não tornassem a fortificar nelle.

Neste mesmo dia que isto succedeo, que foi aos dez de Março, entrou pela barra a barcaça, e foi surgir cento e sincoenta passos da Fortaleza, que começou a bater com dous basiliscos, que lhe derribáram hum lançaço do muro: e delle lhe responderam tambem com tiros tão certos, que pelos escotilhões lhe entráram pelouros, que com as rachas que fizeram na barcaça, feríram o Capitão della Luiz Fragofo, e matáram dous soldados.

E tornando ao Padre Francisco Rodrigues, lá moderou o Camorim de feição, que mandou dizer a André Furtado de Mendoga, que o queria ir ver, o que elle escutou muito; e tendo vigia em quando se abalava, se sahio do forte com toda a soldadesca posta em armas, em fórma de Lua, ficando elle em pé na porta. O Camorim chegou a elle com hum a alegria fingida, e se deram as mãos em sinal de amizade; e mandou-lhe dizer que fizesse o que quizesse, e o que lhe melhor parecesse, pera se

se dar fim áquella empreza, que delle fa-
va tudo, e que cessassem as paixões. An-
dré Furtado lhe respondeo com palavras
mui brandas, e cortezes, que elle não ha-
via de fazer mais que o que sua Alteza lhe
mandasse, e que seguiria sua ordem, por
que assim lho tinha mandado o Conde Vi-
sô-Rey. Com isto se despedio o Camorim
mais leve, e desassombrado; e ao apartar-
se, lhe deram os nossos a mais fermosa
salva de arcabuzaria, que alli se vio, de
que elle, e os Naires se foram bem at-
morizados.

Esta noite seguinte se foi dando bati-
ria á Fortaleza, allim da barcaça, como das
estancias, que estavam em terra com muito
terror, e na força della se foram offerecer
ao Capitão Mór Luiz de Almeida, João
Aranha, André Coelho, André Simões,
Salvador Mendes, Pero Jaques, hum João
Teixeira de Vasconcellos, e outros para
irem queimar hum vela de Cotonia com
que foram tapando hum pedaço do muro,
que lhe foi cahindo, que lhe elle deu. E
indo-se chegando ao muro com lanças de
fogo, começou de cima a chover sobre el-
les cardumes de pedradas, fréchadas, e es-
pingardadas, a pezar do que chegaram
estes valerosos soldados ás velas, por quem
o Luiz de Almeida metteo hum lança de
fo-

fogo, que toda se desfez dentro, e accendeo huma grande labareda, que metteo a todos os da Fortaleza em revolta; e com muitos gritos, e alaridos acudiram áquelle parte, cuidando que eram entrados, ficando alguns Mouros abrazados; e os nossos se recolheram a seu salvo, tirando sómente Luiz de Almeida, que ficou queimado na mão esquerda.

CAPITULO VIII.

De como o Cunhale se entregou ao Camorim: e de outras cousas que succederam.

A Bateria se foi continuando sem cessar hum momento de modo, que não dava lugar aos inimigos reformarem as ruinas. E o Cunhale estava em tal estado, que por de todo lhe faltarem mantimentos, se veio a valer de grande montaria de ratos mui grandes, que salgou em jarras, com que se hia entretendo; e apertou a necessidade tanto com todos, que se affirmou que chegiram a estado de comerem os mortos. Em fim, chegaram a tão extrema necessidade de mantimentos, que mandaram os principaes pedir seguro ao Camorim para se passarem a elle, que lhe mandou; e apresentados diante d'elle, lhe disseram da

parte do Cunhale , que lhe pedia muito houvesse delle misericordia , que se lhe queria entregar, promettendo-lhe a vida a elle, e aos que com elle estavam; o que elle concedeo , e lhe passou pera isto suas Ollas. Este negocio mandou o Camorim communicar com o Capitão Mór, pedindo-lhe que o houvesse assim por bem, que elle lhe promettia de lhe entregar Cunhale vivo, e alguns de seus Capitães. Elle lhe mandou dizer, que fizesse Sua Alteza o que quizesse, que elle era de tudo muito contente. Com esta resposta do Capitão Mór concedeo o Camorim treguas ao Cunhale por dous dias, pera nelles tratar de sua entrega. E temendo o Capitão Mór que nos dias das treguas se sumisse o Cunhale, e seus Capitães, por ordem do Camorim mandou Diogo Moniz Barreto com trezentos soldados, pera que fosse fazer huma tranqueira da banda do Norte perto da Fortaleza, e á borda do rio, e ficalle nella com grandes vigias, pera que por aquella parte não sahisse alguém da Fortaleza. Os dias das treguas hiam-se acabando, e o Cunhale não se entregava, do que o Capitão Mór teve má suspeita, porque receava que o Camorim a poder de dinheiro desse desvio a todos os que estavam na Fortaleza, pera não virem a mãos do Capitão Mór.

Pelo que mandou dizer ao Camorim, que concluisse com aquelle negocio, que era tempo, senão que commetteria a Fortaleza, e a escalaria, e passaria todos os que nella achasse á espada. A isto lhe mandou o Camorim responder, que não tinha concluido aquelle negocio, porque via os seus soldados tão inquietos, que temia que houvesse na entrega alguma desordem com os seus Naires.

Mas logo assentou o Camorim com o Cunhale, que ao outro dia se entregasse, que eram dezeseis de Março; e mandou pera isso recado ao Capitão Mór, que se foi chegando com toda a sua soldadesca para a tranqueira, em que estava Antonio Pereira Coutinho junto da Fortaleza na mesquita, onde primeiro esteve D. Francisco de Sousa, aonde o Camorim tambem se foi com todo o seu poder; e o Capitão Mór deitou os seus soldados mui bem ordenados da parte do Ponente, e o Camorim ficou da do Levante, deixando entre hum, e outro exercito hum caminho largo, para o que se derribou hum pedaço daquelle tranqueira; e ao tempo que o Cunhale havia de sahir da Fortaleza, mandou o Capitão Mór a Antonio Pereira Coutinho com quarenta soldados, e o Camorim hum Regedor com outros tantos Naires para irem

receber o Cunhale á porta da Fortaleza. O Camorim estava de todo desconfiado, porque temia que ao sahir o Cunhale entrassem os nossos na Fortaleza (que era o em que elle tinha o olho) e a saqueassem, que era o porque dilatou alguma coisa aquelle negocio. André Furtado de Mendouça, que o entendeo bem, lhe mandou dizer que acabasse já com suas dilações, senão que entraria a Fortaleza por força, e tomaria o Cunhale. Vendo o Camorim esta resolução, mandou-lhe dizer que se não apaixonasse, que logo se faria tudo.

Dalli a pouco começaram a sahir da Fortaleza os Mouros, que feriam quatrocentos, muitos delles feridos, e queimados, e logo as mulheres, e meninos tão debilitados todos, que pareciam defuntos, a quem o Camorim disse que se fossem pera onde quizessem. Por derradeiro sahio o Cunhale com huma touca preta, e a espada na mão com a ponta pera baixo. Seria a este tempo homem de cincoenta annos, meão de corpo, refeito, e espadado: vinha no meio de tres Mouros principaes. Hum delles era Chinale, casta Chiana, que fora creado em Malaca, e dizem que cativo de hum Portuguez, que em moço foi cativo em huma fusta, e levado a Cunhale, que se affeiçãoou tanto a elle, que se

se lhe entregou todo. Foi o mór professor da seita dos Mouros, e inimigo dos Christãos que todos os do Malavar; porque peza os que cativavam no mar, que logo eram levados alli, inventava os mais exquisitos generos de tormentos que se víram, com que os martyrizava.

O Cunhale foi-se direito ao Camorim, e lhe entregou a espada em sinal de rendimento, e se lhe debruçou aos pés com muita humildade. Dizem alguns que pelo que elle tinha promettido de lhe dar a vida, tinha mandado dizer em segredo ao Capitão Mór, que ao tempo que o Cunhale se lhe entregasse, lançasse mão d'elle, como que lhe fazia força pera sua satisfação; o que o Capitão Mór fez. Porque tendo-o o Camorim consigo, se chegou André Furtado de Mendoça, e o tomou por hum braço, e puxou por elle pera fora, e a estaferrar d'elle deo hum solavanco muy grande por se soltar; e como isto era á borda de hum cava, esteve o Capitão Mór ariscado a cahir nella, se o não tivera por hum braço o Padre Fr. Diogo Homem, Religioso da Ordem do Glorioso Padre S. Francisco, que estava junto d'elle de hum parte, e da outra Diogo Moniz Barreto, que foi cahindo na cava, e esfolou toda humo perna. A isto se alevantou hum rebo-

bolico entre os Naires com que muitos dos nossos se desordenáram, ficando o Capitão Mór com poucos, que se puzeram diante dos Naires, e lhe tiveram o encontro. Mas logo o Camorim mandou que cessasse o reboço, e não bullissem consigo. E nesta revolta hia já o Chinale fugindo, e com elle Cotiale, sobrinho do Cunhale, se os nossos soldados os não víram, que lançáram mão delles, e os leváram ao Capitão Mór, que estava asserrado no Cunhale, que entregou a Antonio Pereira Coutinho, pera com os outros os levar á sua estancia, que era o baluarte de sobre a barra, que o levou por hum braço, e Luiz de Almeida por outro, e com huma boa companhia de soldados de guarda.

Feito isto, tomou o Capitão Mór o Camorim pela mão, e entrou com elle na Fortaleza, e lhe disse, que elle em nome de ElRey de Portugal, e do Conde Almirante Viso-Rey lhe concedia tudo o que havia dali pera dentro, tirando a artilheria, que se havia de partir pelo meio, como estava assentado: que elle o deixava de posse de tudo; e chamando os Capitães com seus soldados, sahio-se pera fóra. E no terreiro vio estar hum Padre com hum Crucifixo levantado; e em o vendo, se prostrou pelo chão diante delle com os olhos arrazados,

e

e banhados em lagrimas , e lhe deo muitas graças por aquella mercê que lhe fizera , com palavras de muito bom , e catholico Christão , e reconhecido de tamanhos beneficios , como tinha recebido daquelle Senhor. E porque os soldados estavam alterados por lhes não darem quinhão no saque da Fortaleza , os foi o Capitão Mór quietando com muitas promessas que lhes fez. E deixando o Camorim no seu sacco , e despojo , se foi recolhendo pera o baluarte , onde achou o Cunhale tão triste , como homem que de esperanças de Rey o puzera a fortuna na miseria , e desventura do cativo. Elle em vendo o Capitão Mór se lhe humillhou , e elle o alevantou , e consolou com palavras muito honradas , e lhe mandou alli lançar duas pontas de cadeia em hum pé ; e ao sobrinho , e Clinale outras duas , e os mandou pera a galé , mandando a seus criados que o servissem como a sua propria pessoa.

Aquelle dia gastou o Capitão Mór em armar muitos cavalleiros , e o Camorim em despejar a Fortaleza de tudo o que nella achou , que ainda montou humma muito arrazoada quantidade de fazenda , posto que não houve dinheiro , nem pedraria. E presumio-se que passara seu thesouro , que era grande , ao rio de Tremapatão a mãos de

de parentes que alli tinha, em que todo se sumio. A artilheria se tirou da Fortaleza, e se partio pelo meio, e a que coube ao Estado mandou o Capitão Mór embarcar nas galés.

Vendo o Camorim a liberalidade de que o Capitão Mór usou com elle em lhe dar todo o recheio da Fortaleza, por se lhe mostrar agradecido, mandou-lhe entregar quarenta Mouros dos mais honrados de Cunhale, que depois morreram todos em Goa no tronco por ordem do Conde Viso-Rey; e porque se fazia tempo de se partir pera Goa, mandou o Capitão Mór derribar toda a Fortaleza, sem lhe ficar pedra sobre pedra; e á povoação, bazares, e mesquitas mandou pôr fogo, deixando tudo o que alli foi escondido debaixo das cinzas. Tudo isto aconteceu aos vinte e dous de Março.

Certo que não sei qual foi a razão, por que estando concedido no contrato das parzes, que daria o Camorim lugar pera se fazer Fortaleza no porto de Calecut, se não pediu antes neste rio do Cunhale, e esta que estava já feita, e mui bem acabada, pera onde, segundo o parecer de alguns, se havia de mudar a fábrica da de Canzoor; porque não sei que fundamento se teve em se fazer, onde não ha porto, nem

nem recolhimento, mais que huma bahia
 foyente, e esta desabrigada, e sem cousta,
 onde se possam recolher nossas Armadas
 em huma tormenta, nem lugar pera pode-
 rem invernar, varadas sem risco de as quei-
 marem, como fizeram algumas vezes a al-
 guns navios. E neste rio de Cunhale ha tu-
 do isto, por ser capaz de entrarem nelle
 vinte galés, e onde póde invernar toda hu-
 ma Armada do Malavar mui bem accom-
 modada; e aqui o ficariam melhor os ca-
 sos, por terem lugar mais estendido que
 em Cananor, pera fazerem seus palmares,
 e suas hortas. E o Viso-Rey Ruy Louren-
 so de Tavora me disse ha poucos dias,
 que ElRey mandava que se fizesse huma
 Fortaleza no Malavar, pedindo-me que lhe
 dissesse onde seria melhor, lhe disse isto
 mesmo que neste rio; mas que se havia de
 fazer a de Cananor. O respeito por que
 se fez, foi pela carga, que se dava ás pri-
 meiras Armadas de gengivre, e de algu-
 ma pimenta. Isto cessou; porque ha já tan-
 to d'isto pelos portos do Canará, que po-
 dem carregar nelles todas as náos que vem
 do Reyuo. Mas pera estarem tão mal pro-
 vidas, como as do Canará, e Cananor, me-
 lhor, e mais honrado estado será não nas-
 herer, que terem-nas a risco de as toma-
 rem os vizinhos cada vez que quizerem,

que

que será huma affronta muito grande. To-
quei isto assim de passagem, por me cair a
proposito; e bem he praticar de tudo pera
se lançar mão do que melhor parecer, e
pera se advertir no que tanto convem, co-
mo he a reformatão das Fortalezas da India.

CAPITULO IX.

*Do que mais passou o Capitão Mór André
Furtado de Mendouça com o Çamorim, e
se partio pera Goa: e do que lhe suc-
cedeo com o Conde Almeirante Viso-Rej-*

Concluido aquelle negocio do Cunha-
le, os Capitães das Armadas, que al-
li foram de soccorro, pediram licença a
André Furtado pera se irem, pois não ha-
via já que fazer, e elles estarem faltos de
tudo, que lhe elle deo, tendo com todos
grandes cumprimentos, e palavras de agra-
decimentos. E ás Cidades, e Capitães del-
las escreveu cartas do mesmo, e assim se
partiram huas pera o Norte, e outras pe-
ra o Sul. E despedio D. Fernando de No-
ronha com hunha galé, e seis navios pera
ir dar guarda a tudo o que hia até Cochim,
e ás barcaças que já não podiam ir pera
Goa, e de lá passar ao Cabo do Çamorim
a recolher as náos da China, Malaca, Ma-
lu-

luco , e Bengala , e as cafilas da costa de Choromandel ; o que tudo fez com muito cuidado , e diligencia de modo , que tudo poz em Cochim a seu tempo seguramente.

E pera a costa do Canará despedio por Capitão Mór a D. Francisco de Souza com a sua galé , e outros cinco , ou seis navios , para recolher aquellas cafilas de mantimentos , e levallas a Goa , o que tudo fez muito bem. E querendo ultimamente partir-se para Goa , foi-se ver com o Camorim , e a despedir-se delle , e entre ambos elles se passaram grandes cumprimentos , e offercimentos , e o Camorim lhe mandou passar em huma lamina de ouro algumas couzas que lhe prometteo , que eram as seguintes.

Obrigou-se por si , e seus successores , que em quanto o Sol , e a Lua allumiassem o mundo , teriam sempre paz , e amizade como com o Estado da India.

Obrigou-se mais , que por espaço de vinte annos se não tornaria a povoar aquella sítia de nação alguma ; e de Mouros nunca , e que nunca mais se tornaria a levantar Fortaleza.

Obrigou-se mais , que a todo o tempo que naquelle rio entrassem navios de cofrairos , seria o Ariole obrigado aos entreatos a qualquer Capitão de ElRey de Portugal , que andasse por aquella costa. Com

isto se despediram, e o Camorim mandou embarcar em sua companhia seus Embaixadores, com os capitulos das pazes pera o Conde Viso-Rey as jurar. E aos vinte e cinco de Março a hum sabbado se fez o Capitão Mór a véla, e ao outro dia chegou a Cananor, determinado em não passar dalli, por ser semana de Endoenças, e ao desembarcar foi recebido do Capitão, e povo, e lhe fizeram as festas que a Fortaleza podia dar de si; e alli se confessou elle, e todos os mais da Armada.

Aqui lhe deram cartas do Conde Almeirante, em que lhe mandava os agradecimentos da vitoria, que o Conde festejou muito em Goa: e tambem lhe pedia que com toda a Armada que tinha voltasse a Coulião, e desfizesse huma Fortaleza, que o Rey de Travancor lha fazendo vizinha á nossa, por ser affronta do Estado dissemular com ella. André Furtado de Mendoca ajuntou os Capitães logo a conselho, e nelle leu a carta do Viso-Rey, e sobre isso propoz o que convinha ao serviço de ElRey naquelle negocio; e votando todos, disseram, que estavam quebrantados da guerra, e faltos de tudo, e que ao presente não estavam pera novos gastos, e trabalhos. Quanto mais que o tempo era gastado, e que não podia aquella Armada tor-

nar a invernar a Goa; e que se tornasse, se-
 ria já tão tarde, que viriam arriscados a
 perderem. E vendo elle que todos ti-
 nham razão, e justiça, deo á vèla pera Goa,
 e de caminho foi visitando, e provendo as
 Fortalezas do Canará, e arrecadando da-
 quelles vassallos as pareas que deviam, e
 recolheo as casilas, que alli achou carre-
 gando de arroz. E aos onze de Abril des-
 te anno de seiscentos chegou á barra de
 Goa, donde escreveu ao Conde Almiran-
 te de sua chegada, e lhe mandou o assen-
 to do Conselho, que se tomou sobre tornar
 a Coullão, como lhe escrevera. Mas que por
 falta de tudo estava prestes pera voltar
 aquelle negocio, provendo-lhe a Armada,
 que trazia desbaratada, e falta de tudo, e
 que offerecia a ir invernar naquella Fortale-
 za de Coullão, e desfazer a que o Rey de
 Travancor fazia, como fez a de Canhale,
 tudo pela boa ventura d'elle Viso-Rey. A
 isto lhe respondeo o Conde Almirante que
 entrasse embora, porque já não havia tem-
 po pera nada, que lá lhe ficaria outro po-
 ra fazer tudo, e que descansasse em Pan-
 gim, até se lhe apparelharem as festas, que
 mandado á Cidade lhe fizessem.
 Parecendo á Cidade que tinha obriga-
 ção fazer a este Capitão algumas honras pe-
 las boas venturas que lhe Deos dera na

vitoria que alcançou contra aquelle cofai-
ro, de que resultou tanta honra, e provei-
to ao Estado da India, deram de tudo is-
to conta ao Conde Almirante, que lhe dis-
se que era bem fazerem-se-lhe festas. Com
isto mandaram os Vereadores visitar a An-
dré Furtado, e dar-lhe os parabens de sua
vinda, e pedir-lhe juntamente que se deti-
vesse em Pangim, onde estava, tres, ou qua-
tro dias, em quanto se preparavam as fes-
tas, pera o receberem, por lhe ser tudo o
que se lhe pudesse fazer muito menos do
que merecia; porque todos confessavam que
libertára o Estado, que tão opprimido, e
derribado o trazia aquelle cofairo com suas
Armadas. André Furtado lhe agradeceo
aquella vontade, e que por lha fazer ef-
peraria os dias que lhe pediam: e assim
tanto que tiveram tudo preparado, o man-
daram avisar.

Sabendo o Conde Viso-Rey que hia o
Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a Pan-
gim visitar André Furtado; e porque sou-
be que determinava trazer diante de si Ci-
nhale, encarregou ao Arcebispo lhe dissesse
se que não couvinha; e que todos os Ca-
pitães antigos que naquelle Estado cativa-
ram grandes Capitães, os mandáram senten-
pre da barra antes de entrarem; e havia
poucos dias fizera o mesmo Thomé de Sou-
za

Coutinho a Miralibeque, Turco de na-
 ção, de quatro galés, que lhe tomou em
 Mombaça; e André Furtado respondeo que
 traria até o caes, e dalli o levassem pe-
 ra o tronco. E por isto estar concertado
 desta maneira, veio a Armada entrando to-
 da embandeirada, acompanhada de outras
 muitas embarcações, que acudiram da Ci-
 dade, e de Bardés mui enramadas, com o
 que o rio ficou quasi entulhado; e por el-
 le dentro se vieram desfazendo com bom-
 baldadas, e grandes estrondos de instru-
 mentos bélicos, e alegres, de tambores,
 pífaros, charamellas, e trombetas. E an-
 tes de surgirem no caes defronte dos apo-
 sentos do Viso-Rey (donde até á Sé, on-
 de haviam de ir em procissão dar graças
 a nosso Senhor pela mercê, que lhe fizera
 da vitoria, que alcançou do Cunhale, ti-
 nha a Cidade tudo cuberto de arvores, e
 ramos verdes, e á porta da Cidade esta-
 vam os Vereadores; e o Arcebispo espe-
 rando por elle) se adiantou hum dos navios
 da Armada, em que vinha hum criado de
 André Furtado, que por sua ordem lançou
 no caes quatro, ou cinco Mouros, que os
 mouros logo matáram ás pedradas, sem to-
 ler a justiça que alli estava lhe poder va-
 ler. E ficou o povo com isto tão alterado,
 que temeo o Conde Viso-Rey que houves-

se humia grande desordem; e por isso mandou pelo Licencçado Lisuarte Caciro da Gram, que servia de Ouvidor Geral do Crime, dizer a André Furtado que com a desordem que fizera o seu criado em lançar os Mouros na praia se alterára tanto o povo, que temia houvesse alguma grande desordem com a vista do Cunhale: pelo que lhe pedia houvesse por bem deixallo na galé entregue ao Ouvidor Geral, pera, como elle passasse pera a Sé, o levar ao tronco. Ao que André Furtado replicou. E o Ouvidor Geral foi tão pouco cortezão, que sem tornar ao Viso-Rey com a resposta, que lhe André Furtado deo, insistio em cumprir a ordem que lhe dera, de que resultou ir-se André Furtado pera a Madre de Deos. Sabendo o Conde a occasião da sua ida, mandou logo chamar o Ouvidor Geral, e perante muitos Fidalgos velhos, e graves lhe perguntou o que passára com André Furtado; e contando-lhe o que ficado, o reprehendeo o Viso-Rey mui asperamente, porque lhe não viera com recado; e pois sabia tão pouco que arriscava hum homem de tantos merecimentos, e que sua Magestade estimava muito, que puzesse a vara, e se fosse suspenso pera sua casa, onde o teve dous mezes. E se lhe tornou a vara, foi por André Furtado perlevar em seu

seu arrufo, e não se querer reduzir, tentou o Viso-Rey com elle muitas satisfações pelo Arcebispo, e por João Rodrigues de Torres, Veador da Fazenda, e outras pessoas de authoridade.

E considerando o Conde Viso-Rey os merecimentos deste Fidalgo, dissimulou a pouca ponderação com que commetteo a sua, que fez pera a Madre de Deos, sem lhe fallar, nem dar conta do succedido na jornada: entendeu-se imaginára, ainda que com pouca razão, que o Viso-Rey pelo desgostar não quizera que levasse Cunha-le diante de si na procissão com que o escravaram esperando; inormente fazendo o Viso-Rey tantas demonstrações, como foi suspender o Ouvidor Geral, e mandar-lhe dizer por vezes, que lhe daria todas as satisfações que delle quizesse. E nem este seu termo foi parte pera o Conde deixar de escrever muitos louvores d'elle a sua Magestade, sem lhe fallar no que usou neste anno sem bastante fundamento.

Es-aqui hum espectáculo do mundo, e hum espelho, em que se haviam de ver todos os que a fortuna alevantasse a grandes honras pera se temerem, e recearem de seus revêzes, e trazerem aquella sentença da Sabedoria escrita na alma, que diz, que o pesar occupa os extremos da alegria.

E assim vereis que nunca o mundo dá hum
gosto, que logo junto d'elle não dê outro
desgosto, que ainda que seja pequeno, dá
mór pena, do que dá de gosto o contenta-
mento, por grande que seja. E porque Fi-
lippe, pai de Alexandre, entendia isto co-
mo prudente que era, dando-lhe hum dia
tres novas boas juntas, poz os olhos no
Ceo, e fallando com seus deoses, disse:
*Peço-vos, deoses, que permittais que o re-
ves destas novas não seja igual a ellas, e
não tão moderado, que possa eu com elle.*
E deixando isto, a mim me affirmaram que
estiveram os soldados quasi determinados
a deitar o Ouvidor Geral ao mar: a esta
alteração dos soldados acudio André Pur-
zado, que os entendeu, e os quietou, e
apazigou, deixando-lhe a paixão pera
lugar. O povo todo sentio isto muito
grande alvoroço com que esperavam pelo
Capitão: e o Arcebispo, e Cidade se re-
colhéram enfadados, e com grande desg-
to de desfamar em vão o gosto, com que
o vinham esperar, e logo os rapazes des-
fizeram tudo, e deram com os ramos des-
chão. O Ouvidor Geral levou o Cunhale
ao tronco, e os mais Mouros que vinham
com elle; e os Embaixadores do Camorim
foram desembarcados, e muito bem aga-
zalhados; e depois os ouvio o Conde, e
lhes

lhes fez muitas honras, e jurou as pazes, e logo os despedio pera suas terras nos pe-
 niches, que mandou invernar a Cananor,
 e lhes deo muitas peças, e ao Camorim
 mandou muitos agradecimentos de sua per-
 severança, e trabalho, que teve naquel-
 la jornada.

CAPITULO X.

*Da procissão que o Conde fez em fazimen-
 to de graças a Deos nosso Senhor pela
 vitoria que alcançou do Cunhale.*

Tanto que o Conde Viso-Rey convales-
 ceo da grande enfermidade que teve
 em todo o inverno, quando Andre Furta-
 do chegou a Goa, ordenou huma procis-
 são, pera dar graças a nosso Senhor pela
 vitoria que alcançara por seus Capitães de
 General Marcá, que se fez da Sé a S. Do-
 mingos com toda a solemnidade possível;
 e antes de sahir da Sé, offereceo o Conde
 huma peça de borcado, e quinhentos Xe-
 rasins pera os feitos, e guarnições de hum
 ornamento, que della mandava fazer. E
 passando a procissão pela Misericordia, en-
 trou dentro o Conde, e offereceo mil Xe-
 rasins em dinheiro pera casamento de or-
 fans, que logo se casaram, e em S. Domin-
 gos

gos offerrecco duzentos Xerafins pera hum
 ma peça da Sacristia; e todas estas of-
 fertas fez o Conde de sua propria fazen-
 da, imitando nellas os famofos, e valero-
 sos Capitães Affonso de Albuquerque, e
 D. João de Castro, que assim o costumáram
 fazer, quando lhes Deos nosso Senhor con-
 cedia alguma vitoria. E passou hum Pro-
 visão ao Cabido da Sé de Goa de cento
 e sincoenta Xerafins em cada hum anno,
 com obrigação de festejarem com Vesperas,
 e Missa cantada dos Anjos, de que o Con-
 de era devoto, todos os annos o dia, em
 que se alcançou esta vitoria, e que iriam
 em procifsão a S. Domingos. E no anno
 de 670. alcançou o dito Conde, sendo Pre-
 sidente do Conselho da India, confirmação
 desta mercê de Sua Magestade. E o meimo
 ordenou o Viso-Rey D. João de Castro pe-
 la vitoria que alcançou em Dio, como fi-
 ca dito em seu lugar. E tambem o Viso-
 Rey Mathias de Albuquerque ordenou ou-
 tra procifsão no dia, em que alcançou vi-
 toria no Morro de Chaul; mas não affen-
 tou por isso porção ao Cabido, como tem
 estouras.

CAPITULO XI.

De como foram sentenceados por justiça o Cunhale Marca, e Chinale.

DEixámos o Cunhale no tronco de Goa, e com elle o Chinale, e os mais Mouros que dissemos, sobre quem se teve sempre muita vigia até ser tempo de se fazer delles justiça, que suas culpas mereciam, que se senão fez mais apressadamente, foi porque a enfermidade do Conde se hia agravando mais, e não lhe dava lugar para entender nisto; mas tanto que se foi achando melhor, mandou aos Desembargadores, que verbalmente sentenceassem á morte Cunhale por levantado a seu Rey, e senhor natural, e por pirata inimigo de Christãos. Respondêram os Desembargadores, que havia de correr ordinariamente, de que infirio o Conde Viso-Rey que tinham algum intento particular, e mandou ao Ouvidor Geral preparasse os autos, e elle lhe mandou, como Assessor de Capitão geral, escrevesse sentença de morte, que foi executada, como logo abaixo se verá, e o Conde assignou conforme ao seu regimento. Pelo que se formáram autos contra elles, e o Promotor da Justiça veio com seu libello, que provou bastantemente. E

pe-

pelos merecimentos dos autos, e da ver-
 dade sabida, e notoria, foi sentenciado
 que morresse degollado, e que seu corpo
 fosse feito em quartos, e postos pelas praias
 de Bardés, e Pangim, e que a cabeça fos-
 se salgada, e levada a Cananor, onde a
 arvorariam na praia sobre huma ^{halta} pe-
 ra terror, e espanto dos Mouros, e vissem
 em que veio parar hum tyranno, que uz-
 zia lopezados, e tyrannizados a todos. O
 dia d'antes, em que se esta sentença havia
 de executar, mandou o Conde fazer hum
 cadafalso de madeira no terreiro do paço,
 e sobre elle foi posto o Cunhale, que na
 quelle acto mostrou muito animo. Mas pri-
 meiro que chegasse a este estado, foi mui-
 tas vezes convidado, e amoestado, que se
 quizesse metter no rebanho de Jesu ^{Christo}
 nosso Senhor, por muitos Religiosos de
 todas as Ordens, que trabalharam bem nill-
 so, por ganharem aquella alma, e a tra-
 zerem á manada do Senhor. O que elle não
 quiz acceitar; porque esta nação de Mou-
 ros Arabios desta casta Naireas, que cui-
 do este era, de maravilha acceitam rardes
 contra a falsidade de sua lei, e crença. Posto
 o Cunhale em cima do cadafalso, estando
 o terreiro do paço todo cheio de gente,
 que concorreo a ver aquelle espectáculo;
 alevantou hum Porteiro a voz, dando hum
 pre-

pregão, em que dizia a causa, por que mor-
tia o Cinhale Marca, que era por traidor a
seu Rey, e senhor natural, e por pirata,
e cossario, e grande perseguidor de Chri-
stãos, que martyrizava com exquisitos ge-
neros de tormentos, e outras culpas dia-
bolicas: e logo foi posto no cepo até on-
de chegou com muito acordo, e cortáram-
lhe a cabeça fóra dos hombros, como trai-
dor.

Depois dahi a alguns dias se tirou Chi-
zale pera se fazer delle a mesma execu-
ção; mas a este coube-lhe melhor sorte,
porque como em moço se creou entre os
Portuguezes, foi mais facil a se render, e
pedir que o baptizassem, declarando-lhe os
Padres que nem por se fazer Christão ha-
ria de deixar de padecer, porque as leis
do Reyno se haviam de executar; mas já
que perdia a vida do corpo, não quize-lle
perder a da alma. Ao que respondeo, que
muito bem sabia aquelle negocio: que o
baptizassem, que elle só por amor de Deos
queria ser Christão, e não por temor da
morte, nem porque cuidasse que lhe haviam
por isso de dar a vida; e assim foi bap-
tizado, e se chamou Bartholomeu, mostran-
do no exterior vontade, e gosto, e depois
foi tirado a justiça, e levado ao pelouri-
nho acompanhado da santa Misericordia,

e dos meninos orfãos, que foram rogando a Deos por elle, e seu corpo foi enterrado em lagrado. Todas estas cousas deixou o Conde Almeirante aos Ministros da Justiça, pera que fossem executores dellas. O sobrinho do Cunhale, e os outros Mouros, que vieram presos a Goa, no tronco del- le se consumiram todos poucos, e poucos, porque os ajudaram: e passaram de trinta entre Christãos, e Mouros os da casa de Cunhale, que o Conde Viso-Rey tirou do mundo, e nenhum, que houve á mão, lhe escapou.

C A P I T U L O XII.

Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Viso-Rey provêo: e Armadas que foram pera fora: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor.

Falta-nos só deste verão continuar com a Armada do Norte, que andava por Capitão Mór Goterre de Monroy de Beja, que deixámos pera este lugar, porque as cousas do Cunhale nos occuparam todo o tempo, e tambem porque não succedeo cousa notavel. Partido este Capitão de Goa, foi correndo a costa do Norte até á barra de

de Surrate, onde ficou esperando pelas náos, que haviam de vir de Méca; e passada a monção dellas, atravessou á Fortaleza de Dio a recolher o rendimento daquella alfandega, pera o mandar pera as necessida- des do Estado, que eram grandes, pelas muitas despezas que o Conde Almeirante tinha feito na jornada de Cunhale, e nas mais Armadas. Esta jornada fez com cinco navios, e os mais despedio pera outras partes em busca de alguns ladrões, de que este verão houve poucos, por estarem todos occupados na defensão, e guerra de Cunhale. E indo elle na volta do mar com grandes mares, e vento, como de ordinario ha naquelle golfo, no meio d'elle encontrou huma não de Méca, que commeteo, e a rodou com os navios, e a foi batendo com a artilheria por todas as partes, por não ser possível abordalla pela grossidão dos mares, porque se desfariam nella os navios; e dous dias continuos a foi perseguindo, e a poz em tanto aperto, que lhe fez alijar ao mar muitas fazendas. Em fim, por ser o vento muito rijo, e ter grande velame, e hombros, se foi acolhendo, e çafando dos nossos navios com muita gente morta das bombardadas, e arcabuzaria. E chegando a Dio, arrecadou o dinheiro, e recolheo os navios com que voltou pera Baçaim, onde lhe

Ihe deram cartas do Conde Almeirante, em que o mandava chamar, pera ir com elle na jornada que cuidava fazer a Cunhale, que foi contrariada do Conselho, como temos dito, com o que se partio pera Goa. E chegando á barra, achou recado que se tornasse, porque já cessára sua pertença; pelo que se tornou pera a costa do Norte, e por ella andou dando-lhe guarda, e segurando os mercadores, pera livremente poderem navegar; e neste exercicio andou todo o verão, e no fim d'elle se recolheu a Goa com as castilas de todas aquellas Fortalezas.

Neste tempo se recolheu tambem D. Fernando de Noronha, que André Furtado despedio de Cunhale pera o Cabo do Camorim, e trouxe hum grande canla de náos, e navios, e nella mandou ElRey de Travancor hum Embaixador, pessoa principal de sua casa, chamado Iriniachia Pola, a tratar de pazes com o Conde Almeirante, que elle recebeu mui honradamente, e logo o ouvio pera o tornar a enviar nos navios, que haviam de ir pera Cochim. E da parte do seu Rey deo muitas satisfações ás Fortalezas, que tinha feitas, afirmando que as não alevantára com tenção de prejudicar á nossa de Coullão. Que elle se mandava offerecer pera fazer muitas demonf-

trações de amigo, e estar por todos os capitulos, e condições de pazes que se lhe puzessem: e que elle trazia poderes do seu Rey pera aceitar tudo, e pera as jurar conforme a seu costume. A este requerimento satisfez o Conde ao Embaixador com lhe dar huns apontamentos assignados por elle das cousas a que aquelle Rey se havia de obrigar, pera demonstração da amizade que pedia com o Estado, que sam os seguintes:

» Se El Rey de Travancor quer ser irmão em armas de El Rey de Portugal, ha de fazer as cousas seguintes.

» Primeiramente ha de dar licença pera se prégar o Sagrado Evangelho em suas terras livremente a toda sorte de pessoa, sem a isso haver contradicção alguma. E todos os que se fizerem Christãos, não perderam os officios, honras, dignidades, ou cargos alguns, que antes d'isso tivessem; nem por isso perderam cousa alguma de suas fazendas, que poderão deixar a quem quizerem; ou herdarem seus herdeiros, sem se n'isso entremetter El Rey em cousa alguma, nem seus Regedores, e Officiaes.

» Que se poderão edificar as Igrejas, que forem necessarias, pera a Christianidade em todas suas terras, nos lugares que

» que parecerem bem aos Padres que an-
 » darem na conversão: e estas seram cou-
 » to aos que a ellas se acolherem, como
 » sam entre os Christãos. E os Padres que
 » nellas estiverem, poderam fazer justiça dos
 » Christãos nas cousas tocantes a Lei dos
 » Christãos, sem se lhe a isso pôr d'úvida,
 » ou impedimento algum; e as Igrejas se
 » faram como nas terras de ElRey de Co-
 » chin.

» Que os Padres, que servirem nas Igre-
 » jas, e andarem entre os Christãos, pode-
 » ram livremente andar por todas suas ter-
 » ras com a guarda que lhes parecer em
 » tempo de guerras, e dellas passar a ou-
 » tras terras, e discorrer como lhes parecer
 » sem contradicção alguma.

» Que as Igrejas dos Christãos de São
 » Thomé, que estiverem em todas suas ter-
 » ras, que forem sujeitas, e Castanares que
 » nellas estiverem, teram os mesmos privi-
 » legios, e izenções, que as outras Igrejas
 » mais tiverem; e os Padres que nellas es-
 » tiverem nem ElRey, nem cousa sua se
 » entremetteram em cousa alguma dos di-
 » tos Christãos de S. Thomé, tocante á Lei
 » dos Christãos. Nem lhes poram tributo,
 » ou pena alguma de novo, antes os favo-
 » receram em tudo, guardando-lhes seus pri-
 » vilegios antigos.

» Que

» Que não consentirá em tempo algum ser recebido entre os Christãos de S. Thomé, que moram nas terras sujeitas a elle, Bispo, ou Prelado algum, senão o que vier por ordem do Papa, e de ElRey de Portugal, e deste Estado; e a todo outro será obrigado prendello, entrando em suas terras, e entregallo na Fortaleza de Coução, ou onde os Portuguezes lhe requererem.

» Que os Portuguezes poderám andar livremente por todas suas terras com todas as mercadorias que quizerem, sem lhes ser feito algum aggravo, nem lhes pôrem junções, ou outras obrigações algumas, e seja amigo de nossos amigos, e inimigo de nossos inimigos. E será obrigado a defender a Fortaleza de Coução, sendo necessario, e mandar vir todos os mantimentos necessarios pelos preços ordinarios.

» Que nas duas Fortalezas de Coução, e Manuge não faram obra alguma mais, do que está feito; e o modo de como se háo de haver com a Fortaleza de Coução, e o que sobre ellas se deve fazer, se concertará ElRey com o Viso-Rey do Estado, fazendo sobre isso particulares capitulos, e ElRey ficará obrigado a estar pelo que o Estado nisso determinar.

» Não

» Não consentirá , nem soffrerá que a
 » Rainha de Changarnate faça aggravo al-
 » gum aos Portuguezes , ou a cousa da For-
 » taleza ; nem porá novas junções , nem
 » impedirá em alguma cousa aos tones , ou
 » embarcações , que vierem ao porto do
 » Caidaval ; e fazendo a Rainha alguns del-
 » tes aggravos , será obrigado a satisfazel-
 » los.

» Que será obrigado a dar o Principe
 » grande , e hum dos Regedores por jau-
 » gadas da Fortaleza de Coulão. »

E o traslado destes capitulos se deo ao
 Embaixador pera sua guarda ; e em Se-
 tembro ficou o Conde de mandar pessoa de
 confiança assentar estas pazes com El Rey,
 e vellas jurar. Estes capitulos se fizeram aos
 vinte e cinco de Abril deste anno de seis-
 centos ; e logo mandou embarcar os Em-
 baixadores muito satisfeitos das honras
 que lhes fez o Conde Almeirante , e dadi-
 vas que lhes deo.

CAPITULO XIII.

Dos Capitães, e soccorros que o Conde Almirante mandou pera fóra: e do que succedeo a D. Jeronymo Coutinho, e das náos de sua companhia com algumas náos Hollandezas na Ilha de Santa Helena.

Neste mesmo tempo em que o Conde Almirante despachou estes Embaixadores do Rey de Travancor, o fez tambem a alguns Capitães pera fóra, com quem iremos continuando. E o primeiro seja o galeão com os soccorros, e provimentos pera a Fortaleza de Columbo, em que foi por Capitão Mór da gente de guerra D. Francisco de Noronha, que levou cento e cincoenta soldados repartidos por estes dous Capitães, Luiz Fernandes de Taide, e Manoel de Taide, e neste mesmo galeão se embarcou Nuno Fernandes de Taide, promoto da Capitania daquella Fortaleza, por se ter vindo della D. Pedro Manoel, e este galeão deo á véla a tres de Maio. E no mesmo tempo partio tambem o galeão, que hia com os provimentos pera as Fortalezas de Amboino, e Maluco, de que hia por Capitão Fernão Pereira de Saude. E antes d'isto tinha mandado duas galeotas de soccorro a Malaca pelas novas que havia

de náos Hollandezas ; e dellas foram por Capitães Estevão de Albuquerque, filho natural de Fernão de Albuquerque, e Trajano Rodrigues de Castello-branco. Despachou também o Conde Almeirante neste Abril a Fernão de Albuquerque, pera ir entrar na Capitania de Malaca, que foi em huma náao sua ; e em sua companhia foram as náos de Malaca, China, e outras partes, e todos chegaram a salvamento, se não só o galeão de Maluco, que se perdeu, como adiante diremos. Mandou também o Conde Almeirante Viso-Rey invernar Capitães, e soldados a Damão, e a Dio. A Damão D. Fernando de Noronha, Capitão Mór, e Fernão de Sousa. E jurou as partes com Uniaré Chararé, sobrinho do Camorim, que lhe mandou pera as ver jurar, e que trouxe Cunhale de presente, o que tudo se fez antes de entrar o inverno.

Parece que nos hiamos descuidando da Armada de D. Jeronymo Coutinho, que deixamos tomando a carga pera se partir pera o Reyno ; pelo que daremos razão della, e do que lhe succedeo na viagem. E porque o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho partia de Goa, e as outras náos da sua Armada partiam de Cochim, mandou o Conde Viso-Rey passar Provisão a D. Vasco da Gama, que vinha por

Capitão

ção da náó S. Mattheus, que fizesse o officio de Capitão Mór das cinco náos, e os mais Capitães lhe obedecessem até se encontrar com D. Jeronymo Coutinho, que era o Capitão Mór. Este Fidalgo, que ficou carregando em Goa, deo á vela dia de Natal pelo grande aviamento que o Conde lhe deo, e foi seguindo sua derrota, a que logo tornaremos. As outras cinco náos, que carregaram em Cochim, fizeram vela até quinze de Janeiro do anno de seiscentos, em que andamos, humas primeiro que as outras. De maneira, que assim como cada humas estava carregada, logo se partia sem esperar pela outra, e assim hia seguindo sua viagem com tão bom tempo, que aos vinte e cinco de Abril foi a náó de Diogo de Sousa tomar a Ilha de Santa Helena, levando em sua companhia hum caravelão, que encontrou em dezeseis grãos, que hia do rio da Prata pera Angola; e indo buscar o furgidouro, que he defronte da Ermida, viram surtas duas náos Holandezas, que havia cinco, ou seis dias que alli esperavam por outras duas de sua companhia. Diogo de Sousa, que era hum Fidalgo, a que chamavam o Gallego, por ser de Vianna, tanto que as vio, preparou a sua náó, e fez lestes a sua artilheria, e foi seguir hum pouco afastado dellas, por ir

muito falta d'agua. E porque entendia muito bem que se se fizessem na volta do mar, os haviam os costeiros de ir seguindo, e poder-lhe-hiam dar trabalho; e assim preparado foi deitar ferro com muita confiança, e sua gente posta em armas, e reparada pelos lugares mais necessarios para tudo o que se lhe offerecesse.

Tanto que surgio, chegou huma lancha, que se despedio logo das náos, e hum pouco afastado da nossa, bradou hum homem pelos da náos, e disse em Hespanhol, que o Capitão Mór daquellas náos mandava dizer ao Capitão, que logo se fosse a elle no seu batel, e lhe entregasse a náos, que usaria bem com elle, senão que o mandaria buscar. O Diogo de Sousa tanto que ouviu o recado, fez bornear hum falcão para a lancha, e lhe mandou bradar que chegasse mais perto, que o náos entendiam; mas os da lancha entenderam a tenção dos nossos, e não se querendo pôr á sua cortezia, voltaram com muita pressa, e deram ao seu Capitão conta do que passaram, e do que suspeitaram.

Tanto que o Capitão Hollandez vio que a nossa náos se não queria entregar, mandou-a bater com a sua artilheria com muita furia, e lhe mataram dous homens, e cortaram o masto de proa, e quasi a del-

enfarcaram, e passaram o mástro grande por huma ilharga com hum pelouro de ferro coado, de que eram todos os com que tiravam á nossa náó. Vendo a gente da nossa náó aquelle destroço, que em tão pouco tempo era feito, ficaram os mais delles tão atemorizados, que se puzeram pelo bordo, por onde o caravellão estava, pera se lançarem a elle, e acolherem-se por ser muito ligeiro. A isto acudio Diogo de Sousa; e fellos recolher outra vez á náó, dizendo algumas vezes palayras affrontosas, outras vezes persuadindo-os a se defenderem como valerosos Portuguezes, afirmando-lhes que pera contra aquellas duas náós a sua bastava; e que esperava em Deos de as render, e levar comsigo. E assim mandou laborar logo a sua artilheria, com que tambem lhe matou muita gente, e fez tal destroço, que se foram os Hollandezes alantão por rageiras até ficarem atravessados pela proa da nossa náó; onde não tinha mais que duas peças de artilheria pera dalli com menos risco a baterem.

O Mestre da nossa náó, que era homem muito esperto, e grande Official, metteno ao batel huma ancora, e a mandou lançar ao mar por hum dos bordos de feição, que ficou mettida por junto da cana do leme; e pondo-a ao cabrestante, foi a náó virando,

do, e ficando atravessada com toda a artilheria pera as outras náos, que foram batendo por espaço de vinte horas com tão grande furia, e terror, que não podendo os rebeldes aturar os daninos que recebiam da nossa artilheria, largaram as ancoras por mão, soltaram as vélas, e foram fugindo bem fustigados.

Os nossos, posto que destroçados, e desbaratados, ficaram com a victoria, e desembarcaram em terra, onde acharam as pipas dos Hollandezes, que nella tinham para encherem d'agua, que lhes foram boas; e na Ermida acharam hum letreiro, que elles tinham alli, pera outras duas náos de sua companhia, que ficavam no Achem carregando, porque estas vieram da Sunda; de que logo daremos razão; e no letreiro lhes faziam a saber, que os Jáos os tiveram seis mezes cativos até chegarem outras duas náos de sua companhia, que os fizeram soltar; e a causa de sua prizão foi esta. Ellas duas náos, que os nossos aqui acharam, foram carregar a Sunda; e todas as patacas que levaram eram falsificadas, e com muito pouca prata; e tendo comprado muitas drogas com ellas, vieram os Jáos a conhecer a falsidade da moeda, pelo que prenderam todos os que acharam em terra, e tiveram-nos prezos quatro, ou cinco mezes, até

de chegarem outras duas náos de sua companhia, que souberam o caso, e os resgataram com darem aos Jãos outra moeda boa, e de lei.

Partidas as náos Hollandezas da Ilha de Santa Helena, puzeram os nossos logo as mãos ao concerto da náo, dos mastos, e a enxarcearem de novo: e aos trinta de Abril, cinco dias depois da batalha, chegou aquelle porto a náo nossa Senhora da Paz, e aos tres de Maio a Conceição, e a dezesseis a náo do Capitão Mór, que com partir de Goa, e mais cedo chegou tanto depois. E de Diogo de Sousa souberam todo o successo, e ajudáram-no a reformar o damno que os inimigos lhe tinham feito. E no mesmo dia, que o Capitão Mór surgiu, apparecêram as outras duas náos Hollandezas, que disseram que as outras esperavam, que vinham carregadas de drogas; e indo demandar o surgidouro, que viram as nossas náos, foram surgir na ponta da Ilha, onde lhe os nossos não podiam fazer nojo, por lhes ficar o vento por pròda, para as irem demandar. D. Jeronymo Coutinho deo-lhe pouco dellas, e com tudo preparou-se, para se o tempo lhe desse lugar, os ir commetter. E no mesmo dia já á noite foi a náo S. Martinho, de que era Capitão João Soares Henriques, demandar

dar aquella Ilha, e descobrindo as ^{não} Hollandezas, cuidando serem as nossas, fe fez na volta do mar, e foi seu caminho na derrota do Brazil, onde fez agua, e tomou mantimentos na Bahia de Todos os Santos.

O Capitão Hollandez vendo que não havia agua naquella parte, onde estava, despedio huma lancha com huma carta a D. Jeronymo Coutinho, em que lhe dizia, que elles eram Christãos, e vassallos de hum Rey amigo do seu, que eram mercadores, que andavam pelo mundo buscando sua vida, que estavam em necessidade d'agua, que lhe pedia lhes dessem licença pera dalli com suas lanchas a mandarem fazer ao posto, onde ella estava. D. Jeronymo Coutinho lhes respondeo, que pois eram Christãos, e amigos dos Portuguezes, que fossem surgir junto d'elle, e que alli fariam agua muito á sua vontade; o que lhes mandou dizer, por ver se os podia tirar daquella paragem, aonde os elle não podia ir buscar. Os Hollandezes entendendo o lanço do Capitão Mór, não se quizeram pôr á sua cortezia, e deixaram-se alli ficar mais cinco dias; e no cabo d'elles, que foi a vinte e hum de Maio, chegou áquella Ilha a náó S. Mattheus, em que hia D. Vasco da Gama, que ás bombardadas fez desamarrear as duas Hollandezas, e n'uma noite se

fizeram á vèla , e deviam de ir demandar a costa de Guiné pera fazerem aguada , de que estavam faltos. E logo o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho fez tomar agua a D. Vasco da Gama , e com todas as náos de sua conserva se fez á vèla , por ver se podia alcançar as duas náos dos rebeldes ; mas não nas pode alcançar , por irem mui desviadas da sua derrota , e as nossas chegaram juntas ao Reyno , que foi huma grande felicidade. E sempre este Fidalgo foi tão venturoso , e bem affortunado nas viagens que fez , que chegou á India , e tornou a Portugal com todas as suas náos a salvamento.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O V.

CAPITULO I.

Das cousas que este anno succedêram em Ceilão : e das vitórias que os nossos alcançaram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.

Depois de alcançadas as vitórias, que dissemos do tyranno D. João na Ilha de Ceilão, e depois de chegar a D. Jeronymo de Azevedo o soccorro que dissemos, que o Conde Viso-Rey lhe mandou em Setembro de noventa e nove, ajuntou seu exercito, e passou-se ao lugar de Mutapali, meia legua do Reyno de Candea, onde alevantou hum arraçoado forte de madeira com seus entulhos, e cavas, capaz de recolher todo o arraial. Este forte fez por ser no meio de entre as sete Corias, e o Reyno de Candea, com que ficava fechando as portas ao inimigo, e deixallo dentro como encurralado. Disto se recenno tanto o tyranno, que se quiz antes arriscar

a se perder, que a consentir aquelle grilhão, que lhe ficava sendo bem pezado. Pelo que ajuntou suas gentes, e se foi alojar perto daquelle lugar em humas terras asperas, e fortes com tenção de com correrias, e assaltos estorvar aquella obra aos nossos, em que se dava muita pressa. D. Jeronymo de Azevedo foi logo avisado de sua tenção, e pareceo-lhe necessario trabalhar pelo desalojar, e lançar d'elle; porque se se fortificasse naquelle lugar, além do impedimento que seria pera a conquista do Reyno de Candea, ficaria o inimigo com reputação entre os Chingalas, e elles cobrando animo, vendo que a despeito dos nossos tanto em braços com elles alevantavam tranqueiras, e se fortificavam. Pelo que mandou logo Salvador Pereira com duzentos e trinta soldados, e dous mil e quinhentos Lascarins da terra pera ir dar no inimigo n'uma madrugada, ficando o General no lugar da tranqueira, que fabricava com cento e sincoenta soldados, e quinhentos Lascarins prestes, e mui negociados pera acudir aos seus, sendo necessario. E partidos os nossos na entrada do quarto d'alva, foram pelo caminho ganhando, e arrazando algumas tranqueiras até chegarem allima, onde o inimigo estava alojado; e combatendo o arraial, o entraram, e queimáram

ram com grande determinação ; e depois em campo aberto , tornando os inimigos sobre si , tiveram com os nossos huma muito aspera batalha ; porque da parte dos inimigos se afirma haver tres mil espingardas , sendo entre-todos oito mil. Mas os nossos se sustentaram com grande valor até perto das onze horas do dia , que o Capitão Geral lhes mandou que se recolhessem a elle , como fizeram , vindo os do Tyranno carregando sobre elles tão tezamente , que foi necessario ao Geral soccorrellos com o poder que tinha , e com novas munições , com que todos cohraram tanto animo , que voltaram sobre os inimigos com tal impeto , que os puzeram em desbarato , ficando-lhe nesta jornada mais de trezentos mortos , e entre estes muitos Modeliarses , sem da nossa parte haver mais perda , que dous Portuguezes mortos , e perto de vinte dos Lascariis , a fóra muitos feridos. O Geral com esta victoria se recolheu ao forte com que foi continuando ; e tanta pressa lhe deu , que em hum mez se acabou de todo com suas cavas , e contra-cavas , e o provio de Capião com quatro companhias de soldados , e com mantimentos , e munições por muito tempo , porque se receou que o inimigo o commettesse com nór poder , por esperar soccorro de Badagas da outra costa)

ta; e com isso mandou reformar todos os fortes que tinha por aquellas partes, pera estarem todos providos pera o que lhe succedesse, o que succedeo até lhe chegar o soccorro, que lhe o Conde Almirante mandou por D. Francisco de Noronha, e Nuno Fernandes de Talde pera Capitão daquelle Fortaleza de Columbo, de que logo foi mettido de posse, depois de reformar os presidios, como dissemos, e os prover de novo, e fazer nova paga aos soldados. E mandou que todos se passassem ás terras de Catrem, Cambala, Corla, fronteira ás sete Corlas, pera acabar de apagar algumas labaredas dos alevantados, que ainda havia por aquellas partes; e tudo o que por ellas acharam desfizeram, e desbarataram os nossos, com o que se incetêram os inimigos pelo íntimo das Corlas sem tornarem a apparecer.

Affugentados todos, mandou o Geral que se fizesse naquelle lugar de Catu Cambala hum ferriolo forte de madeira de duas faces com seus entulhos, e cavas, como se fez, com o que os inimigos ficaram recolhidos, e os nossos poderem entrar mais livremente por suas terras, e assaltal-os. E porque andando nesta obra, foi o Geral avisado, que os inimigos se tornaram a reformar nas sete Corlas com per-

tenção de tornarem a inquietar os nossos; mandou o Geral dar nelles duas leguas pelas suas terras dentro até o lugar, onde estavam, tendo os caminhos cortados, e feitos nelles seus valles, e trincheiras tão fortes, que estavam nellas com muita confiança; e sabendo que os nossos lhes deixavam muitas aldeas abrazadas, e que lhes levaram muita gente cativa, sahíram a dar nos nossos, indo-se já recolhendo, e commetteram a reta-guarda com grande furia; mas acharam tal resistencia, que com mortes de muitos se recolhêram fugindo: com o que todas as terras daquella parte, que estavam abaladas a se rebellarem, se quietaíram. E foram tantos os damnos, que receberam os moradores das sete Corlas, que os seus Principes mandáram pedir pazes ao Geral, que lhe elle não concedeo; mas concedeo-lhes treguas, com suspensão das armas, e restitução dos cativos que tinham em suas terras. Neste estado ficaram as cousas desta Ilha neste inverno de seiscentos, em que andamos.

CAPITULO II.

De huma não Hollandeza , que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe succedeo: e de hums cofsaíros Japões, que foram ter ás Philippinas.

N Este anno de seiscentos, em que andamos, quasi neste mesmo tempo aporou huma não Hollandeza ás Ilhas de Japão, ao Porto de Xativai do Reyno de Bungo; e como naquelle tempo não era monção de virem náos da China, nem das Philippinas, pareceo aos Padres da Companhia, que alli residem, que poderia ser alguma, que hia da nova Hespanha pera os Japões, que com algum temporal iria desbarrada. Mandáram recado a El Rey de Bunker, pera que lhe mandasse acudir, por lhe não acontecer algum desastre; ao que logo mandou prover. E no mesmo tempo dous Padres da Companhia, que residiam junto de Xativai, vendo a não, acudiram com algumas embarcações pera lhe soccorrer; e chegando perto della, que conhecêram ser de Hollandezes, tornáram a voltar. Alguns Portuguezes, que estavam em Naganzaque, tanto que souberam da não, avisáram por cartas a Tirazava, Governador Geral daquel-

quelles Reynos da parte do Ponente, de como aquella não era de Luteranos cossairos inimigos dos Portuguezes, e de todos os Christãos. Com este recado, e com já ter cartas de ElRey, acudio o Tirazava no Reyno de Bungo, e mandou metter a mão no porto, e lançou mão dos Hollandezes, e fazenda, de que se fez inventario, e as que se lhe acharam, sam as seguintes.

Onze caixões de pannos de lã grossos, hum cofre com quatrocentos ramaes de coraes, e outros tantos de alambres, hum caixão de contas de vidro de cores, alguns espelhos, e oculos, muitas gaitas de meninos, dous mil cruzados em reales, dezo nove peças de artilheria de bronze grossas, e outras miúdas, quinhentas espingardas, e cinco mil pelouros de ferro coado, trezentos de cadeia, cincoenta quintaes de pólvora, tres caixões de saias de malha, tres quartos de corpos, e peitos de aço, trezentas e cincoenta lanças de fogo, tres pregadura, muito ferro, muitos machados, foucees, e enxadas, e outros diversos generos de instrumentos, como aquelles que parece que vinham conquistar, e povoar. Confezaram que os annos passados de 98. e 99. partíram dos Estados de Hollanda quinze nãos pera passarem a Sunda, e Maluco, de que não davam razão nenhuma; e

pera que se saiba dellas, daremos relação que foubemos, e do que lhe aconteeço.

O anno que dissemos partíram do Porto de Rotterdam estas quinze náos, que foram juntas até á costa de Guiné, onde se apartáram em tres esquadras. Huma dellas passou logo o Cabo de Boa Esperança, e foi na derrota da Sunda, onde se apartáram tres náos, e as duas foram tomar o Porto do Achem, com quem logo continuaremos. Da outra esquadra não foubemos o que passou. A terceira, de que era Capitão hum Balthazar da Corda, andou pela costa do Brazil ás prezas algum tempo, e dalli se passou a Angola, onde fez alguns annos, e depois se tornáram a fazer na volta do estreito de Magalhães que emboçaram, e dentro nelle se detiveram dez mezes com muitos trabalhos, e fomes, e em algumas saídas, que fizeram a buscar agua, e mantimentos lhe matáram alguns homens; e tanto que tiveram tempo, passáram o estreito á outra banda, e voltáram sobre a costa do Perú, onde lhes deo huma tormenta tamanha, que as apartou, e huma foi correndo sua ventura em demanda das Ilhas de Maluco, aonde chegou, e logo adiante daremos relação della; outra parece que desapareceo, porque não achei novas della; a outra, de que era Capitão hum João

da Corda, sobrinho de Balthazar da Corda, Capitão Mór, foi correndo a tormenta pela costa, e acalmado, foi tomar a Fortaleza de Chile no Perú. E sabendo que estava quasi sem gente, deram de supito nella, e a entraram com morte de alguns dos que estavam dentro, e roubaram, e profanáram os Templos, e tudo o que havia na Fortaleza, deixando-se ficar nella alguns dias tão descansados, como se estiveram em Frandes.

Sabidas estas novas pelos Hespanhoes, que estavam pelo sertão, ajuntaram-se algumas companhias; e commettendo a Fortaleza, entraram-na, por não serem mais que vinte Francengos os que estavam nella; e destes mataram quinze, e os cinco que ficavam se lançaram pelos muros abaixo, e a nado foram buscar a náo, e os della lhes acudiram com batel, e os salvaram, e entre estes cinco foi o Capitão Corda. E fazendo-se á véla, foram na demanda de Maluco, aonde chegaram, e surgiram no lugar de Soli da Ilha de Tidore, meia legua de nossa Fortaleza, estando já em Ternate outra náo desta companhia; a que falta he esta náo, que temos em Japão, que foi correndo com a tormenta, por onde pode, e teve tempos tão desvairados, que poz até chegar ao Tropico de Capricornio quatro me-

mezes, onde lhe deo huma enfermidade de mal tão contagioso, que em breves dias morreram cento e cincoenta e cinco pessoas, em que entrou o Capitão Corda, ficando vivos sóz vinte e cinco, que não bastavam pera marear a náó; pelo que se deixaram á ventura dos ventos, até elles, e as aguas os levarem a Japão, como dissemos, donde desembarcáram todos tão debilitados, que pareciam homens mortos.

Aquelle Rey tanto que mandou despejar a náó, mandou-a aos Reynos do Cantão a carregar de madeira; e os Holandezes, que estavam mais sãos, os mandou servir de bombardeiros em huma guerra, que mandava fazer a hum senhor levantado, que se chamava Cangeatica. O Piloto de náó era Inglez, bom Cosinografo, e com algum conhecimento da Astrologia: confesou em Meaco aos Padres da Companhia, que o Principe de Orange se servira já nelle algumas vezes em jornadas de muita importancia, principalmente nos annos de noventa e tres, noventa e quatro, e noventa e cinco, que o mandou a descobrir caminho por cima da Biarmia, e Fimmarchia pera as suas náos passarem a Japão, China, e Maluco pera lhe levarem as riquezas de todas aquellas Ilhas, por haver que por lá lhe ficava o caminho mais per-

to , e mais desviado da nossa Armada: e que da derradeira vez , que foi o anno de noventa e cinco , chegara a oitenta e dous grãos do Norte; e que com ser a força do verão , e os dias quasi continuos , por não haver noite , senão se era de duas horas , achou os frios tão excessivos , e tantos os caramellos , e neves , que se desfazião por aquelle estreito abaixo , que dando de rosto na sua não , a fizeram voltar. E affirmava , que se se encostára á costa da Tartaria , da parte da mão direita , e se de longo della fora correndo a Leste até o boqueirão de Anião , que entra por entre as terras da Asia , e da America , pudéra salir com o seu intento. E affirmou mais este Piloto , que os Hollandezes não desistiram de seu intento até levarem esta empreza ao cabo , pelos grandes desejos que tinham de descobrir este caminho. E já os Inglezes trataram de descobrir esta viagem pela via do Ponente por entre as Ilhas de Grotlandia , e a terra do Lavrador ; mas que pelas muitas difficuldades se tornáram do caminho , como o fez aquelle grande Piloto Gavoto ha mais de quarenta annos. E em hum globo , que este Piloto trazia , de que na China se tirou outro , que eu tenho em meu poder , se vem claramente estas duas partes , por onde tentáram passar a estas , e

postas em gradação esta Ilha Japão com todos os seus Reynos até sobre a terra de Chincungu , onde affirmam haver aquellas ricas minas da prata. Disse mais este Piloto , que quando o Principe de Orange viu que por aquellas partes não pudera sahir com seu intento , que armara estes quinze navios , em cuja conserva elle viera , para irem á Sunda , e Maluco carregar de drogas.

Neste mesmo tempo , que esta não chegou a Japão , sahiram daquella Ilha dezesseis navios de corsarios a roubar , estes chegaram até ás Ilhas Philippinas , e no caminho tomaram huma não de Chins , que hiam para aquellas partes com fazendas , que montavam sessenta mil pezos : e assim tomaram mais outra embarcação das Manilhas , e mataram , e cativaram alguns naturaes dellas , e tres soldados Hespanhoes , do que o Governador da Manilha se mandou queixar a Daifuxama , Rey do Canthem , que logo mandou armar alguns navios contra estes corsarios ; e encontrando-se , se investiram , e tomaram hum dos seus navios , em que acharam alguns dos Hollandezes , que foram na não. E depois por tempos o Daifuxama houve ás mãos muitos daquelles corsarios , e a todos mandou enforcar , e fez lei , que não pudessem ir ás Manilhas.

mais

mais que quatro navios cada anno, e que todos os mais fossem perdidos, e seus donos crucificados.

C A P I T U L O III.

Do principio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revêzes que a fortuna lhe deo.

COMO he costume do mundo, ou para melhor dizer escarneo, e zombaria deile, não subir apressadamente hum Estado a grande Monarquia, que com a mesma pressa o não torne a derribar, e pôr por terra, porque as cousas muito grandes com seu proprio pezo cahem; assim aconteceu a este riquissimo, e opulentissimo Reyno de Pegú. Porque sendo conquistado por El-Rey de Ova, e Brama, chamado Pianginoco, os annos de mil quinhentos quarenta e quatro, como largamente o tenho dito no Capitulo oitavo do setimo Livro da minha sexta Decada, foi subindo com tanta pressa nelle, e em seus herdeiros, que de então até este anno de noventa e nove, que sam quarenta e cinco annos, chegaram a ser Monarcas de quasi cem Reynos, e das mores riquezas, e poder que o mundo vio. E desfandando a fortuna a roda; em

menos de hum anno se acabou toda esta potencia, sem ficar de tudo mais que huma sombra, e ainda menos; porque não ha hoje daquelles Monarcas hum herdeiro, que possua huma muito pequena aldeia, digo neste Reyno Pegú, onde elles allentáram a cadeira de seu imperio. E pera mostrarmos melhor este escarneo do mundo, contaremos primeiro seu principio, poder, e riqueza (posto que já na sexta Decada temos mostrado parte d'isso) e depois sua ruina, e destruição.

Quanto ao principio desse Reyno Pegú, acha-se em seus livros, que ha perto de mil annos que se descubrio por esta maneira. Tudo quanto ha hoje do mar de Pegú até o Reyno do Brama, que sam mais de sessenta leguas, estava cuberto d'agua, porque chegava o mar até o Reyno Brama, como dissemos; e que andando hum pescador em hum barco com outros companheiros, os levára a corrente das aguas, que começaram a descer com grande força, e onde andáram cinco, ou seis dias e mais perdidos, e descoraçoados, e já sem alento foram aportar a huma serra alta, que se chama Diaca, onde hoje está a Cidade Pegú; e ferrando nella, se amarráram, e descançáram, que hiam como mortos: e de infinitas Marrecas, que havia naquella parte,

te, se proveram pera a torna viagem. E antes que se partissem víram, que se hia descobrindo humia grande terra, que o mar deixava como alagada; assim como aconteceo no tempo do diluvio geral. E tornando pelo rio assim, foram a Tangu, onde o seu Rey residia, e lhe deram conta do caso, e da grande terra que se hia descobrindo. Admirado o Rey do caso, tornou-o a mandar com mais embarcações, e algumas pessoas de credito pera verem o que passava, e o informarem da verdade do caso; e achando ser tudo assim que o barqueiro dizia, voltáram pera o Tangu a dar-lhe conta do que víram. O barqueiro com muitos companheiros deixaram-se ficar naquella parte, que já estava toda descuberta; e no modo da terra víram, que havia de ser fertilissima, pelo que determináram de fazer alli seu assento, e mandáram trazer suas mulheres, e filhos; e á forma da terra ser prospera, foi descendo do sertão pera aquella parte muita gente pobre, com que se começou a fazer humia boa povoação. E porque não podiam viver sem cabeça, fizeram ao barqueiro seu Capitão, e Governador, que como era homem prudente, e esforçado, começou logo de pôr a todos em policia humana, repartindo os campos, ordenando povoações,

e dando ordem a cultivarem, e semearem as terras, que começáram a dar fruto abundantissimo, e a descobrir a riqueza de suas minas da fermosa pedraria de rubins, de que aquelle Reyno he o mais abundante de todo o mundo, e de finissimo ouro; de maneira que em poucos annos se descobrio, e povoou aquelle Reyno, que tinha cento e sessenta leguas por costa de Norte a Sul, e pera o sertão cento e vinte, e cento e trinta leguas em partes, e a toda esta terra poz o barqueiro nome *Poigou*, que em sua lingua quer dizer, eu o achei primeiro, e seus naturacs se chamáram *Poigous*; e corrompendo-se o vocabulo, tomáram o que hoje tem de Pegús.

Vendo-se o pescador tão prospero, e obedecido, tomou o titulo de Banha, que quer dizer Governador, e assim em suas escripturas começáram estes Pegús neste barqueiro o catalogo dos seus Reys, com quem logo continuaremos. E como todos estes gentios costumam a dar honrosos principios a seus Reys, dizem elles em suas historias, que este pescador nascera de huma flor, que elles lá chamam *Chaoes Chaoestu*, que sam os ramos de humas certas cardeiras, que quando espigão deitam huma maçaroca, como a do Milho Zaburro, que vem sahindo d'entre algumas folhas finas, e amarel-

las,

las, e a semente de dentro he miuda, e alineicegada, e tem algum cheiro, por que as Gontias da India as estimam muito, e as mettem entre os cabellos pera lhes cheirarem, e destas ha muitas nesta Ilha de Goa, a que os Canarins chamam Chedaga. E por que este barqueiro só não leve esta honra, dizem tambem que sua mulher nasceo de hum Combalenga, que he hum pomo mui ordinario na India, de que fazem algumas feições de conserva tão fria, que se dá em lugar de assucar rosado, e sam do tamanho, e feição dos melões grandes; e ha algumas tamanhas, que assas fará hum meço em levantar hum fô. A este pomo chamam os Pegús Sapua.

Ora posto este barqueiro já em estado de Rey, pondo sua cadeira na Cidade de Pegú, que elle começou a edificar, ^{quiz} tambem levantar alguns Templos a seu ^{de-}olo, a que elles chamam Varellas, e assim começou a abrir os alicerces, pera ^{hum que} determinava fazer de grande sumptuosidade, e em baixo no fundamento ^{acharam} hum sino de metal da feição dos nossos de sete braças em roda, e a borda de palmo e meio de grossura, e tres braças de altura, e á roda por baixo tinha hum ^{leiteiro} de letras de relevo mui bem feitas, ^{cujos} caracteres não sam conhecidos, nem ^{se en-}ten-

tendem de todos aquelles Gentios. Este sino mandou pôr sobre esta Varella, que foi huma das grandes obras do mundo, e foi sempre tido de todos os Gentios em grande veneração.

E fazendo nós sobre isto nossas conjecturas, me parece que este sino foi obra do Apostolo S. Thomé, que andou por alli pregando a Lei da Graça, sendo aquella terra então povoada de Chins, porque elles tem em suas escrituras, que já foram senhores de todos aquelles Reynos, e assim tem muitas cousas ainda suas, porque a obra de seus Templos, que sam Varelhas, sem dúvida foi dos Chins, e este modo de sinos não nos usáram nunca neste Oriente, senão entre os Christãos, que o Santo Apostolo mandaria fundir pelos Chins, que sam os mores officiaes que o mundo tem de todas as obras. E prova mais esta minha opinião dos Chins serem senhores destes Reynos isto; que abrindo este primeiro Rey os alicerces pera fabricar seus paços, acháram em baixo huma ancora de ferro coado, que só na China o fazem, com quatro unhas, como os das nossas galeas, tão grande que em nossos tempos andou em huma não de hum mercador Portuguez chamada a Lagra, morador na povoação de S. Thomé. Esta ancora se tor-

nou

nou a perder ha poucos annos no mesmo mar de Pegú, onde se perdeu a não que andava: ou poderemos tambem cuidar que esta ancora fosse de alguma das náos, que Salamão mandou áquellas partes buscar cousas pera o Templo de Jerusalem. Por onde parece que já o mar chegou até áquella Cidade de Pegú, e que alli surgiam as náos, que he a distancia que dissemos, o que tudo cubrio aquelle diluvio, que dizem que houve ha mais de mil annos, que alagou, e cubrio mais de cem leguas de terra; e segundo minha presumpção era tudo então povoado de Chins.

Agora continuemos com o catalogo destes Reys Pegús, começando deste barqueiro, que foi o primeiro Banha. Succedeo-lhe seu filho chamado D. Chetim, que viveo oitenta annos, e a elle seu filho Banha Tam, e a este Banha Cael, e logo Banha Uca Malanco. A este succedeo Banha Talanha, e a elle Banha Indá, e assim successivamente succedêram outros sete Banhas deste nome Indá, e ao derradeiro succedeo Banha Darar, e a este Banha Mampla, e logo outro Banha Indá, e assim tornáram a succeder outros sete Banhas do mesmo nome, e ao ultimo succedeo Banha Xemidó, que foi o derradeiro Rey desta Pegú, e todos estes reináram conforme á sua com-
pu-

putação 540. annos , porque estes acabáram perto dos annos de 1540. em que hum Rey do Brama chamado Pranginoco , ou Prão Mandara (como lhe eu chamo na minha sexta Decada) desceo dos Reynos do Sertão com poder grossissimo , e conquistou , e ganhou aquelle Reyno , e outros vizinhos , e por fim veio a morrer a mãos de hum pobre carreteiro Pegú , a quem o mesmo Rey Brama tinha feito Grande , e dado o titulo de Xemim , que corresponde ao de Duque ; e assim lhe chamavam Xemim de Satão , por ser senhor desta Cidade , como dizemos o Duque de Bragança : e o caso desta morte se verá no quinto , e sexto Capitulo do segundo livro da minha setima Decada. E por morte deste se levantou por Rey o Xemim de Satão , que o matou , que não durou hum anno no Reyno , que estes sam os escarneos do mundo ; porque se alevantou contra elle hum Talapoi , que era seu Religioso , chamado Xemindoo , e o matou , e se intitulou Rey ; e assim esteve naquella potencia tres annos , porque veio sobre elle Talanha Ginoco , genro do Rey Pranginoco assim. E vindo ambos á batalha , encontráram-se os pertences cada hum em seu elefante : o de Talanha Ginoco , genro do Rey Pranginoco , levou no dente o elefante do outro , e o der-

derribou ; e o intitulado Rey sumiram-no os Pegús, e o Ginoco se appellidou logo Rey, ou fez appellidar hum filho seu, que era neto do Brama Pranginoco, ou Práo Mandará; porque este Brama, que venceu o Xemindeo, sendo de casta mediana, ~~ca-~~ fôu a furto com a filha daquelle Rey pelo modo, e maneira, que se verá na minha sétima Decada assima citada; e depois de vencer a batalha, mandou lançar muitos pregões, e prometter grandes dadas a quem lhe trouxesse o Xemindeo, e por nisto tantas diligencias, que lho trouxeram prezo. E o dia que lho haviam de apresentar o esperou em hum theatro, e throno alto muito ricamente ornado, cercado de muitos Principes, e Senhores; e posto diante d'elle em pé, nunca lhe quiz fazer cortezia como a Rey, nem mostrar abatimento de sua pessoa. Disto foi tamanha a paixão, que o novo Rey tomou, que o mandou lançar a hum elefante bravo, que fora do mesmo prezo, e em que elle costumava a cavalgar; e posto no terreiro, donde todos estavam vendo aquelle espectáculo, querendo-o arremessar a elle o Coronaca, que o governava, nunca o pode fazer ir por diante, porque o conheceo, antes tornou a réuar atrás com grandes urros de sentimento de o ver naquelle estado,

do, caso semelhante ao de Androdo, que sendo em Roma levado pera o lançarem a hum leão faminto, elle se lhe foi prostrar a seus pés, e lhos beijou, e affagou; e sabido o caso, foi por aquelle beneficio que lhe tinha feito de lhe tirar de hum pé hum estrepe que lho tinha encravado, pelo que em quanto viveo o servio, e acompanhou, gratidão que não sei se se achará em muitas pessoas.

Estando o pobre paciente no campo esperando que o elefante o despedaçasse, se desceo do throno, em que ElRey estava, hum Capitão Pegu, a quem aquelle, que foi Rey, tinha feito muitas mercês; e chegando-se a elle naquelle triste, e miseravel estado em que o via, se lhe prostrou aos pés com muitas lagrimas, e consolou-o o melhor que pode. Eis-aqui dous espectaculos em hum mesmo caso, que podiam confundir o mundo. O Rey, que estava em seu throno vendo aquillo, mandou chamar aquelle Capitão Pegú, e perguntou-lhe se era aquelle o Talapoi, que foi Rey? ao que elle com muita liberdade respondeo, que aquelle era o que fora já seu Rey, e Senhor, e o fizera grande, e o puzera naquelle estado, e lugar em que estava, sendo d'antes hum pobre, e humilde Pegú; e que pois não tinha com que lhe pagar tan-

tas mercês, nem valer-lhe em outra cousa, o fazia com se compadecer de sua miséria, e desventura; e que se era possível fizesse-lhe mercê da vida a troco da sua, que feria a mór honra que podia receber na vida, nem mercê de mór estima. Vendo ^{El-}Rey tamanha fidelidade, consolou-o com palavras muito honradas, e lhe disse, que por amor d'elle dava a vida áquelle homem, e que o recolhessem em hum castello, onde esteve alguns annos, e alli morreu ajudado; e não parando aqui, fez ao Pegú Banha de huma Cidade, e lhe deu muitas rendas.

C A P I T U L O IV.

Da grande riqueza, e potencia deste Reyno, e deste Rey Bramá Talanha Ginoco, que conquistou este Reyno Pegú.

FAzendo-se este barbaço Talanha Ginoco senhor dos Reynos de Pegú, pelo modo que dissemos, como era homem tão valeroso, que se podia metter no número dos barbaros da fama, determinou de subir a toda a Monarquia de aquelles Reynos vizinhos, que eram muitos, para o que ajuntou dous milhões de homens, e hum innumeravel fabrica, como convinha a hum

tão grande exercito. E passou a conquistar
 o grande, e famoso Reyno Sião pelo mo-
 do que temos contado na nossa sexta De-
 cada, donde tirou grandes thesouros, e poz
 de sua mão Regedor, que governasse aquel-
 le Reyno; e depois conquistou os dos Jáos,
 Camboja, Champa, e os mais até Cochin-
 china, e todos os que estavam ao sertão
 destes, em que gastou tres annos. E assim
 chegou a tanta grandeza por seu braço, e
 valor, que veio a ser Emperador de per-
 to de cem Reynos; cada qual delles de tan-
 to poder, e riqueza, que pudéra por si fa-
 zer hum grande imperio. E vendo-se Mo-
 narca de tudo o que havia de mais de duas
 mil leguas em roda (e não sei se satisfêito,
 porque a cubiça humana de nada se satis-
 faz) tornou a voltar pera Pegú com o mór
 triumpho, que se pôde imaginar. Porque en-
 trou em hum carro triunfante muito alto,
 e grande, todo forrado de ouro de martel-
 lo, e guarnecido de inestimavel pedraria;
 com coroa imperial na cabeça de muitas
 pedras de grande preço, e riquissimas pe-
 rolas. E as Rainhas, e Princezas, que cati-
 vou em todos aquelles Reynos, que eram
 muitas, e mui fermosas, assentadas no mes-
 mo carro abaixo dos seus pés, por elle ir
 em huma cadeira mui alevantada, e todas
 ricamente vestidas a seu modo; e ainda que

o não fossem, de télas sobre télas, nem das outras louçainhas das damas da Europa, hiam porém cubertas de ouro, diamantes, rubins, e perolas, que não tinham estimação.

Por este carro, que era huma máquina muito grande, puchavam muitos Principes, Reys, Banhas, e Senhores principaes, ^{além} cativos, como os seus proprios naturaes. Diante deste soberbo carro hiam outros muitos de espantosa grandeza, e invenção, cheios todos de despojos, e riquezas de ouro, pedraria, estatuas de ouro, prata, e metaes, cousa que causava muito grande espanto, e admiração ver aquella máquina. E diante de tudo isto hiam quasi dous mil elefantes, que ganhou naquelles Reynos, mui ajaezados, e cubertos de pannos de seda, e ouro. Na reta-guarda hiam aquelles innumeraveis exercitos em ponto de guerra, que era a mais fermosa cousa, que se podia ver. E com este apparatuso, e soberbo triumpho entrou na Cidade Pegú, onde foi recebido com espantosas festas, e apparatuso, não perdoando aos gastos, porque se fizeram excessivos.

Vendo-se este barbaro na mór alteza que podia imaginar, determinou de fazer hum Templo, ou Varela em agradecimento das mercês que seus idolos lhe fizeram,
pe.

pera nelle ordenar muitos suffragios, e tambem pera se enterrar nelle. E pera esta obra convocou á sua Corte todos os Reys, Principes, e Senhores seus vassallos, que eram muitos, tendo-lhes mandado declarar o pera que os chamava, pera que viessem aperecebidos, pera offerecerem naquelle Templo seus dons. E como os teve juntos, foise com toda a sua magestade ao lugar de Mahicon, que era fora da Cidade Pegú, como Belém de Lisboa, e alli armou hum rica tenda branca, e ao redor as de todos aquelles Reys, e o dia ordenado mandou abrir os alicerces, pera o que estavam juntas grandes máquinhas de instrumentos, e muitos officiaes, no que se gastáram alguns dias, porque o alicerse era profundissimo, e muito largo. O dia em que se havia de lançar a primeira pedra nos fundamentos, foi ElRey o primeiro que lançou sua figura, e a de sua mulher, e filhos, todas de ouro, e muitas baixellas do mesmo pera se servirem lá na outra vida; e assim lançou mais hum Templo, ou Varela todo de ouro com seus coruchéos, e hum lagarto de ouro, e huma paella grande do mesmo com huma guedelha dos cabellos de ElRey; e todas estas peças de boa grandeza com muita, e muito rica pedraria por todas ellas; e apôs elle foram os mais

Reys conforme a suas preferencias lançando nos mesmos fundamentos outras peças riquissimas de ouro, e pedraria. E toram as cousas que lançaram taes, e tantas, que affirmam os Talapões antigos daquelle Reyno, que se lançaram naquelles alicerces setecentos candis de ouro, que pela nossa conta sam duzentos moios de ouro, porque cada candil tem vinte alqueires, a fóra a pedraria, que affirmavam valer maior quantia pela riqueza, e fineza della. A obra da Varela, depois que se acabou, foi humas grandezas, que se póde contar por huma das maravilhas do mundo; e os idolos que se puzeram dentro, he cousa muito pera espantar a riqueza delles.

Os paços que este Rey fez na Cidade nova de Pegú eram tamanhos, que elles só por si podiam fazer huma fermosa villa das grandes do nosso Reyno, de obra excellente, e verdadeiramente imperial. Todos por fóra, e por dentro eram dourados, e pintados de varias, e diversas tintas de oleo. As camaras, varandas, corredores, salas, e o mais interior do serviço da Rainha, e de suas damas era tudo forrado, e corado em ouro. A casa, em que El Rey sempre estava, tinha todo o pavimento de ouro de martello; e do mesmo era hum corredor, e huma varanda, em que se El Rey col-

costumava a assomar a ouvir partes. Na entrada dos paços, e em toda a roda delles tem grandes, e fermosas varandas, e corredores, como claustros de Mosteiros, com seus alpendres todos dourados, e maravilhosamente lavrados. Huns serviam pera Julgadores, Escrivães, Tabelliães, e todos os mais officios a seu modo; outros de outros Officiaes, e de Capitães, gente de guarda, de Veadores da fazenda, Contadores. Em fim, não se póde dizer, nem escrever as grandezas, e maravilhas destes passos.

A' entrada delles á mão esquerda estava humna casa do thesouro, onde se não recolhia ouro amoedado, senão estatuas de homens, e mulheres de espantosa grandeza, todas de ouro. E tem mais humna fermosa casa mui dourada, e ricamente guarnecida, em que estam por ordem as figuras dos Reys que reináram, todas de ouro, e pedraria do tamanho que eram. E cada anno mette nesta casa o Rey que reina, humna estatua sua; e por ellas se sabe os annos que cada hum reinou, porque tantas estatuas tem. E pera a mesma parte havia humnas fermosas terrecenas, em que estavam seis elefantes, huns ruivos, e outros mais claros, a que chamavam elefantes brancos, debaixo de ricos docéis: estes comiam, e bebiam em fermosissimas bacias de ouro.

em que tambem lhe lavavam os pés: a fó-
ra dez, ou doze mil elefantes, que este
Rey tinha repartidos por diferentes partes.

A' entrada dos paços á mão direita es-
tava hum fermosa torre de madeira, con-
de estava hum sino grande da feição dos
da China, que era de metal redondo com
hum escudo, e tinha mais de vinte palmos
de roda, e d'elle estava dependurado hum
maço grande forrado de couro, e o pateo
em que o sino estava, tinham-no de conti-
nuo aberto, chamava-se o sino da justiça;
porque quando alguma pessoa se sentia ag-
gravada de algueim, chegava-se ao sino, e
dava com o maço hum grande pancada,
que logo se ouvia de todas as partes dos
passos o estrondo que fazia, e ElRey man-
dava logo saber, que pessoa era aggrava-
da, e de quem, porque á mesma hora alli
era desaggravada, de que já fallei nas ou-
tras minhas Decadas; e se agora o trago
aqui, he pera contar hum caso, que ha pou-
cos annos aconteceu. Estava alli hum Ca-
pitão fazendo aquellas viagens, de que era
provido: tinha este Fidalgo hum fermoso
cafre, que o Principe cubiçou; e desejan-
do-o muito, mandou commetter ao Senhor
com muito dinheiro, que lhe elle não quiz
dar pelo Principe ser Gentio. Chegando-se
o tempo da embarcação, mandou-lho o Prin-
ci-

cipe tomar ; e dando-lhe rebate desta força que lhe faziam , foi-se ao Paço , e deo no sino huma , ou duas pancadas , e logo se metteo em huma embarcação , que tinha muito ligeira , e foi-se pelo rio abaixo embarcar na sua náó , que estava dalli a algumas leguas no porto de Cosinim. ElRey tanto que ouvio o sino , mandou logo saber quem era o queixoso ; e como os seus lhe não podiam mentir sobpena de morte , contáram-lhe tudo o que passava. Pelo que mandou com muita pressa os Ministros a tomar o Casre a casa do Principe , e que logo com muita brevidade se entregasse a seu dono ; e sabendo ser já embarcado , tomáram huma manchua muito ligeira , e foram seguindo o Capitão até á náó , e entregáram-lhe o seu Casre ; e da parte de ElRey lhe pedíram grandes perdões ; e indo o Principe ao Paço , o reprehendo o pai com muita colera , e lhe disse , que aprendesse a ser Rey ; porque se elle fazia forças , que esperava fizessem os seus ? Palavras eram estas não de Principe Gentio , e sem lume de fé , senão de hum grande Catholico , e temente a Deos. Oh quem vira os pateos das casas dos Reys Christãos outros sinos como estes , porque então seriam elles sabedores das forças , aggravos , injustiças , e tyrannias que se fazem a seus

val-

vassallos, de que se não queixam senão a Deos! É bem certo he, que se souberam muitas cousas destas, que as emendáram, e castigáram até nos Principes seus filhos.

Tinha ElRey em seus Paços huma fermosissima varanda toda cozida em ouro com riquissimas grades toda em roda, a que se assomava duas vezes no dia, e assentava-se em hum soberbissimo throno; e em baixo estava outra varanda mui grande descuberta a elle, onde estavam os seus Officiaes da Justiça, e Fazenda, e Capitães, e Governadores de Provincias, e dalli lhe davam relação de suas cousas, e elle lhes dava seus despachos: e todas as vezes que ElRey se assomava a esta varanda, se tangiam sete trombetas de prata. E quando este Rey queria ir fóra, hia em huma charola forrada de ouro, com muita pedraria, e era levada aos hombros de trinta e seis homens principaes, diante de quem se hiam tangendo as sete trombetas de prata, e outras que o não eram, e ao redor da charola hiam sete sombreiros de tomar o Sol, forrados de ouro: e pelas ruas, por onde hia, todas as pessoas que por estas andavam se recolhiam ás casas; e assentados no chão, em quanto passava, estavam com as mãos alevantadas. Eis-aqui parte da potencia, e riqueza deste barbaro, e muitas outras

tras cousas se acharam na minha sexta Decada, onde se podem ver.

CAPITULO V.

Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegu no anno de mil e seiscentos, em que andamos.

Temos mostrado o poder, e grandezza deste imperio; agora mostraremos quão depressa, e miseravelmente tudo isto acabou, que parecêra que foi hum sonho o que temos dito, e hum raio que passou, sem deixar rasto de cousa alguma. O caso foi como direi. Succedeo virem a este Monarca, de que temos fallado, novas que o Reyno de Sião se lhe tinha rebellado; pelo que mandou com muita brevidade ajuntar seus exercitos, e despedio com elles seu filho Mampa Raja, que chegando áquelle Reyno lhe começou a fazer guerra, em que aconteceram casos muito notaveis, e houve grandes feitos em armas, que se verão na nossa onzena Decada, e por fim foi morto o Principe Mampa Raja, e seu exercito desbaratado, e as reliquias d'elle chegaram ao Reyno de Pegu. E sabendo aquelle Rey o caso, foi tanta a sua dor, e paixão, que fez extremos exorbitantes pela mor-

morte do filho. E hum delles foi mandar lançar pregões por todo o Reyno de Pegú, com penas de morte contra toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, que se não mostrasse triste, e não puzesse dô por seu filho, e que dentro em tanto tempo não houvesse festas, nem se fizessem casamentos, nem outra cousa que tivesse semelhança de alegria, assim no exterior, como no interior.

Estando as cousas neste triste, e miseravel estado, succedeo fazer hum Pegú hum casamento de huma sua filha em muito segredo, e escondido; e como em todos os estados da vida não faltem malsins, foi isto logo dito a ElRey, que sentio tanto aquelle negocio, como a propria morte do filho, por cuidar que os Pegús folgáram com ella, e que era aquillo modo de levantamento, pois começavam de desobedecer a seus mandados: e imaginou tanto nisto, que veio a dar em outros extremos fóra de toda a razão; e o primeiro acto que fez delles foi mandar lançar pregões, que todo o seu vassallo casta Pegú fosse a Corte escrever-se, e assignalar-se por carivos de ElRey; e o ferrete que lhes punham pera serem conhecidos por esses, era hums ferros quentes nos braços com os nomes de todos, e diziam mais: Cativos de ElRey,

Rey , como nós vimos em Goa hum Portuguez bem honrado , que foi cativo deste Rey , quando tomou a Cidade de Sião , que se chamava Antonio Toscano , que em outra Decada já referi. Logo que isto succedeo , que foi em Março , e aos quatro do Maio seguinte , padecco a Lua hum eclipse estando cheia , que se encubríram as tres partes , ficando de cor parda sobre escuro muito malenconizada. E ainda que isto acontecco o anno de 94. que cabia no tempo de Mathias de Albuquerque , foi necessario guardallo pera aqui , pera contarinos os males deste Reyno todos juntos , e não por pedaços.

Este negocio de se assignalarem os Pegús por cativos tomáram todos muito mal ; e logo começou a haver por todas as Cidades do Reyno grandes alevantamentos contra os homiens que governavam ; e ajuntando-se todos com poderosos exercitos , foram á Cidade de Pegú em busca do Rey , e lhe deram muitas vezes batalhas cruas , em que os Pegús foram de todas desbaratados pera suas Cidades.

Vendo aquelle Rey o alevantamento dos Pegús , tratou de os extinguir , e acabar de todo ; e não achou outro meio melhor que defender-lhes os mantimentos. E pera isso mandou lançar muitos pregões com pena de

de morte, e das mulheres, e filhos, que se não semeassem os campos, nem se trouxessem mantimentos de fóra, o que se cumpriu á risca por tempo de dous annos continuos, com o que chegaram os Pegús ao ultimo da desesperação, porque chegou a valer o candil de arroz, que sam vinte alqueires, quinhentos, seiscentos, e ainda mil pardaos; e como os pobres não tinham com que o comprar, morriam de fome milhares delles pelos campos, e pelas villas, e aldeas; e foi a causa de feição, que muitas ficaram desertas, e deshabitadas; e quando mandou lançar estes pregões, despediu também grandes, e poderolos exercitos de Bramas, que entrassem por todas as Cidades populosas, e mataassem homens, mulheres, meninos, cães, gatos, e tudo mais que tivesse vida puzessem a fogo, e a ferro, sem perdoarem a nada; e assim o fizeram. E usou-se nisto de tanta deshumanidade, e crueldade com os grandes, e peffoas principaes, que tomando-os as mãos dous e tres mil com as mãos atadas, para se não poderem ajudar huns a outros, os mettiã nuns curraes de madeira com muita palha dentro, e punhão-lhes fogo, em que todos se abrazavam, e consumiam: e até os Talapões, que sam os seus Religiosos, lhe não escapáram; porque dos Templos,

plos, donde estavam abraçados com os idolos, os tiravam pera aquelle incendio; de feição que parecia que mandára Deos nosso Senhor dos Ceos huma inquisição geral pera castigar suas idolatrias; e a muitos atados de pés, e mãos de cento em cento deitaram fundo no mar, onde eram comidos dos peixes, que parece que quiz Deos que destes nem as cinzas ficassem. E porque não ha pennas, nem mãos que possam escrever, nem linguas contar as grandes crueldades que neste Reyno se usáram, basta dizer que foi tão grande o número dos mortos pelas ruas, e pelos rios, que eram grandísimos, que todas as suas aguas eram vivo sangue de ribeiros, que corriam pera elles, somente dos que morreram á espada, não sendo estes a decima parte, porque os mais morreram de pura fome. Passou o Divino castigo a tanto, que alguns vivos que havia chegáram a comer os corpos dos mortos, e ainda de outros, que ainda estavam palpitando. E aconteceu muitas vezes estar hum deitado no chão morrendo, e outros mais esforçados, que tambem andavam ás voltas com a morte, cortarem-lhe as polpas das pernas, e alli mal assadas, comerem-nas logo; e o que he mais pera admirar, he, que o mesmo, a quem se cortavam, comer tambem de sua propria

carne ; que he cousa que nunca já mais aconteceu , nem na destruição de Jerusaleem , nem em outra alguma Cidade ganhada , e entrada de alguns barbaros.

E he certo que havia pelas Cidades açougues publicos , em que se vendia carne humana. E se se conta que houve huma mulher em Jerusaleem , que comeo o filho , aqui houve mais de mil , que os espedaçaram , e comêram : e ainda houve mulheres , que não escapáram aos maridos , nem elles a ellas. E muitas vezes aconteceu viverem muitas pessoas em huma casa , e o primeiro que de noite adormecia logo esquitejado , e repartido pelos outros , e assim poucos , e poucos se foram comendo huns a outros. Alguns andavam como lobos famintos pelas ruas a buscar esta carnissa , e cortarem as cabeças aos que estavam acabando , e fenderem-lhas , e chuparem-lhes os miolos assim crus. E porque esta terra de Pegú he muito falta de lenha , e pedra , faziam das caveiras , tres e quatro juntas , fogões , e com os ossos dos mortos coziam a mesma carne , que tiravam delles. E chegou a ira de Deos a tanto contra estes idólatras , que he certo que todos os que comiam desta carne logo se lhes encarniçáram os olhos , e ficáram como abrazados , e com isso duravam pouco.

A esta carnissa acudiram as feras dos matos, e entráram pelas Cidades cheias de corpos mortos, e nelles se encarnissavam cruelmente; e as gralhas, milhanos, corvos, e outras aves andavam pelas ruas com os intestinos dos corpos nos bicos correndo por ellas. Que mais se póde contar, nem quem ouviu outro tal castigo como este? porque cuido que foi maior que o diluvio geral; que aquelle affogou logo todos os viventes, que se sumiram debaixo da agua, e não poder cada hum mais que ter tento em si, e duraria seu trabalho hum dia, ou duas horas que nellas se consumio tudo; mas isto he outra ira de Deos, que só dé a ouvir tremem as carnes. Os rios, fontes, e tanques tudo era sangue, e não havia onde poderem beber; e a mim me disseram alguns Portuguezes, que se acháram na Cidade de Pegú, que o rio que passava de longo della era sangue, e que estiveram arriscados a morrerem de sede; mas a necessidade os obrigou a beberem antes do rio, que era corrente, que não das fontes, porque tomavam a agua, e coavam-na em jarras, e assim a bebiam por não poderem mais. E não parando nisto a ira do Ceo, succedêram todos os dias, que estas cruexas duráram, que foram muitos, grandes terremotos, relampagos, e

coriscos espantosos; e logo apòs isto sobre-
 veio peste nesses Reynos tão cruel, que
 acabou de arrazar tudo, de maneira que se
 afirma passarem os que morreram de tres
 milhões de homens. Os vassallos Bravos
 deste Rey vendo tantos, e tão grandes ma-
 les, fugiram para os Reynos do sertão. E
 chegou este barbaro a estado, que se vio
 desamparado de todos; e vendo-se sem re-
 medio, mandou chamar o Rey de Tangu,
 que era seu primo, cunhado, e vassallo, e
 lhe entregou o Reyno, e foi-se com elle
 para o outro quasi como cativo com sua
 mulher, filhos, e parentes da Casa Real,
 que todos aquelloutro tyranno matou com
 peçonha, e mandou levar os thesouros de
 Regi para seu Reyno. E affirmam os Por-
 tuguezes, que alli se acharam que escapá-
 ram, que foi o ouro, a pedraria, a prata,
 e as riquezas tantas, que se gastaram tres
 mezes em se acarretarem com mais de du-
 zentos elefantes, deixando outras cousas,
 que puderam fazer muitos Reynos ricos;
 porque só a artilheria que ficou naquella
 Cidade em armazens fermosissimos, foram
 quinze mil peças todas de bronze, e dous
 armazens mui grandes cheios de salitre, en-
 xofre, polvora, pelouros, e thesouros en-
 tulhados de veludos, roupas, beijoim, e
 marfim, e outras cousas, de que depois o
 Rey

Rey de Arração se aproveitou , como em seu lugar diremos , e assim ficou todo este Reyno de Pegú deserto sem quem o povoasse ; o que succedeo este verão passado de noventa e nove , cousa que póde fazer tremer as carnes aos Imperadores do mundo verem hontem a potencia , que contei deste Rey Brama , e os carros tão potentes , em que entrou triunfando , quando veio de Sião ; e hoje deixar seu Reyno , e entregar-se a hum seu vassallo como cativo , que logo o mandou matar , e a toda sua geração , sem d'elle ficar memoria alguma , pera se virem a temer destes escatuecos do mundo , que assim lhes podemos chamar.

Tem estes Pegús em seus livros huma profecia , que affirmava que naquelle tempo se acabaria a Monarquia dos Bramas , como acabou , e que viriam gentes estrangeiras Galas , e Franquis senhorear aquelle Reyno. E que o mar pariria pelos rios , e costas do mar mulheres brancas , e fermosas , e que haviam de ser filhas do vento ; e que hum Rey que os havia de senhorear teria estas feições , homem de grandes olhos , orelhas grandes , braços compridos , cabeça ornada de muitas pedras preciosas , os peitos , e hombros cheios de rubins , e diamantes , os pés de cágado , e

na boca da parte direita sobre o dente da preza outro cavalgado.

Isto interpretam alguns desta maneira. Galas, e Franquis serem os Portuguezes, porque em toda a India nos chamam Franquis, que quer dizer Christãos, porque em todas as Provincias da Christandade chamam Franquia, ou Franquistan. As mulheres aivas, e fermosas, filhas do mar, e do vento, sam as Armadas Portuguezas, que ham de aportar áquellas partes. O Rey grande entende-se na Monarquia, e poder. Pelos olhos grandes, vigilante, que veja tudo, e que tenha muitos do seu conselho, pera que com elle o ajudem a ver, e governar seus Reynos. Orelhas grandes, que ouvirá bem, e fará justiça. Cabeça ornada de pedras preciosas, que será senhor de muitas Coroas, e Reynos. Peitos, e hombros cheios de rubins, e diamantes, que será ornado de muitas virtudes, e prudencia. Braços compridos, que será grande Conquistador, e que por seus Capitães conquistarão longe muitos Reynos. Pés de cavalgado, que será grande senhor no mar, e na terra. O dente da preza cavalgado outro sobre elle, que ajuntaria outro imperio ao seu. Tudo isto podemos interpretar dos Reys de Portugal. E já neste tempo começaram a apparecer por aquellas partes aquellas

las filhas brancas , e fermosas do mar , e do vento , que sam suas Armadas , que por aquellas partes tem alcançado vitorias ; e com a Fortaleza de Syriaão , que tem naquelle Reyno , parece que já tomou posse delle. E querera Deos nosso Senhor que o possuia ainda todo , e que traga tantos povos idólatras á manada dos seus Fieis.

CAPITULO VI.

De quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.

PORQUE não he pequeno negocio , nem de pouca importancia em tempo deste Conde Viso-Rey fazer-se Christão hum Principe , quarto neto do Grão Tamorlão , filho de ElRey de Badaxam , não quizemos passar por isto pera darmos graças a Deos nosso Senhor de vermos hum Principe , filho de Rey , nascido , e creado lá nos escondidos montes da Seytia Asiatica vir de tão longe , e por tantos rodeios , como logo diremos , buscar a agua do santo baptismo , movido só do toque de Deos nosso Senhor , que o tinha escolhido , e predestinado pera este tamauko , e tão soberano bem. E

pera darmos a conhecer este Principe , e o

tronco de que procede , he necessario tomarmos isto desde seu principio pera melhor entendimento de tudo.

No primeiro , e segundo Capitulo do decimo Livro da nossa quarta Decada demos já relação daquelle grande Chinguiscan senhor do Catayo , e como sahio de seu imperio a conquistar as Provincias da India maior , e toda a Sogdiana , e Bactriana , Bale , Bochata , Camarcan , Persia , e outros muitos Reynos , que repartio com seus filhos por esta maneira. A Provincia Turquestan , que jaz abaixo dos montes Imaos , deo a seu filho Turch , de quem ella tomou o nome; e de Estan , que quer dizer Provincia , se veio a chamar a Provincia de Turchestan , como lhe os Geografos chamam , principalmente os Parseos. E assim affirmam alguns Escritores , que daqui sahiram os Turcos a conquistar a Persia. E a Natholia chamando-se assim da Provincia donde sahiram , e não pelo que affirmam alguns Escritores da Europa , como temos já bem mostrado.

Ao outro filho chamado Chachará deo a Provincia Camarcant com tudo o que jaz entre os famosos rios Oxo , e Lázartes , de quem ella também tomou o nome , chamando-se Chachara , e não Zagatai , como os Geografos modernos lhe chamam.

A outro filho chamado Balolo deo o Reyno do Coraçone, e Persia. A outro filho chamado Husheque deo aquella Provincia, que jaz sobre os montes Imaos, em que entram os Reynos de Candux, Caxcar, e este de Badaxan, de que havemos de tratar, e outros, que tomáram d'elle o nome, e todas se chamáram Usbequia, que depois conquistou a Provincia de Camarcant da mão de seu irmão Chachata.

Todas estas Provincias deixáram o nome de Chachatai, e hoje se chamam Husbequia, por serem todas de hum senhor, e por tempo se dividíram todas em os netos, bisnetos, e tresnetos deste Chachata. E sempre aquelles Reynos tiveram este nome, que ainda hoje conservam, até vir tudo ao poder do Grão Tamorlão, que os conquistou, e por sua morte se repartíram estes Reynos por seus filhos, e netos.

E deixando estes, de que já demos relação nas outras Decadas, tratemos do filho Mirzaholoc Baxa, que herdou o Reyno de Badaxan, e por sua morte ficou a seu filho Ocenxa, e a elle succedeo seu filho Mutula Xa. E a elle seu filho Soleimamxa, que reinou mais de sessenta annos, e sendo já de noventa muito decrepito, entregáram os Grandes o Reyno a seu filho Abracmo Xa, que teve grandes guerras com

Phir Mahamede Mataban , Rey de Bahale, e Camarcan, e nellas foi este Abrahamo morto , e succedeo-lhe no Reyno seu filho Xaroc Xa. E havendo sete annos que reinava, se mostrou mui deshumano, e deo em fazer grandes crueltas nos vassallos , e em matar os Grandes. Pelo que chamáram em seu favor a Abdulzcan, Rey de Camarcan , que naquelle tempo residia na Cidade de Balchic , que veio com hum grosso exercito , e achou o Rey Xaroc Xa muito fortificado dentro na Cidade de Badachan, de que todo o Reyno tinha o nome ; e posto que alguns dos seus se passáram ao Abdulaxan , os mais acudiram a defender sua patria. E todavia apertou elle tanto com aquella guerra , que poz aquelle em estado de desesperação , e assim deixou o Reyno nas mãos do inimigo, e elle se acolheu pera a Corte do Grão Mogor, onde então reinava Hechar Paxa, que era tão parente , que cahiam ambos em quintos netos do Grão Tamorlão , que o agazalhou com o mandar prender. E antes que elle deixasse o seu Reyno, mandou sua mulher, e hum filho mais moço, que he este de que fallamos, pera huma Fortaleza inexpugnavel chamada Culabo, aonde Abdulacan os foi cercar ; e depois de os combater sete mezes , não podendo os de dentro sofrer os

os trabalhos do cerco , abríram as portas ao inimigo , que se apoderou de tudo , e houve ás mãos a Rainha , e o Infante seu filho , e os levou consigo á Cidade de Bochará , e os entregou a hum Cassis , que era entre elles como Bispo , chamado Cojagilan , onde estiveram dous annos e meio , passando-se o Abdulacan pera a Cidade de Camarcant , que era oito dias de caminho da de Bochara ao Norte. E depois de estar lá , mandou hum Capitão com cartas ao Cassis , pera que lhe entregasse o Infante , que tinha prezo ; e deo-lhe por regimento , que como o houvesse ás mãos o matasse , e a cem pessoas mais que com elle estavam prezas. E sabendo o Cassis o que o Abdulacan mandava , entregou-lhe as pessoas que pedia , e ao Principe escondeo , e em seu lugar deo hum moço , que se parecia muito com elle , porque fora este Cassis de seu pai , e lhe estava mui asseioado.

Depois disto mandou o Abdulacan a seu filho Abedul Monenchan a conquistar as terras do Coraçone , que eram do imperio Persio , e nellas estava por Governador seu filho Xaabas , que hoje reina nelle , que lhe ganhou as Cidades de Heri Maxet , e outras. E proseguindo-se esta guerra , mandou o Turco Amurates hum Embaixador ao Abdulacan a tratar de pazes , e amizades

entre elle, e o Persa. E os respeitos, por que se quiz metter de peimeio, dizem alguns que foi temer-se que o Abdulacan conquistasse os Reynos da Persia, e se fizesse com isso tamanho senhor, que tentasse conquistar-lhe seus estados, porque esta nação dos Husbeques era mui receada entre Turcos por serem grandes cavalleiros, e muito cruéis, e não lhe vinha bem tellos por vizinhos. E alguma composição fez este Embaixador entre estes Reys, ficando-lhe as Cidades, que o Husbeque tinha ganhadas na Provincia Coraçone, como eu conto tudo isto na minha onzena Decada muito largamente no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho, e Mathias de Albuquerque. E ao partir-se este Embaixador pera Constantinopla lhe entregou o Cassis em grande segredo o Infante de Badaxan pera o deixar passar á casa de Meca, o que elle fez; e depois de feita a romaria, se tornou pera Badaxan disfarçado, pera ver sua mãe, que achou em huma aldeia junto da Cidade Culab, que o Abdulacan lhe tinha dado pera sua vivenda, e despeza. Tanto que ella vio o filho já homemzinho, e que mostrava grande animo, negociou-lhe quinhentos homens de cavallo, com que foi assaltar a Cidade Culab, e a entrou, e tomou, e nella se fortificou com sua mãe, e

logo lhe acudio gente daquelle Reyno, com que em poucos dias poz em campo doze mil de cavallo, com que foi sitiar a Cidade de Calais Gafar, que logo se lhe entregou, e o mesmo fez a Cidade Queixume; e assim foi engrossando mais seu campo, e voltou sobre a Provincia Talacan, que governava hum Usbeque vassallo, e parente de Abdulachan, chamado Mahamed Soltan Divan, e ganhou esta Provincia, e ao que a governava mandou cortar a cabeça.

As novas destas cousas chegaram a Abdulachan, e sabendo o que passava, e como o Infante filho de ElRey Xaroch, que elle mandara matar, que estava em poder do Cassis, a quem o elle tinha entregue, era o que lhe fazia toda a guerra, mandou levar diante de si o Cassis, e perguntou-lhe porque não entregara aquelle Infante, pe-
ta o matarem como elle mandava? Ao que o Cassis lhe respondeo com muita liberdade, que elle fora de seu pai, e lhe comen-
to o seu pão, e que não era licito, nem lhe seria bem contado usar de tamanha ingrati-
dão com o filho do Rey que o criara, e de quem tinha recebido tantas mercês; e que se lhe parecia que errara em seu ser-
viço, que alli estava a sua cabeça, que lha mandasse cortar em lugar da do Infante.
O que visto pelo Abdulachan com ser bar-
ba-

baro, lhe perdoou; e por seu respeito passou áquelle Infante hum Alvará de perdão, em que lhe concedia tambem a Cidade Talachan pera viver nella com sua mãe.

O que seu filho Abedul Monencham não quiz consentir, nem guardar o seguro que seu pai dava a este Principe, antes formou hum poderoso exercito com que foi contra este Infante, e o cercou na Cidade Culab, onde o poz em tanto aperto de fome, que lhe foi forçado sair-se escondido com sua mãe, mulher, e filhos, e trinta pessoas, com que se passou a hum seu cunhado, irmão de sua mulher, senhor de humna Cidade que lhe o Abidulachan tinha dado; e como lhe entregou tudo aquillo, passou-se á Cidade Cabul, que era do Grão Mogor, em tempo que entre seus moradores havia grandes guerras; e temendo-se que o mataissem, se acolheo outra vez pera a Persia. E estando na Cidade Cashim, encontrou com huns homens, que se creavam em casa de ElRey seu pai, que serviam ao Rey da Persia, a quem fizeram a saber delle; e mandando-o ElRey buscar, fez-lhe muitas honras, e deo-lhe peças muito ricas, e mandou dar casas, e servicos. E desejando elle de ir á Corte do Mogor, onde seu pai estava, o fez a saber áquelle Rey, e partio-se pera Orinuz pera dali pas-

passar ao Cinde, e dahi a Laor, onde seu pai estava.

E andando na Ilha de Ormuz desconhecido, esperando tempo pera se partir por mar pera o Cinde, visitava algumas vezes a Igreja dos Padres da Ordem do glorioso Padre Santo Agostinho; e vendo aquelle Templo, a limpeza, e ornamento de seus Altares, ficou muito edificado. E em algumas práticas que teve com aquelles Religiosos, veio a entender a verdade, e pureza de nossa Lei, e a mentira, e falsidade da de Mafamede; e tocando-o Deos interiormente, pediu com muita instancia o santo baptismo, que lhe deram na entrada deste anno, em que andamos, e dalli foi trazido pelos Religiosos de Santo Agostinho a esta Cidade de Goa com boa companhia de criados, e o agazalháram no seu Mosteiro, onde o eu fui visitar muitas vezes, e me deo de sua vida, e peregrinação huma larga relação, e depois casou nesta Cidade com huma mulher nobre: e este anno quereria Deos chegasse a salvamento ao Reyno, porque se embarcou pera lá na Armada de Luiz Mendes de Vasconcellos.

CAPITULO VII.

Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam: e da descripção desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidaram, e a que parte jaz.

JA que acabámos agora de fallar neste Reyno Abadaxam, cujo Principe se fez Christão, pareceo-nos bem mostrar a que parte de Asia jaz, e fazermos huma descripção desde Laor, Corte do Mogor, até elle, e dahi até o Cathayo; posto que na nossa quarta Decada temos dado boa relação desta Provincia, e mostrado a que parte jaz; agora o faremos de novo muito particular, e distinctamente a modo de roteiro, sem mostrar graduação das Provincias, e Cidades principaes, porque até agora não houve quem tomasse por aquellas partes a elevação do polo Arctico; e isto servirá pera os viltos na Geografia, que lhes não será de pouco gosto; porque sobre esta Provincia Cathayo houve entre os antigos muitas opiniões, e andáram ás apalpadelas como cegos buscando este imperio, sem acambar de dar com elle, pera o situarem em seus mappas, e globos na verdadeira altura

ra em que está. E ainda os modernos não acabáram de atinar neste negocio, em que seguirei alguns roteiros; que tenho de pessoas, que penetraram todas estas terras até enfacarem toda a Asia. E começaremos esta descripção, como dissemos, de Laor até á Cidade Cambalec, ponde as Cidades, e lugares por distancias de jornadas de castilhas, que andam por dia quatro, ou cinco leguas, e muitas vezes menos.

Partindo de Laor, que está em trinta e dous grãos e meio, vam caminhando por aldeas fertes até á Cidade Tacc, e por junto della passa hum fermoso rio. Dalli vam ter á Provincia Pasaver: neste caminho pelo vagar das castilhas se põe hum mez, e ás vezes ha dia que não fazem jornada. E em outro mez vam ter á Cidade Guidali, e della em quinze dias á fermosa Cidade Cabul, que he do Mogor, e está em trinta e nove grãos; e os que caminham por aqui, affirmam que sam de Laor até esta Cidade Cabul quatrocentas leguas, o que cuido não pôde ser, senão se caminharem por rodeios mui grandes, e sempre até aqui caminham ao Norte; e desta Cidade ao mesmo Reyno, carregando sobre o Nordeste, vam em quinze dias ter á Cidade Caracar Grande, e mui bem murada; e della a dez dias até á Villa Paravan, que he a derradei-

deira dos Reynos do Mogor pera a parte do Norte. Daqui por cima de huns montes, que sam parte dos Caucasos, em vinte dias chegarã a huma Villa chamada Angaram. E em outros tantos á Cidade Calcha, onde todos os seus naturaes sam alvos, e framengados, e tem esta Cidade muitas aldeas ao redor muito prosperas. Destas em dez dias vam á Cidade Jalalabão; e dalli em quinze a outra chamada Talhan; e dalli vam a lexim terra do Abdulacan senhor de Camarcant. E dalli em oito dias vam ter á Cidade Abadaxan, que he a de que tratámos neste Capitulo atrás, que quanto a mim está em perto de quarenta e dous grãos. E por aqui se vera de quão apartadas terras, e por que rodeios tão compridos veio este cervo ferido deste infante de Abadaxan a buscar as aguas da fonte viva do santo baptismo, pera nellas se lavar da torpe, e sedorenta lepra de seus peccados.

Já temos mostrado o sitio, em que esta Cidade está, mostremos agora o caminho della até o Cathayo, e a que parte jaz este imperio, e onde o situam os Geógrafos antigos, e modernos. E a verdade do que disto podemos alcançar, seguindo o roteiro do Padre Bento de Goes, da Companhia de Jesus, que foi por mandado dos

Pre-

Prelados da dita Companhia de Goa descu-
 brir esta Provincia da Cidade Abadaxan,
 Foi este Padre caminhando ao nascente, e
 ao primeiro dia de caminho chegou a Char-
 chunar, e dalli a dez dias a Saipanel, don-
 de subiram huns altissimos montes chama-
 dos Setrimat; e em vinte dias foram ás
 terras de Sarcol, e outras grandes terras
 chamadas Chechale, onde havia muita ne-
 ve, e por ellas andaram seis dias até che-
 garem á Cidade de Tanager, tudo terras
 do Reyno Caxcar, e a derradeira dellas he
 a Cidade Siarcan grande, e muito rica.
 Nestas terras ha huma pedra alva, e fermen-
 ta muito estimada dos Chins pela terem
 por preciosa, e entre elles val muito, e
 chamam-lhe Luxe; e he tão forte, que abai-
 xo do diamante não ha outra que se lhe
 iguale na dureza, porque pera a quebrarem,
 he necessario amolentarem-na no fogo, pes-
 ca-se nos rios como aljofre, e tiram della
 grandes pedaços, que pezam dous, e tres
 arratcis, fazem della joias assim pera ho-
 mens, como pera mulheres, e são mui lou-
 ças, e resplandecentes, e as mais finas
 são as que tiram em hum monte chamado
 Sansanguicax, que quer dizer monte de pe-
 dras, que deve de ser o Mons lapideus
 dos antigos Cosmografos. Daqui foram ca-
 minhando por estes lugares, que todos são
 de

de Hiarcan; e não diz o roteiro quanto ha de hum a outro, nem quantos dias gastáram neste caminho. Jolchim, Hencalix, Alacquir, Bagadec, Gruir, Moselilec, Talec, Hermam, Joanthac, Mungida, Capitacol, Chilan, Sare, Quebedal, Combaxi, Aconterub, Chacor, Acsu, Outogrel, Gafso, Caxen, Dilavai, Singabedal, Ugancucha. Tudo isto sam Cidades, e Villas grandes. De Cucha a vinte e cinco dias de caminho está a Cidade Chalis, forte, e murada, e della á de Aramat puzeram quinze dias. E dalli á Cidade Camul, sem dizem quantos dias de caminho. E desta Cidade em nove dias chegaram áquelles admiraveis muros da China, e vam as casitas parar a huma Cidade que fica fora, chamada Kyaicum, que he de Mouros, onde o Padre Bento de Goes faleceo de puro trabalho do caminho, porque gastou neste tres annos, por se deter em muitas partes muitos mezes, e de huma vez hum anno inteiro esperando monção.

Este caminho, que dissemos, por onde o Padre Bento de Goes foi por quarenta e seis, e quarenta e sete grãos, he o de casitas, por onde costumam a ir, por se afastarem dos desertos de Lopi, que he ficam abaixo em quarenta e hum, ou quarenta e dous grãos, por onde antigamente era

era o caminho ordinario. Este deserto dura o caminho por elle quasi hum mez, e todo elle he arcaes, e sem agua, senão a que tem de alguns charcos, em que se recolhem das invernadas. E por isso foram estas casilas, em que este Padre hia subindo tanto ao Norte, a buscar os montes de Abedaxan, e Caxcar, por onde ha sempre neves, e muitos rios, e fontes, posto que este caminho he muito mais comprido; e quem quer atalhar, e ir eseceteiro, vai de Laor ao Nordeste a buscar o Reyno Quiximir, que está em quasi trinta e quatro grãos, em que gastam sete, ou oito dias, porque delle vai a fruta a Laor ainda fresca, por ter abundantemente todas as de Europa. E de Quiximir se passa por muitas Cidades, e Villas a Tibet de Mouros, e a outro Tibet de Christãos, em que ha mais de trezentas leguas de caminho; e daqui vam á Cidade de Lop, onde se reformam, e provêm, e entram por aquelles desertos, que duram hum mez, até darem nos campos da Provincia Cathayo, por onde vam passando por muitos lugares até á Cidade Cotan, que he já do Cathayo, e fica fora dos muros da China em altura de quarenta e sete grãos, e dalli hiam á Cidade Cambalu, porque naquelle tempo não havia os Mouros que hoje ha naquella Provincia.

E tornando ao roteiro do Padre Bento de Goes, nelle não achámos que nos des-se noticia deste Imperio, nem a que parte jazia, não indo elle a outra cousa mais que a saber daquella Christandade. E o Padre Mattheus Resio, da Companhia, que neste tempo residia na Cidade Pachim, Corte do Rey da China, na carta que escreveu aos Padres de Goa, diz, que o Cathayo verdadeiramente era na China, e que fóra della não havia outro Cathayo; e que a Cidade Cambalu era a mesma de Pachim, em que elle estava, no que parece que se confunde em parte, como logo veremos. Todos os Cosmografos, e ainda os Chins repartem todo o Imperio da China em duas partes, como já disse em outra Decada, Cim, e Mancim, e os Geografos corruptamente lhe chamam China, e Mangi. China Austral, e China Meridional, como Alemanha se reparte em outras duas partes, Alemanha alta, e Alemanha baixa. E assim nesta parte da China chamada Mangi podemos afirmar que he toda esta Provincia de Pachim. Quisai, e aquellas que mais cahem pera a parte do Norte, e que esta parte fosse o Cathayo, ou parte d'elle, tambem a não tenho por duvida, o que poderia ser por huma destas duas razões; ou que fosse a propria Provincia Cathayo, ou

que fosse conquistada daquelle Emperador Cathayo ; porque temos em Marco Polo, Livro II. folhas quarenta e huma, que estando elle com seu pai os annos de 1269. no Cathayo, fora Cublaican, quinto Emperador d'elle, a conquistar a Provincia da China, pois logo onde era este Cathayo, donde elle sahio, e onde esta China que conquistou ? senão, se quizermos dizer que sahio daquelle parte de quarenta e sete até sincoenta grãos, e foi conquistar a Provincia Mangi, e que puzesse sua cadeira na Cidade Quisai, que por ser fermosissima, e fresquissima lhe teriam os Chins posto aquelle nome de Quisai, que em lingua China quer dizer Cidade do Ceo, a quem o Cathayo mudava o nome, e lhe daria o de Cambalu, que he o mesmo na sua lingua. Mas he contra esta opinião o que está não sabido, e o que tantos escrevem, que na Cidade Cambalu houve sempre grande Christandade, e fermosissimos Templos, e hoje no Pachim não ha disto reliquia alguma. Sómente diz o Padre Bento de Goes, que estando na Cidade Chincheo, Metropoli da Provincia Xensi, soubera que já ali houvera muitos Christãos ; e hum Irmão chamado João Fernandes, que o Padre Resto mandou em busca do Padre Bento de Goes, por saber ser entrada naquella Pro-

vincia, diz, que estando na Provincia Honão, soubera que nas Cidades de Sancheu, e Socheheu havia perto de sincoenta annos naquelle tempo, que foi em seiscentos e tres, eram povoadas de Christaos Cathayos, que por temor dos Chiins deixaram a Lei de Christo. O que se pôde ter por certeza he, que os Chiins tornaram a conquistar tudo o que os Cathayos tinham ganhado naquella Provincia, e ainda muita parte de seus Estados, até os lançarem fóra daquelles admiraveis montes, que elles em algumas quebradas que havia taparam com fortissimos muros pera lhe não tornarem a entrar delles pera dentro, por onde o Cathayo ficou delles pera fóra; porque todos es Cosmografos lançam em seus mappas estes muros em sincoenta e sete grãos, estando elles na verdade em quarenta e seis, ou quarenta e sete, vieram a situar o Cathayo em sincoenta e nove grãos. E quando se entende a situação do Cathayo, he da Cidade Cambalu sua Metropoli; que se he certo ser o Paquim, que está em quarenta grãos; elles muros da China começam de sobre o mar na Provincia Quim, que está em altura de quarenta e cinco, ou quarenta e seis grãos, e vão senecer na Provincia Samsi em quarenta e hum, quarenta e dous grãos. Fazem todos estes

qua-
mu-
ros

ros de quatrocentas leguas de roda, e todos continentes, como os fez agora novamente hum Henrique Alangerem em hum seu mappa, sem fazer differença dos altos montes, que sam os verdadeiros muros daquella Provincia.

Ora ainda não estou satisfeito destas duas opiniões; porque muitas pessoas graves, e doutas nos dizem que ali ha Cathayo, e Christandade naquelle Imperio. Aiton, Armenio, que foi Frade do Mosteiro da Episcopia, da Ordem Premostratense, que sendo secular esteve no Cathayo em tempo de Marco Polo, que depois de Frade foi mandado pelo Papa Clemente. nos annos de 1305. vinte seis annos depois que lá esteve, ao Emperador do Cathayo, como o refere João Baptista Ramusio no seu livro de varias viagens, que então era Tamarchan 6. do número, a lhe pedir soccorro pera tornar a cobrar a Terra Santa, que era perdida os annos atrás de 1291. por ser aquelle Rey Christão, e Senhor de toda a Asia, que mandou aquella empreza seu irmão Halationo, ou Halachu, que fez grandes guerras ao Soldão. Pelo que se vê muito claramente que esteve no Cathayo, e que este soccorro foi de Cathayinos, e não sahio da China, nem o soccorro foi de Chins, que nunca foram Christãos, nem sa-
hi-

híram de suas terras com seus exercitos. Daquelle Grão Chinguischan, primeiro Emperador do Cathayo, dizem todas as Escrituras Persas, e Tartaras, que sahio de Cambalu, e fora conquistar toda a Asia, a Bactriana, Sugdiana, Persia, e todas as mais Províncias, que repartio com seus filhos Husbeque, Chaquital, e outros. E nestes Reynos reinaram eile, e seus descendentes até o Grão Tamorlão, de quem descende o Grão Mogor, que hoje he. E posto que o Tamorlão não succedeo por linha direita, por não vir de linha Real, era Chata-tai descendente daquelles Chathatais, que vieram com o Chinguischan. Donde se vê claramente que este barbaro Emperador sahio do Cathayo, e não da China, e que as gentes que trouxe eram Cathaynos, e não Chins.

Primeiro que este Aiton, Armenio, Frade da Episcopia, fosse ao Cathayo, tinha já lá ido os annos de 1253. outro Aiton, Rey da Armenia, a pedir áquelle Emperador, que era o Cothachan, filho do grande Chinguischan, que não mandasse conquistar seus Reynos, e que o deixasse ficar nelles, por saber que mandava grossos exercitos a conquistar todos os que havia por aquellas partes; e chegando áquelle Corte de Cambalu, já achou áquelle Emperador

mor-

morto, e em seu lugar seu filho Guinachan, que lhe fez muitas honras, e teve-o consigo alguns tempos, e concedeo-lhe tudo o que lhe pediu ate fazer-se Christão. Este foi o segundo Rey Christão, porque o primeiro foi Chinguischan, que se fez Christão, por casar com hum filha do Hunchão, ou Preste João, que então era Senhor de todas aquellas Provincias, como tenho mostrado na minha quarta Decada, e o Cathachan seu filho não só não quiz ser Christão, mas foi grande perseguidor de Christãos. Eis-aqui não temos cousa que pareça China, nem que sahisse della, contra a opinião do Padre Resio, que afirma que fóra da China não havia Cathayo.

Aiton, Armenio Frade, de que assima fallamos, fez hum Compendio de todos os Reys do Cathayo, em que põe por primeiro o Chinguischan, que dissemos ser o primeiro Christão. O segundo seu filho o Cotacham, que o não foi. O terceiro seu filho Ginochan. O quarto hum parente chamado Tamarchan, todos Christãos, e elles só alcançou, e por isso escreveo delles, e não falla em Rey da China, nem nella.

E pera concluirmos com esta materia, e provar nossa opinião, trarei aqui algumas práticas, que o Padre Jeronymo Xavier, da Companhia de Jesus, sobrinho do

San-

Santo Padre Francisco Xavier, da mesma Companhia, que ha muitos annos residio em Lahor, teve o anno passado de 98. com hum Mouro, que era alli chegado de Méca, que passaram assim, que ainda isto succedeo em tempo do Conde da Vidigueira, indo este anno passado ter a Lahor hum mercador, que vinha da casa de Méca tão rico, que se affirmava deixar naquella casa mais de cem mil cruzados de offertas, que tinha residido no Xethai, ou Chathai doze, ou treze annos, com quem se vio o Padre Xavier pera inquirir daquella Provincia do Cathayo, e lhe affirmou que estivera naquelle imperio os annos atrás o tempo que disse, e que a gente della era toda Christã, e se chamam por nome commun Jesuitas; e que o Rey era Christão, e que havia em todo aquelle Imperio muitas Igrejas, e que os Sacerdotes traziam lobas, manteos, e barretes como os nossos, e que havia Mosteiros de homens, e mulheres, e que era este Imperio tamanho, que tinha 1500. Cidades, e muitas mui bem povoadas, e que tambem havia muitos Judeos, a que chamavam Musavis. Tudo isto escreveo o Padre Xavier de Agará este Agosto de 99. em que andamos. Por onde se verá minha opinião, e não ser o Cathayo a China, como affirmã o Padre Resio, se-
 não

não tudo o que fica dos muros da China ao Norte, onde ainda hoje se conserva aquella grande Christandade naquellas Provincias chamadas Georxa, Baga, Sucur, Campion, e outras, e onde os governa no espirital aquelle Emperador, a que chamamos Preste João; mas o Emperador do Cathayo he o Senhor de tudo.

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Conde Almeirante mandou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e das naos do Reyno, que chegaram a Goa da companhia de Ayres de Saldanha, que era partido por Viso-Rey da India: e de como D. Pedro Manoel foi por Capitão Mór ao Malavar, e do que lbe succedeo.

EM Abril passado teve o Conde Almeirante recado das partes de Malaca de como eram passadas á costa da Java aquellas naos de Hollanda, de que atrás demos relação no segundo Capitulo; e temendo-se dos damnos que poderiam fazer, allim ao commercio da India, e trato de Portugal, se carregassem de drogas, como nas prezas das naos que por aquellas partes navegassem dos nossos mercadores, e sobre tudo na alteração que poderia haver nos

Reys

Reys viziuhos á nossa Fortaleza de Malaca; porque como sam Mouros nossos inimigos, e cada vez que o merecêram lhes quebraram os Portuguezes os focinhos, estava certo tentarem novidade; e os Hollandezes, como rebeldes, folicitarem isso, por ferem estes os primeiros que áquellas partes passaram. Pelo que assentou de mandar huma Armada de dous galeões, e tres galcoas pera lá se lhe ajuntarem as duas, que tinha mandado em Maio passado, e nomeou por Capitão Mór desta Armada Gouterre de Monroy de Béja; e com esta Armada mandou o Conde correr com muita pressa, porque lhe era necessario fazella á véla em Setembro. E andando occupado nesta obra, e nas Armadas do Malavar, e Norte, lhe chegáram cartas de Cananor em Agosto, em que o avisavam que nos rios de Cota Couião, e Canharoto se faziam prestes muitos paraos pera sahirem a roubar, e que o Caniorim movia alterações, e tratava de fazer huma nova guerra ao Estado contra o contrato das pazes, que havia pouco tinha mandado jurar com o mesmo Conde por seus Embaixadores, e elle jurára em pessoa; e que pretendiam os Mouros tornar a alevantar nova Fortaleza sobre as mesmas ruinas da que se lhe arafou no sitio de Cunhale, cousa muito or-

di-

dinaria no Camorim , porque sua vontade he sua lei , e seu appetite seu prelado , que o absolve logo de quebrar todos os juramentos que tiver feitos. E bem he que seja assim ; porque que obrigação lhe póde pôr hum juramento feito sobre hum candieiro de azeite muito sujo , e fedorento pera o não quebrar todas as vezes que se lhe offerecer qualquer pequena occasião de interesse. E já sobre ella materia disse muitas vezes algumas cousas sem aproveitarem ; porque não sei que fundamento tem os Viso-Reys em lhe concederem pazes , pois sabem , e o tem por cousa infallivel quebrarem-nas logo , e não guardar fé , nem palavra por obrigação de sua gentilidade. Porque se me disserem que poupavam nisso muito , ainda me calára ; mas nada se atalha em se gastar a fazenda Real. Prova disto seja que tanta Armada , e tantos gastos se fazem nos annos da paz , como nos da guerra. Pois se isto assim he , parece que o bom fora enfiacar estes inimigos , e não se fiarem delles , nem se deixarem enganar , antes fazer-lhes huma guerra tão continua , que os ponha em extrema necessidade , o que se fará com se lhes defenderem os mantimentos , e Anfião , e a navegação de suas náos ; porque entrão depois de muito cansados , quebrantados , e desbaratados , os

Nai-

Naires se levantáram contra os Mouros, que sempre são a occasião desta guerra, e a compram ao Çanorim a dinheiro pelos muitos proveitos que tem em suas navegações; ou elles se sujeitáram de maneira, que nunca mais pudessem alevantar cabeça.

E ainda está muy entendido que se lhes souberem guardar as costas do Norte, e Sul, de maneira que não façam roubos, e prezas, em quatro annos não teram com que armar hum navio, porque a terra nada lhes dá, e as Armadas que deitam fóra se fazem das muitas prezas que tomam; mas todos os annos pazes novas, e primeiro que se acabem, logo se quebram, e outra vez guerra, parece jogo de meninos. E elles fazem muito bem de fazerem seu negocio, quando lhes relevar, pois sabem que na sua mão está a paz, e a guerra: ora deixemos isto, e tornemos a nosso fio.

Tanto que o Conde Almirante Villo-Rey teve estas cartas, quiz atalhar os males que se ordenavam, primeiro que os Mouros sahisses com seu intento: e sem embargo de esperar por successor, não se quiz forrar deste trabalho, e despezas, como alguns Viso-Reys fazem, porque querem estar com o dinheiro em punho para se pagarem de algumas dividas, ainda que sejam velhas, e compradas tres partes me-
nos,

nos , porque este dinheiro de ElRey não sei que tem que tão máo he de arrancar das mãos ; e tanto o tem por proprio , quando lhe vai a ellas , que antes querem ser sangrados nos braços , que nas bolsas. Em fim , o Conde como desejava de fazer o serviço de ElRey , e não lhe poupar sua fazenda em caso de tanta necessidade , pagou logo gente pera o Malavar , e despedio D. Pedro Manoel com doze navios ligeiros , que achou mais prestes , com que se fez á vela a quatro de Setembro , tempo ainda verde , e chuvoso , e foi correndo a costa Canará com tormentas , e muito risco , e recolhendo por aquellas Fortalezas cinco navios , que o Conde tinha mandado invernar com companhia de soldados pera sua segurança ; e com todos juntos se foi pôr sobre os rios de Cotocoulão , e Canharoto , onde os paraos se armáram pera lhe impedir a saída pera fora. E sobre estes rios esteve com tanta vigia no mar , e na terra , que se não atreveram os ladrões ariscar , e alli se deixou estar até lhe darem recado , que era chegado a Cochim Ayres de Saldania , que vinha por Viso-Rey , como logo diremos.

O Conde ficou dando pressa á mais Armada , que havia de mandar ao Malavar ; e á do Norte , e Malaca , e nos provimentos ,

tos, e soccorros pera Ceilão, que pera tudo isto havia mitter mais de duzentos mil pardãos, que lhe não faltaram, nem tomou aos vassallos; porque teve duas cousas este Viso-Rey, que já na minha quinta Decada louvei ao Governador Martin Affonso de Sousa na sua historia, que eram saber hem despender a fazenda Real, e sabel-la muito bem poupar, no que só consisto todo o governo deste Estado; e quem isto faz, não na toma pera si; e como houver isto, sempre sobeja tudo. E tendo estas Armadas prestes, quando foram aos tres dias de Outubro surgio na barra de Goa a não S. Francisco, da companhia de Ayres de Saldanha, que tinha partido de Portugal por Viso-Rey a quatro de Abril com quatro náos, como logo diremos. E alguns dias antes da chegada desta não tinha dito hum Religioso da Ordem de S. Domingos, homem de muita virtude, e religião, a D. Brites, mulher de Cosmo de Lafetá, que na primeira não que chegasse á barra de Goa viria seu marido. E assim foi, porque nesta veio por Capitão, porque nella tinha partido do Reyno Fernão Rodrigues de Sá, filho de Francisco de Sá, o dos Ocullos por Capitão Mór das náos da carreira, que faleceo no mar, em cujo lugar foi eleito Cosmo de Lafetá, que vinha despachado

do com a Fortaleza de Cofala, e huma Comenda, e viagem da China, e outras mercês, que por seus serviços merecia bem, não fez no Conde abalo, que se lhe enxergasse vir-lhe successor; antes com muito fervor fez a Armada de Malaca á véla dia de S. Jeronymo, que he o derradeiro de Setembro, que era de dous galeões, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro D. Alvaro da Costa, filho de D. Francisco da Costa, e tres galeotas, de que eram Capitães Pero Fernandes de Carvalho, Philippe de Oliveira, e Maximiliano de Mendoça; e no mesmo dia se fez á véla o galeão dos provimentos de Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues, Genovez, que era provido na viagem, e nelle foram cento e sincoenta soldados; e por Capitão Mór delles Pero de Mendanha, e Martim Cota Falcão hia por Capitão de huma companhia de soldados, e Diogo de Sousa de Menezes de outra. E mandou o Conde muito dinheiro, munições, e outros provimentos, porque sempre em princípio, e cabo dos verões foi cevando aquella conquista o melhor que pode. Logo a 27. de Outubro surtío o galeão S. João, da companhia de Ayres de Saldanha, de que vinha por Capitão Gonfalo Rodrigues Caldeira, que tomou o caminho por fóra da

Ilha

Ilha de S. Lourenço , e por achar nelle bons tempos veio ferrar Goa. Os successos destas Armadas , que o Conde despachou pera fóra , ficam pera o tempo de Ayres de Saldanha , em que succederam. Mas primeiro que acabemos com o Conde Almeirante , daremos conta do que succedeo aos tres galeões , que em seu tempo mandou pera Maluco , porque ainda he jornada sua.

CAPITULO IX.

Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado : e de como os Embaixadores do Achem foram pera sua terra : e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes , que andavam em terra , de duas náos que alli estavam : e do que succedeo a estas náos.

JÁ que deixámos Luiz Boto Machado partido pera Amboino , he necessario continuarmos com sua viagem , pois cabe ainda no tempo , e governo do Conde Almeirante , como assina dissemos. Este galeão foi com bom tempo tomar a Fortaleza de Malaca , onde foram desembarcados os Embaixadores do Achem , e muito festejados pelo bom aviamento , que lhe o Conde deu , porque ficava tudo redundando em paz , e quietude.

quietação daquella Fortaleza com aquelle vizinho, que foi sempre o de que se mais receou que todos. Porque o Capitão, que então era Fernão de Albuquerque, os mandou logo embarcar em humra galeota muito fermosa, e entregou os Embaixadores a Afonso Vicente casado de Malaca, que elegeo por Embaixador pera mandar áquelle Rey a lhe fazer entrega dos seus, e tratar negocios de importancia: era este Afonso Vicente conhecido daquelle Rey, e com elle foi Fr. Amaro, Religioso da Ordem do Padre Santo Agostinho, por ser práctico na lingua, e de boas partes, e sufficiencia pera tratar negocios de tanta importancia. Esta galeota achou sobre a barra de Achem duas náos Hollandezas da companhia das que já dissemos, que peleariam com as náos de D. Jeronymo Coutinho na Ilha de Santa Helena, que estavam alli tomando carga, que se lhe dava com muito gosto pela liberalidade com que compravam tudo. A galeota foi entrar a barra, e o nosso Embaixador desembarcou com os Embaixadores do Achem pelas mãos, e acompanhado dos Portuguezes, e de muita gente, que El Rey mandou aos receber, e trataram com elle, que agazallou os nossos hospedes com muitas honras, e aos seus conforme a seu costume. E dando-lhe

os seus Embaixadores relação de sua embaixada, e do bom aviamento que o Conde Viso-Rey lhe dera, e das honras que lhe fizera, e o presente que lhe mandava, ficou tão obrigado, que não sabia que honras, e galardoados fizesse aos nossos. O nosso Embaixador, que era homem esperto, vendo as obrigações que aquelle Rey mostrava aos Portuguezes, e sentindo nelle fizio, e inclinação pera lhe conceder tudo o que lhe pedisse, estando hum dia só com ElRey, e com o lingua, lhe disse, que pois mostrava ter tantas obrigações aos Portuguezes, e sabia muito bem quanto elles desejavam de conservar sua amizade, que sempre lhe havia de ser de mais proveito, como vizinhos, que não a dos estranhos, que era tempo de o mostrar por obras. Que lhe fazia a saber que aquelles costairos, que estavam na barra, que eram piratas, e traidores levantados contra o seu proprio Rey, e Senhor: que pois se dava por tamanho servidor, e amigo de ElRey de Portugal, que nas mãos tinha huma occasião, em que o poderia bem mostrar. Esta era, que pois aquelles homens corriam tão familiarmente com elle, e em sua terra, que fosse com elles com o mesmo termo; e que convidasse hum dia o Capitão Mór das náos com os principaes dellas, e que no banquete os

mataſſem. E que mandaffe ter preſtes a Armada, que determinava de mandar contra o Rey de Jor, que era de mais de cem embarcações, e que commetteſſe ao meſmo tempo as náos, e as tomaſſem com todo o recheio, e cabedal que tiueſſem, que era muito. E tantas couſas lhe diſſe eſte Alfonſo Vicente a ElRey, e tanto lhe facilitou o negocio, que o rendeo, e veio a conceder o que quiz.

E pera iſto mandou logo negociar a Armada com a mór diſſimulação que pode, com lançar fama de a mandar contra o Rey de Jor, pera contra quem os meſmos Hol- landezes ſe lhe tinham offerrecido pela carga de huma não de pimenta, que promet- tera por iſſo. E como teve tudo preſtes, convidou o Capitão Mór Hollandez pera o dia aprazado, do que ſe elle eſcuſou por indispoſto; mas mandou hum ſobrinho ſeu com os mais honrados da ſua não. E eſ- tando embebidos no banquete, deram os Achens nelles, e matáram-nos; e no meſ- mo tempo ſahio a Armada toda, e com- metteo as náos com grande furia. Vendo os Hol- landezes aquelle ſobrefalto, não ti- veram outro nenhum remedio melhor, que largar as vélas, e irem fugindo, e a Arma- da apòs elles até lhe deſapparecerem, dei- xando a fazenda que tinham em terra, e
dous

dous pataxos que estavam em diferentes portos , que logo ElRey mandou tomar. Os Hollandezes foram sua derrota até o rio de Quedá , onde se recolheram , e reformáram. E porque lhes ficava pouca gente nas náos , porque perderam em terra mais de sincoenta pessoas , foi-lhes necessario despejar a não mais pequena , e passaram tudo á outra , em que se foram na derrota de Maçulepatão , e foram-se perder no macareo de Tanaçarim. E assim destas duas náos não escapou cousa alguma.

FIM DA DECADA ULTIMA.

2
 29/165



BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO
 THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

